

OBRA COMPLETA DE

OSWALDO DE ALAN RABE

MARCO  
ZERO

I A REVOLUÇÃO  
MELANCÓLICA

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA



# MARCO ZERO

Oswald de Andrade planejara a obra cíclica *Marco Zero* em cinco volumes, mas dela só publicou dois: *A Revolução Melancólica* e *Chão*. Para realizá-la consumiu anos de trabalho, de rebusca documental, de pesquisas e notas. Graciliano Ramos depõe que o material recolhido pelo escritor paulista, em 1937, "derramava-se em 80 cadernos", riscados a lápis, cadernos que ocupariam, depois daquela data, "parte de um arranha-céu de Copacabana".

Partindo da idéia de que "o romance participa da pintura, do cinema e do debate público, mais do que da música que é silêncio, é recolhimento", Oswald afirma que "*Marco Zero* tende ao afresco social, é uma tentativa de romance mural". Trata-se, na verdade, de obra ambiciosa que, valendo-se de processo simultaneísta, cinematográfico, se estilhaça em miríades de fragmentos — que são suas cenas breves, densamente povoadas de personagens de vária condição. Compõe, assim, vasto painel de uma dada circunstância histórica numa dada geografia. Vasto tempo e vasto espaço se condensam nessas páginas tantas vezes desordenadas, até caóticas, porém desordenadas e caóticas como a própria realidade de que foram arrancadas. É preciso não esquecer que Oswald quebra sempre a rotina das estruturas de composição, das concepções e conceitos estéticos vigentes, das formas e regras pré-fixadas ou pacificamente aceitas. Parte para a aventura criadora.

Em *Marco Zero* está todo o processo de debate dos grandes temas do nosso tempo e do nosso País — nosso País inserido nas coordenadas da inquietação universal: as contradições, caminhos e descaminhos, buscas, erros, hesitações, anseios e derrotas da trajetória humana do após guerra de 18

Oswald de Andrade  
Obras Completas

III

Marco Zero

I

A Revolução Melancólica

2.<sup>a</sup> edição



civilização  
brasileira

Exemplar      **Nº**      143

Copyright © 1974 by Espólio de Oswald de Andrade

Desenho de capa:  
EUGÊNIO HIRSCH

Diagramação:  
LÉA CAULLIERAUX

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.  
Rua Muniz Barreto, 91-93  
RIO DE JANEIRO — RJ

1978

---

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

*Os caminhos sinuosos e  
desconhecidos da necessidade.*

**PEQUEUR**



PARA MEUS FILHOS  
OSVALD E RUDÁ

PARA MINHA NETA  
INEZ ADELAIDE

PARA  
MARIA ANTONIETA D'ALKMIN



# A Revolução Melancólica

*Criança...*

*... nunca, nunca verás nenhum  
País como este.*

**OLAVO BILAC**



## Sumário

1. A posse contra a propriedade .....	3
2. A Escola do cavalo azul .....	38
3. A namorada do céu .....	76
4. Vésperas paulistas .....	108
5. Os latifundiários em armas .....	156
6. A vitória do vilão .....	214
7. Pro Brasilia fiant eximia .....	247



# I

## A Posse Contra a Propriedade

A AURORA de um novo dia corava de roxo os rios e a orla dos morros escuros. Miguelona Senofin parou na estrada junto a um homem que estaqueava a cerca rebentada àquela noite.

O homem magro, de botas, pichado na cara, na camisa desabotoada, nos braços nodosos, deixou o trabalho para fazer com a mão suja um cigarro de palha. Tinha um perfil de abutre.

- Garra a terra, Pedrão!
- Não largo não!
- Tá arresorvido entrá pro nosso bando?
- Mecê é o Lampeão do Sur...

O primeiro sol doirou os óculos da velha esquelética, num pulóver marrom, justo sobre a cintura de vespa.

- Tô cheia de chumbo nas perna.
- Como vai lá na serra?

— Tô prantando. As veiz dô um tiro pra espantá argum ladron.

— Aqui é a poliça que juda robá.

Sacudiram a cabeça obstinada de disputadores da terra contra os senhores que tinham o papel selado com o selo do império.

— Bão. Té logo! Vô sabê do risurtado da vistoria. Vô do divogado.

A velha recommçara a marcha. Gritou já de longe.

— Defende a terra, Pedrão!

O homem, que erguera da estrada uma estaca arrancada por mãos inimigas, onde se via ainda o piche recente, murmurou:

— O capitar empregado aqui não se perde. Prefiro saf aos pedaço...

Um tiro, vindo da baixada, estalou na moíta de bananeiras.

O enterro do Pedrão fora marcado para as nove horas. Gente em grupos, juntava-se ante a casa tornada fatídica. Apareceu primeiro o padre, de óculos, numa capa preta. Seguiu-o a fieira roxo-branca dos homens de opa e tocha. Depois, nas mãos apressadas de seis caboclos, avultou o caixão negro com frisos de ouro. E logo atrás, ladeadas por carpideiras, duas meninas longas e descabeladas vieram soluçando. A viúva surgiu.

O sino de Bartira feria sinistramente a manhã dos morros. E um choro em ritmo de marcha subiu a encosta, rodeado de poucos amigos, em preto, em branco, em cáqui. Tudo se aglomerou à porta da igreja espigada, ao fundo do largo. O choro das mulheres ficou um piar lúgubre de pássaro, alternando

com o sino. O sol varava as nuvens da chuva, contrastando de cores a serra.

Um português, tronçudo e baixo, penetrou na sala do Posto Territorial, sem tirar o chapéu de aba larga. Vestia uma camiseta sobre o corpo peludo e as calças sujas debruçavam-se sobre os tênis largos, cobertos de barro.

A Miguelona enfrentou-o:

— Assassino! Grilero! Cafetô!

Um guarda-terra conteve o homem. Outro acorreu:

— Desce o chicote na véia, vá! Ocês só serve pra dá o dobro do capitar pros capitaliste!

— Vagabunda!

— Eu só uma trabaiadera. Minhas mão tá cheia de calo de trabaiá. Puxando guatambu...

Um italiano magro, corado sob a careca que cabelos ralos e compridos aureolavam, exclamou:

— Essa véia tem de saí lá da serra, sinô ninguê veve...

Dentro de um terno novo, um advogado surdo colocava a mão em concha sobre a orelha. Era o patrono da Miguelona e dos posseiros da serra. Berrou de repente:

— Nos Estados Unidos, dão as devolutas antes de griladas...

As figuras robustas e morenas dos dois guarda-terras impunham respeito em meio dos litigantes.

O xerife Idílio Moscovão estava sentado, de botas. Tinha a barba malfeita, a cabeça suja, de leão. Pôs a perna sobre a secretária.

— Quero só saber quem foi que começou a briga. . .

— Otro dia, nós tava trabaiano na banana. O Anjolete mandô o careco encrecá.

O velho de cabelo ao vento, sentindo-se olhado, exclamou:

— Ió quero justícial!

— Océ falô que eu era chupadera de sangue humano. Mas inda não comecei de matá!

Moscovão fitava a caipira que sempre lhe recusara os ovos e a verdura reclamados dos sitiantes. Lembrou-se da acusação feita à velha de ter atirado um boi morto no córrego.

— E o boi podre?

— Ela imbenenou a iagua de bebeire!

— Ela tê de i no xadrezel!

— Isso que ocês qué! — saltou a mulher ósea, faiscando nos óculos doirados. — Porque tem uma cascavela no burraco do soalho da cadeal!

— Se tu bulir no rancho do Major ele te derrubal!

No barulho, a Miguelona imprecava.

— Pobre devia desaparecê do mundo!

Dizia ao advogado, calmo:

— É inutile! Eu queria só cabá o rancho, dexá qui nem um biju e morrê co'a casa limpial!

A voz arenosa do xerife inquiriu:

— Quem comprou primeiro as terra?

— Nós todos.

— Mas quem foi que passou as escritura primeiro?

— Foi no mesmo dia.

— Quem fez a casa?

— Foi eu — insistia energética a mulher. — C'o meu muquel!

— O careca era sócio dessa jiracal!

— Nós fumo inludido dessa à-toal!

— A-toa é sua fia! Tudos trompa nelal! O Anjolete levô ela primero pro Majól!

Um guarda interpusera-se empurrando a Miguelona para fora da sala. Ela enxugava os lábios arroxeados. O advogado saíra também e fazia esforços para tranqüilizá-la. Falava nos seus direitos. A velha clamava aos céus.

— A fia do careco é qui nem arçapão. Di manhã e di noite gosta di pigá passarinhol!

A serra bateu-lhe nos olhos quieta, estática, como uma sanfona de pedra.

Ela ficou olhando através dos óculos o rio próximo, o pasto e a mata. A vida parava no silêncio da caudal.

Miguelona Senofin queria ficar para sempre ali. O mundo rodava demais do outro lado.

“No criado, no chofer, no lavrador, no jardineiro, no comerciante, no pescador ou no burocrata... ou no milionário, enfim em qualquer ramo em que se desenvolva sua aparente atividade, está o técnico, o militar, o sociólogo, o polígrafo, o informante e o repórter a estudar, a inquirir, a observar e a transmitir memórias, relatórios e estatísticas para a sede desse formidável quartel-general que, em Tóquio, prepara a maior guerra de conquista de que a história humana jamais teve idéia.”

O mulato colocou a caneta sobre a mesa atravancada de papéis, onde escrevia um artigo para a *Voz de Jurema*. Assinou: Lírio Rebouças do Vale de Piratininga. Depois riscou o Vale. Riscou o Rebouças. Piratininga nunca fora vale, nem ele Rebouças. Passaria a assinar nos jornais: Lírio do Vale. — Não sou romance de Balzac!

Ainda não tivera tempo de colocar as estantes do seu novo gabinete de trabalho nos fundos da casa que dava de um lado para a farmácia e abria sobre o largo. Alguns livros empilhados subiam em desordem pela parede de cal branca. Por sobre a porta mandara atravessar uma espada do Império. Em frente à mesa, uma flexa de índio e o retrato de D. Pedro II.

Um velho brônzeo apontou, em farrapos, à janela aberta para o azul.

- Como vai, Elesbão?
- Sua bênção...
- Cheio de doenças?
- Sim sinhô.
- De dores, de dificuldades?
- Sim sinhô.
- De desgraças...

O farmacêutico riu como um tímpano desmesurado.

— Você é o Brasil.

Depois indagou:

— O que você quer Elesbão?

— Tô percisano duns dinheirinho e duns gênor. Meu arroizinho tá bão, tá encanando bem. Perciso duns mantimento pra coiêta. O sinhô pode me arranjà com Nhô Salim. Depois eu vendo o arroiz pra ele mermo.

— Você é sério, Elesbão?

— Sô sim sinhô!

— Quanto é que você deve pro Nhô Salim?

— Um tiquinho.

— E por que você negociou com o japonês?

— Foi Nhô Muraoka que foi lá em casa...

Em torno do rancho de barro, o vento alisava o meio alqueire verde no silêncio. O arroz estava cacheando.

Muraoka sabia que o negociante sírio suprira o caboclo na plantação. Aparecera já duas vezes, delicado, sorrindo.

— Sinhô arroiz tem bastante... vende paga sinhô...

O caboclo a princípio repelira.

— Inda não cóf tudo, não bati.

— Pressa no tem, sinhô. Vem aqui buscá.

— Mas inda demora. Tem que fazê roça de mio antes de batê.

O amarelo insistia:

— Mal nô faz, sinhô, nô? Dixa saco, dixa dinheiro poco...

Elesbão hesitava pensando no compromisso tomado com o turco.

— Passa ricibi...

Notas faiscavam nas mãos do caipira.

A Casa Damasco, de Salim Abara, era venda de um lado, armarinho do outro, casa de armás do outro. No fundo das

paredes, baús empilhavam-se entre arreios e queijos. As estantes coloriam-se de fazendas. O atacado ocupava quartos, com algodão, cereais e café que o negociante trocava por mercadoria.

O turco pôs o chapéu na cabeça grossa, picada de uma antiga variola, enfiou o paletó. Deixou o negócio, alcançou o leito da via férrea, atravessou o campo de futebol com dois gols armados e procurou o caminho do sítio de Elesbão.

A estrada cortava a serra, afundando estreita, angusta, à sombra dos barrancos vermelhos, sob o peso secular da produção. O sulco dos carros de bois abaulava-lhe o centro terroso. O calor cáustico do verão tornava-a seca, empedernida, empinada, quebrando-se em torrões. Nas chuvas era um lamaçal perdido. Por todo o interior em caminhos assim, mascateara com uma lata pesada nos ombros, uma matraca na mão. Parava nas fazendas e nas povoações. Era o primeiro comércio. Vinha cobrar na volta das viagens. Chamavam-no de turco. Inútil ele dizer: — Minha rolojão é armênio!

Ninguém sabia o que isso significava. A religião do Brasil era uma festa de procissões, altares vistosos e novenas. Ele viera de um sentimento tribal semítico, onde uma série de máximas constituía a moral. Com isso trazia a bestialidade milenária do negócio. Abriu venda de pinga numa encruzilhada. Coito de assassinos, pouso de morféticos, fiado de colonos e sitiantes. Engordara, chegara à Bartira. Naquele lugarejo do litoral sul, tinha tido anos atrás a primeira noite da terra desconhecida. No colchão emprestado, consultara minuciosamente todos os barulhos, passos lá fora, entradas tardias nas casas vizinhas, baratas enormes como cigarras voejando no escuro quente das telhas vãs. No país em formação, fora o turco que pede 70 para deixar por 40. Conheciam-no nas fazendas e nas vilas. Pensava no longo oceano. A mulher tinha ficado em Beirute, onde havia camelos nas ruas. Quando D. Zilé surgiu, afogou a beleza oriental na fartura da terra. Se abraçaram. Vieram os filhos. Cresceram e estudaram. Ela permanecia no balcão. Descabelada, matinê, sapatos folgados e uma barriga flácida, balançando no vestido, os dedos gordos cheios de anéis.

— Traga café bra Nhonhô!

Sua loja era uma caravela ancorada. Tinha desde o brinquedo colorido da criança e o rolo de arame para cercar a terra, até o fio de linha, a cartilha e a faca de mato. Nas romarias armavam barraca.

O homem baixo e atarracado parou diante de uma Santa Cruz, branca de calíça. Trepou a barranqueira. Entrou com o chapéu na mão. Sobre um altar rústico assentava uma cruz de madeira. Havia uma coroa murcha entre tocos de vela e o retrato do posseiro assassinado. Na memória de Salim Abara, passou uma briga feroz que tivera com Idílio Moscovão.

O japonês chegara também pelo mar, percorrera as mesmas estradas penosas e desertas. Mas trazia a cooperação, e o *dumping*. Enquistava-se na terra do caboclo. Salim avisara:

— Lasbão! Non bega mizade co'essa raçal Deus te livre!

— Eu disse pra Nhô Salim que o arroiz faiô tudo, deu pouquinho! Percisava pra comê. Quano chegasse o novo prantio... Dinheiro não tenho...

A caçarola velha fervia sobre um braseiro.

— Ele tá brabo! Não qué mais fornecê. Percisamo de i se empregá, trabaiá pros otro.

A cabocla cor de rapadura calava cozinhando. As crianças rolavam no pastinho.

— Nhô Muraoka qué fazê um negocinho cum nós. Ele compra a nossa terra. Dá pra morde i na festa do Bom Jesus batizá a Ditinha, pagá a promessa...

— Que promessa esse?

— Do arroiz que nasceu...

— Adonde a gente vai achá trabaio?

— Aqui mermo. Nhô Muraoka paga treis mirréis a seco. Miliquinhento co'a bóia. As criançada ganha a bóia...

O fim do mundo é sempre um charco. Era assim Bartira, fim de linha e fim do mundo. O rio rolava lentas massas de

água parda, cor de malária, por entre margens baixas e hirsutas. Para lá do capinzal ficava a estação da via férrea. Na noite inundada, ninguém chegaria à Bartira se não fossem os trilhos retos e luzentes, sob os sinais baços, onde uma composição parava. Um homem gordo, de ponche, atravessou, seguiu num andar lento, até a venda do japonês Muraoka.

Por debaixo da estalagem, era o empório japonês. A luz violenta de um Petromax deixava na sombra as prateleiras cheias da venda de interior. Dobrado sobre um pinho minúsculo, um caboclo bordava. A seu lado, sentado numa saca de feijão, um rapaz de bigodes aparados abria e fechava uma sanfona rica de sopros e de teclas. Parecia um menestrel, envolto numa capa branca. Absorto, captava a alma do instrumento.

— Tá perecendo, xirife?

— Gosto muito de música, Muraoka. Inté assopro alguns instrumento. Fui trombone da Força Pública. Sou pai de fias inducada que toca piano, a Linda e a Sarita... fias que fala difícil... Depois que a primeira quis formá de professora, inducação entrô em casa. Aquilo foi um inferlno. Não se podia guspi mais no chão!

Idílio Moscovão escarrou grosso de lado.

— Ando cumas dor nas junta!

A assistência sentava-se em caixotes, sacos de cereais e cadeiras de ferro, colocadas ante pequenas mesas de reclame. Era constituída de caboclos, japoneses e negros. Toda ela parecia sensível à música. As cabeças dos continentes mais diversos dobravam-se escutando.

— Tão brigando por causa duma porcaria de terra. Eu já disse pro Anjo Leite largá mão dos Formoso. O Majó tem chão demais e não aporveita. E inda qué tirá tudo dos possero.

O gosto dele é dizê: “Mecê tá veno aquela montanha lá embaixo? Aquela azur... Pois por detrais inda é meu”. “E o que mecê pranta?” “Carrapato!”

A mesa negra de jogo, recortada de corações, nomes e datas talhados a canivete, reunia em torno de um baralho desbotado e sujo, Idílio Moscovão, o farmacêutico Piratininga, dois sírios e um viajante nacional.

Era um quarto de paredes brancas de cal, um chão de cimento escarrado sob um teto de telhas escuras, pesadas de fuligem e de teias de aranha. A fumaça ardida dos cigarros de palha subia dos cantos da mesa onde fichas pardas tilintavam. O subdelegado pediu cerveja e prosseguiu.

— Quando eu deixei a administração da fazenda Formosa pus venda de sar e toucinho na estrada. Por que que só oceis turco de melrda há de ficá rico no Brasil? Depois que lidei cuns torpedera, quaji perdi tudo. A culpa foi minha. Gostei de uma loira. Quem gosta sem regra, morre sem honra. No começo eu achava ela feia. Era só um gostar! de simpatia. Depois garrei comprá tudo pr’ela. Vestido, jóia, casa. Ela precisava de cem, eu emprestava quinhento. Té já desanimei de esperá minha véia morrê, pr’eu casá co’ela! Tá me deveno corenta contol

De repente uma gritaria selvagem agitava a mesa.

— Na frente e atrás!

— Truco sem vê!

— Ocê num pode co meus queixo.

O vendeiro japonês veio encher os copos da cerveja morna do sertão. O jogo prosseguiu entre os parceiros.

— Corltel!

— Corlta a sua morltel!

— Sua raça não me basta!

— Reboque de igreja véia...

O mulato de grande estatura fixou os olhos empapuçados no xerife e parou de distribuir as cartas.

— Tem gente roubando!

Moscovão emborcou o copo de cerveja enquanto o parceiro desconfiado gritava:

– Sapicuá de lazarento!...

Houve um balanço geral da mesa atirada contra o mulato que se levantara no sobretudo claro.

– Ladrão! Assassino! Tá enganado comigol

– Fia da puta!

Duas garrafas tinham estourado no chão. Gente gritava e corria. Lírio de Piratininga saiu para a rua escura e chuvosa enquanto o xerife tirava de sob o ponche o parabelo. O farmacêutico voltou. Apartaram.

– Tá cum sodade da senzala? Desgraçado!

A caliça pintada do quarto da pensão Muraoka, vacilava na luz da vela.

– O Brasil é um farturão. Farturão de terra, farturão de pinga, farturão de muié...

Na cama estreita, o velho Ercole Fiorelo disse:

– Oíl Quando nós se encontrá em São Paulo, eu pago uma bruta farra, eu levo ocê num bordele! Vô lá pra consurtá os óio e comprá uns óculo novo.

A voz rouca de Moscovão respondeu da outra cama num bafo de pinga.

– Bordé em São Paulo só dá galiquera. O Benedito foi lá no Piques na casa duma intaliana e morreu de tanto cranco sífilítico.

Fazia um silêncio de quarto de hóspedes.

– Não perciso de bordé pra tê muié. Elas abre às perlna. Já tive mais de quinhenta. Primeiro eu desflorei uma negrinha, despois uma hungaresa... Despois no canaviá, eu peguei uma colônia moça... Chamava Claudina. Ela não queria... Home, rolemo junto, aremo meio arquere de terra... Fiquemo tudo sujo, mais ela saiu furada.

O italiano dormia, ressonando fracamente. Moscovão falou:

– Tenho treis segredo...

A vela estinguiu-se no castiçal de lata sobre a cadeira.

— Uma vez eu ia buscá uns pesco numa casa da colônia e encontrei na cama a irmã co irmão... Depois eu peguei ela no quintá e disse: “Océ tá dando pro seu irmão, tem qui dá pra mim, sinão eu conto...” Lá na Formosa tinha uma porcada boa... Começou a nascê leitão com cara de gente. Home, demo tanta risada... E galinha aparecia tudo morto, ia pra panela... Uma vez eu ajeitei uma égua na estrada...

Virou o resto do copo. A risada desconexa fez o italiano suspirar na outra cama. Na noite da pensão, passadas se ouviram. O silêncio restituíra-se.

— Meu pai me pegô co'a minha irmã debaixo da cama. Quaji me aleijô!

Uma barata saltou no cheiro de tinta do quarto apagado.

— Tenho mais um segredo... Mais esse eu num conto!

Uma árvore imensa lacrimejava orvalho na estrada. Elesbão encontrou o índio Belarmino que também havia vendido a terra ao japonês. Estava vestido de preto, descalço, com os dentes enormes para fora, um bordão na mão.

— Andei procurando uma casinha aí no Brasil pra entrá.

— Onde mecê é?

— De Registo.

— Tem muito japoneis lá?

— Lá num tem otra nação de gente.

— Tem serviço?

— Trabaiei. Carpi mais de duzentos pé. Japoneis num quis me pagá.

— Por qué?

— Diz que eu bebo.

— Por que mecê perdeu a terra?

— Mar cabeça...

Pássaros brancos voavam sobre o pasto. Elesbão falou:

— Eu tô lá mermo... Tô por ano... Ordenado baxo mais veve...

— Trabaiano pro amarelo?

— Mecê sabe. A gente tem amô na terra que foi da gente. Já quisemo vivê fora, andemo batendo a cabeça co'a famia. Não se acostumemo. Mió vivê aqui de camarada. Se inda tivesse o chão...

— Mecê sabe pra que lado fica a Rússia?

— Não sei. Só se é lá pras banda de Cananéia...

— Diz que na Rússia tão dando terra pros trabaiadô...

O outro velho parecia interessar-se.

— Mecê qué me levá inté lá?

— Num sei adonde é...

Noite encarvoada da mata litorânea. O trem ia, parava, arrancava gôndolas repletas de madeira, de banana, de arroz, dos escuros desvios das gares mal acesas. Perdia ferragens, portas, ganchos, partia de novo em demanda do entreposto de Santos.

Na segunda classe desiluminada, com escarros, fumaças e conversas em todas as línguas, iam todas as raças humanas. Chamavam-no o *Expresso de Xangai*.

O primitivismo da técnica conduzia a locomotiva tempestuosa. O imperialismo japonês disciplinava a alma dos amarelos, pequenos, retacos, dissimulados. O empreendimento colonizador capitalista ia nos grandes grileiros e nos empreendedores da morte do sertão. O homem dos pastéis passou como o Brasil. Um preto chamado Cananéia era a pinga interrogante e sentada. A mulata Rosalina com um bebê no braço ia ver a mãe, como nos romances de bons sentimentos. Ao seu lado, a boca voluntariosa e primitiva do marido, o Capitão Jango, da Força Pública de São Paulo. Rosalina sorriu nos dentes alvos e grandes.

— Me perguntaram se você era filho do Major da Formosa. Vê lá se eu ia casá co'outro Jango! Eu respondi que você é o Jango da Força e que não é de famia de louco.

Um espanhol caolho era um nobre a mais. Húngaros atléticos jogavam-se sobre a madeira dura dos bancos em posições de luta e de cópula.

Súbito, uma moça franzina e despercebida que ia só no último banco, à aproximação de uma cidade, abriu com energia a janela enterrada e atirou em manifestos, para a noite, o sonho militante da Terceira Internacional.

Para lá do núcleo urbano de São Vicente, permanecia no azul o paredão da descoberta — a Serra do Mar. As caravelas de Martim Afonso haviam aportado ali trinta anos depois do acaso cabralino. Um intervalo de trinta anos entre os primeiros contatos do europeu com a terra silenciosa. Esses espaços enchiam de claros a evolução humana. O companheiro Fabrício dizia que a escala histórica não era a da vida de um homem. Talvez ele mesmo, que adotara o nome de Rioja, estivesse destinado a morrer pela causa comunista, como um marujo europeu ficado para sempre ali numa manhã portuguesa do século XVI. As caravelas sumidas tinham voltado depois para trazer roupetas e donatários. Por aquele mar tinha vindo o Zumbi dos Palmares no fundo de um navio negreiro. E tinha ido o ouro das minas. Viera depois o motor, a indústria e o capitalismo. E tinham ido a Moscou os primeiros camaradas brasileiros. Leonardo Mesa deixou a amurada.

O transatlântico recebera o piloto e penetrara no canal. Agora aproximava-se matematicamente do cais de Santos. Uma âncora rolou do paredão da proa. Guindastes se deslocavam com um barulho de ferros. O tombadilho apinhava-se de mãos agitadas. Gente do cais respondia com gritos de reconhecimento. Ninguém esperava o agitador brasileiro. Talvez a polícia. Ele havia dissimulado na mala brochuras de propaganda marxista que trazia de Buenos Aires. A alfândega deixava passar para os japoneses de Registo-Gô até aeroplanos desmontados e metralhadoras, como máquinas agrícolas. Veio-lhe subitamente à lembrança a imagem pequena do Capitão Prestes, despedindo-se dele numa rua noturna de Montevidéu.

Fora, entre um armazém e outro do cais, junto às grades fechadas ainda para o serviço de carga, os trabalhadores da estiva tumultuavam de paletó azul de brim e palheta.

Leonardo Mesa instalara-se numa pensão do Gonzaga, em frente à praia, e não havia encontrado imediatamente os companheiros cujos endereços trazia do Sul. Voltava ao país sem pensar em colocação. Tinha deixado para sempre o jornalismo. Ninguém mais tomaria conta de seus dias a não ser a causa comunista. Que pena não ter conhecido antes o seu verdadeiro caminho! Passara um tempo idiota de desperdício gastando com uma mulher tudo o que havia acumulado.

Santos sempre o impressionara agradavelmente, com sua atividade de entreposto cheirando a café, agitado de trabalho. Caminhões atravessavam bulhentemente as ruas, carregadores suavam nas camisas de meia, a crise punha gente vadia nos botequins e nas esquinas. A manhã de sol animava as ruas da Bolsa. Corretores em linho branco cruzavam homens ativos, levando latinhas de grãos para amostra. Grupos graves discutiam a queima do café ordenada pelo governo.

Seria melhor queimar logo tudo, os reguladores também!

— Isso é malandragem da boal

— Os afilhados dos políticos estão tirando os *mild* e os *soft* da fogueira...

Um ajuntamento de grandes comissários cercava um velho baixo de bigodes aparados no focinho de animal. Era o milionário Agripa. Dizia para os outros, com a voz sonante: — Estamos pobres!

O camarada Rioja dirigiu-se para o lado popular das docas e sentou-se a um café onde trabalhadores, de calça e camisa, conversavam na fresca e na sombra. Atacava-se a política sindical.

— Temos um vagabundo como nosso chefe...

— Deixem-no trabalhar, depois critiquem!

Um homem de palheta apertava nos dentes um cigarro de palha.

— Si você se sente prejudicado, prutestel

Saíram e entravam trabalhadores desempenados e fortes. Leonardo deu atenção a uma mesa do centro, onde um homem cor de azeitona, de olhos parados, conversava com um velhote magrela.

— Chama-se Seu Josefino. Só age na luz e nas forças...

— Eu te levo lá, homem. Eu tenho passado muito ápice e sei que a gente deve acreditar em todas as coisas. As vezes basta um copo d'água com a luz divina para curar.

— Minha mulher morreu no bonde, Seu Sirra. As bichas saíram pelos olhos. Nunca mais procurei doutores. Brutol Não via que ela estava cheia de micróbios?

— Hai finômenos — exclamou Sirra passando a mão grossa nos cabelos negros de árabe. — A Isa ficou muda quatro dias, levei no Seu Josefino, sarou. Só com as sugestões dele. Se fosse ao médico, ia para a faca. A gente fica pateta. Seu Josefino nem fala. Só benze. A meopatia que ele aplicale são de raízes do mato, conforme o padecimento do indibíduol

Um pretinho, com um maço de jornais sob o braço, penetrou atropeladamente no ladrilho, correu por entre as mesas cheias. Um marinheiro loiro perseguia-o, bêbado, frouxo nas pernas. Antes que o garçom o tocasse, o jornalista saiu gritando um palavrão.

O marinheiro oscilava.

— Macaco vai parra Amazonal

O camarada Rioja pagou o café que tomara. Na calçada um japonês baixinho procurava contratar dois negros como carroceiros para uma fazenda do litoral.

— Garantido, paga fim de meis. Tá tarabaiando cabecera de mato, mais cinco ariquere. Japuneis non dexa mato bruto pra outro... Companhia já aranjô maise cinco ariquere!

Leonardo seguiu. Em Buenos Aires, numa reunião de comitê da Terceira Internacional, haviam-lhe mostrado um mapa da ocupação estratégica do Brasil pelo imigrante amarelo. Só o governo ignorava. Havia até um almirante na localidade de Sete Barras. Espiões educados, outros transformados em pescadores ou em peritos de agricultura, penetravam nos escritórios e nas casas, levantavam mapas do litoral e do interior.

Bateram às costas do rapaz. Ele voltou-se precipitadamente.

— Vamos almoçar?

Leonardo pensou em recusar, mas aceitou... Era um "tenente", ou melhor, um oficial do exército que viera na revolução vitoriosa de 30. Tivera com ele um pega a bordo. Tratava-se de um antigo participante da Coluna Prestes que havia ido buscar a mulher deixada em Buenos Aires.

— O senhor é primo de um amigo meu, Jango, João Lucas Klag Formoso... o Jango da Formosa...

— Não sou. Fui educado por eles, pelos Formoso. Meu nome é Pancrácio Fortes. Mas eu não vou muito com aquela família. São uns shakespearianos!

— E o senhor é um soldado da Coluna que promove sessões espíritas a bordo de um transatlântico moderno.

No restaurante onde se sentaram, lia-se em letras de cal: "Fígado à lisboeta — Camarão à baiana — Língua do Rio Grande".

O oficial puxou de dentro do dólma, uma medalha do Bom Jesus de Jurema, presa a uma correntinha de prata.

— Olhe, veja esta lembrança de minha mãe!

— Mas o senhor é espírita ou católico?

— É tudo a mesma coisa. Só não acredito nos padres. Nem que há inferno... O senhor acha que pode haver inferno?

— O Brasil é realmente uma maravilha. O senhor sai pelo mato no maior raide de cavalaria da América, toma depois o poder com o Dr. Getúlio Vargas, para oferecer fantasmas ao povo?

O garçom serviu nos dois pratos talharim fumegante com molho de tomate. O tenente pediu uma garrafa de cerveja.

— Eu me casei contra a vontade da gente que me criou. Eu tenho um ideal: trabalhar no cinema. Já tomei parte num concurso da Fox, em Buenos Aires.

— Compreendo porque o senhor abandonou o Capitão Prestes. A finalidade dele não é Hollywood.

Leonardo prestava atenção na cabeça loira do rapaz pequeno e entroncado, mas com traços visíveis de um sofrimento longo, os dentes estragados.

— O Capitão Prestes, com este negócio de comunismo, deixou de ser o Cavaleiro da Esperança. Eu admito o comunismo mas em termo. Esse negócio de obedecer Moscou nunca. Eu nunca obedeci ninguém!

O camarada Rioja engoliu garfadas, quieto. O outro fez vir mais cerveja. Naquela confusão toda havia pouco fermento. Seria difícil vencer. Os trabalhadores acreditando nas curas mágicas! Era o assombro ainda onde o Brasil mergulhava, com as proximidades geográficas da floresta, as proximidades étnicas do preto, do índio e do imigrante medieval...

O Tenente Pancrácio pediu sobremesa ao garçom e perguntou:

— O senhor não acredita em nada?

— Acredito no proletariado.

— Pois nós estamos com o proletariado...

— Os sindicatos passaram para as mãos da polícia...

O garçom que servia goiabada e queijo interveio. Era um rapaz pálido de cabelo crespo.

— Eu sou da sociedade do sindicato. É a polícia que manda lá dentro.

— O Ministério do Trabalho que vocês criaram, é uma mistificação. Só serve aos patrões. A arbitragem é um blefel!

— Inclui o proletariado — concluiu o garçom, deixando a mesa com as travessas na mão.

— Nós não queremos que o nosso trabalhador venha a sofrer o inferno da Rússia.

— O senhor chegou ao Rio de Janeiro de lenço vermelho no pescoço, pensando que estava num estádio de cinema.

— Eu estudava na escola de Aprendizes Marinheiros em Santos quando veio a Revolução de 24. Meu padrinho é o Major Dinamérico Klag, um sujeito original... Ele tinha me posto para fora de casa. Está escrevendo um livro há mais de dez anos em cima da serra. Quer tirar o prêmio Nobel. O Graça Aranha que era amigo dele chamava-o de Iluminado. A mulher morreu de um ataque de estupidez, estupidez dele...

— É o pai de Jango?

— É, mas é muito mais gozado do que Jango. Estudou em Oxford, na Inglaterra, tirou o curso de filosofia, mas aqui ninguém o compreende. Então matou a mulher e caiu na pinga.

Leonardo interrompeu-o.

— Dois caminhos abriram-se para o Brasil: ou o bolchevismo, falo no sentido terrorista da ditadura proletária, ou o gangsterismo. Que é a sociedade burguesa? O massacre sádico e ao mesmo tempo científico da massa trabalhadora, levado a cabo legalmente nos escritórios dos advogados, nos conchaves dos bancos, nos corredores da política. Tudo às ordens do imperialismo estrangeiro. Os senhores que fizeram o movimento de 30 nem sequer tocaram no latifúndio. Isso só pode ter uma resposta — Lênin! Há também Al Capone. Eu opto por Lênin. Neste regime, cada máquina de escrever e de calcular desgraça mais famílias que um avião de bombardeio na guerra... O senhor não conhece o drama do trabalhador. Há famílias tuberculosas que no fim do mês ficam com cinco mil-réis na mão!

— Nós fizemos a revolução para salvar o Brasil — disse o moço pagando a conta.

Levantaram-se tomando o chapéu e perderam-se na rua barulhenta.

O camarada Rioja deixou a casa comprimida entre outras, ao lado de uma igreja. A noite quente conduzia milhões de estrelas. Colares de luzes urbanas perdiam-se longe, acompanhando o mar. Criadas vigiando meninos, namoravam nos portões tropicais. Gente elegante passeava em toaletes leves, rodava de branco. O militante contornou o recanto folhudo do Parque Balneário, onde luzes mortas indicavam mesinhas animadas. Ele combinara encontrar-se no Gonzaga com dois companheiros. Era preferível mostrarem-se assim, sem sinal de ilegalidade, na praia cheia de gente. A polícia que vigiava os comunistas, talvez os tomasse por desocupados ou torcedores de futebol. O camarada Fabrício, baixo e calvo, esperava-o ao lado de um proletário típico, magro e chupado apesar de moço.

— Eu e o Pacova estávamos fazendo a caveira daquele time.

Indicava o terraço de um café, onde, numa indiferença lavada, garotas tomavam sorvetes espetaculares, em cadeiras

de vime, ao lado de rapazes esportivos na camisa diáfana, calças de linho. Um velho manco esmolava inutilmente, de chapéu estendido para as mesas alegres e repletas. Estrangeiros falavam e riam alto.

O operário, as mãos nos bolsos, exclamou:

— São uns parasitas. Nós temos que trabalhar para eles, enquanto a revolução não vem!

— Aquele ali — apontou Leonardo — é o Melo Araújo. Provocou um suicídio, passando para diante o café nas vésperas da quebra. Conhecia os segredos do governo, era sócio. Agora anda por aí cheio da grana!

Separaram-se do operário para se encontrar na casa do camarada Modília. Não convinha chegarem juntos para não alertar a atenção dos vizinhos e da polícia. Tinham descido de um bonde que os levara a um bairro próximo. Havia gente esperando atrás de uma porta, apenas cerrada.

Sentados em torno de uma mesa, começaram, sem perda de tempo, a reunião do Partido. O electricista Plaumburn expôs a preparação da revolta paulista, que estava na ordem do dia. Era um teuto bochechudo e calvo.

— Os paulistas contam com Força Pública e alguns guardião de exército. Esperram auxílio de Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

O rapaz magro e chupado sugeriu que o Partido Comunista fizesse uma revolução paralela.

— Nong temos forza, camarada! O proletariado prasileiro non está organizado. Non teng consciência de luta de classe. Estamos muito atrasado. No campo, permanece regime feudal de latifúndio...

— Mas a hora histórica se reflete aqui — disse Leonardo, a cabeça grande emergindo de uma capa de borracha escura. Afirmava com segurança acentuando sua aparição de intelectual entre operários.

— Está glarrol! Eu tambeng xá sabial!

— Com a crise os lucros se concentram nas mãos de alguns. Por outro lado, a proletarização se produz. Os latifundiários do café estão arruinados. E por isso vão levar o povo à guerra. A indústria os segue. É a ligação dos dois partidos de uma só classe. O PRP e o PC. Discutimos esse casamento nas reuniões

em Buenos Aires. Mas é bom que estoure o movimento paulista. Carlos Marx falou que as revoluções são a locomotiva da História.

— Está glarrol! Eu xá sabia!

Pacova, membro do Antimil, relatou o que pôde do movimento. Um cabo do Forte de Itaipus lhe denunciara a propaganda que se fazia no meio da tropa. Todos olhavam a dificultosa exposição do operário. Ele expunha a realidade imediata da convulsão.

— O povo topa. Nós devemos falar, contar para eles, ir no meio da revolução falando... baratinando...

Leonardo Mesa ficou para receber material de propaganda destinado aos bananeiros do litoral. Os dois outros, incumbidos do trabalho prático na cidade, dirigiram-se de bonde para as docas. Ainda era cedo. Dissimulavam em embrulhos, volantes e prospectos, para serem distribuídos aos companheiros dos navios ancorados, aos embarcações e marinheiros.

Na Praça da República deserta, a estátua de Brás Cubas, fundador de Santos, dormia. Atingiram a zona dos armazéns do porto. Na noite de calor e de estrelas, ao longo da calçada marítima, três homens de barba malfeita, camisa e calça, conversavam em voz baixa. Pacova adiantou-se e deu-lhes um maço dobrado de manifestos.

Fabício, baixo e gordo, estacou diante do mar. Havia uma concentração naquele cais da noite. As distâncias acabavam no barulho sossegado da água parada. Num comício de mastros, para ali afluía o trabalho de todo o mundo. Dois estivadores sentavam-se junto a um prego de atracação. Uma sanfona cantava na terra. O camarada não os conhecia mas parou e deu-lhes um punhado de prospectos. A sanfona cantava no mar.

O *Expresso de Xangai* deixara para trás numa parada deserta um telheiro novo de zinco.

Um italiano velho, de óculos, dizia:

— Pra podê co um japonese percisa sete brasileiro, dois turco, cinco italiano e meia duza de portuguese...

— Os japonese quere enguli o mundo inteirinho. Um dia vai vê — exclamou um vizinho.

Em frente a ele, no banco de madeira da segunda classe, um nipão sorria satisfeito. Era Muraoka.

— Non enxergo mesmo co'a catarata, mas isso io vejo!

O trem rachava a floresta, entreaberta ao lado do rio. No banco de trás, um padre moço e franzino recolhia-se ao breviário, os óculos faiscantes e duros, um guarda-chuva ao lado.

O comboio, que descia para Santos na direção contrária, cruzou atrasado. Puxava uma imensidade de galeras de caxeta. Folhas de bananeira saíam das frestas das gôndolas entupidas de cachos.

Um preto tomou nas mãos uma sanfona enorme. Tinha os beijos entreabertos, deixando ver dentes perfeitos e alvos engastados na romã das gengivas. As orelhas mínimas fugiam sob o cabelo rente, invisível. Ele e a sanfona pareciam constituir um instrumento só. Em frente, um índio manso, esguelhado e adolescente, de gravata e pernas sobre grossas botinas de futebol, berrou de repente:

— Viva Getúlio, pai dos pobres!

Era o Antônio Cristo agregado da fazenda Formosa. Ao lado, num vestido novo de *étamine*, ia sentada a Ciana.

— É minha mãe. Tem corenta e cinco anol!

Ela olhou o sanfonista sorrindo num dente, cobreada no vestido amarelo. Chupava um palito como se houvesse descoberto um brinquedo.

O farmacêutico Piratininga levantou-se. Achou delicadamente que devia fazer uma *quête* para o sanfonista. Tinha uma gravata cor de maravilha e uma *pochette* igual no terno claro. O trem parou de novo num choque de ferragens. O preto musicista que chamavam de Chiba exclamou:

— Japonesa não dá berada!

O italiano velho aproximou-se do sacerdote apresentando-se:

— Eu sou compradore de arroiz na zona. Ercole Fiorelo. Cum licença...

— Padre José Beato, vigário de Jurema.

— Me dissero que o senhore chama de bugre os japoneses e quere convertê eles na relijô católica. E besteral Non adiantal Nem se fosse Giuseppe de Anchieta em pessoal

O vigário, que fechara o livro, estava longe no tempo, perdido num sonho que tinha quatro séculos. Pensava no apóstolo Anchieta diante do mar que batia as pedras lascadas de Peruíbe.

O italiano discutiu banana e caxeta.

— O dinheiro istá muito caro. O governo non presta. Está escangaiando com São Paulo.

Padre Beato pensava no mameluco quinhentista, no burgo de João Ramalho, no vil Jagoanharo e na batizada Bartira.

O Chiba falou de novo dos japoneses:

— No bolo eles é corajoso.

Os amarelos indiferentes, miúdos, descalçavam as botinas, arrancavam as meias imundas, encolhiam-se nos bancos de pau, merendando. Passavam entre sí um frango, um pastelão, uma garrafa.

O sanfonista ia recomeçar, cuspiu pela janela.

— Putanhero nós tudo tem que sê!

Para o lado do mar, havia silhuetas minúsculas de trabalhadores, entre morros lavrados.

A tarde roxa prosseguia lá fora. A sanfona emocional tomava conta do trem. A *quête* promovida pelo farmacêutico animou-se. O primeiro que deu duzentos réis foi um português sofredor e pequenino que estava de luto. Era o Casação, trabalhador da Miguelona na serra. Um madeireiro generosamente ofereceu dez tostões. Por detrás do grupo musical, refestelava-se num banco, feio e gordo, os olhos mal abertos, o latifundiário Merelão. O farmacêutico acercou-se cerimoniosamente e pediu:

— Duzentos réis para o sanfonista....

O velho olhou bem, tomou conhecimento do assalto e abanou a cabeça alva, negativamente. O farmacêutico então disse:

— O senhor é um pão-duro! Todos sabem.

Pelo quadrângulo das janelas, palmeiras esguias adejavam palmas eretas para o céu azul-pálido. Bananeiras ilustravam o canto da sanfona. Uma saudade arrasante passou na paisagem e na gente. Lírio de Piratininga exclamou alto:

— Nem parece que está no Brasil!

A sanfona parou. O português pequenino pediu ao preto que continuasse. Numa sucessão nervosa, sugeriu:

— A Maria da Fonte! O Hino Gaúcho! O Vira!

— Ah! não sei.

O trem corria. O Chiba distendeu o instrumento, num sopro cálido, a boca aberta, a cabeça baixa, escutando.

Debaixo de seu chapéu furado, o negro alto e magro parou de roçar e olhou a japonesa que cavoucava forte a seu lado.

— Mecê é desinfeliz?

— Patirício munto judia no serevício...

Tomé olhou rasgado. A mulher continuava a roçar. Aquela cara redonda, com olhinhos de pássaro, bulia com ele.

— Nhô Fusiko bate mecê?

— Munto bebe Fusiko.

A tarde arroxava os morros devastados para a plantação.

Tomé parou. Estava brilhante de suor. Fitava a japonesa alagada a seu lado.

— Por que que mecê não casô com brasileiro?

— Cônsul não dá orde munto non gosta.

A mulher tinha estacado. Murmurou:

— Quano casa mais trobaia ainda.

O arroz espetava de verde a terra fresca. Tomé disse baixinho:

— Océ mi dá?

— Na minha contage, era dezenove mir. Mas ele só pagou dezmirréis e eu pirei.

— O que que você fez com a japonesa? — perguntou Leonardo, rindo, numa curva da estrada silvestre que bambus sombreavam.

— Fiz nada! Não quero mais sabê de mosca amarela! Eles queria capá o nego. Verdade que ele rolou com a japonesa na estrada. O homem dela vinha vindo num burro branco, ergueu a foice pra cima dele. O Chiba largou a japonesa, pegou num pau de goiaba que tava no chão e tacou no bicho. O japonês quis fazê o burro andá mas o burro empacou e o Chiba desceu a lenha sem dó. Foi aquela marmelada. Foi burro, foi japonesa, foi tudol!

— Como é que pegaram ele?

— Pois ajunta que nem formiga. É covarde japonês. Nunca aparece sozinho. Eles queria capá o nego. Mas os baiano não dexaro, pegaro cavalo no pasto e foram sortá o preto. Ele meteu a cara na serra e eu atrais!

— Mas não há autoridade por aqui? Delegado?

— Não serve pra nada! Quando o xirife pede algum reforço de Santos, depois de quinze dia, aparece um cabo pesteadado e um sordado magro.

— O japonês aqui faz o que quer?

— Manda intê nas autoridade. Tem o consur que ajuda.

— Mas você trepou na japonesa?

— Tá local! Não deu tempo. Quando eu sube da história do Chiba, fui pidi minha conta pra nhô Fusiko. Ele não queria dexá eu saí, inda desconfiei mais. Ele tava bêbado que nem uma cabra.

— Não chamou os outros pra te capar?

— Não. Ele disse que pidi pode. Eu não tinha feito nada. Só pídido.

— E pra onde você vai agora?

— Pra terra dos grilero, lá tem sempre trabaio. Quem chega, pode judá tirá maderá. Lá não tem japoneis.

Passaram um lamaçal. Tomé dava a mão, auxiliava o rapaz. A estrada embrenhava-se na mata que subia em copas gigantes. Num baixio esparramava-se abandonada uma plantação de abacaxis.

Na madrugada ainda noturna, o fogo pôs labaredas até o teto do rancho adormecido. A Miguelona lá fora fazia ecoar nas quebradas o som da primeira lenha rachada.

— O maise forte do mundo é o dinheiro!

Os óculos doiravam sob um largo chapéu de palha.

Tomando o café quente que ela lhe oferecera numa caneca de lata, Leonardo Mesa queria ver transformações na vida paulista. A Miguelona era uma mulher homem. Quebrara-se para sempre o gineceu, nas cidades e nas fazendas, suas restrições e encantos? Fora-se o tempo das rótulas, dos pais que matavam, do casamento sacrificado ou continuava a existir ainda a fêmea esquiva da família do planalto? O povo trabalhador na sua ascensão produzia novas formas. Ele encontrava no meio do mato uma bandeirante. A luta era a velha luta do ploneiro americano contra as leis da metrópole. A Miguelona era libertina, usurária, irreligiosa. Vinha de Boccaccio, de Adam Smith e de Voltaire. Uma exceção.

O dia de trabalho havia terminado na mata. Os trabalhadores recolhiam para o rancho, onde o Mingo preparava o jantar.

— Ah! se fosse verdade o espiritismo!

— Por quê?

— Pra gente vortá traveis moça. Diz que contece mas a gente non sabe quín foi antes. Intó de que serve?

O camarada Rioja tratava de encaminhar a velha para as realidades do presente.

— Seria bom que viesse pra cá o comunismo. Cabava os capitalista, nós non brigava mais por causa da posse da terra.

Ficou pensativa no banco longo e estreito do rancho.

— Io só fiz uma bestera de boa-fé. Trocá uns sobradinho da Rua dos Instudante co estas terra que o Majó diz que é dele mas non é! Desque mataro o Pedrão na estrada eu bandonei o bananá.

— Você tem propriedades em São Paulo?

— Uma vila hipotecada. Que serve? Trabaio pra potecária. Ela já tá tomano conta das casal. É minha ermã. Chama Dona Europa. É gorda que nem um carro restorante! Tá cheia da grana!

Houve um silêncio de mato.

— Mas estas terra que eu trabaio e que passei iscritura não pode caí nas unha do Majó. São gente da Formosa. Um fazendão. Não chega? Inda qué pigá as terra dos pobre. Se o comunismo não vem logo, eu mato um. Pronto! Vó na cadeia!

No silêncio vegetal, corria a água de um riacho. A velha fitava o chão, a cabeça enterrada no chapéu. Exclamou de repente:

— Manda preguntá lá na Rússia quando é que vem o comunismo!

Leonardo deu uma risada clara.

— Eu tenho pressa. Estô ficando na merda. Banana! Meu dinheiro foi suado, fio da puta! Io fiz a permuta de boa-fé, no tabelió. Agorra eles vem dizê que era do santo. Santo non precisa de terra, já tem o céu!

— Quem precisa do comunismo são esses que derrubam a mata a troco de feijão...

— Qué dizê que io exploro? Natorale que exploro. Qué que quê? Que trato eles com lête de galinha? Por certo que nesta lei se vai mesmo procurando os troxa. Pago três e quinhento. Já paguei intê dois mirréis. Só se ganha dinheiro co trabaio dos otro. É a lei. Tenho energia competente pra isfrutá os otro. Sô meio indiota mas inda dá pra indiotá os otro.

— No Brasil também há de apertar a barriga de todos! É a necessidade que faz o mundo. Enquanto ninguém passa fome, custa. Você vira comunista quando perder a vila hipo-

tecada e as terras. Se não ficar antes morta na estrada como o Pedrão.

Os trabalhadores subiam os atalhos lamacentos na direção do rancho. Vinham em passadas largas, suados e sujos.

A Miguelona foi atizar o fogo ao lado do cozinheiro. Sentaram-se todos em volta da mesa de pau sem toalha. O Mingo era o único descalço. Dizia que seu prazer, depois de curado de bicho-de-pé, era ver a lama escorregar no vão dos dedos. Tinha-os enormes e chatos.

— É gostoso rapaiz!

O português Casacão, sentado ao fundo, serviu-se no prato de folha. Foi a vez do Mingo. Fez uma pirâmide de arroz, outra por cima de feijão.

— Tá com fome, sacana? — perguntou a Miguelona. — Assim ocê caba a bóia!

Todos riram.

— Não é, é que eu não gosto de prejudicá um trabaiadô. Daqui eu só levo um prazê — é a comida.

— Ele é mugiano. Gosta das banda de lá.

O preto Tomé, que ia se engajar no serviço da mata, pôs-se a comer valentemente. Leonardo Mesa notou o pouco sal do feijão aguado. Perguntou ao Mingo:

— Como é a terra da Mogiana? É como aqui?

— Lá é diferente. Lá tem cidade cada instante, não é mato ansim. Tem gente, tem criação.

— Hai caça como aqui? — indagou o Casacão.

— Que o quel! O sujeito passa o domingo na espingarda não encontra nem uma juriti. Só alguma codorna, mas percisa cachorro.

— Aqui se caça inté gente — disse a Miguelona.

— Pra isso é mió. Povo parece triste prestas banda porque é mais ralo. Tem muito divertimento, pega na espingarda, cai no mato, tem até onça...

— Onça?

— Decerto. Si não tivé nessa mata emendada até o Paraná, onde é que tem? No Rio de Janeiro?

Os trabalhadores quietos esvaziavam os pratos enormes em garfadas regulares e iguais. A Miguelona tirou de novo o caldeirão do fogo para servir.

— Qué mais Mingo?

— Não comi ainda.

Estava com o prato limpo. Encheu-o de novo.

— Não gosto de enxergá do outro lado. O prato é o único parente que nós tem. Quando farta, a gente põe luto.

— Lamparinal

A Miguelona pôs no chão a comida da cachorra preta que andava por ali.

Os camponeses tinham uma idéia assombrada de tudo. Quem não tinha no Brasil da Revolução de 30? O que importava, pensava Leonardo, era prepará-los para o futuro, dirigi-los nas convulsões que se anunciavam, radicalizá-los na crise. O camarada Rioja queria constituir uma célula comunista na mata. Provocou para isso uma reunião dos trabalhadores no rancho de baixo, onde havia plantações abandonadas. Renques de bananeiras ofertavam seus cachos inúteis. Um abacaxizal enorme abria-se em frutos e farpas.

O Mingo fez um cigarro de palha e disse que o Brasil precisava de um Mussolini.

— Mas que te adianta um Mussolini? — indagou Leonardo. — Ele é um carrasco que manda prender e matar os trabalhadores que querem a revolução deles, dos que trabalham. Só uma revolução interessa aos trabalhadores. É a revolução contra os patrões e o governo dos patrões.

Mingo retificou prontamente:

— Bom. Minha opinião não vale. Comi gambá errado.

— Vivem repetindo que o mundo foi sempre assim, que sempre há de ser assim, que haverá sempre pobres e ricos. Nem sempre foi assim nem sempre há de ser assim. Na Rússia são os trabalhadores que governam.

A Miguelona exclamou que na Rússia havia muita miséria, o jornal tinha falado...

— Não é verdade. São os capitalistas que mentem, porque são egoístas e não querem que vocês tenham os mesmos direitos que eles têm. A Rússia melhora todos os dias a vida dos trabalhadores no campo e na cidade. E o Brasil deve ser de todos os brasileiros da mesma maneira que a Rússia é de todos os russos. A Inglaterra pertence à meia dúzia de famílias que exploram tudo. O povo inglês é bagaço.

O preto Tomé falou:

— Me dissero que lá na Rússia é muito ruim de vivê e trabaiá. Matam gente a torto e direito!

— Quem foi que falou?

— O japoneis.

— O tal Nhô Fusiko?

— Não, eu vi Nhô Muraoka falando na venda.

— O que ele disse?

— Que lá na Rússia, gospe em quem tem botina.

O Mingo interveio:

— Aqui gospe em quem não tem. Acho bão nós i pra lá.

O camarada Rioja explicou:

— O japonês diz isso da Rússia, mas não conta o que se passa na terra dele, onde a miséria do povo é pior que aqui. Um grupo pequeno de barões é dono de tudo!

— Aqui também — disse a Miguelona. — Só que em vez de barão, é coronel!

— Sim, mas como os senhores de lá não querem repartir suas riquezas, inventaram de tomar conta do mundo, iludindo o povo com a conquista de outras terras e de outros países. Qualquer dia eles mandam o povo fazer a guerra lá fora e morrer para evitar a revolução dentro de casa. Vocês hão de ver o que vai acontecer!

— Mais aqui vai tê a revolução — informou a Miguelona.

— Isto é outra coisa. São os fazendeiros arruinados que querem derrubar o Getúlio. Enquanto isso, o que esses amarelos preparam é a conquista do Brasil. Vocês não vêem que

eles só se casam com outros japoneses? Vão chegando, tomando a terra dos nossos caboclos. Não temos um governo capaz de defender o país. E os paulistas, se ganharem a revolução, também não são capazes. Só os trabalhadores podem fazer uma revolução de verdade. Não devemos nos esquecer de que os fazendeiros querem conservar, como antes de 30, as suas grandes fazendas, as suas terras.

— Coitado de São Paulo! — fez o Mingo. — Só vendo os cafezais de Ribeirão praca! Aquilo era um presepe. Agora anda tudo largado na mão da broca.

— Dizem que mudando de governo acaba a miséria. Acaba para eles mas é o povo que vai dar duro e morrer nas trincheiras. O povo continua cada vez mais miserável se não lutar a favor do Partido Comunista. É preciso separar a revolução dos trabalhadores de toda a parte do mundo, dessa revolução de ricos arruinados que procuram os seus próprios interesses. Mas o trabalhador tem um dia que se libertar da exploração dos capitalistas. A revolução comunista não se sabe quando triunfará aqui e nos outros países. Vocês mesmos deviam procurar o seu bem e o de todos os brasileiros que trabalham, entrando para o Partido Comunista.

— Devia di sê giál — concluiu a Miguelona. — Sinó nós tem que arranjar também um cônsul...

— Um cônsul?...

— Por certo! Precisa um cônsul pros brasileiro. Só japoneis que há de tê?

A Miguelona lhe indicara o caminho agreste da mata virgem que conduzia às terras do personagem que chamavam em toda a zona de Major.

— Vai visitá aquele bêbido!

O camarada Ríoja dispunha-se a conhecer o pai do Jango da Formosa. Do último rancho da serra, ele lutava nos tribunais contra os posseiros das terras devolutas, fechava as estradas, atacava os caminhões. Era filho do senhor do feudo mais rico do oitocentos paulista, cuja decadência Leonardo conhe-

cia de perto. Diziam que era maluco e que tinha, além de livros, muitas armas guardadas, inclusive uma metralhadora.

A caminhada fez-se acidentada e longa. Pelos atalhos íngremes e limosos da floresta, acompanhado de Tomé, o militante atingiu enfim uma clareira. Um cachorro latiu e ele percebeu assomar, à janela única de um casebre de pau, uma figura grave de homem, o bigode ruivo e esbranquiçado caído sobre a boca. Empunhava um mosquetão. Gritaram saudando-o. O homem apareceu à porta, numa velha camisa cáqui. Tinha culotes rotos e estava descalço com os pés muito brancos. Deixara a arma.

Como se não percebesse ninguém, prosseguiu nos trabalhos do terreiro. A casa cercava-se de uma agitação, de galinhas e de patos. Leonardo viu que os porcos se atropelavam para receber o milho que ele esbugalhara, ao longo da cerca do chiqueirão. Agora gritava: — Tchoul tchoul tchoul

Uma asa azul borboleteou sobre a água murmurante do grotão. O homem voltou para ele os olhos negros e fixos.

Leonardo sentara-se fumando um cigarro, sobre um tronco caído. Estava de botas emprestadas pela Miguelona.

— O que o senhor quer?

— Sou jornalista. Ando colhendo impressões do litoral e da serra. Conheço seu filho Jango... Sei que o senhor é filósofo, tem um livro...

O homem fitava-o sem dizer nada.

— Já trabalhei como secretário de seu cunhado... O Conde Alberto de Melo.

— É um mulato sabidoll! O senhor também é? Console-se com Machado de Assis! Nós somos brancos... temos por parte materna uma origem nebulosa, a Europa nórdica. Somos Klag. Eu assino Klag...

— Por que o senhor mora aqui?

— Qualquer dia meu pai acabará entregando as terras da Formosa aos usurários. Ficará o coronel, a casa e o horizonte. Um brasão.

Falava num tom literário e enfático mas com uma gravidade impetuosa que seduzia, os olhos querendo pular sobre

o interlocutor, os dentes podres que o bigode procurava encobrir.

— Conheci nestes dias um seu afilhado: o Fortes... Pancrácio...

— Todas as forças da estupidez tomaram conta desse rapazinho. Chegou a ser tenente. Tenente do Isidoro!  
Sentou-se ao lado do militante.

— Sou um escravo do universo incriado que é o espírito. Sou teósofo.

O preto Tomé havia se afastado para ver uma plantação de batata.

— Lê muito?

— Li muito São Paulo e Frederico Nietzsche. Passei a ponte e encontrei Alan Kardec. O porco, o cachorro, a galinha foram anunciados por São Paulo e compreendidos por Nietzsche. São hoje completamente humanos. O homem está igualado com eles à entrada da ponte. São cristãos na Arca de Noé motorizada... A espera do Dilúvio! O senhor não acha que São Paulo e Nietzsche são a mesma pessoa em séculos diferentes?

O Major parara de falar. Seguiu o preto com os olhos, Leonardo perguntou:

— Eu queria saber o que rendem estas terras...

— Eu sou o maior criador de formiga da zona... Tenho também muita cascavel...

— E galinha-d'angola?

— A galinha-d'angola! Não se trata nem de felino nem do vira-bosta. É o homem médio, é o igual que sabe repetir sempre a mesma coisa, tocar o mesmo motor ou o mesmo bombo de jazz, fazer a mesma contabilidade, sem trauma nem surpresa, enfim o homem *standard*.

Parecia refletir.

— O que rende... A vida é uma equação entre o que rende e o que poderia render. A formiga é uma grande equilibradora da vegetação. Sem a formiga nós não poderíamos ter cidades ou mesmo caminhos. Nem atravessar rios. Seria tudo mato, não acha?

— Por que o senhor não me dá uma entrevista? Tenho um título: *A opinião de Zaratustra*.

— Zaratustra... O último fazendeiro! Boa besta! Não devia nunca ter deixado o latifúndio. Perdeu as suas verídicas coordenadas. A cidade é a multidão dos pequenos ônus aflitivos. Aqui eu me apodero do grande ônus cósmico que é a vida. E sinto o silêncio da vegetação. Moro num rancho furado porque quero mergulhar sempre no oceano atmosférico. A casa afasta o homem da terra para outro planeta.

— Que planeta?

— A família... Aqui eu vivo da luz das estrelas, sem as perturbações que as noites artificiais trazem. Na minha cama durmo nu. Acordo no negativo fotográfico das madrugadas. Sou um contraproduto de Lênin. Os vermelhos querem fazer a humanidade inteira transpor a ponte, esse limiar da evolução biológica. Mas ela estacionará eternamente, sem transpor, pregada à sua gagueira como as minhas galinhas e os meus porcos. Só os escolhidos passarão porque eles enxergam além da ponte e possuem o horizonte do espírito.

Leonardo fitava em silêncio aquele cabotino delirante. Pensava que a revolução comunista era uma mancha de óleo que se alastrava pelo mundo e um dia havia de chegar à floresta brasileira.

— Possuo a terra e a lei. Quando tenho uma discussão de tipo conjugal com uma galinha, como-a. Torturo os porcos. Ninguém sabe gozar e sofrer humanamente como um porco. São personagens de Balzac. As galinhas pertencem à literatura nacional.

Houve uma pausa cheia de cacarejos. Leonardo perguntou:

— Nesta solidão, como o senhor encara os problemas do amor?

O homem teve um acesso de tosse.

— O senhor ignora que Kant se masturbava na cátedra? E deu ao mundo o presente das Antíteses! Em todas as horas, nos palácios ou nos tugúrios, o homem espera. E como nada vem, ele só possui o remédio solitário para dar pasto à besta... que ele é! — O senhor já leu Proust? — Tenho um filho, não é o Jango, é o menor, que me fez conhecer esse grande asmá-

tico. O homem de hoje está reduzido a um ser proustiano que vive da memória. É um exilado entre máquinas e que só se realiza na memória. Às vezes no mesmo leito, ao lado do outro cônjuge que dorme, o ladrão que existe dentro de cada um de nós faz a ligação cautelosa do cérebro, do sexo e da mão. Só assim se realizam os roteiros noturnos do maravilhoso...

— Quando acaba, levanta-se e manda matar os que o incomodam...

— O que é a morte? A morte não existe; é uma integração, uma passagem para o destino de cada um. Todos nós habitamos a morte...

— É a realidade brasileira!... — exclamou Leonardo.

— No Brasil, vivemos na idade da pedrada.

— Da pedrada?

— Não. Da pedrada... do bacamarte...

— Evoluiremos um dia.

— Temos que ter ainda Napoleão, Luís XVIII, Carlos X,...

— E depois?

— Luís Felipe. Depois eu morri. Dentre todos os bichos da mata ou do quintal, do carnívoro ao réptil, o homem é o mais desanimado e o mais infeliz porque sonha em viver em estado tribal. Por isso eu resido aqui, longe de minha taba urbana.

O Major apanhara uma vara de marmeleiro.

Tomé aproximava-se. O comunista havia se levantado, pensando que, contra certas exaltações da burguesia, só se pode conversar com uma metralhadora na mão.

O latifundiário gritou solenemente para o preto:

— Cante o Hino Nacional, crioulo. Cantel!

Tomé abriu a boca.

— Eu não sei. Só sei os pedaço...

## II

### A Escola do Cavalo Azul

*Nosso céu tem mais estrelas  
Nossos campos têm mais flores  
Nossa vida mais amores.*

A MORENA parada num capote cinza, cortado de alamares que botões metálicos fechavam, tinha na mão algumas tiras amarelas de papel.

As crianças festivas, divididas em filas desiguais, estacavam no solo enlameado. Por cima delas, uma chuvinha fari-nhava no dia claro.

— Comemorar São Paulo é falar de São Paulo das Bandeiras! É cantar os feitos heróicos desses homens que vararam os rios desconhecidos e misteriosos. Eles avançavam numa terra onde só havia, como disse Bilac, um tropel de índios e de feras!

— A gripe mal curada da diretora tossia de dentro da porta, ladeada por duas bandeiras diferentes. Filas de meninas com grandes laçarotes verdes nos cabelos e gravatas brancas de papel, escutavam inteiriçadas e quietas.

— Todos os sacrifícios hão de florir um dia!

A diretora oxigenada tinha um nariz de bico e a gordura alvissareira enfaixada em preto. A chuva lavava as cabecinhas descobertas. Ecoou de novo o canto infantil. E como Seu Barnabé a fitasse, com seus dentes de ouro, D. Anastácia Pupper exacerbou-se:

— Então, porque o senhor perdeu o apito, professor, as as crianças ficam na chuva sem fazer ginástica? Bata palmas, vamos! Só haverá a parte literária. Vamos Dona Eufrásia!

Barnabé de um lado com os meninos, a oradora de capote com as meninas, movimentaram-se, batendo as mãos, ritmando os passos. As teorias cadenciadas penetraram na sala baixa da escola, entupida de carteiras, onde nas paredes, sobre os quadros-negros, pendiam mapas e gráficos.

Fora, na chuva, ficaram apenas as duas bandeiras, a do Brasil com grandes remendos desbotados e a do Japão, luzente como o sol que nascia do outro lado do planeta.

Contraíram-se as rugas da velha.

— Mecê me discurpe, mas mostrá...

O farmacêutico Piratininga suspendeu o algodão embebido em álcool.

— Mas você quer sarar ou não, Tita?

— Não mostro, Deus o livre... Já disse inté pro médico...  
Que vá dá injeção em quem gosta de mostrá!

A risada do mulato encheu o laboratório.

— Nunca nenhum home me levantou o vistido.

— Mecê mesmo levanta...

A velha saiu.

— Onde é que mecê vai co'essa pressa?

— Diz que o Bispo vem na Jurema...

O farmacêutico, no avental branco, chegou à porta, gritou na rua deserta:

— Cuidado, Nhá Tita, o Bispo te dá cristé!

O Grupo Escolar havia sido salão de baile nos tempos idos, quando o imigrante japonês invadira o litoral sul do Estado, encaminhando-se para a formação de seus quistos raciais.

As salas abriam janelas no edifício chato, alongado. Pela estrada passava o atropelo das culturas sertanejas, conduzidas em carroças por pretos ativos. A diretora afirmara em reunião que o professorado primário era uma tropa de choque da nacionalidade. E sugeria que se fizesse uma chamada patriótica, indicativa da origem de cada aluno. Eufrásia Beato estava de pé, num corpinho branco:

— Kioto Nassura...

— Sou basirera...

— Sakueto Sakuragi.

— Sou basirero...

— Jesué dos Santos.

— Sou piracicabano!

— Josefa Antunes.

— Sou brasileira.

— Massau Muraoka...

O pequenino bonzo de gravura fitava a professora com olhos entreabertos e longos.

— Massau, você sabe que também é brasileiro? Você é paulista, diga, vamos! Diga só para contentar a Dona Eufrásia.

O menino estourou em lágrimas ante a sala surpresa. A professora deixou a chamada e começou a aula de Instrução Moral e Cívica.

— Como morre num brasileiro, Jesué dos Santos?

O negrinho bojudo hesitava de pé, na carteira, mostrando os dentes brancos. Pensou no Federico carroceiro, que tinha ficado debaixo do caminhão do japonês. Ia falar, mas um garoto ativo, de coco pelado, agitou os dedos.

— Diga, Adelino!

— Na Guerra do Paraguai, coberto de louros!  
No primeiro banco, um caboclinho esbranquiçado estava descalço e vestia uma camisa em trapos.

— Idalício, você apareceu?

A classe agora fixava o nacional que tinha a boca prognata imóvel.

— Por que você falta tanto assim?

— Judando vô fazê farinha.

— Por que não faz de tarde? A aula é de manhã. Você podia vir...

O caboclinho desceu a cabeça. Disse baixinho: — Não tinha carga...

— Vá para a pedra e escreva.

O corpo estreito levantou-se sobre os pés sujos, duros de bichos.

Eufrásia começou a ditar.

— “O Brasil é o país mais belo e mais rico do mundo”...

Idalício Diadermino apertava o giz sem poder escrever. Houve um grito na classe. A professora correu. Ele estava estendido no soalho, com os olhos vidrados.

Um garoto amarelo explicou:

— Japonese non cai porque trazê lanchi...

Eufrásia falava à D. Anastácia:

— Essas crianças fazem três quilômetros a pé, sem comer nada! Corta o coração!

A professora deu a Idalício um pedaço de queijo de seu farnel. No recreio, dois meninos atiraram-se sobre ele. Pôs tudo na boca, antes que os outros tomassem. Encheram-no de sopapos.

Idalício saiu. Tinha o chapéu furado e a Cartilha. Viu uma vaca na estrada. Podia se chamar Estrelinha ou Barrosa. Escre-

via va-ca. Podia ser qualquer vaca, de qualquer sítio. Ele voltava para perto da avó no casebre. A Cartilha transportava-o, desligava-o daquele mundo longínquo de barro junto ao rio maleitoso. Gritou para o céu:

— Va-cal

O pano do circo descorava em ondas sob a iluminação de muitas luzes. A assistência era de imigrantes e nativos, sobretudo de crianças, muitas nascidas nos charcos ribeirinhos, outras vindas de terras distantes. Uma algazarra furiosa saudou o primeiro sinal dado numa lata.

— Eh! Manezinho!

João Lucas Formoso caminhou sólido e lento nas perneiras, o chapelão de *cowboy*, sentou-se na primeira fila ao lado da professora que o esperava.

Os japoneses limpos contrastavam com a imensa população dos Deadermino que enchia o circo. Eram os beira-corgo, caídos nos paus de Bartira. Caras desvairadas, outras disformes, marcadas por tiques nervosos, línguas de fora, bochechas inchadas, gengivas expostas. As mulheres grávidas quase todas, trazendo crianças esqueléticas ao colo, pela mão garotos lombrigais e espantados.

— Só falta o padre!

Uma banda de música improvisada metalizou a noite. O circo estava repleto. A Miguelona surgiu, fuzilando nos óculos doirados, à procura de lugar. Foi para o meio da criançaçada, na galeria.

— Non tenho medo que argum espie as minhas perna!

Os músicos tocavam a melopéia rachada dos circos. Era uma banda de amadores com um perna-de-pau, um triste de cara vermelha e o bombo rítmico. Afastado do núcleo sonoro, como não querendo se misturar, o xerife Idílio tocava um bombardão. Vestido de branco, despejava notas de seu mágico caracol. Cães cheiravam baleiros improvisados.

Quando o palhaço, de chapéu de padre, de cara de padre, de pijama de padre, fez um salamaleque, o negrinho Jesué dos

Santos despencou de emoção da galeria. A música era triste como um canto vindo do fundo da exploração humana. A ginástica coleante dos artistas desenvolvia-se em câmara lenta.

Eufrásia Beato Moncorvino ao lado do moço fazendeiro estacava numa quietude de estampa. Que se passaria dentro dela?

Um cachorro de focinho preto investiu inesperadamente contra o palhaço. O professor Barnabé saiu de sua imobilidade admirativa, gritou ameaçando espancar o animal com uma bengala. A voz de Eufrásia Beato ressoou como um gongo para o moço junto dela.

— Você não olha, Jango?

A música tornara-se um canto sentimental de trombone, seguido de perto por um acompanhamento rápido e igual, onde o bombo ladrava.

Dois acrobatas deram algumas cambalhotas forçadas, fazendo as mulheres gritarem pelo Bom Jesus de Jurema. Um atleta ergueu um peso enorme de papelão. A função terminava. Apagaram-se as luzes para dar lugar a um número fantasmal. Num luar de artifício, surgiram maiôs brancos. A criançada confraternizava num susto efusivo.

A Miguelona gritou que tinha sido “um bonito serviço”. O palhaço pulou nos pés, nas mãos. Barnabé empolgado contou alto os pulos “oito, nove...” Eufrásia indicava agora uma mulher monstro se equilibrando numa esfera.

A música rebolou furiosa. Os artistas esvaíram-se. O circo apagou-se como uma aparição para nunca mais. A professora no capote de botões metálicos saiu com o moço fazendeiro. Ao lado deles, Idalcio Deadermino, a roupa rasgada, os pés descalços sustendo o esqueleto de dez anos, passou deslumbrado, sem ver ninguém.

Amores dadivosos dos doze anos de quem pensa que não sabem que pede esmola, que na casa mísera faltava comida e era preciso buscar o prato estranho, o pão da caridade para as crianças chorosas, assustadas. Eufrásia fora-se, plasmando naquela luta ingrata e desigual. Diante dela apontava o castelo

da Formosa de onde poderia vir tudo. O desespero, o castigo ou a generosidade salvadora.

A velha fazendeira, que fizera o seu irmão mais velho seminarista, tivera uma idéia: — Essa menina precisa ir pro colégio! Isso fora antes da derrocada da Veva.

Transportaram-na para uma cidade grande que não conhecia. São Paulo. Um homem grisalho com uma roupa puída a conduziu para um escritório, onde uma moça morena lhe perguntara se sabia escovar os dentes e tomar banho. Ela não sabia nada... A tia Licórnea, que vestira todos em criança e a pusera no grupo escolar, não ensinara nada.

Uma pancada rija de sino, depois outra, mais outra. As pancadas foram se amiudando, ficando uma musicalidade atropelada, atingiram um paroxismo unido, esmoreceram, enfim, espaçaram-se de novo. Cessaram sobre a fazenda paulista.

Os ganchos da rede gereram no terraço que beirava a noite da casa colonial. João Lucas acendeu um cigarro.

Seria preciso esvaziar a Formosa, até o último colono. Que importava, se as porteiras da fazenda fechavam o vazio sem ela? Estradas, campos, estábulos e carregadores ficava tudo vazio sem ela. Se o Major não estivesse nas devolutas, levá-la-ia para lá. Se resistisse, ensacava-a à saída da escola e punha-a dentro do Forde. Mas o pai ocupava as terras em luta com os posseiros.

Se ainda tivessem a Jangada, era aí, na sua fazenda da Noroeste, que ele queria tê-la. Mas seu avô vendera-a justamente agora na baixa, para salvar a Formosa. Burrada!

Cinco anos atrás, construía ele mesmo o primeiro rancho da Jangada, entre coqueirais e restos possantes de mata. Tocos negros balizavam a queimada, quando ele plantara o café bem faciado. Onças e queixadas rondavam à noite os primeiros ranchos. Tinha somente três famílias de colonos. E formara logo a fortuna de arbustos verdes, pujantes, pulados do chão da mata virgem. Havia determinado a carpa e o enleiramento no sentido das águas, a fim de que não se desviasse a riqueza

da terra para os ribeirões. E tivera logo os horizontes penteados de cafezais. Pelos carregadores passava a condução mecânica, tratores, Fordes, caminhões. Enchiam-se os secadores, as tulhas debordavam. A máquina de beneficiar café socava de barulho a sede. A eletrificação havia animado o deserto. Era a abertura de zonas novas. Nas cidades não se sabia se o que se levantava do chão era ouro ou poeira. Os japoneses organizavam-se em *meetings* amarelos que se transformavam em municípios no dia seguinte. Não havia tempo para destocar as ruas e as praças. Toda essa aventura pusera no desastre mundial de 1929. A crise viera como a quebra de um mundo. O crédito cessara. Cessara a defesa artificial do produto, mantida pelos exploradores da City. Na derrocada o imperialismo americano se apossava da miséria brasileira. O café bloqueava o porto de Santos, entupia os armazéns reguladores. A gente das plantações andava terrificada.

— Puta que pariu! Que tinha que ver a Formosa com Nova Iorque? Os comunistas têm razão. O mundo é um só!

João Lucas Klag Formoso olhou a noite opaca que pendia das estrelas por sobre as terras cultivadas da fazenda. Poderia levá-la para a Jangada. Alguma coisa de infantil germinava nos seus vinte e oito anos adultos. Despejaria toda a carga do revólver Colt se não fosse sua. Estava como um burro preso a um moinho. Nas noites de cigarro desenvolvia-se aquele parafuso. Um galo cantou na colônia noturna. Outro respondeu longe, outro mais longe. Cinco horas. A rede ficou balançando nos ganchos. O sino ressoou de novo no extremo do terraço. Um trecho da mata contornava o pomar. O céu por cima das árvores estava copado de estrelas. Elas ligavam-se à alta folhagem dos jequitibás. Silhuetas de palmeiras suspendiam fachos tropicais na noite. Uma canjarana estorcegava-se para o alto. Jango escutou gemidos surdos, um e outro grito teimoso e o assovio do Sem-Fim. Acendeu outro cigarro.

Ninguém compreenderia o amor do moço fazendeiro por aquela borralheira. Era amor de sombra de cafezal nas horas solares quando descia do cavalo suado. Era amor de casar! A casta paulista obstaria. Mesmo na ruína! Os preconceitos se haviam de eriçar. Ela era filha de um bêbado! Jeremias Moncorvino. Talvez a avó Umbelina compreendesse, talvez fosse

a única. Ela fora a glória da Formosa na expansão latifundiária, a flor da Sempre-Viva, em Campinas. Seu avô se casara por amor como ele se casaria com a Beato. Burrada como ele queria fazer. Haviam abandonado a Sempre-Viva. Suas terras estavam mortas, seus cafezais secos. Era uma louça ao sol da sua infância. Dentro dela jazia sepulto um drama de família. A Maria-Aeroplano lhe contara. Umbelina chorava alto num quarto. Monsenhor Luna acorrera de Campinas. Ela era estrangeira de origem, colona. Uma Klag. O casamento do avô tinha sido uma imprudência com a qual a família não pactuara, como agora ele ia fazer com Eufrásia Beato. O carreiro italiano que tocava música na colônia aparecera estendido, morto a tiro, numa capoeira e o capanga Idílio Moscovão fora levado a júri. Os filhos tinham crescido sem crença. Felicidade Branca. Aquele Major que era seu pai. Tratara-o sempre como um cão. Perdera a mãe cedo. Não fumava perto dele. Ouvia-lhe a voz persuasiva e forte. “Desencoste-se dessa mesal Perfile-se menino!” Pusera-o no colégio interno em São Paulo.

Depois dos longos anos de internato com as férias na casa de São Paulo, tivera a primeira impressão da fazenda. Viera ansioso, encontrara na estrada a avó num trole puxado por dois cavalos. Aproximara-se reverente para lhe beijar a mão e ela lhe perguntara: — Você já viu seu pai? Ele está na cocheira, castrando os animais. — Encontrara dois potros amarrados pelas pernas, deitados no chão. Sofriam a operação que o Major, em mangas de camisa, executava acompanhado por dois peões. Perto havia um ferro em brasa.

Pouco a pouco integrara-se naquela rudeza cultivada da Formosa. Viera a iniciação sexual adolescente na bestialidade dos contatos do campo. Era o senhorzinho. A negra desdentada sorria na cozinha.

— Não conto nada. Mecê pode forgál

Seu irmão mais moço, muito mais moço, crescera diferente. Quindim... Bonito, com aquele seu ar viciado. Fora tratado com todos os mimos. Tratado melhor que a irmã. Um dia começaram a desaparecer coisas da casa. As jóias da avó foram encontradas desmanchadas num Prego da capital.

Moveu a rede, olhou para fora do terraço. A manhã pardeava. A cerração subia do soluço dos ribeirões, apagava as

estrelas. Não eram mais elas que falavam. Um saracuí assoviou longe. O gemido das suindaras confundia-se com a dor das rolas. Um sabiá dobrou. A ironia dos guaches estendeu-se à mata, ao pomar, às plantações. Galhos impunham-se pálidos, mas precisos. As árvores tomavam forma na forja das grotas.

Uma araponga tiniu. João Lucas encaminhou-se para a cozinha negra onde Armida Spin acendera um grande fogo. Viu-a de costas, o cabelo esvoaçando em torno da nuca no pescoço ereto.

— Há quinze dias que não sei o que é mulher, já estou achando até a besta bonita.

— Pois vai co'a besta...

— Prefiro você...

— Depois de casada, graças a Deus não faço isso.

— A besta faz.

— A besta é pagã!

Armida juntara as saias, as nádegas em relevo, para tirar o pão do forno. Veio servir o leite grosso e fumegante, o café cheiroso. Tinha os braços nus, os seios balançando na blusa verde sobre um corpinho estreito.

— O coroné vem aí...

O moço fazendeiro enlaçara-a. E violentamente a foi conduzindo em silêncio para o quarto dos arreios.

Uma linha de casas iguais enfrentava o terraço da Formosa. Armida vinha chegando para ver a filhinha que ficara doente. A família Spin preparava-se para sair na direção dos talhões de café que tratava. Crianças de pés grossos e sujos, despertadas nas mesmas roupas do dia, cobriam-se de velhos xales, tossiam no meio da criação.

Levavam o almoço feito. O enxadão e a foice escoteiros abriam a marcha. O velho Ferrúcio Spin, encanecido sob um chapéu de palha rasgado, ia no meio de mulheres e balaios. A manhã enfarruscava quente nos carregadores, onde a viração dividia os cafezais lustrosos. Sozinhos, em grupos ou com as famílias, passavam os colonos para o trabalho. Espanhóis, italianos, húngaros e pretos.

— Bom dia, signore!

João Lucas, na égua baia bem arreada, abriu a porteira ladeando o mata-burro. Ante uma casa de calça, com flores de São João trepando pelo terraço de madeira, chamou pela Ciana.

— Desapeie, Seu Jango. O cafezinho tá pronto. O Cristo foi arreá o Bem-te-vi.

A mulher desleixada, tendo uma criança ao colo, sorria com um dente. O moço penetrou na sala de jantar repleta de santos de todos os tamanhos, enquadrados nas paredes. Uma carabina Winchester alongava seus canos luzidios por sob um relógio parado.

Os dois homens montados subiram a encosta na brisa persistente do verão. Nenhuma árvore de horizonte a horizonte. A primeira vestimenta da terra desaparecera com a primeira gente. Tinha morrido nas mãos latifundiárias do café sob o lençol de chumbo da monocultura. Deitados, jequitibás e perobeiras, na derrubada e no incêndio, a força da terra criara o café licoroso. Só agora, com a crise, os valados começavam a ver o plantio da cana-de-açúcar, dos cereais carbo-hidratados, do tungue oleaginoso. O maior esforço agrícola do mundo!

Em 1930 homens armados tinham acorrido do Norte e do Sul, em exércitos, com um lenço vermelho no pescoço. Mas, depois de tomar o poder, o novo governo abandonava o produto capaz de sustentar a balança comercial exterior. E ordenava a destruição, a queima de dois bilhões de arbustos em produção. Como a velha vestimenta florestal, como a antiga gente da América, o café paulista tinha de desaparecer.

João Lucas chicoteou o animal na manhã salubre. Nuvens engrossavam sobre o mar de rubi plantado.

O moço, na besta marchadeira, gritou para o índio Cristo:

— Que a broca coma esta merda! Mas eu não ponho fogo no cafezal. A Formosa é o coração do mundo!

A estrada quebrou a paisagem para deixar ver o ribeirão lamacento e cheio. Abriam-se ali as invernadas de capim gor-

dura. João Lucas e o índio Cristo ladearam o mata-burro, passaram a porteira. O céu acumulava carvões brancos e fechava o sol nos tabuleiros e nos vales. O gado pontilhava o campo. Iluminavam-se de repente as sombras no azul. Uma silhueta de zebu acamelava o horizonte.

Os trabalhos do campo pereciam. O rebanho não era mais o orgulho da Formosa. Espalhava-se amarelo e branco, fosco e barroso.

Fora-se o tempo em que a fazenda possuía trinta touros dentro dos seus currais. As dificuldades aumentavam de todo lado, obrigando os donos a vender o gado sem o pousio das invernadas. O administrador deixara de fazer seleção, de usar os banheiros sanitários e carrapaticidas.

Ao encontro dos dois homens, vinham campeiros a cavalo, botas curtas sob ponches escuros, chapéus ao vento. Tinham arreios vistosos e flores nas esporas. Pararam ante a floresta de chifres.

— Precisa castigá o exemplo. A coloniada tá fugindo pras terra da Miguelona. Pregaro um tiro no Pedrão. Ficó lá estendido. Não adianta!

O índio Cristo esporeou o Bem-te-vi. Tinham fechado a transação com os gaúchos. João Lucas passou num galope. O camarada seguiu-o, um bigode aparado no focinho, um chapéu de *cowboy* donde escapava um fogaréu de cabelos descorados.

— Nhô Idílio, gostou do Rio de Janeiro?

— Ho! Ho! Diz que quem não conhece o Rio pensa que o Brasil é só esse campestre. Ficou bobo. Diz que parece ôtro mundo. Diz que foi consurtá o médico pras doença dele, mas virô, mexeu, foi pará no Mangue. O moço do hoter é que levou ele. Cada mulata de beijo pintado, com bosta de galinha nos oio, chamano ele! Pois num deu trabaio nenhum. Inda disse

prele vortá. Non é qui nem aqui essas jecas que a gente joga no chão, leva meia hora pra abri as perna, meia hora pra tirá a mão, depois, quando a gente não pode mais de cansado, decrara: mecê num presta mermo.

— O que ele viu mais no Rio?

— As muierada tomano banho na praia. Ota gente sem cerimônia! Cada manicão dependurado! E dizê que não liga pra gente oiá. Eu, neste São João que vem, sumo se Deus quisê, vô dá cos costado lá, nem que seja perciso vendê a leitua da Ciana.

A uma volta da estrada, atingiram a porteira de cima. O vento balançava os arbustos. Cafezais penteavam as encostas suaves da Formosa. As invernadas para trás, matizavam-se de todas as cores, do avermelhado ao ocre e ao verde-fosco. Os açudes fixavam o céu como espelhos. Renques de casas brancas indicavam as colônias. O terreiro de café, cercado de lavadouros, parecia um estádio negro e monumental. E os pomares, unidos à mata, frondeavam escuros. No casarão ao sol, dez janelas punham vida na calça sobre os pilares gigantescos. Rótulas lembravam os gineceus da escravidão.

Jango escreveria no túmulo de seu avô: “Lavrou e amou a terra”. Bento Formoso tinha mais de meio século de café. Vira abotoamentos e floradas, contratempos, grãos caídos no sujo, ventos gelados de setembro, talhões opulentos transformados num dia em desertos de varas queimadas. Começara a puxar café com escravos na adolescência. Mas, nem mesmo na geada grande do ano 18, sentira-se como agora. E se o procurassem para comprar a Formosa, responderia: — Pátria não se vende.

João Lucas esporeou a besta e gritou para o agregado:

— Nós iremos juntos ao Rio com cinqüenta mil paulistas, plantar um pé de café na Avenida Rio Branco!

Eufrásia chegou atrasada à escola.

— Tá pegando fogo, meninada?

A classe produzia um só grito, permanente e confuso. Na ausência da mestra, as crianças rumorejavam indisciplinadas. Pequenos diabos deixavam os seus lugares intervindo nas outras carteiras espancando-se, berrando. A professora tinha fechado a porta.

— Em seus lugares!

Deu grandes reguadas sobre a mesa. Meninos e meninas procuraram atabalhoadamente sentar-se. Houve um silêncio de expectativa. Moscas voejavam sobre a cabeça de uma menina feridentá.

— O hino!

Vozes claras e iguais ergueram o canto nacional a princípio vacilante, depois forte, vibrando nos estribilhos.

*Ou ficar a pá-tria li-vre  
Ou morrer pe-lo Brasil*

Japoneses, negros e caboclinhos gritavam entusiasmados as mesmas afirmações. O hino terminou numa mesura musical. Ficou o silêncio ressoando na sala de muitas janelas.

— Hoje é dia...

As crianças interromperam:

— Conte uma história! Uma história, fessoral!

Eufrásia fixou o japonês Zenken que destacava seu busto reverente na primeira carteira.

— Que é que você quer, Zenken?

— Xiênxia — respondeu o garoto, levantando-se num movimento respeitoso.

Hoje é *Lição de Coisas*. Vamos falar sobre os produtos locais... A banana! Mas antes eu quero saber do que vocês gostaram mais no Circo. Diga, Jesué dos Santos... Vocês viram como é assombração?

O negrinho gordo espiava uma caboclinha que baixara sob a carteira a cabeça de cabelos amarelos.

— Assombração não existe. É gente que faz...

O Adelino murmurou:

— No mato tem!

Eufrásia dirigiu-se aos japoneses:

— Vocês também acreditam?

Zenken exclamou:

— É obaka! Vijão!

— Você, Haru, a primeira da classe, você acredita em assombração?

— Chama obaka em japuneis.

— Na escola japonesa não ensinam que não existe?

A pequena boneca limpa estampou um sorriso paralítico.

— Murié cumpirida no ceremitero...

— É natural que vocês acreditem em tudo. O Idalício escreveu no caderno de linguagem: "O cavalo é azul". — Cadê o Idalício? Faltou outra vez! — Silêncio! — Vamos, Filomena Felisbino, fale sobre a banana!

As crianças excitadas esperavam o momento de emendar, de dizer que sabiam. De pé, a italianinha era só sardas e tranças. Estava num vestido de quadradinhos.

— A banana é um alimento ótimo.

— Muito bem. Para onde mandam a banana?

— Santos! — gritaram dez vozes estridentes.

— Silêncio! Quem está falando é a Filomenal

A escola era um centro de interesse rural. A produção agrícola da zona pendia nos mapas coloridos da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, indicando estatísticas, propondo processos de plantio, ilustrando fases da cultura, a embalagem e o transporte.

— Haru, você! Fale sobre a banana.

A japonesinha levantara-se sobre a carteira, o cabelo preto terminando em franja sobre a testa.

— A banana é um arimento muito bom.

Eufrásia Beato, fitava Zenken, taludo e contrafeito.

— Vocês, japoneses, têm mania de trocar o "l" pelo "r". Veja isto no seu caderno, Kioto...

A classe, antes de tomar conhecimento, ria com exagero.

— "Era uma vez um itariano que vendia fuluta."

— É "um italiano que vendia fruta". Pode sentar-se Harul

O aluno grande mexia nervosamente as pernas, fitando a mestra numa adesão silenciosa.

— Leia você, Zenken!

O rapazinho levantou-se com o livro de leitura na mão. Estava calçado. Era ossudo e alto. Tinha uma compleição diversa da do japonês comum e uma cara de carrasco mongol.

— Na primavella o vigelinho...

— Bezerrinho!

— Vigelinho...

A classe desmanchava-se num riso bulhento, desastrado. No mapa, onde as fases da produção da banana se sucediam em cenas de campo, a moça viu pintados em ouro os frutos roliços.

— Fale sobre a bananal

— A banana é um arimento gulande.

— Burrol Grande, não é gulande.

Estava em frente dele. Deu-lhe um puxão instintivo no cabelo curto e sedoso. O macho nascente sentiu a carícia obscura, no meio da classe distraída. Moscas cobriam a cabeça da menina feridentia. O sol faiscava na janela do fundo.

A italiana gorda dava pensão, lavava roupa, fazia pão no forninho do quintal e cozinhava de lenço amarrado na cabeça. A casa estava vazia. A professora levantou-se com fome. Abriu a porta, desceu a escada. No quarto principal, embaixo, erguia-se a cama alta de D. Idalina. Nas paredes, havia pequenas fotografias enquadradas e cromos de folhinhas. A um canto, uma máquina de costura de mão. Os sapatos estavam suspensos nos pregos para cobra não entrar. Foi ao armário, partiu o pão com a faca da cozinha e encontrou uma barata dentro.

A máxima condenação de sua família havia sido carpir café. Conheceria o Jango da Formosa, que agora se voltava

para ela com aquela decisão, a crônica de Jeremias Moncorvino e de seu grupo familiar? Não podia deixar de saber. A Veva, a matriarca dos Junquillo, a tia dos Formoso, criara a Rosalina, primeira filha do casal. Os Moncorvino também tinham sido ricos. Os pais de Jeremias haviam perdido a fazenda, mas ele afizera-se a todos os labores do campo. Muito moço e já casado com a Josefa Beato. Vestindo sempre de *cowboy*, franzino mas forte. No cabelo encrespado e curto, nos olhos verdes e magnéticos, na boca entreaberta, trazia um ar cavalino de desafio. A família, caída na miséria, fora se criando entre desempregos, bebedeiras e ciúmes. Ninguém explicava o pixaim da Rosalina, a mulatinha de estimação da Veva. Sempre ajudava com um dinheirinho, um presente. Caçoava e ria, dizendo que a Veva tinha ido para o hospício por ela a ter abandonado depois dos vinte anos. Até uma casa no Bosque da Saúde a fazendeira lhe oferecera para que não se casasse com um oficial da Força que agora comandava o destacamento de Porto Litoral. Era o Capitão Jango. Ele e a tia Licórnea é que ajudavam os Moncorvino em São Paulo. O Mateus ganhava pouco na casa Agripa Junquillo em Santos. O José, o mais velho, tinha conseguido a posição mais alta e benquista, — vigário de Jurema. Tinha sido o seu companheiro de brinquedos, ia com ele para a primeira fila dos cinemas. Depois a Veva o pusera no Seminário e a ela dera o diploma de professora. Tinha pago a educação de ambos. E eles e os outros juntavam-se numa defesa titânica do grupo familiar desarvorado pelo pai. Saberia o Jango, da Formosa, do drama? Fora antes, muito antes, quando carpiam café na fazenda de um turco. Aquilo tinha ficado tabu. Ninguém esclarecia. Ninguém falava. Não houvera sanções ou castigos. A Josefa, a segunda filha, ficara uma chorona inútil, destinada aos serviços da casa.

Um dia, já em São Paulo, aparecera o Seu Alfredo com aqueles olhos de carneiro e a pedira em casamento. Havia dois anos que o noivado rolava pelas cadeiras tristes do casebre. Apesar do pai berrar, cambaleante, os olhos esgazeados, um resto de almoço no beijo úmido:

— Eu não quero! Abertamente!

Ela lembrava-se que, no trabalho do café com a Josefa, ficava cuspidando terra no fim do dia. Jeremias dizia sempre às filhas: — Vocês não deve usá carça no cafezá. Prende o sangue!

Ela pensava que aquilo era safadeza do pai. A Josefa já tinha dezesseis anos. Nesse dia, ela não fora carpir, estava resfriada. Também aquele chão duro de terra da casa da colônia! O Zezinho contara que com o chuvisco tinham armado a tenda para se abrigar e guardar a ferramenta. Vendo aquele brinquedo de tapa da mais velha com o pai, o menino dissera: — Eu vou embora! — Pois vá! Isso mesmo que eu quero!

Em casa, o pequeno fora direito à mãe: — Eu acho que aconteceu quarqué coisa pra Josefa.

Jeremias opusera-se longamente aos namoros da filha preferida. Bêbado, olhos saltados, exclamava: — Océ é minha, não tem de namorál

Uma noite, voltavam as duas dum baile da fazenda. O pai as retirara cedo da festa sem deixar ninguém dançar com elas. Na estrada, Eufrásia corraera para não apanhar.

— Feche os óio se não quisé vél

Chegara só e ansiosa, com vontade de dizer à mãe: — Ele fez tudo que quis com ela na estrada. — Mas calara. Depois quisera que a mãe fosse falar com o patrão. O dono da fazenda podia tudo.

— Por que a senhora não dá co machado na cabeça dele?

O pai um dia as levava para os lados da Formosa.

— Vamo prantá argodão. Por que só japoneis há de sabê prantá argodão?

Tudo se sabia neste mundo!

Eufrásia deixou o pente, foi subir a vidraça. A tarde esfriava encastelando nuvens pesadas de água sobre o olho amarelo de um sol de mudança de tempo. Os campos cheiravam à terra. Pássaros punham assovios líquidos nas árvores. — Uru-tau, seu pai morreu! Que m'importa lál — Uru-tau, seu amor morreu! Ai! Ai! Ai! Que deslumbramento fora a sua festa de formatura. E a emoção da primeira escola. Queria alfabetizar o Brasil. Na sala miserável, a criançada roxa de frio, sem roupa e sem comida, avançava com ela até soletrar. Lia, contava, para depois pegar para sempre no cabo da enxada. Os inspe-

tores apareciam de vez em quando melosos, censurando-a porque fumava. Ela agora fumava só no seu quartinho. A escola era a descoberta. Naquela casa de muitas janelas uma minúscula humanidade avançava penosamente. Eufrásia perguntava a si mesma de que servia aquela chave do mundo. Ensinava tantos Idalícios a ler. Eles não saíam do charco. Faltavam diariamente às aulas. Ajudavam nos serviços de casa e da lavoura. Vinham e voltavam da escola sem comer. As mães detestavam-na porque lhes roubava os filhos, seus arrimos caseiros. O japonês tirava a terra do caboclo, cercava os núcleos agonizantes do trabalho nacional e dizia: — Aqui tudo cavalo azul, no? Menino já falou pra porifessora... Governo cavalo azul. Justiça também cavalo azul, no? — Lágrimas inundaram-na. A Zefa estava cardíaca. Jeremias chegava cada vez pior. Ameaçava tomar os dois pequenos, pô-los no Asilo, o Genuca e a Geralda de cabelinho louro. Ela mentira para Jango. Era a mentira da miséria. Saberá ele o que era a sua casa? O Jango da Formosa a namorava. Que sonho! Seus braços vigorosos a tinham enlaçado. Como ela gostava de ser beijada por uma boca de homem! A finalidade da vida era essa — a mulher para o homem, o homem para a mulher!

Um rosário branco pendia da cabeceira da cama que o pano estampado coloria. De cima do caixote que lhe servia de armário, tomou o jarro d'água, lavou bem as mãos com sabonete. Cerrou a janela com os dedos úmidos. Enxugou-se bem na toalha alva. Descalçara os sapatos. Deitou-se na combinação. Retirou as calças godé. Afrouxou as ligas que ficaram balançando nos pés. Quem se casaria com ela? Jango vinha... um gigante. Primeiro acariciava-lhe o seio assim, as coxas suas como agora... os pelos eriçados... Fixava atenciosamente a parede branca. Uma velocidade de êxtase apossara-se dela. Ficou ouvindo numa modorra a voz do pai: — Cadeludal — D. Idalina gritara do quintal... ou fora ela que gritara?

Um homem baixo e mal vestido estacou a lata velha de um Forde diante da sede da Formosa. Armida, que areava os talheres, espiou pela janela da cozinha e informou que era o turco de Bartira.

O índio Cristo, sentado num caixote, esvaziava um prato de cará com melado.

— Lá na estação tão dizem que pra cobrá o coroné per-cisa gastá três par de sapato, um atomover e dois cavalo e não arrecebel!

O negociante sírio não tendo sido atendido ensaiou uns passos na direção do portão lateral que conduzia ao pomar. Estava no jardim. Ladeando a aléia de pedregulhos brancos, canteiros silvestres estouravam de folhagem decorativa, empinando nos caules hasteados florezinhas espevitadas, grossas mãos vermelhas, cipós descomunais e buquês imprevistos. Um muro velho cobria-se de trepadeiras. O turco passou, penetrou no vinhedo da fazenda. Pelo chão a água brotava, borbulhava, dividia-se em regos claros. A voz do mascate ressoou:

— Eu venho ferecê mais marcadoria bra ocê. Misade é a mesma!

Mangueiras seculares perdiam-se de vista. Sob uma árvore copada, o Coronel Bento Formoso fitava o intruso. A seu lado, um menino do campo segurava uma lata. Antigamente, quando um porco penetrava no pomar, o coronel dizia ao feitor Idílio — Mate o porco! — Mas o colono arrecramal — Mate o colono!

O vigário de Jurema fechou o volume preto das orações de Santo Inácio, retirou os óculos. Pareceu-lhe que alguém bulia no portãozinho do jardim. Foi à janela. O vento caía das árvores noturnas, do céu enfarruscado, onde havia lua. Perguntou quem era.

— Seu vigaro, quero que mecê vá vê meu netinho...

— O que é que ele tem?

— O Idalício tá ruim, tá gritano...

O padre desceu ao jardim.

— É maleita, Tita Deadermino?

— Não é. Já tá costumado co'a tar. Demo um chá de erva. Não sabemo mais o que fazê. Ele tá rino, tá chorano...

— Vá buscar o Dr. Abramonte, mulher. É o filho do Prefeito que está passeando aqui. Está naquela casa amarela ali defronte, no largo.

A velha enrolada num xale não se movia.

— Eu lê trago uma melancia... Seu vigaro...

— O médico é que cura doença. Ele faz muita caridade.

— Ai, Ai! Meu Deus do céu me acuda!

O luar debandava numa cinza úmida que cobria as matas e envolvia o céu. O Forde da Prefeitura parou. Um grito elevou-se do casebre abandonado. O doutorando numa capa longa, entrou com a mulher.

— Me dê uma vela...

— Não tenho.

— Um candieiro, uma lamparina...

Tirou um tição do braseiro que se apagava no outro quarto. O pé de Idalício escórchado da pele estava sujo de carvão e de poeira. O esqueleto já se denunciava paralisado. A ferida era cartilaginosa, e aberta. A face tinha o rictus do tétano. O Dr. Abramonte voltou para o automóvel.

Na sombra, ficaram pelegos, esteiras e sacos rotos.

A senhora da Formosa, num roupão lilás, apareceu no terraço da fazenda. O preto velho que tinha os pés cor de estrada, a capa furada cor de estrada, esperava sentado aos degraus de madeira que desciam para o jardim. Erguera os olhos brancos, titubeava e, numa arrancada do corpo bambo, pôs-se de pé, seguro ao bordão.

— Abença siá donal

— Você anda fazendo feitiçaria, Roque? Que negócio é esse de se ajuntá na sexta-feira à meia-noite lá nas pedras?

— Não senhora.

— Eu não quero feitiçaria na fazenda. Você precisa é de ir na igreja! Para que Deus tenha pena de sua alma.

A cabeça de Umbelina era um amontoado de papelotes matinais. Uma vaca mugia no estábulo próximo.

— Você já está caduco, precisa cuidar de sua alma. Onde é que você mora?

Roque esboçou um gesto indefinido.

— Você quer sofrer depois da morte? Não sofreu bastante no tempo de escravidão?

— Nêgo véio cotumou...

— Acostumou... Você não sabe que existe o inferno? Roque, você está pecando. Você precisa ir se confessar com o padre de Jurema. Senão, você vai ver o que é bom. Você não sabe que o pecador que morre sem confissão, paga caro? Lá no inferno é só fogo...

O escravo centenário olhou a fazendeira. Seus cabelos de algodão ralo contornavam a cabeça murcha.

— Nêgo véio cotuma...

O escritório da fazenda tinha um sofá colonial e um relógio do Império. Mesas altas, pesos antigos, livros negros. A janela, Jango enfrentava um grupo de colonos apinhados no terraço.

— Vocês sabem que a broca comeu metade dos cafezais. Tivemos que fazer repasse e expurgo. Não dão mais financiamento para o café. Os comissários de Santos não aceitam saques de ninguém. Os bancos, piorou. Não podemos ter dias certos de pagamento como dantes. Tudo isso veio de repente.

No silêncio geral, Jango continuou:

— Dormimos ricos e acordamos pobres...

Sem dizer nada, espanhóis, italianos, húngaros e pretos fixavam o moço fazendeiro.

— Os que tiverem plantação, podem ficar. Para os que quiserem sair, as portas da Formosa estão abertas...

Ferrúcio Spin pensava no tempo em que o café do sertão dava 200 arrobas por mil pés. Tinha a cabeça num chapéu centenário de palha.

— Nos otro logare é a mesma coisa!

Perto deles estava o negro Rocha, da Bahia, alto e curvado.

— Nós queremos sofrê junto cos patrão da Formosa!

O grupo desmanchava-se, descia pela escada. Um espanhol magricela, o cabelo rente e grisalho, gritou da boca desdentada para a plantação.

— Café puta de tu madre!

O pequeno avião roucou no céu da fazenda. O Pavuna, lustroso como o carro que limpava na garagem, perguntou a João Lucas se queria ir até o campo de aviação.

— Seu Conde t'aí!

Partiu só, veloz, para lá das matas, na direção do grama-do longínquo que, nos limites de Jurema, ocupava um altiplano com seu hangar de calça e o biruta teso de vento.

Tudo para João Lucas aparecia em ondas de pessimismo ou em ondas de otimismo. Via aquele sol do terraço, olhando morrerem no horizonte as linhas escuras do velho café da Formosa. Que pensaria seu avô? E seus irmãos? Bem tarde, é que tinha caído sobre eles a dureza das coisas. Seu pai feroz, fraco e sensacional. Seu avô impassível e autoritário... E ele... e Eufrásia? Afundaria com ela, para sempre, no sertão?

Vôos, piquês, raides arriscados, recordes de velocidade ilustraram o começo do almoço na larga sala de jantar da fazenda onde pratos azuis suspendiam entre aparadores pesados, louçanias chinesas. As janelas abriam sobre o jardim.

— Fomos nós que fundamos o Aeroclube. Controlamos até aviões intercontinentais.

O Conde Alberto de Melo desaparecido na cadeira colonial, serviu-se de mais tutu de feijão e indagou da saúde da sogra.

— Vovó anda achacada, como sêmpre.

— Num país de distâncias enormes como o Brasil, que faremos sem a aviação?

A pergunta misturou-se às notícias sobre a saúde da fazendeira e de Felicidade Branca, sua filha, casada com o conde.

— É o fígado — disse Jango. — Mal de família.

O outro prosseguiu fixado em seu tema progressista, querendo interessar o coronel, à cabeceira da mesa.

— Em certas zonas o avião e o rádio chegam antes do trem...

João Lucas disse:

— Meu avô é do tempo do rojão. Na capital, a sua casa de residência era na Rua São Bento. E vovó e ele esperavam as procissões na sacada.

A conversa passou para a terra e chegou à crise do café.

— O pior foi a praça de Santos, aquela jóia. Agora os comissários só têm uma função; reformar, reformar...

— E o que vocês querem?

— Que se aumentem as entradas do café retido.

— Para acabar de uma vez com a lavoura...

— Não, a quantidade supre a qualidade.

— O erro foi sempre do governo. Onde já se viu — disse Jango — em menos de um mês abandonar o produto e deixar o preço cair de cinquenta por cento? Um corpo que se contrai violentamente rebenta... É claro...

— Vocês queriam continuar como antes? Dinheiro na mão do fazendeiro... De repente veio aquela safra de 29, uma safra de escacha. E Wall Street quebrou inteira. Não podíamos sustentar...

— Vocês se serviram da desgraça para fazer o movimento de 30. Iam salvar o café... e agora? Só nós somos taxados em ouro!

O conde parecia um perdigueiro inquieto. Parou de comer, fitou os outros com marcada insolência.

— Não temos culpa no cartório. A revolução se faria de qualquer modo. O verdadeiro motivo da Revolução de 30 foi um baile. Sim senhor. Esse tal Sr. Antônio Carlos, de Minas,

não foi convidado para o baile no Palácio Guanabara e jurou vingar-se. Olhe coronel, no caos do outubrismo, só o General Flores se salva e ele hoje está com os paulistas.

— Acusam os políticos antigos, e os de hoje? — perguntou Jango. — O jogo campeia... a farra...

— Isso é verdade. O jogo do bicho é um flagelo que arruína o povo.

— E sustenta os políticos...

— Quando eu for governo outra vez, só haverá duas loteria por ano, Natal e São João. Serei governo. São Paulo não ficará sob a bota dos interventores!

Veio à conversa a Usina Modelo, em que o conde transformara a Fazenda Anica.

— Agora é Adiantadópolis. Vai ser uma estação hidromineral de primeira ordem.

— Que nome gozado!

O conde voltou-se num ar de quem toma satisfações.

— Gozado por quê? O sufixo polis significa cidade. Você chegou a cursar a Faculdade de Direito...

— Mas não me formei...

— Petrópolis... Cidade de Pedro II, Higienópolis, nosso velho bairro aristocrático, cidade da higiene. Sendo eu um modesto industrial mas um homem em todo o caso...

— É claro. Adiantadópolis!

— Aquilo está se transformando em cidade. Possui o terceiro campo de aviação do Estado. Vai ser município...

João Lucas pensava no ano de tramóias com que o marido de sua tia soubera fazer esquecer o seu pequeno e cauteloso passado oposicionista.

— Que fim levou seu secretário Leonardo Mesa?

O conde irritara-se com a indagação. Jogou o guardanapo sobre a mesa, afastou o prato de bananas fritas que o Higino, vestido de garçom, colocara diante dele.

— Sei lá desse comunista! Olhe Seu Jango, berço é berço. Só berço dá nobreza e portanto cria direitos. Além de comunista é ingrato. Chegou a reclamar uma bonificação que alega eu ter prometido quando fiz parte do gabinete dos 40 dias.

Que se dirija ao Ministério do Trabalho! Vai ver! O que ele está pensando?

O coronel saboreava atento as talhadas finas de banana frita, polvilhadas de açúcar e canela. Um chanchã chamava nas árvores do pomar. Alberto recompôs-se e atacou o prato de sobremesa. João Lucas pensava no cearense condiscípulo seu, risonho, da Faculdade, que conhecera numa manhã de trote e que a vida levava para o comunismo. O conde acusava-o de não ter berço. Mas era ele quem sustentava com seu esforço uma irmã tuberculosa em Campos de Jordão. O conde tinha um berço onde cabiam todas as raças pré-históricas imigradas para a América. Com razão Leonardo dissera dele, uma vez, que era um paulista não de quatrocentos anos, mas de quatrocentos e cinqüenta, pois a avó residia antes da descoberta em São Paulo... de Luanda.

Um barulho de risadas estrugiu lá dentro, na cozinha. Alguém entrara e fazia uma roda-viva de exclamações e de piadas com a cozinheira Maria-Aeroplano. Higino apareceu sorrindo nas covas do rosto de criança.

— É Nhô Idílio que chegou.

O bom humor se fez na mesa da fazenda, enquanto entrava um homem desleixado, de branco e botas de couro escuro, rindo por dentes amarelos, numa cara grossa onde os olhos se aninhavam em olheiras.

— Alô senhor xerife — fez Jango.

— Tive matando saúva a sumana inteira e cheguei na Formosa, encontrei na cozinha a malhor de todas!

— Apareceu na horinha do café.

— Ah! o café aqui não se arrejeita!

Aboletou-se ao fundo da mesa, enquanto o conde repetia a frase conhecida:

— Ou o Brasil mata a saúva ou a saúva mata o Brasil.

— Para matar São Paulo, basta o Getúlio — exclamou Jango.

— O quem-quem é muito pelhor que a saúva — disse o recém-chegado.

— O que é o quem-quem?

— É uma saúvinha pequeninha ansim...

— É formiga também?

— A saúva vem num bandinho e vai dando conta do recado, tã, tã, tã... sobe na árve bem no pique, tec... corta a folhinha. Embaixo outras estão esperando para carregar. As veiz desenquilibra e cai com a folha que nem pára-quadista russo... Como eu li no jorná... Não se machuca, põe a folhinha no ombro, entra na carreira... tã... tã... tã... O quem-quem, não. Vem aos milhões, corta tudo, trec, trec, trec. No fim do dia é um deserto. Não há meio de acabá co'essa praga!

— Só entrando no formigueiro com enxadão.

— Entrá no formigueiro ninguém qué.

— É o que se fazia aqui — afirmou Jango — antes da formicida.

— É. Mas é preciso bota de alumínio. Encontra um olho, remexe aquela ovada bem, toca sapé em cima e põe fogo. Chega no outro olho, enxadão, sapé, fogo. Leva uma sumana.

O café forte, licoroso e cálido passou em cascas de porcelana inglesa.

— Eu já pensei em fazê um cerco em torno das muda — continuou o antigo administrador dos Formoso. — Uma espécie de linha Maginô. Que nada! Saúva é que nem exército chineis. Uma veiz num pomá cerquei as fruita com sarrafo, em cima do sarrafo pus graxa, daquela graxa mole, grossa de automove. Pois vieram duas, depois quatro, depois vinte, depois mirl... foram ficando um bolo, uma em cima da outra. Daqui a poco o bolo, pan... Virô por cima da ponte viva. Morreu umas dez agrudada!

O fazendeiro levantara-se seguido do genro e do neto. O conde disse a Idílio que fizera o pedido de remoção da sua cunhada, diretora do Grupo Escolar de Bartira.

— A Anastácia vai ser removida? Lhe agradeço demais. Ela percisa morá em São Paulo co'a minha gente. Ela tem uma casinha comprada a prestação na Moca.

— Você quer ver a capivara que eu caicei? — propôs João Lucas, dando um tapa nas costas do xerife.

— Não bata aí Seu Jango. Tô cheio de rumatismo. Já fiz marimbondo mordê treis veiz. Tô cada veiz pelhor...

— O que é que você tem?

— Já consurtei meia dúzia de médico. Já desanimei de sará. Eles não dão conta desta mardita doença.

O avô o incumbira de ir aos bancos, de cuidar dos negócios na derrocada. De repente Jango encontrava-se com toda a boa-fé idílica da civilização agrária em meio de homens gelados e duros como varas de ferro. Eram os usurários que estrachavam a fortuna laboriosa do café. Chamou de lado o conde.

— Precisamos tratar daquela letra... reformar com os juros.

— É impossível fazer qualquer desconto mais na Casa Comissária. Quero avisar você. Não reformo.

A sala da Formosa abria-se raramente para as visitas. Móveis pesados de jacarandá, antigos consoles negros, onde mangas altas de vidro oebriam flores artificiais. Sobre um tapete desbotado jazia uma escarradeira azul com cabeças douradas de leão. Na parede, ladeando o sofá colonial, retratos antigos dos fundadores da Formosa.

Saíram para o terraço. O moço latifundiário, com a mão no bolso do paletó cintado de brim, olhou o horizonte claro, onduladô da Formosa na tarde que descia.

Em frente, na garagem aberta, o preto Pavuna preparava o carro para conduzir o viajante ao campo de Jurema.

O Bata W. P. 125 levantou vôo às cinco horas. Naqueles primórdios da aviação civil, o piloto Kana prometia fazer pousar o Conde Alberto de Melo antes da noite nos gramados irregulares do Campo de Marte, em São Paulo.

Luminosa e brusca, cortada de descargas no horizonte, a tarde pareceu crivada de pressentimentos ao passageiro isolado.

— Que céu triste!

Encolhera-se quieto no banco de trás enquanto a hélice se pusera em movimento e o aparelho alçara vôo. Embaixo a paisagem da Formosa geometrizou-se. O verde vivo do milho, o verde-escuro da cana, o verde-sulfatado da batata. As extensões rasteiras do algodão plantado à-meia. Aquilo tudo iria para o inferno. O velho não havia de tirar mais um níquel da Casa Comissária de Santos. Outras fazendas emendavam culturas na direção da metrópole. Às vezes uma casa feudal marcava sua sede, com seu secador imenso, sua tulha e seu pomar. O gado nativo espalhava-se nos campos. O motor batia vitoriosamente o céu brasileiro do outono. Passaram uma cidade, um rio, um vilarejo. A visibilidade era boa apesar do tempo brusco. A seiscentos metros distinguiam-se até as janelinhas das casas. A viagem prolongava-se. O ruído do motor era igual e contínuo. De repente, o piloto fez subir o aparelho. Uma escuridão murava o horizonte da capital. Gritou para o conde.

— Tempestade... nô?

O Bata W. P. 125 tentava inutilmente galgar a barreira de nuvens. O altímetro marcou 1.200 metros, 1.500, passou a 2.000. Vendo-se agredido de frente pela chuva, o piloto estersou o avião, procurando contornar a borrasca. Mas já haviam penetrado no meteoro. Saltos abalaram o aparelho, convulsões tiraram-lhe a linha mecânica, em súbitas elevações e súbitas quedas. As asas de repente encontravam o vácuo, caíam em trombadas duras, esburacavam o ar, batiam como um casco de barco.

O homem de marfim, encorujado no seu banco, sentiu-se tomado duma consciência espetacular do perigo. Uma idéia o obsedava. Fitou em sua frente o vulto impassível do piloto japonês. Queria fugir da idéia. A tempestade aumentava. O pequeno aparelho tcheco talvez não resistisse. O céu turvo afogara tudo em neblina molhada. Só a calma do piloto imóvel não precipitava a catástrofe. Mas aquela silhueta inteiriçada restituíu-lhe a obsessão. O antigo criado da casa do Jardim América era hoje o piloto Kana. Só a sua fleuma detinha o cataclisma. A visibilidade era nula. Kana servia o café matinal à Felicidade Branca no quarto. E viera aquela idéia de espioná-los. Nenhuma intimidade se estabelecera entre a patroa e o japonês. Ele se tornara um obsedado em segui-los até que um dia

tinha-o visto entrar sem bater. O japonês podia suicidar-se com ele. — Talvez amasse a sua mulher!

— Poca gasolina, nó?

Uma tromba parecia apoderar-se do aparelho. Alberto de Melo segurou os óculos e teve de repente uma contração muscular de todo o corpo que se seguiu de um relaxamento inelutável. Não continha mais o pavor físico. O avião baixava aos saltos de encontro ao solo onde se espedaçaria. Se vivesse... da alma de um amarelo podia-se esperar tudo. O avião deu um tranco no vácuo. Quem sabe? Se propusesse o que pensava. O aparelho estabilizara-se a cem metros do solo. E uma desesperada ânsia de salvação afligiu o homem agarrado à correia do assento. Tinham atingido as primeiras luzes da capital. Os bairros de São Paulo espraiavam-se encarvoados sob a chuva. Assaltou o homem encolhido a idéia de se esborrachar contra uma casa ou sobre os fios elétricos de uma rua, onde o aparelho se incendiaria. Quis viver. O avião procurava o campo, atravessando a noite em reta. O motor espirrava em seco. Alberto de Melo distendia-se empurrando o assento. Desonrado ou não, preferia viver. Duas lanternas marcaram o escuro de amarelo. O aparelho executou um círculo fechado sobre os focos que indicavam a direção da pista.

O sol matinal invadia a porta larga da farmácia São Galeão, em Jurema. Entre duas jarras coloridas, punha um retângulo amarelo no chão ladrilhado. Havia um relógio comprido na parede e um anúncio, onde se desenhava, em cores vivas, um mosquito gigantesco e repelente. O advogado surdo de Bartira estava sentado ao lado de um velho magro que permanecia imóvel num banco de jardim.

— Napoleão dominou a Europa inteira. Ele possuía um poder magnético!

Um menino interrompeu o farmacêutico para pedir um tostão de pó-de-mata-rato.

Lírio punha o peito para frente gesticulando no avental branco.

— Napoleão tinha no olhar um brilho metálico. Até prendeu o Papa. Tacou no xadrez o Papa!

Um automóvel buzinou na poeira da rua. Correrias de crianças passaram atrás. O farmacêutico riu gostosamente.

— O Papa? — indagou o velho, despegando dos lábios um cigarro de palha.

— Uma vez ele ia tomar a ponte de Arcole, sob a metralha terrível dos austríacos. Quando Napoleão ia ordenar o assalto... Pegou a bandeira...

O Forde choferado pelo filho do Prefeito Abramonte estava diante da porta.

— Você tem injeção antitetânica, Lírio?

— Nem pra cherál, Luizinho.

O velho parecia agitado. Deixara de fumar.

— Na farmácia do Moura também não tem... Nem em Bartira...

— Vocês só compram camisa-de-vênus.

O farmacêutico disse.

— O remédio contra o tétano você não encontra em toda a redondeza. O Coronel Merelão adquiriu todo o estoque desde que teve um caso na família. E ele não dá pra ninguém... Os japoneses têm e também não dão.

O médico hesitava em seguir.

— Cliente seu?

— É um menino do brejo...

Houve um pequeno pismo. O velho agitava-se. Pusera o chapéu para trás, descobrindo o rosto chupado, entre pontas brancas de bigodes sobre o colarinho duro. Parecia querer dizer qualquer coisa. Permaneceu quieto, vendo o doutorando partir. Depois sua voz tomou força, indagou de Lírio:

— Mas S.S. o Papa não foi muito incomodado?

Sob o telheiro de zinco, o pátio da estação atropelava-se de cachos de banana e sacos de arroz. Caiçaras brancos e cowboys botados aguardavam o trem como um acontecimento.

Antes da chegada dos jornais, prenunciavam-se desgraças imensas para o orbe. Falava-se em guerra, câmbio negro e doença. Vindos de um povoado do brejo, apareceram sobre as pernas moles, descarnadas e brancas, duas lombrigas humanas. Seus antebraços pulavam como cordas das camisas velhas, onde os músculos minguavam. Cheiravam pinga. Tinham vindo fazer assento de uma criança no cartório. Havia andado a pé a noite inteira. Pensavam em dormir um bom sono na estação, no meio das bananas e do arroz trazidos pelos japoneses. Mas de repente um não quis, afirmou que tinha opinião.

— Ói! Nós chegemo primeiro que o trem!

Um grupo de colonos japoneses rodeava de atenções e reverências um compatriota baixo, de óculos e capa de bor-racha. Apresentaram-no à professora que aparecera matinal num casaco felpudo e azul-claro. Era uma notabilidade nipô-nica em viagem de inspeção pelas colônias da América. Os seus seis meses de Brasil já davam para se fazer compreender em português.

— Queria saber da porifessora como está o menino japu-nese na escola do Burasil...

— Os japoneses são os alunos mais adiantados. Mas outro dia eu estava explicando na classe que não existe assombra-ção...

— Como, sinhora? Non xabe direto muito...

— Fantasma... em japonês parece que é obaka.

— Ah! Obaka... si sinhora...

— Expliquei aos alunos que não existe...

— Obaka? Aqui non xabe... Japão tem...

O trem apareceu saído das árvores próximas. O cachimbo cabeçudo da locomotiva fumegava como se fosse o *Orient-Express*, invadindo quilômetros de matas, com um farol de bombardeio aceso em plena manhã.

O Coronel Merelão desceu, baixo, pausado, de cabeça branca. Todos o cumprimentaram. Um negociante falou:

— É preciso convencer o pessoal que quem tem, tem e quem não tem, não tem.

— O pai já tinha morrido de picada de cobra... A mãe foi-se embora co'a febre do parto... Me dê remédio pro meu netinho!

No laboratório, Lírio, no avental de linho, encheu um vidro de água destilada.

Tita Deadermino esperava junto à porta.

— O Idalício quando não ia na escola judava ensacá arroz na casa do japonês. Pra ganhá um prato de comida...

— O médico cura ele... leve isso...

O Chevrolé estacou em frente à firma Agripa Junquilha, na Rua 15 de Novembro, em Santos. Era um velho casarão recoberto de ladrilhos portugueses. João Lucas subiu a escada larga do primeiro andar e encontrou a um guichê um rapaz que lia.

— O conde está em conferência...

— Avise o gerente.

— Seu Ferrol não está...

— Eu espero...

O meninote magro fechou uma brochura policial e levantou-se com um ar cansado. Voltou para fazer o recém-chegado entrar.

Seria quase meio-dia. Na sala espaçosa as secretárias estavam todas cerradas, bem como as máquinas de escrever e contar. Um rapaz levantou-se efusivo.

— Você sempre aqui, Mateus Beato?

— Sou substituto do caixa. Ele saiu para o almoço.

Tinha a voz adolescente em mudança.

— Como vai sua irmã?

— Eufrásia está de licença em São Paulo.

— Vocês ainda moram em Sant'Ana?

— Moramos atrás da Avenida...

Outras salas abriam-se desertas, com livros comerciais, armários e mesas.

— Seu Ferrol não veio hoje. E Seu Agripa subiu de manhã para São Paulo.

— Quem está com o conde?

João Lucas apontava para a sala contígua fechada, de onde vinham vozes confusas através da porta.

— A senhora dele... Dona Felicidade Branca... Seu Ubaldo Junquilha também.

As vozes chegavam claras no silêncio: — Metira! Mentira de você!

A mulher afirmava: — É inútil discutir. É um caso público! Quero acabar com isso.

João Lucas voltou-se para o rapaz:

— Telefone aí para dentro e diga que eu estou aqui!

As vozes não se ouviam mais. Uma porta estalou no corredor e o visitante percebeu que uma pessoa se retirava. Foi verificar. Felicidade Branca ia perto da escada. Estava toda de preto e tinha os olhos vermelhos.

— Nada Jango, apareça no Guarujá...

O moço fitava-a interessado. O rapaz do guichê saiu mancando, passou por eles, cumprimentou. A senhora despediu-se do sobrinho. Ele voltou para junto de Mateus Beato. Um rapaz loiro e espigado, de olhos redondos e azuis, deixava o escritório do conde, agora escancarado.

— Você quer falar com o Alberto? Entre...

— Como vai sua mãe, Junquilha?

Sumido a uma grande mesa metálica, o comissário de café parecia absorver-se num maço de papéis, sobre o qual fungava. Levantou os óculos.

— Estou aqui verificando este borderô, Jango.

O moço tomou a cadeira. Mateus Beato avisou da porta que ia almoçar e saiu. O silêncio se fez.

— Você vinha ver Seu Agripa?

— Não. É com você que eu quero falar.

Alberto de Melo parecia perder-se no exame que fazia, mas tinha a atenção voltada para a casa silente. Os empregados haviam saído todos àquela hora. Conhecia o crédito sangrento dos latifundiários paulistas. Os limites da Formosa tinham sido feitos a tiro e a rebenque.

— Estou com um trabalho louco!

Procurava apreender se alguém entrava. Parecia que passos subiam a escada. Enganara-se. Disse afinal:

— As suas ordens, Jango!

O moço sacou do bolso interior do paletó uma carteira de couro de porco e tirou de dentro uma letra estampilhada.

— Eu vim trazer este título de meu avô para você endossar e descontar.

Alberto de Melo tentou sorrir irônico, mas teve uma nuvem de água nos olhos claros.

— Você sabe que eu estou na merda, Jango?

— Os paulistas estão todos na merda. Por isso vão brigar.

Levantara-se, passeou.

— Os fazendeiros estão arruinados porque houve uma quadrilha que jogou na quebra do café com as cartas marcadas. Você não acha? Faça o favor de assinar esta letra do coronel Bento Formoso...

A extrema delicadêza de Jango era procurada, contrastava com a firmeza de sua voz. O conde tomou um estilô.

— Não se briga por isso. Eu nunca neguei o meu crédito a vocês...

Sozinho de novo, Alberto de Melo abriu uma gaveta que estava diante dele e viu reluzir o *Smith Wesson* que guardava sempre ali. Beijou distraidamente um santinho de metal que permanecia ao lado. Bandeirantes de quatrocentas mortes! Haviam-lhe contado o júri do administrador Idílio. Vergonhas do regime de caciquismo que caíra. *Gangsters* rurais! Pediu ao

telefone uma ligação para São Paulo. Pensou em almoçar na cidade. No Marreiro. Peixe à brasileira, com pirão e molho de manteiga. A ligação completara-se:

— É você Leô? Dormindo ainda? *Mon oiseau des îles!* Meu sobrinho esteve aqui agora. Aquele bandido... É... Eu expli-co a você, querida! Quase que sata uma carnificina... Trouxe a letra... Fiquei com dó da família! Mas xinguei ele de tudo. Ele não reagiu, acovardou-se! Eu disse tudo... Ladrão! Parasital! Ouvia calado!

A francesa, antes de bater o telefone, gritou nitidamente do outro lado: — *Couillon!*

O automóvel beirou a praia faiscante entre pedras no azul do Guarujá. Felicidade Branca procurou inutilmente a filha no chalé de madeira. Xodó morenava ao sol dos mares salga-dos. Uma ternura maior veio à mulher que o marido abando-nava. A filha também não era sua. Fora educada caprichosa e temível. Desde criança aprendera a destrata-la. A voz da menina voltava no silêncio da evocação: — Mentirosa. Sem educação! Mentir que me levava ao baile!

Retirou o chapéu pequeno diante do espelho. Estava uma velha. O silêncio da casa penetrava-a. Ela também era uma casa vazia.

A governante alemã entrou alta, loira, engomada.

— Tona Xodó, está na zinema, me deu um tapa na nartziz! Com namorado que não conhece...

Na farmácia fechada, a sombra de Napoleão vinha, vol-tava, passava em cavalgadas, pelos frascos, pelas seringas, pelos boiões enquanto lá fora a noite brasileira dobrava sob o peso das estrelas. Um homem passou mancando, entrou no rancho dos Deadermino, veio outro... Gente acorrera de todo o cam-po. A Miguelona, de óculos, puxava a reza.

Colonos e naturais investiram na jaculatória. Uma cachorra preta atravessou no meio dos grupos. Pisou bulhentemente uma esteira entre flores de papel, cheirou.

Um antigo escravo benzeu-se vacilante nas pernas dobradas. Um homem em trapos levantou um cântico. A luz fumarenta da entrada vacilava nas sombras da voz. O velho Roque, numa capa, estava ajoelhado por detrás de Miguelona. A capa, escancarada de buracos, cobria-o até os pés cor de estrada. Ele deu a segunda voz. Outro preto, de bigodes eriçados, pôs o tom grave na ladainha.

— Ó viva Maria! Sant'Ana e São Joaquim. Ó viva mãe do céu que nos criou-ou-ou... São Pedro co'a chave co'a balância nos esperal

Pra lá da caudal, a serra subia repleta de grilos e de cobras. A noite era um funil de estrelas.

Na praça central de Santos o carro empoeirado, que Jango conduzia, estacara junto a um homem forte e bem vestido sob um chapéu desabado de palha do Chile.

— Vamos para São Paulo?

— Eu ia tomar o trem...

Rumaram para a estrada de rodagem.

— Como vai a devoluta, Anjo Leite?

— Sossegoul

— Quem matou o Pedrão?

— Quem tem boa pontaria...

O português suspirou.

— Deus só me dá desgosto... Estou quase a abrir um *rendez-vous* aqui nessa zona. Se tivesse filhas!

Passaram o Cubatão. Os primeiros degraus frondosos da serra empinavam-se. O caminho asfaltado era o velho trilho da conquista que entregara ao Europeu o planalto de Piratininga.

— O primeiro português subiu isto aqui a pé. Você vai de carro.

— Quase que não voltava nem... Seu Jango... Deram-me uma trepadal...

— A noiva?

— Não. A senhora Dona Tadeia ainda quer se casar. Apesar do genro dela ter tirado os mil contos na loteria... Ele é que não quer...

— Por quê?

— Ingratidão do mundo. Quando eles tinham todas as contas espetadas... Era eu que pagava... E o litro de graça para a família inteira. E pode crer que eu nunca tentei seduzir a senhora Dona Tadeia... E casava porque ela se parece co'a defunta... Sou viúvo ela também. Me receberam com fuguetes. Mas o raio do bilhete de Natal foi saí pro pronto do genro... Tinha um empreguinho, agora é da alta sociedade.

— E você que ficou um pronto...

— Deu-me um desgosto que até fechei a leitaria e vim pro mato. Andei lá com seu pai. E a Ciana.

— Boa farra! E a fábrica de doce?

— Fechei tudo.

O carro parou no alto da Serra do Mar, entre outros, ao lado do pouso de Paranapiacaba. A casa comemorativa erguia-se como um azulejo. Os dois homens foram tomar um aperitivo. Chegaram ao terraço panorâmico. Embaixo, abria-se o gigantesco mapa em relevo do litoral santista. Uma poeira de oxigênio envolvia em ouro aquela miniatura do próprio globo, com matas, rios, estradas de ferro, docas e navios.

No Grupo Escolar de Bartira, a professora do capote cinza fez a classe levantar-se:

— O cavalo azul levou o Idalício para o céu!

Na pedra por detrás dela, estava escrito: "O Brasil é o país mais rico do mundo. Seus cursos d'água, seus minérios, suas imensas florestas fazem dele o paraíso na terra".

### III

## A Namorada do Céu

**A**O CONTRÁRIO das cidades precocemente defloradas por onde transitavam as populações do interior para a capital, buscando nesta a camelote e os costumes fáceis, onde os grandes aracnídeos da eletrificação substituíam por apitos curtos, mecânicos, a saudade dos apitos sentimentais dos trens a carvão e lenha que fagulhavam na noite como pistolões acesos, Jurema era um fundo de saco, onde a existência se arrastava na ergologia dos primeiros moradores — a igreja, a cana-de-açúcar, o passarinho, o monjolo de água e o êxtase das pescarias sobre o rio. Mal urbanizada, terrosa e quieta, chamavam-na a Namorada do Céu. Refletia a vida da caudal, espelhando o azul transparente, entregue às estações e aos acasos econômicos. Só a maledicência a comovia e a intriga a agitava, interior e oculta como a própria vida do rio. Dos seus latifúndios emanava o

poder político e de sua igreja colonial a conformação e o milagre.

— Um negro na família! Dio me n'escante e libere! Stá mata!

— É isso mesmol — berrava a garota esquelética, fixada numa manqueira recente. — É Vale de Piratininga. Melhor que a nossa...

Aquele nome achatava os imigrantes enriquecidos na oficina de fundo de quintal, no café e na cana.

Fora lindo o casamento do mestiço briguento e entrão com a filha dos imigrantes abastados de Jurema. Num sobretudo cor de doce de leite, Lírio Rebouças, do Vale de Piratininga, aparecera expulso da Capital pelas hostes políticas vitoriosas em 30, nas ruas barrentas de Jurema.

Ao som da marcha nupcial, entre flores e pasmos, levou pelo braço musculoso aquela tábua virginal de lavar roupa, manquitolando nos véus, com um topete pálido de *clown* na cabeça e os dentes sujos saltando dos sorrisos, Ludovica Abramonte. Numa palinódia de abraços, a boa vontade local prometia-lhe conforto e prestígio. Ele queria emprego. Ser diretor da Escola de Veterinária. Disputava-lhe o passo o sobrinho caolho do Bispo de Santos — Dom Luna. Com a desgraça definitiva do PRP (Partido Republicano Paulista), vira-se preterido.

Nicolau Abramonte quisera conservar a filha mais velha e doente em casa. A segunda, andava longe com o Rocha, marido boiadeiro, o filho, único homem, estudava medicina em São Paulo e Fúlvia vivia treze anos de pés enormes no chão enorme da chácara. Ofereceu ao novo genro a parte da casa que dava sobre o largo, para que abrisse, fazendo das janelas

portas sobre a rua, a Farmácia São Galeno, com duas jarras coloridas na entrada.

De vez em quando, uma badalada de sinos. E a música sentimental. Um estouro de foguetes na manhã luminosa. Era a festa de Jurema. O 6 de agosto. De quatro em quatro anos, o Bom Jesus flagelado saía da igreja no silêncio respeitoso. Acendiam-se luzes em escada. O santo no andor tinha um esgar na barba velha, sob a coroa de espetáculo. As asas dos anjos flutuavam no meio da poeira. Padres de breviário. Gente de fitão. Bandeirolas. De todo o Brasil, em caminhão e lancha, de automóvel e a pé, de cima, das serras, de baixo, dos vales, afluíam peregrinos. Lírio de Piratininga, ladeado pelas jarras coloridas da farmácia, empinava o peito no linho do avental. — Cidade de romaria não progride. Nossa desgraça é essa igreja velha! A cabocrada gasta um ano de enxada em três dias. Depois quer fazer fiado. Até iodo fiadol E entrega a terra que tem ao japonês. O Bom Jesus ajuda!

Padre Beato passava nos óculos sob o pálio, barbeado como um Don Juan, cadavérico como um Cristo. Atrás ia um tapete de povo, colorido e imenso. Mulheres grávidas carregando os sapatos nas mãos. Vestidos azuis, cor-de-rosa, amarelos, cor de maravilha. Roupas pretas e severas.

O turco restaurava os seus processos triunfais na barraca vistosa de Salim Abara.

— Madalha. Compra madalha! Bronto!

Alfinetou no peito do caboclo um broche de tesourinha. A música ia longe, o vento do mar cortava.

— Vamo fazê nagóciol! Leva de graça! Non custa nada.

Enfiava o terço na mão desprevenida do serraçumano.

— Conhece ocê... leval Caro? Quem fabrica isso por destão? Dá duas dessa bra criança! Menos não bode. Tem bra-juízo! Capa de borracha? Tá partado? Usa ansim!

O serraçumano não podia se mexer.

— Leva esse, é bonito!

— Quaji que fedel

— Fede dia de calor. Tudo fede dia de calor.

O vento do mar cortava. A música ia longe.

— Bronto Nhonhól Cabô crise no Brasil.

Um pente vermelho ficava no bolso exterior do paletó do caixara como um enfeite.

Uma cabrocha e uma criança deslumbravam-se ante uma bexiga colorida.

— Rebenta!

— Non rebenta. Esse pode ficá dois ano!

A mulher sentia-se fascinada em todo o corpo. Queria levar o brinquedo tanto para ela como para a criança. Os olhos só viam o desejo interior. Um impulso.

— Dá aí!

O dinheiro saía socado, de dentro de um lenço imundo. Era a economia de um ano.

— Dá aí, desgraçado!

Uma senhora grávida comprou uma sombrinha de Paris.

A tripeça do fotógrafo ambulante apresentava, nas quatro faces da caixa, grupos heterogêneos, mulheres sós num jardim, devotos espantados, moças de maiô numa praia.

— Mais junto! Mais junto!

A mulher empinava-se. Os homens de chapéu na cabeça tinham os braços hirtos.

Outro grupo parava.

— Vamo tirá retrato?

— Já saiu fora, muiél!

O fotógrafo estava fora do orçamento, mas o sino tocava, influía.

— Farta o principá...

— Vamo tirá?

Atropelavam-se diante da máquina.

— Queremo tirá oiando pra igreja!

O fotógrafo orientava-se pelo sol.

— Não semo atentado pra virá as costa pra igreja!

O país do milagre. A terra livre. Apenas explorada a orla econômica da mata virgem. O japonês caçoava mostrando o

cipal: — Prantação basireral — As professoras contavam histórias de gente que vira bicho. Cantos na igreja. Milagres na terra. País do cavalo azul. O padre italiano, que tinha um bar, pregava depois da comunhão: — Agora os meus caríssimos irmãos, pode ir comê a sua sanduichinha e tomá quem uma gasosa, quem uma guaraná, quem uma cerveja geladinha... — Havia subido de posto. Era Monsenhor Palude na capital. O rádio de repente abria-se em marchas militares. São Paulo. Uma devota dizia cheia de horror: — Se os comunista vié aqui, arromba o cofre, credol — O cofre tinha quatorze metros de fundura, todo o tamanho do altar-mor. Enchia-se. O país do espanto. Tudo possível. Os rios e as matas exaltavam a imaginação. As mulheres contavam histórias de velas viajantes. — Vem pelo mar. Até carta vem!

— Tô vendo o milagre!

A pérola da tarde abria-se nas aberturas do mato cheio. As estrelas caíam verticalmente sobre Jurema.

Nicolau Abramonte, a barriga sacudindo no colete de berloques, andava de chapéu na cabeça dentro de casa. Comia finóquio e blasfemava. Nas oficinas nascentes, como no campo antigo donde viera, explorava até os ossos os parentes pobres, os compadres, o próximo em geral.

Era inimigo da sociedade.

— Non gosto de posa!

Tinha um retrato de Mussolini e uma ceia de Cristo na sala de jantar e admirava vagamente a Rússia soviética.

Afirmava cuspiendo:

— Sempre fui socialista, putana la madona!

E como socialista, apresentou-se em Jurema a sua candidatura a Prefeito, cargo que vagava desde as transformações políticas de 30. — O Nicolauzinho? — diziam. — Ninguém sabe cortá um porco como ele!

— Senhor Prefeito! — saudavam.

A mão gorda parava no ar. Num sorriso modesto o italiano baixote respondia:

— Imperfeito, imperfeito . . .

A cada filha que D. Filomena punha no mundo, comentava:

— Ista fessa foi saíre molhere!

Era a única contrariedade que o tinha surpreendido na pátria adotiva. Quando com os pais saíra pequeno de um porto da Itália meridional, prospectos anunciavam que, na nova Canaã, davam logo à chegada vacas leiteiras, porcas com cria, cavalos e burros para o amanhã da terra. Não fora exatamente no começo. Mas tudo viera.

Os espanhóis, atirados dos portos de Málaga, e Almería para os porões onde ele estava, cantavam nas guitarras:

*“Mijares de familias  
Se van a Buenos Aires  
Porque non tienen en su pátria  
Quien los ampare!”*

Isso acentuava a opinião geral de que iam todos, italianos e espanhóis, para Buenos-Aires.

Um dia, os imigrantes aglomerados na amurada da proa chegavam à fedentina quente de um porto, num silêncio de mato e de febre amarela. Santos. — É aqui! Buenos Aires é aqui! — Tinham trocado o rótulo das bagagens. Desciam em fila. Faziam as suas necessidades nos trens de animais onde iam. Jogavam-nos num pavilhão comum em São Paulo. — Buenos Aires é aqui! — Amontoados com trouxas, sanfonas e baús, num carro de bois, que pretos guiavam através do mato, por estradas esburacadas, chegavam uma tarde às senzalas donde acabava de sair o braço escravo. Formavam militarmente nas madrugadas do terreiro, homens e mulheres, ante feitores de espingarda ao ombro. Idílio Moscovão era moço, e olhava as colunas frescas descidas dos barcos da Europa.

— Toca pro cafezall Esse talhão é seu, esse é seu. Anda cachorrada!

Não sabiam falar a língua de Buenos Aires, mas pegavam na enxada e começavam a trabalhar.

Comprou um sítio. Café. Plantou cana. Fez álcool e pinga. Comerciou. A cidade veio. E os filhos. E os negócios ousados. E aquela primeira máquina roncadeira na oficina rústica. De explorado passou a explorador. Tinha um representante em Bartira. O turco Salim Abara. D. Filomena, de cabelos pretos repartidos ao meio, engordara. Andava pela casa, dentro de uma capa de borracha de Nicolau, dizendo:

— Porca la pipal

Mas aprendera afinal a língua de Buenos Aires.

— Olha que limpeza que você fiz debaixo da cadera, tiçon!

Zangava, varrendo outra vez, perseguindo a pretinha Esmeralda. A italiana era a alma doméstica e tutelar da família. Cozinha e lavadouro; quintal e berçário, a tudo presidia a sua atividade muscular e vigilante. Lá fora não punha os pés. Seu mundo terminava na esquina. Somente as missas da madrugada a viam no xale preto dos domingos.

Os primeiros crentes nipônicos tinham começado a aparecer no templo cristão, com a notícia do guarda-sol de forma oriental que resguardava o sacerdote, condutor do Santíssimo, como no Japão o Imperador. O bonzo budista de Porto Litoral tinha querido impedir e protestar. Mas o negociante Muraoka repetira as palavras de um educador amarelo: — A religião é como o chá. Tem verde, tem preto, mas Deus está sempre a serviço de S. Majestade o Imperador.

Um cachorro grande e mole, manchado de café-com-leite, assistia habitualmente ao terço, espaçado na passadeira central

da Igreja. No fim da ladainha, Padre José Beato cantava como o grande Anchieta, fundador do teatro brasileiro. Adorava a música. E, como na missa, na novena e na bênção calcava no acento tônico. Vocalizava um solo untuoso em louvor do Bom Jesus. A sua voz desagradável e efeminada voluteava sem nenhum pudor pelas abóbadas caiadas do templo. Cessava de repente o canto espantoso. Padre Beato levantava-se seguido do sacristão para buscar nos mistérios da sacristia a Santa Custódia. Surgia o guarda-sol que o homem gordo de opa mantinha sobre a cabeça ereta do sacerdote. Ante o altar, no meio do incenso, o padre despia-se, vestia-se como um transformista. Aproximava-se a hora suprema da bênção. O sino do alto da torre badalava, anunciando a presença pessoal de Deus em Jurema.

Perante a massa curvada de fiéis, o padre cresceu, demorou os gestos em cruz, a Custódia alta como um canhão de bombardeio. Homens e mulheres dobravam-se de joelhos, ante tanta fumaça e tanto silêncio. A campainha ressoou como o tambor nas horas perigosas do circo. Deus executava o Salto da Morte.

A procissão ia na direção da igreja. Uma fieira de meninos sujos e descalços apareceu caminhando em torno de um estandarte minúsculo que um caipira carregava. Crianças feridentas e trôpegas sonambulavam como se viessem para um concurso de subalimentação e de doença. Desenrolavam-se em seguida teorias de meninas, iguais e obedientes, num uniforme de orfanato. Debaixo do pálio, Padre José Beato passou rijo, hostil, mostrando o cordão da ceroula. Cercavam-no encaveirados irmãos do Santíssimo, em opa carmesim. Vinha atrás uma turba de remendados, rotos e descalços. Roupas arlequinais de miséria, caras encovadas de fome, olhares brilhantes de loucura. Eram os batalhões de Deus que o sacerdote conduzia. Vozes oscilaram. E a malta tangida de flagelados cantou. Foi quando Lírio percebeu, fugindo para dentro da farmácia, que, no gru-

po que finalizava o cortejo, sua mulher berrava mancando e batendo compasso com a mão.

— É mentiral Não caçoei da procissão. Não. Fiquei com vergonha. Onde já se viu você se exhibir no meio de alienados?

A pretinha Esmeralda mexia na cozinha, areava as panelas. De repente o farmacêutico percebeu a ausência da gaiola nova que comprara no mercado com um passarinho.

— Quedê o azulão?

Ludovica replicou, os dentes saltando da boca salivosa:

— Aqui não é museu de bicho!

— O azulão era meu, tinha que ficar aqui.

— Pois eu vendi e está muito bem vendido. Não quero passarinho aqui. Deus fez passarinho para andar solto no ar.

— Pois eu vou comprar dois pixoxós e uma araponga. Será possível Só o divórcio! Terra desgraçada que não tem divórcio. Eu sou um sacrificado! Só no Brasil e no Congo que não tem divórcio!

Fechou-se na saleta do escritório onde se isolava de janela aberta para ler e escrever os artigos do jornal. Continuava sua campanha tenaz contra o japonês. Releu uma tira que deixara sobre a escrivaninha.

“Sem amparo, endividado e desmoralizado, o caboclo tem que alugar o braço ao amarelo.”

Ludovica rebentou na porta:

— Si você comprar mais bicho, eu digo pro meu pai fazer uma lei que não pôde ter jardim zoológico em casa.

A Farmácia São Galeno ficava repleta de maleitosos.

O mosquito palustre esperava o sono para picar. Aquela população de trincheira recebia a sua contribuição de cada ano.

— Já começô a peste.

— Tem um cabrocro doente!

— Tá dano por lá!

E lá ia a febre de casebre em casebre produzindo, às vezes em três dias, o coma palúdico.

— Do calô! Morre mermol!

O farmacêutico Piratininga, no avental branco, decidia:

— É ultragastroenterite, já disse!

O Prefeito gostava era de finóquio e salada.

— Mi dá capim!

Mas, diante das macarronadas vermelhas e fumegantes que o farmacêutico Piratininga introduzira nos seus cardápios de Casa Grande, sobre os quais, aliás, Nicolauzinho deitava sempre um olho policial — a velha fome do colono se acendia. Atrás de Lírio, ia na galinha de molho pardo, na torta e no peru dos aniversários. Dizia que engordava e dava o estrilo com D. Filomena por causa da despesa:

— Mi dá capim! Tudos dia!

A cozinheira negra tinha os cabelos espantados, os dentes em cacos e a cor do borralho do fogão.

Lírio saudava com beijos as galinhas estranguladas que ela trazia do quintal.

— Oi, dois quilol!

Nicolau Abramonte saía da cozinha guloso, blasfemando pela casa.

— Mi dá capim! Só capim! Sinó engordo!

A manqueira trouxera-lhe um complexo de inferioridade tão grande que a deixara neurastênica. Ludovica não implicava somente com o marido, no qual tinha confiança cega. Perseguiu Fúlvia e beliscava Esmeralda.

— Onde está a chave do armário, sua tratante? Negrinhal!

A criança respondia espaçadamente:

— A Fúlvia que abriu pa tirá pé-de-moleque.

— Diga Dona Fúlvia!

Saía pé aqui, pé lá, atrás da irmã. Voltava em estado de choque.

— Parece uma cabral! Está trepada em cima da jabotica-beiral Não tem vergonha! Passa gente e vê. Com essa idade! Uma moça mostrando as pernas!

Aquele catolicismo de Ludovica Abramonte começara com a operação da perna. Primeiro apareceu uma espécie de reumatismo. A menina de doze anos não podia andar. O médico local não deu solução ao caso. O pai levou-a a Porto Litoral, depois a Santos. Com um ano de tratamento, a perna direita definhara. Foi preciso operá-la em São Paulo. D. Filomena agitou-se, saiu em lágrimas de sua remansosa gordura, fez promessa, deu esmolas. Da Casa de Saúde Matarazzo a menina saiu manca e a família católica.

Em Ludovica, porém, a vizinhança da adolescência fora coroada pela prosperidade do industrial que nascia do plantador de cana e de café. Tinham-se mudado de casa. Morava agora no bairro alto de Jurema, onde as residências aristocráticas e quietas se alinhavam entre palmeiras e jardins. Apenas a dele era sobre a rua, achatada e irregular, dando uma parte para o largo. Aí Lírio estabelecera depois sua moradia e negócio.

A senhora do promotor interpelara a menina doente uma tarde: — Você ainda não fez a primeira comunhão? Com esse tamanho! — Foi Filha de Maria, adoradora do Sagrado Coração, zeladora da capela do Santíssimo e professora de catecismo dos meninos japoneses convertidos pelos pais. Quando surgiu em Jurema, aquele bode sensacional que ninguém considerava preto, pois era descendente dos imperiais Rebouças — a família de cor que se impusera pelo seu saber e pelos seus serviços ao reinado de Pedro II —, o seu coração de dezoito anos palpitou sonhadoramente. Lírio era um produto lateral da fortuna agrária. Fora educado por três solteironas centenárias que viviam da renda de apólices num casarão da Rua Vitória, em São Paulo. A fortuna das “três meninas” passaria intacta para o fula magnífico, constava. Os Abramonte não se sentiam diminuídos naquela aliança com um ramo espúrio da Casa

Grande. No seu brasão poder-se-iam inscrever um pé de café e uma carroça de fazenda. Lírio de Piratininga era recebido na sociedade local, freqüentava o Clube, o Juiz, o Promotor e a pensão da Maria Vermelha. Vinha do jornalismo militante da Capital e aí participara das agitações que precederam a derrocada do PRP. Escrevera artigos políticos e chegara a fazer versos que recitava um pouco trêmulo. O seu definido ateísmo não fora suficiente para embargar o casamento, na Matriz, com música, *corbeilles* rústicas, damas de honra e sermão.

— Cumé? Não deixa ela gorda? — perguntava o prefeito.

Lírio, em vez de conseguir progênie anunciada à família italiana, aproveitava-se da nova situação para cair na leitura. Continuava a escrever artigos contra os japoneses que constituíam o problema da região. Mandava-os para a *Voz de Jurema* e tentava publicá-los em São Paulo e no Rio. Um professor alemão, gordo e careca, da Escola de Veterinária, pôs à sua disposição uma misturada biblioteca onde havia anarquistas franceses e russos, Goethe, o futurista italiano Marinetti, Proudhon e um volume resumido d'O *Capital* de Karl Marx. Com eles fazia roda o Godói, o poeta Godói, uma caveira gloriosa da literatura nacional que, depois de um desquite, se refugiara para morrer na casa de parentes antigos em Jurema. Saíam para a praça discutindo o mundo, para fazer a digestão sob as árvores. O resto do dia Lírio trabalhava, o professor lecionava e o Godói passava no quarto que dava para a rua, sentado na cama larga e vazia, o chapéu na cabeça, o bico pensativo.

O novo vigário vinha encontrar uma tradição de esquecimento e decadência dos deveres religiosos dos próprios padres naquele sertão triste e guapo. Tentou primeiro um raide evangélico. Procurou sozinho, como Anchieta, embrenhar-se no sertão litorâneo. Atingira, uma tarde, um aldeamento de índios a cem quilômetros de Cananéia e a cinquenta de Jurema. Mas o capitão recebera-o entre índias vestidas de chita das Casas Per-

nambucanas. Ele mesmo estava de palheta e calça branca e perguntou-lhe se podia dar um jeito de comprar a prestação uma boa máquina Singer, nova, de costura. A indolência, o alcoolismo e a doença venérea completavam a paisagem sacrílega da colonização.

Voltou a acomodar-se em Jurema onde queria desmanchar a impressão deixada pelos sacerdotes que o haviam precedido.

Enquanto o padre italiano só cuidava de enriquecer, tomando parte em negócios de caxeta e arroz e montando bar no largo da Matriz, outro, o sertanejo Basílio, tinha sido o escândalo pitoresco e facinoroso da região. Tratava mais de saber onde havia minas de ouro e diamantes do que de rezar.

Por ocasião da primeira visita pastoral de Dom Luna, bispo de Santos, que fora raspar pelas montanhas e valados os últimos tostões dos serraçumanos e dos “beira-corgo”, Padre Basílio não se pejou ante o velho casarão do hotel, onde se hospedara o prelado, de fazer em pessoa uma serenata de violão que se prolongou pela noite adentro, terminando na *Brasserie Litoral* com frango e vinhaça. Suas lutas contra a heresia tinham o aspecto de justas medievais. Tendo namorado a mulher de um negociante, este peitou um sertanejo para que abatesse o sacerdote gigantesco no próprio ato da missa. O tiro falhou o alvo. E Padre Basílio, voando para detrás do altar, voltou de carabina em punho, ante a igreja alvoroçada na perseguição do bandido. Dizia para quem quisesse ouvir: — O meu Anjo da Guarda é este 38! — Fazia saltar do bolso da batina a massa de uma pistola de precisão. Tantas fez e tantas arranjou, bebendo pinga no próprio cálice consagrado, tomando parte em desafios, cateretês e sururus que um dia veio da arquidiocese a sua suspensão de ordens. Jogou fora a batina e partiu para os garimpos de Mato Grosso.

— Aqui só achei ouro na boca das professoras!

O pastoreio das almas desanimadas de Jurema ficara então entregue à agiotagem de Padre Palude. Em Porto Litoral, ele oficiava às pressas, na hora da passagem do trem de Bartira, indagando do sacristão, durante a missa, de seus negócios e afazeres, se tinha vendido a caxeta, cobrado o madeireiro. Se uma família molambenta e descorada aparecesse na sacristia pedindo o batismo de uma criança do sertão, ele berrava trocando as vestes.

— Deus qu'ajude! Deus qu'ajude! Tá batizada, cristiano! — Corria para o comboio sertanejo que apitava. Comunhão dava pouca e apressada. Contava-se que, certa vez, como visse a hóstia ameaçada pela fome das mãos duma criança de dois anos que berrava no colo da mãe comungante, dissera — Nó, Nó, é títica!

A crônica de Padre Basílio e a tradição avarenta de Padre Palude tinham aberto um caminho perfumado para a vinda do moço José Beato, que prometia seguir naquelas paragens de tristeza e de mar as pegadas de Anchieta. Ninguém sabia que ele era o produto do incesto paterno e do salitre do Seminário.

As relações do novo vigário com o provedor da Santa Casa, o Prefeito Abramonte e sua família, deveram-se a um incidente provocado com as freiras. Ele tivera uma entrada de leão na cidade morta entre latifúndios. Baldeara, logo em alguns meses de missão alucinada, duas meninas das melhores famílias para um convento em São Paulo. Entre elas uma filha do capitalista Merelão, que de raiva suspendeu o miserável subsídio que dava à enfermaria desgraçada de Jurema. As freiras reclamavam acusando o sacerdote de falta de diplomacia. Ele voltou-se contra elas. Retirou o Santíssimo da capela. Aquela casa ficou sem Deus, a caridade sem alimento. Parecia que a maldição se abatera sobre a enfermaria onde o vento gemia mais temeroso nas árvores da entrada. As freiras tonteavam pelos corredores. Esperava-se um cataclisma. Os doentes nem mais gemiam, como se temessem a aproximação do inferno. Foi quando se pediu a intervenção do provedor.

Na sacristia, o Prefeito Abramonte deu toda razão ao padre e assim conseguiu que fosse restituída a graça à Santa Casa desarvorada. Ao jantar disse:

— Padrinho besta. Pensa que manda em cima do Santíssimo. Putana la madona!

Ludovica levantou-se da mesa escandalizada.

— Credol!

Lírio largou o pescoço de frango que chupava para aprovar com sua risada monumental de tímpano.

José Beato começara no Seminário com aquela amizade particular pelo Antônio Pinto. Amável, alegre, terno. Surgiu a visão do erotismo. Treze anos. Transferira então na música. Não tinha voz. Cantava mal, porém aqueles berros de cabra acompanhados do órgão glorificavam o Senhor. Vinte anos. Saiu padre. Levava três *slogans* de Deus: Amor Eterno, Justiça Perfeita e Caridade Ampla. Encontrara Monsenhor Palude. Encontrara os Abramonte. Encontrara o Major Dinamérico Klag. Gente de primeira ordem.

Palmas freqüentes se ouviam no corredor da entrada da casa do prefeito.

— Padre Beato está aí!

Lírio abandonava o café-com-leite, saía para a farmácia, levando no bolso do avental um pedaço de bolo.

Primeiro as valsas estouradas no piano encheram longas horas a rua terrosa ou lamacenta. Depois foi aquela invenção diabólica — a voz. Abramonte, Prefeito socialista, consentiu que a filha casada estudasse com a professora italiana de Porto Litoral.

Estalidos da garganta enchem a sala:

— Cá-cá-cá-cá-cá-cá-cá-cá-á...

A voz de Ludovica resolvia-se em escalas nítidas, perfurava o silêncio da farmácia.

— Ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha...

Lírio reclamava:

— Você acorda o gato, dá febre nos empaludados! Estou aplicando uma injeção numa velha, fazendo uma pequena operação numa criança e você não pára!

— Passarinho pode cantar!

- Você não é nem corrufal
- Sáia para a rua com aquilo grudado nos ouvidos como cera.
- Vou requerer divórcio...

Na farmácia vazia, o ajudante espigado sentava-se no banco e olhava as jarras coloridas.

- Parece lobisomem!

A soprano ensaiava em casa, ensaiava na igreja.

Na noite conjugal, afirmava tirando as meias:

- Um dia hei de cantar ópera!

- Boa noite Seu Nenê!

A redação d'A *Voz de Jurema* tinha duas salas. Na primeira um homem grande lia um jornal, sentado à mesa. Na outra ficava a tipografia. Um operário, de cigarro na boca, compunha ante a caixa de tipos. Um tapa-olhos estorvante defendia-o contra a fraca lâmpada que pendia de um fio triste.

- Lírio, preciso de umas injeções de Tonofosfã.

Era o troco que o homem do jornal exigia pelo espaço concedido aos artigos rompantes do mulato.

- Tem notícias?

- Não — bocejava Seu Nenê.

- Foi debelada a greve...

- O quê?

- A greve dos Estados Unidos...

Lírio prosseguia alarmista:

- Este mundo de hoje!... não sei...

Silêncio do outro que parecia interessar-se cada vez mais pela leitura.

- Que jornal é esse?

- A *Voz*...

Aquela pelo menos era uma voz quieta.

- Em Belo Horizonte também houve uma greve.

Perguntava pela greve em Cuba, em Bruxelas, em Cingapura. Ouvira pelo rádio na *Brasserie*...

O diretor nem respondia.

— Há uma tremenda crise na Alemanha.

— Quall

O farmacêutico desejava que caísse chuva de fogo e aço sobre a displicência de Jurema.

— Se houver uma guerra quero ver!

— Não há.

Ameaçava:

— Se vier o comunismo!

— Não vem!

Era Seu Nenê quem se levantava, bocejando pelo corpo inteiro. Dava-lhe a mão ossuda e enorme.

— Vou descansar.

Na cidade medíocre, uma ausência de vida encostava gente nas portas, unia os poucos estudantes no jardim folhudo. O sol esturricava a terra avermelhada das ruas. Crianças esfomeadas pelos pais, mulheres batidas pelos maridos bêbados. Deflorações de amor na sombra dos cafezais. O prefeito na calçada — Imperfeito! Imperfeito!

No meio da noite batiam imprudentemente à janela do quarto do boticário.

— Injeção.

O mestiço suava devotado entre os destemperos das crianças, as câimbras das mulheres, largadas nos sítios distantes e inóspitos; corria entre as cólicas, os vômitos e as fezes. Os médicos o chamavam “Lírio de Hipócrates”. A mulher “lírio de hipocrisia”.

O Godói, sucessor remoto de Fagundes Varela, o visitava diariamente na Farmácia. Lírio animava-o a sair daquela sepultura de Jurema:

— Você devia voltar para a Capital. Publicar o seu livro de versos!

— Quall

— Você é grande!

— Quall!

— Você é grande como Paulo Eiró! Só que não é compreendido.

Agora, nove pintassilgos barulhavam na botica matinal.

— Não quero que você freqüente aquele antrol

De pé, a tábua do peito rasa e levantada, Ludovica tomava um ar excomungante para falar do jornal.

Lírio revidava:

— Vou fazer uma campanha em prol do negro.

— O que que o negro te dá?

— É da minha raça.

— É do branco que você vive. Preto não paga remédio...

— Não tem dinheiro.

— O branco é que te dá o pão de cada dia.

Ele saía casmurro, muitas vezes andando na direção dos ocasos, um choro convulso tomava conta de seu peito forte. Ia encontrar o Godói que dormia na cama, sentado, o chapéu na cabeça.

— Papai, o senhor deve mandar fechar o jornal porque o diretor é ateu.

— Ele non si incomoda de nada! Qué só dinheiro.

— O padre me disse que são todos maçons.

— Se tiro a ocupação deles... Deus te livre.

— Que morram de fome...

— Cai tudo em cima do Prefeito. Não chega as briga que eu tenho? E tê di dá emprego? Um pra destampá a litrina, otro pra puxá a descarga, otro pra chera... .

Na farmácia barulhavam os pintassilgos. Nas tardes de passeio, Lírio falava ao professor de Veterinária... .

— Cidade pequena é isto. Esmaga a gente. É o padre, o confessorário. A metralhadora das comadres... .

Lestas, cozinheiras, lavadeiras. Em torno dele a maledicência crescia sutil como o vento que ramalhava na praça.

— Você já visitou o Padre Beato?

— É a cara de Rodolfo Valentino. Dizem que ele dorme de óculos, guarda-chuva e chapéu... .

— Tem covinha... é lindo... perfumado!

— Perfumado é... o confessorário estava recendendo a loção de barbeiro.

— A hóstia dele é *Narcisse Vert!*

— Sabe? O farmacêutico não quer que Dona Ludovica cante na igreja. Que horror! Coitada de Dona Ludovica!

O grupo de professoras estava tomando sorvete de copinho na *Brasserie Litoral* quando o mulato, enfunado no sobretudo cor de doce de leite, passou em companhia do professor. Voltaram-lhe as costas.

— Vou amanhã a São Paulo. Lá sim eu tenho ambiente. A turma é boa. Sou compreendido. Depois, tenho um caso antigo... .

Daquele ser desgracioso e avaro brotava a vida. D. Filomena inutilmente protestava contra os gastos com a professora, as músicas, o piano novo.

— Pensa que nós ganhemo dinheiro ficando ansim?

Cruzava os braços gordos no vestido preto sobre as chinelas folgadas.

Inutilmente o prefeito ribombava:

— Pra voçeis tudo é facir; dinheiro cai do céu...

Na casa do Juiz, do Promotor, do Delegado, do Nico do Cartório soube-se que D. Ludovica ia cantar a Ave-Maria na grande missa da festa de Jurema.

— Este ano não sei se canto. No ano que vem, se Deus quiser!

Os dentes descarnavam-se nas gengivas descoradas. Um riso de falsete tirava sons da garganta como se estivesse já nos êxtases da música. Dizia ao padre:

— Perto de gente eu fico tão nervosa...

— O bom Deus há de ajudá-la!

Na casa do Juiz, do Promotor, do Delegado, do Nico do Cartório, soube-se que D. Ludovica cantaria também o *Bendito louvado seja!*

— Se tiver tempo de ensaiar...

As brigas com Fúlvia aumentavam. Sete anos de diferença de idade. Uns beijos caídos de chupar, uns olhos de matar, o corpo precoce criado nos mimos da riqueza nova. Vivendo nas árvores. Gritando nas portas, tocando as campainhas e correndo.

— Você é uma desordeira!

— Gata seca!

— Menina, tem vergonha.

— Você não tem vergonha de namorar...

Fúlvia ia dizer “o padre”. Mas conteve-se, os grandes olhos mudos na irmã.

Do fundo de sua clorose um prenúncio de rubor acendeu as faces ósseas. Ludovica abriu a dentuça.

— Se eu quisesse... mas meu namorado é o céu!

— Me dá um nervoso!

— O Bom Jesus há de ajudá-la... Ele quer ouvir na sua festa a melhor soprano ligeiro de Jurema. . .

A existência era árida como o deserto de Sinai. Mas a voz de Ludovica enchia a rua terrosa... a voz de Ludovica enchia a rua lodosa...

O mundo era aquele açougue monstruoso, aquela desconsolada planície! Mas a voz de Ludovica significava descanso e sombra. Ele nada esperava e nada queria da mulher...

Antes de ouvi-la Padre Beato tocara o fundo da matéria. A mulher fora o muro contra o qual estacara a sua vontade de conhecer. A mulher era um animal e mais nada. Nada mais que uma cabra ou uma gata. Daí viera o seu recuo ascético, e seu horror à fêmea, ao corpo, à criação, o seu asco a todo fluido seminal, e o caminho delirante do espírito. O Seminário, a deformação pela comida mortificadora, o homem que passa a não saber ser mais nada. Toda curiosidade fora dirigida para o espírito. Fora o mundo, os atropelos, e as festas. Lá dentro a sacristia o apaziguava. Quisera ser padre para limpar-se do pecado da criação.

Daquela cena primeva de caverna, em que o pai subjugara a irmã menor, sobrava um imenso cheiro de excremento. Esse sinal fétido o acompanhava até na missa.

De modo que não era senão insinuação sórdida do Demônio o sentimento de culpa que o deixava inquieto nas noites solitárias de oração e exame de consciência, e que mesmo às vezes o assaltava no pleno rendimento do officio divino. Não podia haver sombra de romance ou resquício de pecado naque-

les apertos repentinos de mão, naquelas adesões de olhar. Só havia vontade de servir o Senhor na mudez dos encontros rápidos que tinham na sacristia ou no coro quando iam ensaiar a glória das aleluias.

No entanto, Padre Beato andava oprimido e nervoso. Cantava à-toa velhas desafinações. Compunha pequenas melodias místicas. Passou a ter excessos de gentileza na pensão de D. Maricota às refeições. E de repente, onde estivesse, na sacristia, na rua, no quarto e no próprio altar um nome acendia e apagava como um enorme e fatídico cartaz luminoso: " L U D O V I C A " .

Justamente para que não houvesse equívoco da carne, ele dera as suas atenções à cantora que se formara num ser desgracioso, aleijado e distante. Pela situação legal, Ludovica era mais que respeitável se bem que seu marido fosse um pedreiro-livre. Deus que se apiedasse de sua sorte! Mas que era a religião do Cristo senão milagre? Tudo nela era transubstanciação. Sim! Daquela semente podre da vida, saíam cânticos. Aquele ramo podado por ele daria frutos para a glória do Senhor. Bem unido ao cepo.

Era melhor deixar de vê-la. Passaria a telefonar.

O coro estava vazio e escuro.

Um sopro do harmônio afásico, outro, mais outro. Padre Beato pedalava. Junto, Ludovica diáfana. A música fungava soluçando, afinal. E a voz esclarecia a igreja deserta e antiga.

— *Ave-Maria, gratiae plenae*

Depois, os passinhos miúdos de toda uma orquestra de querubins sustentando a voz que chorava.

Embaixo, na nave, Tita Deadermino, de pé no chão, olhava o altar apagado.

Ludovica estava nos mais melódiosos cá-cá-cá-cá... ao piano, quando um papel escuro e dobradinho caiu do bolso do avental do farmacêutico, agachado em frente à estante.

— Você não viu onde eu pus *A Relíquia*, de Eça de Queirós?

Ela estacara, as mãos no teclado, os olhos nele.

— Não.

— Diabo! Não se acha mais nada nesta casa.

Saiu. O papel ficara no chão.

O piano deixou de ressoar. O canto também. Ludovica fechara-se no banheiro para receber a punhalada.

Releu:

“Talvez essa missiva o encontre sempre o mesmo. Quando de novo satisfarei o desejo de segurar as suas mãos amigas e carinhosas e mergulhar nos seus olhos minh’alma desencorajada?! Não fosse uma pobre mulher!

Minervina”

Fúlvia comentava:

— Amarrou o burro! Que culpa eu tenho?

Estava cadavérica. Estava jogada num sofá. Estava de cama. Estava esperando a morte.

Nicolau Abramonte, sem paletó, o chapéu na cabeça, estourou:

— Eu me fiz do nada. Ele é inhorante! Non sabe como se fabrica banha. Diga pra ele dizê como se põe uma parmília no zapato!

A barriga sacudia no colete de berloques, o chapéu enterrado:

— Farmácia! É só água de tornera, um pouco de açúcar e tinta! Se non é veneno puro!

Ela esperava a morte. Ao lado, D. Filomena dava razão aos seus soluços. — É marido! — Justificava. — Home é home! — Sugeria. — Decerto dero alguma cosa prele bebê!

— A carta é de um médico casado. Eu não conto o nome por causa do segredo profissional.

O vestido que definhava na cadeira de balanço decidiu:

— Não tem desculpa, não tem desculpa!

Depois daquele forrobodó às cinco da manhã, Lírio mudara de quarto. Dormia só no divã do laboratório. A sogra contava à lavadeira interessada:

— Queria pigá ela pro piscoço. Disaforol!

Ludovica deixara o canto, a igreja e o pente que armava o topete. Fora inútil a intervenção do vigário. Era o seu demônio conjugal que desejava e amava. Por ele ardia de ciúmes. Havia de saber quem era a outra. O vigário podia chamá-la até de cínica...

Padre Beato visitava sóbrio os Abramonte. Mobilizava todas as Filhas de Maria das relações da cantora. Viam-no por toda a parte, de óculos, chapéu e guarda-chuva.

— Viu que aconteceu à Dona Ludovica? Coitada! Uma mulher não pode passar por certas coisas. Credo! Não quero atiçar... Deus me livre. É preciso ela entregar-se a Deus. A ele é que se deve recorrer nessas ocasiões. Coitada!

Era uma caveira soluçante nas sombras do confessionário.

— Aquela carta estragou completamente a minha vida...

— Não! Minha filha! Jesus a chama para seu serviço. Ele precisa de querubins terrenos que cantem os seus ofícios. Quem canta não é desta terra, é anjo! E os anjos não podem conviver com o Demônio!

Fazia tudo para distrair-se, esquecer. Mas nas noites pálidas passava o marido, perdido para sempre. Era ele que o seu ser desgracioso desejava, o africano de voz rouca e pelos compridos. Fora ele quem a tornara mulher.

José Beato latejava nos lençóis solteiros.

Na noite vocacional, o padre ouvia a voz de soprano cantar: — *Quo vadis domine?* — Um calor o agarrava na treva. O sacerdote virava inquieto no catre, assombrado de sono. O suor molhava os lençóis solteiros. A imagem demoníaca voltava. Era a mulher, inimiga da igreja. Do silêncio levantou-se um vento na escuridão e o teto da casa tremeu como uma floresta agitada. Na ventania tremenda a voz gritava: — Eu caio! — E confundia-se com o barulho encrespado dos ramos no telhado. A própria casa ameaçava ruir empolgada pelas mãos da extrema tempestade. Estava de borco, o rosto enterrado no leito. Uma garra possante o retinha assim. O coração pulsava regular. — Eu caio! — Um estalido de galhos e o barulho seco de fruto que desaba no chão. — Eu caio! — Outro fruto rachouse no solo. Era uma tibia: — Eu caio! — O tronco! A cabeça! O vento acendia a casa escura. Portas batiam longe. Um milhão de esqueletos em vestidos diáfanos cantavam hosanas. Galos traziam o amanhecer com os pássaros que silvavam nos arvores e nas cumeeiras.

Saiu escornado para celebrar o ofício divino. No portão esbarrou com a velha Deadermino, no xale roto, pés no chão, inchados e grossos.

— Reze por mim! Reze por mim, Nhá Tita!

Sinos bimbahavam a vitória do Senhor. Ludovica comunicara chorando na missa do domingo. Ia voltar aos ensaios do

coro. Estava pura de todo pecado da carne, de todo desejo imundo. Como um gavião espiritual, Padre José Beato levantara nas garras apostólicas o pelego canoro.

— Amanhã bem cedo, Dona Ludovica, no coro!

Enrubeceu..

— Vou lhe dar para ensaiar uma composição nova... é minha. Não vale nada sinão pela intenção.

Ela sorriu salivosamente:

— Deve ser linda...

O desânimo caía na farmácia com a noite de chuva lá fora. Lírio de Piratininga sozinho contava as caixas de injeção.

— Boa noite. Tem escova de dente?

— Não, na venda tem.

Para que tanto esforço, para que tanta camuflagem? Sua vida havia de ser lamacenta como a noite chuvosa lá fora. Era um negro. No entanto uma energia brotava não sabia de que fundo de estratificações ancestrais... Seu caminho em Jurema estava trancado... Ergueria a luva de desprezo atirada pela família branca. Os negros tinham derrubado matas, aberto estradas, construído currais e fazendas para serem entregues na terra feita ao imigrante. Os negros pereciam de frio e de fome. Um soluço veio, engrossou o peito solitário.

— Ingratos!

Saiu. Foi visitar o Godói. A casa estava fechada.

A manhã, penetrando em varas de fogo pelas rachaduras da velha janela, pôs uma onda de otimismo no peito do macho que dominava a mulher. Permaneceu imóvel sobre ela, auscultando o silêncio da hora. Ludovica compôs-se, voltouse para o canto. As primeiras conversas do burgo madrugavam

na rua. Um cacarejar de crianças estourou sob a janela. E a animação para a luta voltou, essa animação que volta como o esperma, fatal e boa, favorável e ativa. O mulato olhou a esposa que empalidecia na penumbra como uma barata descascada. Na distância a oficina mecânica de Nicolau Abramonte abriu o seu trabalho diário. Um motor fungava. A circular estridente assustou o céu cheio de passarinhos.

Mas os sogros não concordavam mais.

Ele ouvira nitidamente, através do tabique da farmácia, o prefeito gritar:

— Toma o divogado e bota para fora esse moleque. Io pago a despesal

E sentiu que estava despedado da casa. Sem aqueles cuidados de D. Filomena. O arroz-doce e os cabritos itálicos. Nunca mais lhe ofereceriam bolo nem pão-de-minuto. Fora-se aquele gosto inicial pela comida, pelas festas de aniversário e de fim de ano. Aliás a guerra de religião desenhava-se nítida e sem tréguas. O socialista Nicolau arvorava o estandarte de Cristo para massacrar o infiel:

— Mi vô comungál

Depois de muito cochicho de Ludovica com D. Filomena, suprimiram a manteiga no café matinal. Agora o queijo de Minas deixou de aparecer... Vinha só o parmesão ralado num pires para o brodo aquoso que ele destestava. Depois foi a própria sobremesa — os doces de abóbora, a batata, as bananas de São Tomé assadas que ele gostava de melecar com manteiga no açúcar. Lírio Rebouças de Piratininga sentiu n'alma o desamparo e o frio. Estava tudo acabado. Nada podia atingir tanto a sua concepção da família.

— Diabo de sabotage!

— Esse negócio de cinema, de beijos e abraços é que perde o mundo. Foi o comunismo que inventou o cinema. Porque o

comunismo é a destruição das famílias e o Demônio se utiliza de todos os meios para infelicitar as criaturas de Deus.

Padre Beato falava para um grupo de senhoras da sociedade, na sacristia espaçosa. A mulher do juiz perguntou:

— Seu vigário, que se deve fazer quando pessoas da família estão trilhando o mau caminho devido às más leituras?

— Procurar convencê-las de seu erro.

— E quando é impossível?

— Orar e servir a Deus. Cantar no coro. Ensinar o catecismo às crianças. Deus compensa os que sabem fugir do pecado.

Ludovica, em pé entre as outras, ouvia massacrada.

— Corno de padre!

Lírio passara a cerca que separava a casa da chácara plantada. Na paz vegetal, sentiu o labor construtivo da mão imigrante. O brasileiro era uma vítima do latifúndio. Nunca aprendera ofício nenhum. A fazenda era um núcleo de vida autônoma que dispensava a própria cidade.

Sobre o solo terroso e vermelho, abria-se nítida e negra a sombra das laranjeiras pequenas, carregadas de frutos prematuros nas precocidades de abril, quando já a luz equinocial enviesava nas manhãs enxutas. De um ninho oculto, partiu de repente um ruflar de asas. Eucaliptos esguios indicavam o ribeirão que ia desaguar longe nos pântanos de Bartira. O horizonte alinhava-se de mangueiras preguiçosas. O negro teve uma vontade ancestral de ficar ali, deitado à sombra da gigantesca árvore e deixar tudo correr — o sogro, o padre, o japonês e os agudos de Ludovica.

No domingo de Jurema, cavalos espichavam caras murchas amarrados nas árvores. Porcas maternais conduziam para o lixo bacuris espertos. Cachorros lambiam jeitosamente cade-

linhas brancas. A crise conjugal amainara. A princípio um re-  
crudescimento pareceu entornar tudo definitivamente. — Cha-  
mou ela de megera. Megera! — o farmacêutico explicava que  
falara da política. Mas então seria pior. A política co-  
locara Nicolauzinho na Prefeitura. — *Porca l'ostial!* — D. Fi-  
lomena, na capa de borracha, os cabelos negros repar-  
tidos sobre a cara velha, numa trança curta, era agora con-  
tra qualquer reconciliação. Ficara por conta porque tinham  
passado de novo a dormir juntos: — Não é que nem no meu  
tempo! Juventu não si pode mais governal! — Ludovica vocali-  
zava manquejando pela casa, de saia branca, fantasmal e dis-  
traída na sua vitoriosa felicidade. Só se lembrava do mundo  
quando Esmeralda surgia. Deu um beliscão súbito.

— Um dia te ponho a tesoura quente na língua, Tição!  
Deixou o ferro aceso!

Mas o sogro reagia contra o mestiço na medida de sua  
fortuna industrial. As *pochettes* coloridas de Lírio andavam  
agora no bolso paisano do prefeito. De propósito! Usava as  
meias finas do genro.

— Não ponho as cueca dele porque uso cerola cumprida.

Ludovica num vestido verde justo, os cabelos repuxados  
para trás e uma concessão de vermelho nos lábios murchos,  
ia partir para a aula de catecismo. Esmeralda emergia esque-  
lética e preta do vestido remendado.

— Te limpei o corpo. Agora quero te limpar a alma.

Estacou de repente, já longe, depois de chegar ao largo  
da Matriz.

— Cadê o terço? Esqueceu o terço!

Um beliscão interrompeu a marcha da criança. Esmeralda  
seguiu mais depressa em frente da manca.

— Quer ir sem terço? Vamos voltar. Andal! Você precisa  
conhecer Jesus.

Exclamou:

— Quem reza muito, vale muito, quem reza pouco, vale pouco, e quem reza nada, vale nada!

Lírio arrastava as chinelas pela casa vazia do domingo. O sogro tinha ido visitar a família do madeireiro. Foi até a cozinha ver o fogão. Nem um café requentado.

— Quando eu morrer hei de ser enterrado de pé, que nem o Tigre!

Recitou a “Mosca azul” de Machado de Assis.

O jardinzinho que dava para a praça tinha dois canteiros de terra sem nenhuma flor. Uma mulher atravessou, ele mediu-lhe o traseiro, auscultou-lhe o balanço das pernas, examinou-lhe o ventre. Uma moça vinha na sua direção. Era a filha do turco Salim Abara. Os seios nasciam sob a blusa.

— Como vai Latife?

Por causa do turco é que tinha brigado com os japoneses. Imitou o sírio:

— Essa raça non bresta, Lírio! Joga bra falência nogociante nacional.

Uma menina correu debaixo das árvores. Ele acompanhou-lhe sob a saia flutuante e o redondo das coxas. Ela achegou-se.

— Você quer lição agora, Joaquina?

A menina entrou. Estava de pé no chão.

No domingo da casa deserta, os 14 anos de Joaquina. Inventara dar aquelas lições gratuitas à filha do sapateiro. Sentava-se a seu lado. Freud classificaria a Joaquina de exibicionista. Toda vez que passava à tarde pela casa do sapateiro, entrava para dar dois dedos de prosa. O homem batia sola e conversava política. Fora anarquista na Itália. Notara que, enquanto na sala vizinha, Joaquina não mostrasse um pouco de coxa, depois a nádega rosada, até as tiras estreitas das calças, não sossegava nas figurações da cadeira de balanço, do sofá, da janela. O pai consentira que ela fosse estudar português com o farmacêutico. No silêncio grande do laboratório, começaram os contatos da mão grossa na epiderme quente, sob a saia leve.

— É gerúndio, chama gerúndiol

— Gerúndio...

— Você está sem calças?

Voltou-se, ouvindo uma exclamação.

Um vestido verde parecia estacado num cabide em meio da sala.

Gritos finos num choro que parecia riso. Os braços esqueléticos de Ludovica agitaram-se desordenadamente. Caiu primeiro no divã, depois no sofá. Ficou chorando. A menina saiu correndo debaixo da injúria:

— Puta, putinha!

Lírio, enfrentando a mulher, dizia que era mentira.

— Absolutamente... É calúnia!

Mas o escândalo cresceu pela casa, parou na autoridade oportuna de Nicolau Abramonte. Lírio sentindo o irremediável, declarou:

— Vou servir à causa de São Paulo. São Paulo vai se levantar. Assim morro de uma vez, acaba tudo.

Procurou o professor de Veterinária. Procurou o Godói.

— Tinha que me separar. Casei com gente que vive mergulhada nas trevas da Idade Média!

A preta da cozinha falou:

— Isso tudo foi mar feito!

D. Filomena chorava:

— Cahorron!

Na sacristia, Padre Beato abraçou a devota soluçante. Sorria indisfarçavelmente:

— É a salvação de sua alma, minha filha! Negro quando não suja na entrada...

— Não casei com juiz de futebol!

A porta da casa fechou-se violentamente atirando para fora o sobretudo comprido cor de doce de leite. Lírio levava uma valise mole na mão.

Berrou o que quisera dizer lá dentro:

— Vou herdar mil e seiscentos contos, em apólices. Não preciso de dinheiro de carcamano. Dou de esmola o sapato burzeguim! Enfie no rabo a farmácia!

Ludovica no sofá voltava do desmaio. Padre Beato fora convocado. Nicolau Abramonte exclamou:

— Negro se dá di chicote na boca. Se dá!

A cozinheira contara: — Uma noite um tropero tava dormindo no rancho. Saci enfiou o rabo por uma fresta. O tropero acordô e segurô o rabo. O saci berrava, esfolou tudo o rabo dele!

Esmeralda, com nove anos, punha a mão no queixo e esperava sentada à porta da rua. Os patrões queriam que ela ficasse lá dentro para guardar a casa, Mas ela temia as sombras noturnas e os estalidos do madeiramento. Descalça, imunda, ranhenta, tinha trancinhas de arame no cabelo cinzento de poeira.

Quem já não viu uma negrinha sem pai nem mãe guardando a casa dos patrões?

O mar próximo encarvoava o céu de estrelas e inundava de neblina a cidade de Debret.

## IV

### Vésperas Paulistas

FERRES dormiam no estuário ao sol do Brasil. Um leme enorme de galera fixava o navio entre paus no porto fluvial de Jurema. Raros passageiros atravessavam a prancha, embarcavam. O vigário sentou-se a um banco da coberta, colocando a seu lado o guarda-chuva, a maleta e a capa. O barco depois de avisar algumas vezes que partia, por meio de apitos, dispôs-se a iniciar a viagem demorada na direção da correspondência do trem de Santos. Para desgarrar da margem terrosa, a pequena embarcação fazia maiores esforços que um transatlântico deixando as docas de um porto. Uma campainha de comando soou. A voz do maquinista berrou de baixo:

— Qual foi a orde que mecê deu aí?

— Toda força, sua besta!

O comandante era um velho caboclo de chapéu de palha. O calor asfixiava a paisagem nos baixios. Um porco grunhia no porão. Padre Beato ia abrir o seu livro preto de orações, quando viu uma japonesa sentar-se ao seu lado.

- É casada?
- Sim, perecisa tê doze...
- O quê?
- Doze filho.
- Por quê?
- Governo japoneis manda... munto perecisa.

Uma fralda branca de camisa manchou a margem desolada. O navio manobrou como uma nau de Colombo. Encostava agora para receber um boi que haviam amarrado a um pau de cerca. O maquinista apitou. O boi atordoado rebentou a corda e fugiu pelo campo. O navio esperava. Diversos homens tinham partido para laçar o animal fugitivo. A japonesa reapareceu com um compatriota baixo, de óculos e perneira. O sacerdote conhecia-o. Era o engenheiro que fixava os colonos trazidos pela Companhia de Imigração.

— Me diga uma coisa, Dr. Sakura, por que os senhores mandam tanto japonês para o Brasil?

— Patirício sabe munto trabaia. Lá sofere munto, non? Operário, camponês, artejão, cada vez piore. Munto luta. Distribuição fortuna desfavorável.

O padre indagou se no Japão havia muito progresso.

— Sim, mas só treis mile pessoa de automove particular non? População aluga, também anda a pé... Munto pobreza. Governo non pode dá saída de produção em mercado interno. Munto imposto, munto empréstimo, non?

— Empréstimos externos como aqui?

— Non. Gente rica emperesta pra governo, ganha juro. Outro paíse melhor situação pobreza. Depois perecisa imigrá pra Burasil. Todas nação proíbe entrada de produto japoneis. Disque é *dumping*, mas não é porque pobreza perecisa de comê, vende maise borato. Armamento também governo munto gasta. Mais de vinte por cento de renda nacional.

— E por que gasta tanto?

— Non pode pará se otro não pára. Por isso que guera vem, no? Porque se continua comprando armamento, ruína país. Tem que gastá bala munto, avião também.

O navio que se pusera de novo a descer o rio parou em frente a um casebre. Era a moradia do capitão. Apitou para chamar. A mulher veio correndo com um lenço amarrado na cabeça e pediu-lhe que trouxesse uma dúzia de ovos.

Embaixo, no porão, o porco pôs-se a lamber o casco do boi que o escouceou. Houve uma gritaria humana, todos riram. O maquinista distraiu-se e a embarcação deu sem força na outra margem.

— A correnteza leva essa casca de noz cum nós tudol

A noite envolvia o rio brasileiro numa impressão de perigo silencioso. Do outro lado da coberta dois homens conversavam baixo:

— Qual é o paulista que não quer mandar pro inferno o Getúlio? Eu quero! Traiu São Paulo! Não salvou o café...

— Antes de ser paulista, você é negro — respondeu Leonardo Mesa, a cabeça grande emergindo da capa escura. Você parece um latifundiário. Não quero te ofender. Ser negro é credencial no mundo de amanhã. No Brasil ele foi tudo. A bandeira fixou-se nos engenhos e nas fazendas com a chegada do negro africano. Ele foi quem fez a primeira colonização.

O farmacêutico Piratininga espiava de longe o padre, aparentemente absorto no breviário.

— O negro tomou parte na bandeira. . .

— Isso é literatura que nós fazíamos quando trabalhávamos no mesmo jornal antes de 30, Lírio! O negro livre e digno faz parte do Conto do Planalto. . . O ouro de Pascoal Moreira, os tesouros existentes num Cuiabá inatingível. A nossa realidade foi sempre outra. A democracia com força do século XVIII e a marmelada que foi a primeira indústria. Sem o negro não teríamos café. Isso sim. Depois é que veio o imigrante. No começo deste século uma companhia canadense entendeu de explorar o planalto. Taxa de juros melhor que em qualquer parte. Veio a Guerra de 14, o paulista comprava manteiga da Dinamarca, bebia cerveja alemã, usava papel higiênico inglês e pensava em latim. A campanha submarina fez tudo isso naufragar. Luz, força e tração deram o nosso parque industrial.

Os imigrantes tinham a tradição do artesanato e da economia, fizeram as primeiras fábricas e os primeiros palácios. Sírios raspavam a barba sobre terrinas e Sèvres legítimos. Judeus rezaram em iídiche perante garçons de casaca. Puseram chalés normandos nos trópicos. Nossa indústria encontrou uma grande sobra de famintos no campo para explorar, criou bairros urbanos. Havia mercados por toda a parte. A Light pôde escrever nos seus bondes: “São Paulo é o maior parque industrial da América Latina”.

Padre Beato cessara de ler, no seu banco. O farmacêutico teve vontade de arrumar uma tacapada naquela figura de corvo recém-nascido que fingia não o conhecer. Disse:

— Toda essa prosperidade foi por água abaixo, por causa do Getúlio.

— As causas são muito mais profundas. Primeiro a monocultura. O café fornecendo todas as letras de exportação. Fazia a finança do país. Dele dependia o câmbio. O fazendeiro diferenciava-se do industrial como classe. Era o pioneiro, mas também era o dilapidador. Abriu novas terras, a Noroeste, a Alta Sorocabana. Mas queria o bom preço do produto, por artificial que fosse. Entregava-se economicamente. Hipotecava as terras ao imperialismo inglês e vendia o produto ao imperialismo americano, esses dois anjos... Contanto que bebesse champanhê nas pensões e andasse de automóvel cheio de francesas. É claro que o movimento de 30 que se fez contra a hegemonia paulista não ia salvar São Paulo...

A caudal parecia engolir tudo. As matas negras caíam de bruços nas últimas lâminas de claridade. A escuridão subia do fundo das águas. Os dois homens calaram-se.

— Mas o que há fora da revolução paulista?

— A revolução mundial.

A figura franzina de Padre Beato levantou-se medrosa na tolda. Era o índio convertido, o índio das reduções, o nômade da mata tornado místico pelo jesuíta, aniquilado em Cristo. Uma constante o fazia a molécula tribal a serviço de Deus. O farmacêutico Piratininga sentiu-se desarmado em frente ao homem de batina. Era o escravo castigado no tronco, o quilombola da liberdade que o outro expulsara dos remansos da vida.

Entre ambos estava o agitador branco, a alma inquieta da Europa. Tomou a valise mole do banco.

Sombras de homem no tombadilho acariciavam sombras imóveis de mulher. Um fósforo iluminou corpos imprevistos. Um marinheiro trouxe um lampião aceso.

O navio fluvial aproximava-se das luzes de um porto. Era Régisto-Gó, a capital amarela do sul. Sobre a barranca saneada os japoneses haviam erguido hangares e chaminés e dali se irradiavam estrategicamente por estradas de cem léguas.

Em frente a uma venda que tinha letreiros orientais, um grupo de crianças brincava de pular corda na hora do sol descambar. Duas meninas de olhos oblíquos seguravam as pontas trazendo ambas nas costas dois bebês de mama, presos habilmente em faixas. Nos socos ambas se movimentavam fazendo pular, no ritmo igual, os dois bebês distraídos.

— Entra!

— Agora eu!

— Deixa eu...

Um garoto que vinha da escola, entrou também, saltou, saiu. Mulheres de quimono atravessavam as ruas, entravam nas cooperativas. Ao lado do hotel, dois japoneses retacos e moços distanciavam-se em camisa de esporte. Um lançava uma bola violenta que o outro cientificamente aparava. Numa agilidade felina a bola ia, voltava, num treino vitorioso de *baseball*.

Lírio viu por toda a parte o amarelo esgueirando-se, construindo, organizando, controlando. Até a arquitetura das casas de pau era oriental naquele mundo oriental. Um japonês o seguia.

Havia uma fotografia ampliada de Rui Barbosa sobre a secretária onde o Dr. Marialva Guimarães reunia os *dossiers* de seu escritório de Santos.

— Depois da vitória, está claro que arranjam para você um emprego.

— Na Capital? — perguntou o farmacêutico de Jurema com as mãos metidas nos bolsos do sobretudo.

— É possível. Conforme os soldados negros que você nos arranjar.

Levantou-se, fechou a secretária. Era um homem alto que olhava friamente através do *pince-nez*.

Lírio sentiu uma vontade de gritar. Era a sua raça que eles queriam conduzir para a guerra paulista! Saiu quieto com o outro que desceu as escadas. Despediu-se. Ia perguntando pela rua:

— Negro só serve de carne para canhão? Vocês não de ver!

Ter sido escorraçado pelo Abramonte! — Vocês me pagam! — Penetrou num café popular das docas. Aquela capa de D. Filomena era um símbolo. Ele conhecera a impermeabilidade da raça branca no contato conjugal. Quando chegara à Jurema, Nicolau Abramonte usava sapatos vermelhos de búfalo e Ludovica calças compridas com crochê. O sobretudo claro, o jaquetão impecável, as *pochettes* da mesma cor das gravatas tinham imposto à família uma preocupação nova na indumentária, e até na higiene. Era negro mas negro da Casa Grande que ensinara o imigrante a tomar banho. Ludovica passara a ter costureiras em Porto Litoral. Fúlvia colocara os pés escarapachados em sandálias de pulseirinha. Sem ele, que seria no Natal a chegada triste do boiadeiro Rocha casado com a Miquelina? Nicolau fechava-o no escritório para fazer contas. Vivia fazendo contas. Cobrava as pastagens e exigia comissão sobre o sal que lhe vendia para o gado. Era negro mas fora ele que dera uma alma dinâmica e eufórica à família imigrante. Era alguém. Seu esforço no socorro do próximo tornara-o querido em Jurema e nas redondezas. No entanto, tudo se havia evaporado num dia. O italiano, se pudesse, esfolava-o magnificamente como se fosse um dos seus porcos do sítio. Não se diria que aquela casa gélida fora animada pelo seu entusiasmo. —

Sou marginal! — Emborcou um martelo de pinga. Uma desgraça exagerada o engolia. Seria o preto de botequim, o preto da liberdade e da cachaça. Mas seu verbo levantaria as pedras da calçada contra o branco. Lembrou-se do *pince-nez* do Dr. Marialva Guimarães. — Cínico! 5.000\$000 por um batalhão revoltoso! — Pagou a bebida e saiu. Não tinha destino. De repente achou-se no escritório do advogado.

— Meu programa vocês já sabe... É na cu de patrão.

Quem falava, no grupo parado da calçada, em frente à sede do Sindicato de Construção Civil de Santos, era um homem alto e louro que tinha uma face de lobo, expulso das estepes europeias. Entraram no edifício iluminado. O húngaro Ladislau deixou-os no alto da escada, adiantou-se para os trabalhadores que o esperavam. Lírio de Piratininga acompanhava Leonardo Mesa.

Numa grande sala a multidão sentava-se em bancos de madeira como numa nave de igreja pobre. O camarada Rioja tocou o braço evasivo de Lírio e foi sentar-se ao lado dele numa das filas da frente onde ainda havia lugar.

Ladeado por alguns homens de aparência modesta, Ladislau assumiu a presidência da assembléia. Diante dele, sobre uma mesinha estavam papéis, caneta e tinta. Fez imediatamente soar a campainha para conter os sussurros da sala.

Agora, dentre os bancos, um operário das docas tomara a palavra e discorria sobre a organização dos portuários. Um outro interrompia-o vivamente.

— Companheiros! Os capitalista nos explora. Só organizando a luta se pode lutá!

Por detrás de Lírio um homem azinhavrado e pequeno comentava:

— Isto não pode sê! Não tem rico que tenha pena dos pobre!

Um português, condutor de bondes rechonchudo e róseo, respondeu:

— Deixa estaire homem. Quanto mais se mexe mais piore fica.

Pondo-se em destaque na mesa, Ladislau bradava:

— Nossa força é o sandacato!

Do meio do público que se apinhava à porta da entrada, uma voz forte interrompeu-o:

— Qual é o programa? Queremos programa!

Leonardo avisou o farmacêutico de que o aparteador era um policial disfarçado em operário.

Houve gritos e assovios.

— Companheiros — disse o presidente. — Nós ganha só com união. Só greve traz união!

Houve protestos, aplausos e gritos. Um italiano roliço que estava ao lado do mulato parecia alarmado no meio do tumulto. Era um barbeiro em São Paulo. Apresentou-se: — Rafael Stronzo.

— Ouviu? Na rua... eu acho que é a cavalaria!

Lírio prestou atenção vaga aos barulhos distantes. Rodas de carroça batiam as pedras. O mulato azinhavrado afirmou:

— Se sordado vié aqui, apanha!

Ladislau procurava retomar o fio de seu discurso mas um trabalhador nordestino gritou:

— Se fô pra metê o pé na barriga do patrão eu meto, mas greve eu nun faço!

Entre vaias e gritos iniciou-se uma troca de palavrões.

— Cala a boca, traidor!

Afirmavam:

— É um policial!

— Fora traidor!

O vozerio cresceu. O barbeiro berrava nervoso ao lado de Lírio.

— Precisa respetá!

No barulho crescido, haviam todos se levantado. Lírio achava-se junto à porta. Perdera o amigo nos encontrões. Saiu

às pressas para a escada, enquanto um delegado de polícia cercado de inspetores encerrava violentamente a assembléia.

As primeiras pontas industriais de São Paulo foram alcançadas pelo comboio. No veranico de maio, a Estação da Luz escaaldava às duas e meia da tarde. O vigário de Jurema desembarçou-se do roldão de passageiros subidos de Santos. Do outro lado da rua, flores rastejavam cobrindo o chão. O velho Jardim Público, em frente, estendia-se entre árvores e repuxos, numa vegetação convidativa e fresca.

A brutalidade desordenada dos veículos conteve os passos provincianos do padre, desembarcado de um ônibus no centro.

O calor carbonizava a carpintagem dos arranha-céus. Ele ia lento com seus óculos e seu guarda-chuva.

Em frente ao edifício de pedra da Cúria Metropolitana, de um caminhão da Antártica, retiravam caixas de dúzias de cerveja que passavam para o interior.

Entrando, o sacerdote deparou com flores e *corbeilles* amontoadas numa sala. Ao centro cintilava, em linho belga, uma mesa de doces onde havia duas garrafas de champanhe nacional. No chão da portaria juntavam-se garrafinhas de guaraná e um barril de chope.

Contrastando com as flores e as bebidas, a gente que se movia na sede do Arcebispado, beatas e sacerdotes, tinham um ar pulha e inocente. A alta estatura do bispo de Santos vinha descendo a escada de mármore. Com uma boca de bagre, o prelado dizia rindo a um moço gordo e atencioso:

— O devoto que vai hoje à igreja é porque está com muita dor de barriga.

Padre Beato sorriu nas covas, aproximou-se reverente e confuso, beijou o anel episcopal.

— Fez muito bem em comparecer a homenagem que vai ser hoje prestada ao Monsenhor Paludel!

— Sei... é o novo ecônomo!

Haviam penetrado na sala dos conclaves. Cadeiras severas e altas rodeavam uma estampa enorme do Crucificado.

— Podemos dizer com orgulho que São Paulo é a mais bem organizada Caixa Econômica de Cristo... — afirmou o bispo.

O rapaz gordo e o padre haviam se sentado com ele.

— O resultado da enquete feita por dois peritos contadores em todas as dioceses do orbe católico, colocou São Paulo em primeiro plano, como renda. Monsenhor Palude, seguindo as orientações arquiépiscopais decidiu que todas as espórtulas fossem diretamente enviadas ao Arcebispado. Voltara-se para o vigário de Jurema.

— Precisamos liquidar o narcisismo das promessas, o paganismo dos leilões de prendas que desviam com as festas populares os óbolos para fora das mãos de Deus. A sua paróquia está no índice.

Padre Beato erguera os óculos. Teve vontade de dizer: — Não parece a V. Exa. Revma. que num país que ainda conserva o aldeamento de índios e onde as águas do Dilúvio se escoam nos rios, o papel da igreja deve ser eminentemente primitivo e popular? O grande Anchieta utilizou-se até do teatro para a conversão dos aborígenes... — Mas permanecia calado, olhando.

Decidiu falar dos preparativos da festa do Bom Jesus de Jurema, mas o bispo cortou-lhe o discurso mental com a mão anelada e gorda:

— A igreja perdeu o poder político, só pode viver através do poder financeiro.

Palmas e vivas reboaram no *hall*. O prelado levantara-se. Moças perfumadas, com o colo escondido, os braços recobertos, vieram beijar-lhe a ametista. Ele as encaminhou para a mesa.

— Eu só quero ser servido de champanhe por vocês...

Padre Beato mal conseguiu ver de longe o sacerdote festejado. Reconheceu o nariz de Cyrano de Bergerac sobre a boca pequena. Estava numa batina apertada e nova. Um desconhecido convidou o vigário do interior a acercar-se da mesa. Ele agradeceu e saiu para a rua.

— A melhor soprano ligeiro de Jurema! — Devia ter dito isso ao bispo. Parou sustendo o guarda-chuva.  
Um sujeito apressado deu-lhe um encontrão.

Para lá dos morros verde-negros, o sol deixara a terra num ocaso violáceo. Sobre o homem de batina desabou uma tristeza, caída do céu distante azul e frio. Subia uma rua agreste. Caminhava em direção do seu aglomerado familiar, para lá de Sant'Ana. Em sua frente cresciam nuvens estáticas como preságios. Ouvia a voz da mãe: — Não quero que ocês seja eguar de seu pai!

Ele não amava D. Ludovica...

Um ruído de avião fê-lo voltar-se. Parecia um pássaro quebrado. Evoluía sobre a cidade cor de chumbo. A metrópole esticava-se embaixo, no casario dos bairros, bramia cortada de planos gigantescos, ofuscada de fumaças do inferno fabril. Blocos severos de arranha-céus coroavam-se de anúncios luminosos. Procurou inutilmente divisar uma igreja.

Segurava o guarda-chuva. A noite pesada desceu sobre o turbilhonamento de milhões de luzes.

— É a Babilônia do capital!

Saídas de fábricas coloriam de fitas humanas as calçadas onde muros fechavam gigantescas chaminés encardindo o azul. Uma população suja de crianças vestia-se pitorescamente de remendos e consertos feitos de roupas velhas dos maiores. Homens duros e limpos deixavam os escritórios. Aquilinos uns, outros gordos e prósperos, todos atentos como rafeiros, tinham um ar de oficiais em batalha. Fordes novos passavam conduzindo os mandatários da indústria.

O *boxeur* Zico Venâncio e sua nova inquilina haviam estacado na Avenida Rangel Pestana diante das portei ras fecha-

das da São Paulo Railway, para onde gente aflua e onde paravam veículos esperando a passagem do trem. Caminhões possantes conduzindo toneladas de trabalho. Guardas com capacetes urbanos presidiam o trânsito. A moça de cabelos frouxos falou:

— É aqui que os capitalistas vêm buscar a mais-valia e sugar o suor de vocês...

O rapaz atlético e miúdo olhou para os lados.

— Você tem escrúpulo devido a sua origem pequeno-burguesa. Não ligue, você é uma proletária naturalizada.

Um comboio atravessou violentamente a rua, desimpedindo o trânsito. As porteirolas fecharam-se sobre os trilhos. Linda Moscovão despediu-se do rapaz e se encaminhou para a Mooca, onde morava com Anastácia, a mãe e a irmã. Chegaria tarde para o jantar.

Cinco e meia. O apito demorado da fábrica acordou-a. Linda mexeu-se na cama diferente. Estava no quartinho que alugara na casa do *boxeur*. Agora aquele som representava para ela mais que a paisagem habitual do trabalho vista de longe. Era o relho que a apartaria do mundo antigo. Era o pão e era a luta social. Deu um salto, calçou os sapatos velhos.

O Jardim América começava em ruas híbridas. As casas davam frente para as calçadas. Eram feias e antigas. Mas de repente abriam-se peluses com repouso de pequenos terraços. Grupos familiares conversavam em cadeiras coloridas, na noite suave. E o quarteirão novo-rico punha tumultos de estilos arquitetônicos na arborização cheia das avenidas. Havia casas de praia, *cottages* ingleses, vilas florentinas e chalés normandos. Geometrias brancas indicavam um ou outro modernismo. No asfalto liso e negro, autos flanavam silentes nos faróis acesos.

João Lucas Fормoso apertou a campainha do portão residencial. Era uma grande casa estilizada em Renascença italia-

na. No jardim, a lua sentava sobre um cipreste. Dentro da garagem apagada e aberta, dois carros dormiam. Numa sala empapelada e soturna, pesados móveis estatelavam-se sobre tapetes turcos. Bandejas enormes de metal prendiam a luz amarela de um abajur, no ambiente de persianas fechadas.

— Mamãe comprou tanta coisa nessa viagem, Jango! Entre, venha ver!

Uma mocinha inexpressiva, no vestido tênue, os cabelos claros em tranças, estava diante dele.

— Maria da Graça, você gostou da Europa?

Passaram o *hall* encerado e central onde jaziam no chão, entré poltronas, uma mala aberta e duas valises de couro de porco rotuladas de etiquetas de hotéis e de bordo.

No quarto atapetado, a viúva Junquillo colocava entre espelhos, num armário largo, os vestidos vaporosos e as saias cintilantes, as raposas azuis e as *écharpes* multicores. Sentada a uma banquetta florentina, num *tailleur* escuro, uma mulher bonita fumava um cigarrilho esguio saído de uma piteira de âmbar. Um chapéu ligeiro terminava-lhe bem o amendoado dos olhos.

— Você, Felicidade Branca, na minha opinião não deve desfazer o seu lar... Na minha opinião! É verdade que dizem que o mundo mudou. Mas eu gosto das coisas direitas. Uma mulher casada se impõe.

— Que devo fazer?

— Suportar.

A fita que enfaixava fortemente os cabelos grisalhos de D. Guiomar fazia ressaltar o seu perfil de lebre. Tinha o colo alvo no vestido preto de seda e a boca sensual mal pintada.

Num mundo de sequilhos e de bolos, a mesa refulgia entre pratas e cristais. Salvas antigas enobreciam vidros caros da Boêmia. Em contraste com os linhos e as porcelanas, das pare-

des da sala de jantar pendiam escuras tristezas oleográficas. Felicidade Branca acoitara-se a um canto discreto conversando com Mary de Barros Ferguson que estava de luto recente.

— Coitada de sua mãe!

— Nem creio que se levante mais. É sempre assim... Quando começa... Apesar de papai ser velho ninguém esperava que ele morresse em sete dias!

Um rapaz magro e recurvo, também todo de preto, acercou-se, lançou timidamente um madrigal, entregando à senhora uma chávena fumegante. Maria da Graça sentada ao lado da mãe pediu um suspiro. D. Guiomar exclamou: — Não, Maria da Graça.

— Este meu irmão só fala em você — disse Mary. — Com seu desquite, vou sofrer.

— Vamos fundar uma revista de heráldica. Você não acha interessante Felicidade Branca?

— Muito bem... zelar pelas tradições da família paulista...

— No pandemônio de raças que invadiu esta terra!  
Ubaldo Junquillo achegou-se rindo nos olhos azuis:

— Sabe como chamaram você na academia? Jazigo perpétuo.

Fez-se um silêncio incômodo. Ele notou o luto do outro e disse:

— Desculpe Henrique.

Maria da Graça, toda tranças, indagou de Xodó.

— Está no Guarujá. Não quer mais saber de estudar. Tinha tanta vocação! Eu queria que ela acabasse o curso...

— Em que ano estava? — perguntou distraidamente um senhor de óculos pretos que comia bolo.

— Ia começar o *grand-écart*, Seu Nunes. Já fazia ponta magnificamente.

A mocinha de tranças servia, a uma poltrona do canto, um velho de alta estatura e rosto enérgico, os bigodes aparados. Ia chupar uma bala quando ouviu a voz da mãe: — Não, Maria da Graça.

João Lucas Formoso aproximou-se dirigindo-se ao velho:

— O que é que você está resmungando aí sozinho, Seu Carmo?

— O Parque Industrial de São Paulo só dá dançarinas... São as freiras atuais das grandes famílias. E os rapazes são bêbados, veados ou comunistas...

Lina Machado, num vestido rosa-tênuê, falava de uma sociedade de artistas que fundara!

— Passei a tarde lá com a condessa Tolstói...

A Junquilha fechou o focinho esbranquiçado.

— Não conheço.

— É hoje M.<sup>ma</sup> da Silva Calheiros.

— Um dos velhos troncos paulistas!... — disse Felicidade Branca.

— Não conheço nem quero conhecer. Sou sempre a mesma. Não mudo, me criei assim.

Vieram à conversa institutos de beleza, operações plásticas, tratamentos da pele...

— A Europa é só isso... Mas vamos falar daqui. Quando é que sai essa revolução? Estou doida para preparar o lanche pros soldados. E dar cachecol e cigarros.

Na copa, um homem quarentão abriu a geladeira monumental, espiou. A cozinheira aproximou-se:

— Tudo que tá aí pra visita, já disse, Seu Xaviê!

— Cala a boca, bunda grande!

O pequeno escritório central tinha uma barra móvel que admitia a entrada exclusiva dos empregados. Para lá do tabique envernizado ficava o recinto onde D. Paula fazia a escrita e geria a fortuna da família bandeirante. Numa placa de metal sobre o balcão lia-se: "Administradora Junquilha". A uma mesa batia máquina um moço magro, de bigodinho, que fora despedido do Matarazzo mas continuava dizendo: "Nós comprávamos duas toneladas de mica. Nós exportávamos algodão o ano todo. Nós íamos construir o novo edifício de doze andares".

D. Paula às vezes fazia uma aparição solar naquela penumbra sossegada onde, a um canto, o homem quarentão de cabelo grisalho e aparado passava as horas consultando a lista de telefones, tomando nota dos protestos de títulos, das falências e concordatas e raramente lendo um jornal. Um ou outro visitante punha a cara por sobre a barra da entrada, procurando D. Paula. O homem levantava-se invariavelmente e perguntava: — Quem quer falar? — Ouvia o nome, respondia: — Vou comunicar... — As suas passadas lentas dirigiam-se para o recinto onde a gerente da família Junquillo, a boca entreaberta, os olhos vagos, escrevia. — Faça esperar Seu Xavier. — Voltava depois de um assentimento de cabeça, sentava-se de novo e de novo percorria a lista de telefone, as falências, os protestos. Pela manhã, Xavier trotava. Calado e prestimoso, saía no mesmo terno surrado e sem cor. A cidade o conhecia. Nas repartições pagava os impostos, vinha buscar apólices, dar recados, comprar passagens, levar minutas aos tabeliães. Nos bairros mais distantes e imprevistos, ia de casa em casa, cobrar os alugueiros que perfaziam a renda fabulosa dos Junquillo. Nos bancos depositava, retirava. Era o homem de confiança do escritório.

— Seu Xavier, o senhor é torcida de que clube?

— Não gosto de futebol.

Houve um silêncio. O moço magro que interrompera a conta que copiava, fitou-o surpreso.

— Já gostei... quando futebol era futebol. Não havia profissionalismo. Era só amadores. Gente de boa família...

O homem falava aos arrancos como se as idéias acudissem sem ligação ao seu cérebro. O rapaz riu baixinho e ia prosseguir quando um corretor amigo da casa espiou pela porta. Xavier disse sem se levantar.

— Dona Paula foi tomar chocolate na leiteria Campo Belo.

O moço de bigodinho dirigiu-se ao recém-chegado com quem se encontrara no jogo da véspera, no campo do Palestra-Itália. E, num minuto, o futebol paulista passou em palpites e comentários. Nomes de jogadores, gols, faltas. Ambos eram torcida do Corinthians e exultavam com as vitórias crescentes do clube popular.

— Seu Xavier esteve lá?

— Seu Xavier não gosta de futebol.

O homem debruçado à barra da entrada calou-se, esperando, com um cigarro na boca.

O moço começou a mover a máquina de calcular. Xavier impassível olhava pela janela. De repente, o moço perguntou:

— E de Carnaval? O senhor gosta Seu Xavier?

— Gostei... do antigo.

Depois de um silêncio disse:

— O pessoal do Brás tomou conta e estragou tudo.

Outro silêncio.

— As famílias não podem se divertir. Não há respeito.

O mundo para Xavier dividia-se perfeitamente em duas metades: as famílias e o pessoal do Brás.

O moço exclamou fazendo um sinal para o visitante:

— Seu Xavier gosta é de lamber...

Acrescentou vendo-o voltar a cabeça:

— Lamber sorvete...

Atrás de Severão Júnior e de Mário Ferguson, Ubaldo Junquillo penetrou por um corredor sombrio. Pôs os dedos no nariz, tapou as ventas:

— Este bairro da Luz, é pior que o Brás! Que antro!

— A Academia funciona nos fundos.

Subiram as escadas de pedra e penetraram num pátio. De portas entreabertas vinham cheiros ativos de comida.

— Eu lançol — gritou Ubaldo.

— Espera grã-finol São uns judeus que moram aí. Se você lança eles comem.

Mário Ferguson ria, enfezado e pequeno, os olhos negros. Tinham passado a área e estavam num salão desmobilado. Em frente a eles, um homem troncudo e seminu atirava os punhos recobertos contra um pesado saco de areia que pendia do teto.

No chão, sobre um pano estendido, um outro, de calção preto, fungava executando movimentos musculares vivos, repetidos e iguais. Separados por uma corda, dois rapazes esmurravam-se ao fundo. Um tipo forte e pequeno, num pulôver esportivo tinha os olhos atentos no *round*.

— São amadores.

— Aquele é o diretor da Academia de Boxe, o Zico Venâncio.

Os *boxeurs*, aos pequenos pulos, haviam atingido o fim do ringue improvisado. O mais baixo colocou um direto no estômago do outro que cambaleou ligeiramente.

— Foi no plexo solar! — comentou Ubaldo.

Zico gritou em inglês: — *Time!* — e os dois rapazes cessaram baixando os punhos enluvados. O suor corria dos corpos musculosos. O homem que enfrentava o saco mantinha-o penso num corpo-a-corpo violento. Saiu de repente. O saco ficou oscilando.

Os três visitantes permaneciam numa reservada distância. Apenas Severão Júnior cumprimentou de longe o diretor.

— Vocês querem ser apresentados?

— Não vale a pena. É muito cafajeste... — decidiu Ubaldo. — Eu não venho do Jardim América treinar aqui... Está louco! Vamos dar o fora...

O rapaz que os trouxera, ruivo e desajeitado, queria dar um aperto de mão ao Zico, que olhava, mas resolveu acompanhar os amigos.

O Brás era o bairro da prole. Entre os ergástulos do trabalho que tomavam um quarteirão inteiro, as panificações, as vendas, as parteiras de placa ilustrada, mil casas eram iguais. Os mesmos tugúrios atravancavam-se das mesmas crianças. As áreas internas penetravam com seus cheiros, suas roupas estendidas e suas moscas pesadas, até a sala de jantar onde se passava roupa a ferro elétrico. Chapéus de homem rolavam sobre as camas. Calças dobravam-se ao encosto das cadeiras.

Atulhavam as mesas enxovais das que iam se casar com o rapaz da outra rua.

Carmela Venâncio guardava, nas paredes gastas de seu coração de vinte anos, quatro retratos: — Zico, o dentista sírio Jamil, o Dr. Torres e seu ídolo emocional da tela Ricardo Bartelmes. Casara com o primeiro mas quisera que o filhinho tivesse a elegância do segundo, a fortuna do terceiro e fosse belo como o astro de cinema com quem nunca deixara de sonhar. Amamentara-o tanto quanto pudera. Dois anos. A miséria apertava o mundo. Mexia o dia inteiro. No descanso do tanque e do fogão, retirava o pequenito do caixote de sabão em que o sentava entre os travesseiros. — São zora de papál

A noite vinha encontrá-la suarenta e suja. Lavava-se no tanque e punha o Doardo na cama grande, onde dormiam com o *boxeur* vindo tarde do ringue. Ele às vezes chegava depois de meia-noite, sensual e cheirando a pinga. Mas agora vinha cedo porque queria encontrar acordada a moça a quem sublocara o quarto vizinho.

Linda, quieta, dobrava a cabeleira solta sobre a mesa tosca de jantar. Em frente, um armário de vidro cintilava de louça. Na noite sobressaltada, a voz fina de Zico Venâncio expunha os quadros do mundo capitalista.

— Nesta rua só tem pobres. Se eles se juntassem...

Do fundo da noite, uma torneira parecia pingar infinitamente. A voz do rapaz perguntou:

— Como é que você vai se chamar na ilegalidade?

— Maria Parede.

No outro compartimento Carmela dormia agarrada ao pequenito. Ele foi espionar, voltou, sentou-se de novo.

Enregelado no inverno de suas altas salas, com seus porões habitáveis, o sem-número de suas portas de vidro com papel colado fechando a mobília antiga, o sobrado dos Formoso era

um solário no estio. Misto de palácio, de chalé e de prisão, aninhava no seu bojo o residuo de três famílias. Afonsina dizia: — A turma de sorterão que tem nessa casa! Parece Repúbriçal — o seu canto distraído vinha da cozinha. — Se eu pudesse agarrava carioca com nortista, cabeça com cabeça e batia inté Morrê. Ota gente ruim!

Afonsina era cozinheira, copeira e governante. Fizera o café e preparava o almoço.

— Esta casa não presta pra nada. Conserta torneira aqui, rebenta ali. A gente vive nadando qui nem pato. Não é pato! Inda bão que acharo um paião pra cozinhá de graça e inda ri por cima de tudo.

Contava vantagens:

— Se eu quisesse ia sê inté dama de cumpanhia da famia tar, da famia tar.

Enumerava nomes paulistas, sírios, calabreses.

— Lá serve à francesa. Num é qui nem aqui, qui nem este museu do coroné!

Vivia em estado de guerra com D. Umbelina.

— Só tungando esta véia. Diz que eu tô com cem mirréis de recebido. Non tá contente? mi dá o ordenado qui eu fofa já. Vivo aqui fazendo sujera, passando vergonha cos cadáver na porta. Otro dia fui na fêra robei dois maço de espinafre pro coroné ficá forte. Daqule mato não sai mais coeio. Por isso que a véia não acarma! Parece rojão de quem pega!

Mas, à menor ameaça dos fornecedores, seus cuidados pela defesa da casa redobravam. Muitas vezes, ao credor impertinente na porta, pagava do seu próprio ordenado. Se a cobrança vinha pelo telefone, dizia invariavelmente: — O coroné viajô!

As viagens do coronel serviram até para uma tarde Afonsina aparecer correndo na venda e arranjar emprestados 30\$000 antes que cortassem o gás.

A preta Duviges, que fora requisitada da Formosa, movimentava mesas e cadeiras, recolocando-as sobre o tapete.

Um plé-plé-plé dos passinhos cortava os corredores. Beliea punha na cozinha seus olhos negros sob o cabelinho louro. Era a filha do Pancrácio Fortes. O telefone ressoava.

- É o padêro. Tá cobrano — vinha avisar a Duviges.
- Dexe está que eu abro o verbo. Vou já xingá a mãe dele! Ia. Voltava. Uma risada subia da cozinha.
- Vem cá, nêgal

A algaravia infantil passava. De novo o plé-plé-plé dos passinhos correndo. D. Vitória aparecia atrás inexpressiva, inexistente.

- Vem cá minha filha. Não!
- Mamã! Vovó! Papá! Dá! Pipio! Nenê!

No rádio do vizinho, uma marcha militar dava ritmo ao dia.

- Comé qui faiz o home lóco?

A criança viva erguia os bracinhos, fechava-os na cabeça loira.

- Hóóóóóóóóó!...

- Que bicho deu?
- Pavão.

— Não posso com pavão! Basta não jogá, dá. Anteonte matei cinqüentão do coroné no troco das conta atrasada. Pra qué? Já foi quarenta...

João Lucas alcançou a pé o bairro antigo dos Campos Elísios. Ia para a sua mansarda do solar urbano dos Formoso. Velhas residências isolavam jardins com árvores copadas, imensas. Que infelicidade demorada! Essa revolução não vinhal Deixara uma reunião de conspiradores. Os moços até 30 anos forçavam o movimento. E os estudantes de Direito. A Força Pública aderira. Mas a velharada, que Getúlio Vargas encurralara de chinelas nas casas ou jogando nos clubes, fora de posições de prestígio, amortecia o choque, estragava tudo. Só sabiam dizer: — São Paulo não pode permanecer sob a bota dos interventores inimigos! Defrontava o palácio presidencial dos

Campos Elísios. Na esquina, um guarda de carabina o advertiu que passasse ao largo. Pensou que lá dentro um homem podia fazer a revolução.

No domingo limpo de São Paulo, gente parava diante dos cinemas. Nas proximidades da Praça da Sé, uma feira de bondes estacara anunciando a interrupção do trânsito. De um altofalante vinham palavras desligadas: — escombros... poeira... glória... higidez... civismo... tentacular... sub-reptícia... Iscariotes...

Cartazes e bandeiras com as cores regionais saíam da multidão compacta e calada. A voz precisou-se:

— Nesta arrancada de heroísmo, a luta se prepara entre enxovais e liberdades, entre o Direito e o pundonor de um lado, e do outro a força hiante da Ditadura...

Janelas e sacadas estavam repletas. Súbito, dos lados do Brás, unido em torno de um dístico, um grupo de gente mal vestida surgiu. Fez um redemoinho, lateralmente na direção das escadarias. O *boxeur* Venâncio erguia o cartaz onde se lia a palavra: “Proletariado”. Atrás dele ia uma figura desajeitada e angulosa de homem do povo. Era o camarada Falcão. Junto dele estava o operário Irmo Frelin numa camiseta colorida. O grupo estacou de repente. Uma moça de cabelos revoltos foi guindada aos ombros de dois companheiros. Suspendeu nos braços abertos uma bandeira vermelha, aberta também. Envolveu-se nela.

Na praça continuou o comício em torno das cores regionais: — Lágrimas... colheita... potência... anseio... bombardeio... maremoto... cratera... sementeira... sangue... São Paulo!...

— Você sabe que eu sou Simbad. Simbad o marujo. Sem mulher, sem cachorro e sem emprego.

A risada de Leonardo Mesa encheu o ângulo da cantina.

— Onde é que você está morando?

— No Canindé.

Maria Parede fitou-o com os olhos parados.

— Eu só tenho uma coisa... emprego na fábrica.

— E passado?

— Vou te contar um dos meus casos. Foi nos arredores de Jurema. Eu andava lendo uma história das Cruzadas. Você conhece o caminho do rio? A avenida dos ingazeiros... Eu ia todas as tardes me envolver naquela natureza. Num crepúsculo, encontrei um cavaleiro... O Jango da Formosa...

— O filho do Major?

— Meu pai soube e quis me pegar pelos cabelos. Deixei o namorado e pretendia cursar a Escola Normal. Veja o meu destino. Vim para São Paulo com uma porção de sonhos. Fui morar no porão de tia Anastácia. Dona Felicidade Branca ia me ajudar. Hoje sou uma legítima lava-pratos. E mudei. Você sabe... Minha irmã ao contrário, Sarita, continua com a vocação de noiva. Arranjou logo aqui um moço católico de boa família. Ia a missa com ele, engolindo todos os domingos aquele cheiro abafado de oxigênio gasto. Um dia apareceu com um conto de réis em casa para pagar a prestação atrasada. E eu disse: "que ligeireza!" Depois brigamos a tapas, mas fizemos as pazes. Ela tinha desmanchado o noivado. Chegava sempre com novas roupas, combinações, vestidos e sapatos. Mamãe chorava. Doces não faltavam em casa. Ninguém comia. Tínhamos escrúpulos. Mas eu andava com uma fome louca. Uma noite não resisti. No outro dia papai chegava do interior. Eu estava certa que ia haver mais um assassinato feito pelo xerife Idílio. Mas, depois de dormir em cima com a minha tia, desceu e foi ao armário acabar de comer os doces. Me disse: "Isso é cousa inocente. Alguma amiga que presenteou". E Sarita continuou a sair para o cinema todas as noites.

— Você não come quase...

— Eu sou uma doente do estômago. Você já passou fome? Houve uma época em que quando eu arranjava uma cebola ou um pedaço de pão era um banquete. Uma vez passei dois dias inteiros sem achar o que pôr na boca. Só água, água de torneira. Quando me ofereceram um café senti uma perfuração lá dentro. O meu estômago passou a ter vida própria dentro do

meu ser. Uma vida descontente, tirânica, creio que está ulcerado.

O camarada Rioja pagou a despesa. Saíram na noite asmática do Brás. Ele tomou o braço da moça. Sentia o seu corpo limpo e desperfumado, a sua crina pura e violenta.

No portão do jardim permanecia fechado o cadeado. Abriu-se e o mulato alto foi conduzido pela criadinha japonesa para a sala de espera da residência. Ia afinal ser recebido por um chefe do movimento.

Sentado em uma poltrona, Lírio de Piratininga viu em sua frente o retrato futurista de Antônio Pádua Lopes. Tinha mesmo uma cara de deputado federal. Ouviu estalar uma porta, provavelmente a do gabinete de trabalho do líder paulista. Trazia-lhe uma carta do Dr. Marialva Guimarães. Espiou pelas persianas fechadas. Um oficial do exército fardado e dois paisanos saíam conversando. Sentiu-se inquieto. Podiam prendê-lo.

A japonesa reapareceu para conduzi-lo a uma biblioteca iluminada. Estava repleta de livros nas estantes que se erguiam ao longo das paredes. Um homem calvo batia apressadamente numa máquina de escrever.

— Como vai bamba? você também...

— Olá!

O farmacêutico de Jurema reconheceu um antigo colega verboso, originário da Bahia, que se formara com ele mas deixara a profissão. Uma vergonha o envolveu. Aquele homem o conhecera no apogeu do casamento com Ludóvica, em Jurema. Perguntou depressa:

— Como vai o movimento?

— Colosso!

— Está tudo pronto?

— Em três tempos organizamos tudo. Num relâmpago. Os transportes conjugados... E com uma perna nas costas. Você já ouviu os discursos pelo rádio? E a marcha Paris-Belfort? Que tal? É a antiga marcha da nossa Força Pública. Ela signi-

fica revolução! A região militar vai aderir em peso. Mato Grosso nos mandará cinco mil homens. E o ouro? E o trem blindado! Você verá! E até os veteranos da Grande Guerra vão organizar um batalhão.

— Quem é que comanda?

— Não sei quem é. Mas é um herói.

— E o Rio Grande do Sul?

— Vai entrar ao nosso lado. E Minas também!

Lírio no sobretudo cor de doce de leite entortava para o lado a cabeça de cabelos lisos, encostada ao espaldar da poltrona, sorrindo adesivo, importante.

— Temos tudo, ambulâncias, vitaminas, japoneses.

— Japonês é traidor!

— Para a guerra serve. Eles nos oferecem dois mil homens armados. Um regimento da morte!

O telefone retiniu sobre a mesa cheia de *dossiers*. O homem atendeu. Dizia: — Pois não!

Pádua Lopes entrava num roupão escuro. Tinha a fisionomia moça cansada e segurava um cigarro entre os dentes. Sem dar muita atenção ao visitante, sentara-se. Esticou as canelas secas até o fogo. Percorrera a carta que Lírio entregou. Atirou-a à lareira.

— Estou ficando louco. É tudo em cima de mim. Polícia civil, transportes, hospitais de sangue, passes, munições... Agora os pretos... Durmo às cinco horas, acordo às seis...

Cresceu no mulato uma vergonha totalizadora. Depois de um silêncio em que se ouviram os estalidos da máquina de escrever, o telefone ressoou. Pádua ergueu-se rápido. Voltara depois de uma longa demora. Felizmente o outro homem permanecia entretido na máquina.

— Onde é que você está?... “Como falava Cícero”... É uma proclamação que eu redigi para ser mimeografada...

Isa sentar-se quando o telefone chamou de novo. A campainha tocou também.

— É o exército, a aviação, a Cruz Vermelha... Volte depois de amanhã...

A tarde ensangüentava os teares da tecelagem Demétrio. O mestre da oficina parou de repente a máquina que fora entregue à Linda Moscovão. Ela estava sentada naquele hangar rinchante onde centenas de seres produziam.

— Veja! Bocê estraga pano! Dá brajuízo! Limpa escufinha, bota uleol!

A sua inaptidão era compensada por uma consciência exaltada do futuro. Murmurou:

— Vá, me deixa trabalhar.

Curvo, sem peito, sujo, com a barba crescida, um sobretudo velho jogado sobre os ombros, o mestre esgueirava-se através dos teares, parando, examinando. Não admitia nem cânticos nem conversas. Queria corrigir aquelas vagabundas que faziam da fábrica uma "Babalônia".

Ela deixara de ser a filha do xerife de Bartira.

Era agora a operária Maria Parede. Fitou na porta fronteira um dístico: "O trabalho em harmonia com o capital sob a égide da Democracia". Fora dali ninguém sabia o que era o trabalho. Suas mãos duras dirigiam os fios, movimentava a máquina. Estava de pé sobre as chinelas rasgadas.

O mestre voltava. Examinava, ameaçava.

— Levo bocê bro gerente. Ele manda carta bro teu pail

Maria Parede permanecia quieta. Os comunistas podiam ser perseguidos, presos, espancados e mortos. Moviam-se como ela nos subterrâneos da sociedade. A luta seria sangrenta como aquele sol que penetrava na tarde da oficina. Para substituir os que caíam, vinham outros de todas as partes. Eram os que tinham por teto o mundo. Aflorariam sempre aos cenários da produção. Sua família era o Partido.

A casa era úmida e o bairro enlameado. A mulata do vizinho, parede-meia, acusava o português, com quem morava,

de viver apaixonado pelas artistas de cinema.

— Só sabe lê revista! Um dia ocê vai vê!

O córrego próximo, entupido e sinuoso espalhava miasmas até a rua. O velho Jácopo Frelin, despedido de duas casas comerciais, não fixara emprego ainda em São Paulo. Formara as duas filhas na escola de corte e costura, estabelecera atelier no desvão de uma rua do Canindé. Coçando a cabeça de cabelos longos e alvos, dizia:

— Se houvesse união, nós ia capinar o córrego. Se houvesse união!

Leonardo Mesa escutava, almoçando a sopa de feijão com arroz dos Frelin. Incoronata e Valquiria tinham montado a oficina na sala da frente, grudando estampas de figurinos nas janelas para chamar a freguesia. Irmo partia de madrugada para a fábrica. D. Idalina, com caninos descarnados à mostra, preparava os garotos que saíam para o grupo escolar. Ficavam até tarde no futebol das várzeas.

— Eles não larga essa porcaria de bola. O lucro é só se estrangolá!

Uma noite o velho disse ao pensionista sentado a uma cadeira capenga.

— Isso aqui é um fundo de poço! Os homens que cai dentro vive mexendo pra podê saí.

— Uma virada do mundo acaba com isto! A Rússia...

— Eu sei... já li... mas aqui é impossível.

— Por que não entra para o Partido Comunista?

— Sou velho...

Sorriu na boca desdentada:

— Mas sou simpático dele...

Um homem gordo e agitado dizia ao sacristão:

— O general veio, voltou... De que serviu? O povo perdeu o medo.

Padre Beato havia terminado suas orações na igreja vazia.

A Boa Morte conservava entreaberta a porta destinada aos fiéis da tarde. Até a Cúria estava fechada. O guarda-chuva suspenso, de óculos e passos lentos, o sacerdote seguiu pelas ruas da Capital estranhamente mortas. Murmurava versículos de Davi. — *In die qua liberavit eum Dominus de manu Saul...*

A uma esquina, gente surgiu gritando:

— Aos quartéis! Aos quartéis!

Um moço alto, num sobretudo patricial, falou para um pequeno magote de gente:

— Vamos buscar o povo na Praça do Patriarcal

Padre Beato distanciara-se quando ouviu o tropel. O grupo que partira vinha correndo. Um menino atrás juntava os chapéus caídos.

— Aos quartéis!

De um largo desembocou um pelotão de cavalaria. Um tenente abria o trote com uma pistola na mão.

— Quem será o novo Amador Bueno? — Indagou o padre a um transeunte que riu.

— A Rua Amador Bueno está fechada!

O rapaz alto, de sobretudo, subira a um degrau da porta, berrava para os poucos transeuntes:

— Atirai em meu peito. Atirai!

Na tarde caída, erguia-se um fumo de incêndio. O padre exclamou:

— Destruí a Babilônia do capital!

No café, onde nas mesas de mármore se aglomeravam fregueses, o Mendão, que era o contemplativo da turma, grande e de óculos, acabava de recitar um poema.

— Você Quindim...

— Não. Eu leio em casa.

O grupo de rapazes, que a orientação modernista de Cláudio Manoel guiava através de arte e literatura, esperava. Quindim enrubesceu ligeiramente.

— Não. É uma dissertação sobre o tipo vaginal puro. Para a mulher não há os degraus da evolução humana, a mulher permanece. Ela tem a moral da célula. Ela é sempre a *mater*, logo, toda a ligação humana é um incesto.

Cláudio Manoel interveio incisivo, o dedo longo para a frente:

- Toda a ligação entre o macho e a fêmeal
- Claro! Fora do uranismo não há salvação.

Riram bulhentemente. Iam pagar quando um grupo invadiu o café.

- Viva São Paulo! Viva São Paulo!

Rapazes exaltados tomavam conta das mesas. Os intelectuais olhavam. O Mendão disse com a voz arrastada:

- É a revolução. Eu vou também.

Cláudio Manoel enristou o dedo ósseo:

- Eu não vou porque sou antimilitarista.
- Por São Paulo eu vou — exclamou Quindim.

- Pique-pique! Pique-pique!

Um grito primitivo levantou-se do grupo adolescente.

Quindim sorriu vermelho daquele esforço pouco civilizado que punha outra vez nas arcadas seculares da Academia de Direito a flama estudantina.

- Pique-pique!

Um estudante trepou num velho banco. Tinha os cabelos revoltos, os óculos sem aro. Suas palavras chegavam entrecortadas, no tumulto dos colegas ajuntados.

Evocava as arcadas conventuais, o velho sino batendo os quartos de hora, as salas caiadas e enormes com os velhos bancos e na cátedra um homem que ensinava a defender a lei... Para que a sociedade plantada na bruteza dos trópicos se regesse pela experiência das sociedades colonizadoras. Para que o Direito Romano ligado à moral de Cristo plasmasse os glo-

merados descidos do planalto e fixados nos limites políticos do Brasil.

— Pique-pique!

No Direito enroscava-se a poesia. Na regularidade a irregularidade. Na sisudez a boêmia: Fora sempre assim. A cidade atual, o vilarejo legalista de cem anos atrás, descido em casario bruto pelas ladeiras até às margens alagadas do Tamanduaté e às margens minúsculas do Anhangabaú.

— Não morreu o espírito da lei. São Paulo vai se bater pela constituição que a sanha fronteira espezinha na ventania que tomou conta do mundo!

Sua voz clara e um pouco sibilada ecoava entre gritos e aplausos.

Quindim calado desenvolvia sua perplexidade. A manhã entrava pela janela aberta. Ele tinha um caderno sobre a mesa de seu quarto. Escreveu o nome todo no papel fino: Joaquim Klag Formoso. Roía as unhas. O primeiro embate interessado e sério que tinha com a vida real trazia, antes mesmo da luta, o fracasso. Talvez tivesse lido e não atingido um ponto de vista próprio. A sua vida processara-se diferente das outras vidas de rapaz. Formara-se aquele casmurrão no ginásio. Detestava os indecentes que o apalpavam e iam espia-lo na privada. Nasceu sob o signo do desastre, aos influxos da grande constelação invisível, da constelação de Édipo, de Hamlet e de Osvaldo Alving... Um aconchego silencioso nas casas familiares que se abriam efusivas quando o nome dos Formoso era uma chave mágica. A ligação terna com a irmã morena, já que não tinha mãe. Dulcina. Fora ele quem a batizara de Pichorra. Ela levava surras exemplares do pai. Ele chorava com ela, depois saíam. E aquela alegria de brincar com as primas, as amigas das primas nos *halls* encerados, nos jardins vistosos. A sua vida de menino processara-se entre tranças, tranças louras, tranças escuras. Quanta trançal Por onde andaria o Dráusio, o criado que lhe ensinara as coisas da vida?

A manhã subia do jardim em magnólias amassadas. O olfato fora sempre o seu sentido, mais que a vista. Espiara o Dráusio no banho e impressionara-se mais que com a irmã nua. Uma manhã como essa, num domingo, tinha entrado no quarto do Dráusio, nos fundos do quintal. E a desordem da cama suja, a mesa com romances brochados, as ligas e o próprio cheiro do rapaz o haviam abafado de desejo. Dráusio prodigava atenções à Pichorra e isso tinha feito criar-se nele um sentimento de rivalidade. Odiou a irmã uma noite em que a surpreendeu levando doces para o criado. E contou tudo ao pai para que a espancasse.

Aqueles rapazes esportivos e bulhentos do Jardim América o aterravam. Nunca fizera esporte. Eles iam ao bordel. Ele fora uma vez e fracassara.

Tinha conhecido Cláudio Manoel. Conversando sobre Paris como um parisiense. Não podendo viver lá. As imagens dos solitários tomaram vulto nas descobertas que ambos faziam na biblioteca do avô de Cláudio numa casa antiga da Avenida Paulista. Diante de Wilde, de Whitman, de Nietzsche e de Proust, a adolescência de ambos não tivera namoros nem colóquios sombreados de árvores urbanas. Tinham procurado criar uma revista literária. A mulher deixara de ser o brinquedo favorável da meninice. A mulher queria deles alguma coisa de essencial e de íntimo. Não podia com cheiro de mulher.

— Se Deus quiser, depois da revolução, eu vou reler todo Proust, todo Nietzsche, todo Gide, todo Cocteau... E Masoch! Hei de encontrar Masoch!

A noite prolongava-se na biblioteca ancestral. Quindim cruzou as pernas. Tinha um ar de saúde na pele fina e corada.

— Quero mostrar a você o que eu fiz.

— É o livro?...

— Não. Eu tenho apenas o plano.

Um rubor meninoeiro tomou conta do rosto adolescente, sob os cabelos sedosos, os dentes um tanto irregulares e grandes.

— Leial

Cláudio Manoel tinha retirado o paletó. Sentou-se magro e curvo para escutar a voz meiga do amigo.

— Não sei que livro será. Uma série de considerações... De um Nietzsche... passivo... O super-homem é passivo. Não tem nada a engendrar...

Riram.

— Escute. É sobre os nossos problemas.

— A mulher?

— Não. A mãe.

— A mãe sempre foi um grave problema... É um assunto! Sempre preocupou a literatura... Veja a Oréstia.

— E Shakespeare!

— Sim, todo o drama de Hamlet...

No silêncio de lâmpadas acesas ficaram rememorando.

— Em Proust?

— Não. Em Proust a mãe já acabou.

— Ah! já sei foi! Em Proust, você vê a eliminação do adultério... logo, a eliminação da mãe... Não há mãe onde não há adultério... Aliás só houve um grande adultério... O de Maupassant... com espartilho e meias negras de seda...

— Escute!

A voz elevou-se, leu desordenadamente. Mas parou de repente:

— Eu não sei escrever...

Um relógio bateu duas horas da madrugada da casa de Zico Venâncio.

Linda Moscovão estava deitada. Ao seu lado, um pires quebrado continha pontas de cigarros fumados. Leonardo Mesa, de pé, perguntou:

— Deram em você?

— Não, mas a tecelã gordinha que estava ao meu lado gritou que elas queriam levar para a guerra os maridos e os filhos das operárias. Foi um escândalo. O homem do escritório

e o mestre avançaram para nós, nos empurraram. Eu resisti mas eles ameaçaram de chamar a polícia. O trabalho parou. Se você visse como as grã-finas urravam.

— São umas primitivas. São as velhas paulistas de bigode e relho na cintura. Podem se mascarar de *girls* e ir mostrar os seios e o resto em Copacabana ou no Guarujá. A mancha feudal persiste em São Paulo. É isso que produz a revolução. Nos modos e nos hábitos há progresso aqui. A civilização da máquina dilui e apaga as culturas. Mas a cultura campestre do planalto persiste. Carlos Marx já disse que vivemos na pré-história. Aqui é a mancha agrária oriunda do café que dá o tom. No nordeste, a mesma coisa, vinda da cana e dos currais. Toda essa gente se veste pelo cinema mas tem a alma ainda na *selva selvaggia*...

Ficaram calados. Leonardo sentara-se, tocava o braço moreno e polido da moça.

Maria baixou a cabeça sobre o travesseiro. Ele acariciou-lhe os cabelos soltos.

Uma lágrima correu, despencou sobre o lençol.

— Vamos nos casar...

— É impossível, Leonardo — disse ela assoando o nariz.

A família rica que protegera o fogão dos Moncorvino esquecera toda a caridade. O internamento de Veva como louca numa casa de saúde tornara indiferentes os que haviam ficado com sua fortuna.

Padre Beato não conseguira em duas visitas nenhuma promessa de emprego para seu pai. Sobre o miserável rafeiro do PRP caíra a senha dos vitoriosos de 30. Tinham-lhe arrancado o pão com banana que dava à família numerosa. — Somos nove, doutor! — Insondáveis eram os desígnios de Deus. Que poderia fazer pelos seus de quem sempre se afastara? O pai insanável. — Ele garra de bebê! — dizia a Zefa.

— *Scio quia omnia potes!*

O moço sacerdote olhava a serra onde se recolhiam as últimas luminosidades do dia, no panorama de miséria onde

nascera. A Zefa dotara o mundo de uma dúzia de desgraçados. Aquela piolhada ia nascendo. A Josefa fora infamada, a Lindáurea doente... Três haviam morrido. Eufrásia, a mais inteligente das irmãs, vivia fora como professora. Rosalina se casara com o Capitão Jango da Força. Os outros tinham somente encontrado, além da fome, a esmola. A mãe tinha feito de cada trapo um cueiro, de cada roupa velha um lençol. Voltou à casa escancarada. Parou à porta sem ser visto. A Zefa tinha lavado o John Gilbert, que a Rosalina deixara aquela tarde.

— Toma Lindaura... — assegura ele.

O pequenino de meses ronronava, babava, sorria, enfaiado em trapos limpos.

— Não deixa ele tortá. Vai buscá água no poço. Credo, aquele menino só sabe batê bola! Qué ficá perdido...

Da estrada vinham os gritos dos jogadores:

— Passa, chuta! O lôco! De lambuja!

— Foi fora! Foi fora!

— Fora nada!

— Trouxa!

— Ladrão!

Genuca era o Fumaça. Com quinze anos só sabia jogar futebol. Criara-se solto, atravessando na volada dos salames, o capinza! crescido dos campos improvisados, pulando os muros dos quintais para ir buscar a bola dos pequenos clubes. Fizeram-se craque nos *matches* da Várzea, entre assuadas e taponas. Uma energia ancestral guiava-o na ofensiva dos ataques. Era o centroavante do Dalva Clube. Talvez fosse ele, o caçula Eugênio, que estivesse destinado a levantar pelos pés o grupo familiar dos Moncorvino.

— Insondáveis os destinos do Senhor!

No quintal de terra, o velho Jeremias, magro e pequeno, numas calças pretas descoradas, tinha a cara parecida com as ruas da cidade, arenosa e suja. Lavava uma xícara num balde. Um gato esfomeado olhava-o sob a árvore. Deixou a xícara na borda do poço, tomou o paletó lustroso do terno único que

tinha e disse alto: — Se o Timóteo perguntá otra vez se está de luto, mando ele a puta que pariu...

— Por que chamam você de Aurora Boreal?

— De besteira!

A moça riu com dentes fortes onde se via ao fundo uma coroa de ouro. Os seus cabelos de palha punham um clarão no sofá escuro da saleta empapelada.

— Mostre as pernas!

Sem hesitar, ela levantou totalmente a saia de lã azul, e exibiu as coxas nuas e grossas, sem calça.

— Eu não sabia nada de putaria. Quando me puseram na pensão eu só tinha trepado com meu noivo. A dona veio me perguntar se eu fazia michê... Eu não sabia o que era. Era dormir com homem, só que ele pagava...

— Você conhece uma professora que vem aqui?

— Tem algumas...

— Chama-se Eufrásia...

— Elas trocam de nome.

A porta estalou e Licórnea apareceu magra com um xale espanhol sobre os ombros nus e acamelados.

Aurora Boreal retirou-se disciplinadamente. A caftina sentara-se, e exclamou numa grossa risada:

— O que te acontece para você dar as cara outra vez aqui?

Jango olhava-a incomodado. Decidiu-se:

— Vim buscar uma morena!

— Quem é? A Lourdes? Boa família. — Murmurou um nome paulista conhecido... — Professora não tenho no momento... olhe está aí uma italianinha formidável! Dezenove anos. Foi deflorada há um mês...

Ele fitou-a e disse o nome da Beato.

A mulher riu.

- É minha sobrinha. Mas esta não frequenta ainda aqui  
— Me diga onde ela mora.

Felicidade Branca escutou com todos os sentidos. No quarto negro havia uma janela entreaberta. Nenhum vento agitava as árvores lá fora, mas no jardim escorria água sobre uma lata. O barulho era da chuva, persistente e igual, monótono e acalentador. Dizia-lhe que dormisse. Trazia-lhe um resto de queentura do sonho. Envolvia-a, abraçava-a pelos ouvidos. Teve vontade de chorar. Que horas seriam? O casamento fora uma página depressa rasgada! Anulara-se o primeiro diante do homem que conhecera e amara, depois diante da filhinha nascida. Para ter um estranho nos lençóis. Ele podia estar ali, no pijama a seu lado, fungando forte nos travesseiros vizinhos dos seus. Mas estava para lá de uma parede grossa e imensa. Subsistia nela aquela necessidade de ternura dentro de suas decepções. Ternura para quê? Para quem? A filha tinha tudo, fortuna, beleza, nome, a governante alemã impecável... Por que essa destruição definitiva de um tecido de vida comum que deveria ser eterno? Da união de suas carnes, de seus pensamentos, de seus interesses havia nascido uma filha. E agora? Restava um anão grotesco dormindo a seu lado.

A lata chorava lá fora pelos olhos da chuva. Súbito, daquele barulho subiu um rascar fanhoso de sereia distante. Noite ainda e já homens convocando homens para o trabalho. Homens que se levantavam nas casas geladas e escuras. E um clarim tocou notas claras sobre o apito que se extinguia. Homens acordavam para os exercícios da guerra. Eram caracóis de notas, laços de sons. Fora daqueles chamados, só reinava a solidão da noite que vinha da janela entreaberta.

- Esse apartamento é seu, Jango?  
— Não. Foi Carlos de Jaert quem me emprestou para podermos conversar.

— Quem te deu o meu endereço?

João Lucas calou-se. Estavam sentados num sofá diante de um leito de bronze, intacto, recoberto por uma colcha vermelha.

— Vem ver o soll

No terraço minúsculo dos fundos, gerânios floriam. Por uma abertura de arranha-céus, um disco de fogo ofuscava a tarde na fímbria dos montes finais de São Paulo. Ela recostou-se ao seu ombro forte.

— Eu nunca devia ter nascido, Jango.

— Por quê?

— Eu receberia de outro modo esta felicidade se ela viesse antes.

— Você gosta de sofrer, Eufrásia?

— Só poderei confiar na vida confiando em você. Só poderei viver através de alguém. Se você falhar...

Lá fora, a noite descera. A penumbra havia envolvido o quarto. As coxas de Eufrásia enroscaram-se nele. Aqueles trechos de nu quente transportavam o rapaz para um conhecimento inesperado do amor. Numa revelação de plenitude, tocava os seios, a pele cálida e cariciosa, os membros ardentes... No contato arfante e religioso, ela murmurou:

— Não terei forças para afastar você! Será uma desgraça!

Felicidade Branca estacou junto aos elevadores do Edifício Arequipa, onde, no 10.º andar, o escritório de advocacia do Professor Róberio Spin abria largas vidraças sobre cubos de arranha-céus. Um menino que fazia reluzir uma pastinha irrepreensível no cabelo tufudo atendeu a cliente desconhecida e fê-la passar para uma sala clara onde livros se alinhavam até o teto. A um canto, um bronze de mulher sorria sobre um pedestal. Entre janelas, havia uma ampliação fotográfica duma

turma de estudantes, secundando professores, nas arcadas seculares da Faculdade de Direito. De outro lado, uma aquarelada representando um índio.

A senhora paulista procurava constatar a origem imigrante do grande advogado. Em vez do retrato de um italiano meridional de brinco e cachimbo como ela conhecera tantos em sua meninice na Formosa, encontrava ali na parede um padrão nhambiquara da nacionalidade. Diziam que o pai de Robério era um antigo colono napolitano que enviuvara cedo. Morrera ainda moço numa caçada, deixando dois filhos sob os cuidados do avô.

Moreno, alto e distinto, Robério Spin parecia, no entanto, revelar uma velha civilização herdada. Felicidade Branca o conhecia como advogado de seu pai. Sabia que ele se candidataria a catedrático da Faculdade de Direito e que o PRP o preferira; que fora convidado para reger uma cátedra na Faculdade carioca mas preferira abrir sua banca de advocacia em São Paulo. Vira-o ainda na véspera, no *hall* do Esplanada Hotel. Dir-se-ia mais um faquir vestido de lorde do que qualquer produto da massa meridional que fizera florir com seus braços os cafezais de São Paulo. Duma carreira modesta de delegado de polícia, de súbito vira-se guindado à Secretaria da Fazenda pelos primeiros interventores aparecidos com a mudança de 30. Apontavam-no como um técnico de finanças. Com outros paulistas criara a oposição ao Governo Vargas.

A porta abriu-se e deu entrada a um homem baixo, de óculos, que veio cumprimentá-la.

— O Professor Spin pede para esperar um instantinho por obséquio. Está atendendo aos herdeiros Ferguson.

Voltou-se para a biblioteca, procurando um livro.

Felicidade Branca estava num *tailleur* ferrugem, o chapéu alto e pequeno terminando a cabeça clara num véu. Considerava aquele homem, quase calvo de costas, um advogado incapaz, como os outros, de obter o divórcio. O casamento devia ser indissolúvel. As francesas também deviam deixar de existir. Fora sempre contra o divórcio! Não sentia em seu ânimo nenhuma vocação para a desonestidade. Um caso de família firmara nela a noção de recato e de responsabilidade social.

Mas não poderia se casar mais, enquanto o marido podia afrontar a sociedade em companhia de uma criatura de bordel. Cachorro! Estava de calças, uma manhã, quando o copeiro japonês entrara sem avisar no quarto para lhe servir o café. O advogado fez uma mesura e saiu sobraçando um volume grosso. Kana, em vez de ser despedido, passara a chofer e agora era o piloto do avião particular do conde. Era um japonês fino, educado na Inglaterra. Mas isso não justificava a atitude do marido. Da sala vizinha vinham vozes. Dois formigões de luto apontaram. Um outro, pequeno e musculoso, acompanhava Mary Ferguson.

— Como vai Henrique?

— Coisa pau esse negócio de inventário!

— Contanto que o advogado me deixe nadar todos os dias no Paulistano, eu assino tudo que ele quiser.

Mary despediu-se beijando na face Felicidade Branca. O menino piloso e bem penteado abriu uma porta dissimulada por um reposteiro e fê-la cair abruptamente na penumbra de uma sala atapetada e rica.

Em frente à secretária um homem estava de pé num fraque bem posto. Ela percebeu, afundando numa poltrona, a distância, a figura do marido. Cumprimentou-o vagamente, sentando-se à cadeira cômoda que, do outro lado, o advogado indicava.

— Não sabia que eu estava acompanhado. Mas este encontro, fui eu mesmo que promovi e assumo dele toda a responsabilidade.

O Conde Alberto de Melo fumava, mexendo as pernas. O advogado prosseguia:

— São Paulo exige que vocês reflitam melhor. Sei perfeitamente que a senhora veio aqui para assinar os papéis de desquite, parecendo que nada mais se pode fazer no caso senão promover a separação do casal e o destino da filha. Mas há fatos que escapam ao exame de uma senhora da alta sociedade. Neste momento de união dos paulistas eu sou contra o desquite...

Ela interveio com firmeza...

— Mas não pode ser. Meu marido vive publicamente com uma mulher de vida fácil.

Alberto pulou da sombra.

— Quer que lhe diga que foi a senhora quem começou a riscar fora da caixa? Aliás...

Ia fazer uma referência grosseira à tradição dos Formoso.

O advogado ergueu a palma da mão óssea. Felicidade Branca sentia um rubor indignado. Ele disse:

— Isto aqui não é a Sociedade das Nações...

Sorria finamente. Acendeu um charuto, pedindo vênica.

— As acusações são recíprocas.

Felicidade Branca exclamou:

— Eu não vim aqui para ser baixamente caluniada.

— O seu sobrinho é um *gangster*! Mas eu o processo e o ponho na cadeia! Hoje mesmo!

O advogado parecia impacientar-se.

— Seus próprios negócios estão ligados aos interesses da Formosa, Alberto...

Robério Spin elevava a voz, quebrando o silêncio.

— Você não faz nada disso. Você vai reconciliar-se com sua distintíssima esposa. Interesses mais nobres o exigem. São Paulo precisa da solidariedade de todos os seus filhos neste instante decisivo.

— Eu faço isso por São Paulo. Fica bem claro.

— Vocês voltam a constituir um lar bandeirante — disse o advogado.

Então a condessa falou:

— Mas eu não fui ouvida, doutor! Como poderei continuar casada com um homem que vive publicamente?... E o caso da criada?

O conde gesticulou da poltrona.

— Mulheres públicas são vestais perto das senhoras da alta...

Robério interrompeu para falar da causa do coronel que defendia no Tribunal. O telefone chamou. O conde pusera-se

a dar passadas pelo tapete. O advogado ao aparelho respondia monossilabicamente.

— É um telefonema cifrado. Quer dizer que a revolução está marcada. Estoura no mesmo dia aqui e no Rio Grande do Sul.

Pelo elevador, saíram juntos a condessa e o marido. Embaixo, a Packard brilhante aproximou-se pelas mãos do Bonifácio. O chofer francês, numa farda nova, perfilou-se abrindo o carro. Como antigamente, rumaram para a residência faustosa da Avenida Paulista.

A porta senhorial abriu-se e, ante eles, Kana curvou-se numa reverência impecável, dentro de sua jaqueta de criado. Tinha um rosto impassível de menino.

— Toquei pela primeira vez a realidade, a realidade maravilhosa que você é. Agora sei o que é essa coisa insondável, o amor...

Ela saltou sobre o tapete. Estava sem sapatos e ria com o vestido amarrotado. Ele a perseguiu no pijama azul. Eufrásia atirou-se de novo sobre o leito, os ombros largos na seda estampada que escapava em flores do corpinho negro, justo. As coxas delineavam-se fortes sob a saia.

— De que serve a vida se não for assim?

Ela disse com a voz quente, subitamente grave:

— Tenho medo do futuro, Jango.

Ele ia gritar que agora podia morrer, ser fuzilado porque era feliz, quando a campainha da porta ressoou. Foi abrir. Falava com alguém entre silêncios. Deitou-se sem dizer nada. Eufrásia jogou-se sobre ele. Os joelhos redondos nas meias esticadas procuravam dominar o peito vigoroso.

— Conte! Conte!

O rapaz respirou fortemente. A vida total tomou-os de novo, num torvelinho. Estavam exaustos.

— Você viu ontem os soldados de arma embalada pararem o nosso automóvel para revista? A revolução está na rua.

Foi ao banheiro vestir-se.

A voz da moça falou do leito.

— Eu não queria ficar só, Jango!

Ele veio beijá-la. Eufrásia permanecia silenciosa e amuada.

— Eu tenho que ir buscar soldados na fazenda. Conduzilos. Como é possível?

A moça recusava-se a falar. Ficara de braços sobre o leito. Ele então fingiu que saía. Ao transpor a porta ouviu um grito:

— Estou grávida, Jango!

O camarada Rioja levantou-se tarde. Foi até o poço do quintal lavar o rosto. Na rua, junto à cerca, viu um ajuntamento.

— Aconteceu um desastre — explicou Jácopo Frelin.

Correra pelo bairro a notícia de que o carroceiro de uma grande companhia tinha ficado debaixo das rodas do caminhão.

Encostada a um poste a filha do morto, despenteada, os lábios grossos e pálidos, contou que o tinham levado para o necrotério, donde saíria o enterro. Os irmãos estavam aterrados. Era um rapazelho de casquete, outro de chapéu preto sobre os olhos.

— Tem montepio? — indagou Frelin.

— Dissero que não recebemo nada porque a culpa é dele.

Jogo fraco no Automóvel Clube. Ao contrário, a saleta de espera enchia-se, esvaziava-se. Gente despejava-se dos elevadores. O barbeiro estava repleto e animado. No bar, o Professor Robério Spin centralizava uma mesa agitada. Pádua Lopes

entrou nervoso, um cigarro nos dentes. No *hall* penumbroso, o relógio alto batia as sete horas. Carmo Agripa afundava sua estatura numa poltrona de couro. A um sofá, dois fazendeiros conversavam sobre geada.

— Então Seu Carmo, vamos ao Rio?

— Eu não saio daqui. Quero ver você ser enforcado...

— Vamos plantar um pé de café no Obelisco... Um pé de café francanol!

A vizinhança juntara-se no pátio da casa de Zico Venâncio.

— Que foi? Que foi?

— O Doardo comeu um pedaço de goiaba verde!

— Quem deu?

— Arruma uma lavage!

O menino ardia em febre. Suarenta do tanque e do fogão, a mãe vinha vê-lo, estreitá-lo nos braços nervosos. Ele chorava fracamente, parecia cansado. Estava reduzido a um feixe de ossos franzinos donde cabelos incultos e desiguais espirravam como um maço rebelde de capim.

— Doardo! Meu filho! Doardinho!

A vizinhança aglomerava-se.

— Tá virando os óio!

— Veste ele de Santo Antônio!

O estandarte da Faculdade saíra para a rua. Circundavam-no peitos atléticos, rostos adolescentes, vozes ativas. Haviam estacado no território livre de São Francisco, o largo da Faculdade. Rodeado pelos colegas, o moço de óculos sem aro orava no silêncio. Era o Direito que passava, o Direito trazido para a bruteza da América de homens nus, pela censura longínqua nascida na cidade grega, florida no Império Romano onde se enlaçara na cruz de Cristo. Aquele estandarte, elevado sobre

as cabeças ao vento das ruas, era a Europa da descoberta. Ele significava o homem vestido para as relações da sociedade, nutrido pela higiene, desenvolvido pela máquina. A velha Faculdade do planalto tinha um século de florões que haviam ligado nas suas lianas a construção do Brasil legal. Nela se ajustara o bandeirismo pioneiro. Dele saíra a pátria independente e viril. Era a lei que passava, a lei ameaçada pelos tempos irriquiotos e movediços. As senhas de morte que a revolução prenunciava, uma resposta adesiva, calcada de martirólogos, respondia, ecoava nas aclamações, no ruído estrepitoso das passeatas cívicas. Era um século de Direito que a Ditadura ameaçava! Uma multidão faquirizada escutava.

— Taunay já dizia...

— Ora, você com Taunay...

Em torno à mesa lavrada e longa, onde se realizavam as reuniões da diretoria do Banco, uma dúzia de personagens diferentes circundava a figura solene e obesa do Desembargador Ciro de São Cristóvão.

— As revoluções se desenvolvem no plano econômico e no plano militar... No primeiro residente o êxito... é o abastecimento. São as armas, munições de campanha e de boca, os serviços precisam de numerário... e o numerário de lastro... Cessa automaticamente o lastro-valor nacional.

— Temos que emitir...

Todos escutavam a dissertação do banqueiro.

— Emitir dinheiro nosso. Com o lastro-valor nosso. São Paulo é a locomotiva que puxa os vagões velhos e estragados da Federação... São Paulo pode emitir...

— Sobre o crédito da vitória...

— Faremos dinheiro paulista.

— É um erro. Temos que emitir bônus sobre o dinheiro nacional, que nada sofrerá com isso no reajustamento...

— Aliás a campanha do ouro que se esboça, só ela poderia lastrear uma emissão...

— Não. Não devemos confundir alhos com bugalhos... O ouro... será o ouro por São Paulo. Um apelo aos paulistas para que despejem alguma coisa de suas arcas, que se despojem dos sinais caros como as jóias de família, mesmo as alianças... Eu, para começar, oferecerei a minha.

— Os anéis de formatura... As medalhas de ouro...

— Perfeitamente... Tudo isso tem o valor do símbolo... e o valor monetário que auxiliará as despesas incomensuráveis da guerra... Os bônus serão o sistema regulador...

Baixo e forte, com o cabelo cortado à escovinha, o banqueiro ostentava uma esmerada elegância de vestuário e uma educação de gestos que um monóculo coroaava. Um contínuo fardado veio trazer uma salva de prata onde luziam xicarinhas inglesas. O café passou forte, negro e licoroso. Nesse momento, o ancião que tinha bigodes e um ventre roliço batendo contra a mesa, exclamou, dirigindo-se ao da sua direita:

— Não senhor. A *Divina comédia* é outra coisa! Passa um sopro de Deus! É o espírito do Guia!

São Cristóvão tomara de novo a palavra. Mas o telefone ressoou a um canto. Uma secretária veio atender e chamou:

— Dr. Lobo!

Um homem desleixado, de cabelos lisos caindo sobre a testa, dirigiu-se ao aparelho.

— Temos que assumir uma responsabilidade definida — exclamava o banqueiro. — Eu declino da minha, se os chefes militares não garantem o êxito do movimento.

— A revolução será vitoriosa porque é no fim do ano.

O moço desleixado falou melosamente, despedindo-se ao telefone.

— Um beijo... mande um...

A figura decisiva de Robério Spin ocupava o primeiro plano.

— As revoluções se processam como os meteoros...

— A russa foi em janeiro...

— A exceção confirma a regra...

— Foi em outubro... — corrigiu o advogado.

O velho falava sobre Virgílio. Exclamou alteando a voz:

— É outra coisa... Shakespeare não tem sentido nenhum... Uma humanidade cegada pelos instintos... Não tem altitude...

São Cristóvão citava Goethe. Pádua Lopes furioso disse ao vizinho mudo, mostrando o relógio de pulso:

— Estamos aqui há duas horas, ouvindo uma conversa fiada. Como é possível garantir o êxito de um movimento dirigido por cretinos desse talante?

Então, o Professor Albornós, que tinha uma calva que descia, vinha até à dentadura, afirmou:

— Precisamos encarecer o sentido de justiça da revolução. São Paulo humilhado! São Paulo preterido! São Paulo...

Parara à procura de adjetivos. São Cristóvão prosseguiu:

— O meu espírito de disciplina...

Pádua Lopes exclamou para o vizinho:

— A Ditadura entra aqui, toma tudo e corta essas cabeças!

O outro, com a cara vermelha, enterrado num sobretudo preto, disse:

— Cabeças? Aqui? Você sabe por que o general em chefe não manda ordem de marcha sobre o Rio? Quer vir pessoalmente para lançar um novo sistema de ortografia. Mas só se entende falando porque “guerra” ele escreve com “j”!

Pádua Lopes teve um acesso nervoso e gritou:

— Meus senhores, há um caso grave a decidir! O comandante da vanguarda paulista é um coronel. Ele poderá decidir da vitória, descendo de surpresa com os paulistas sobre o Rio de Janeiro. O comandante em chefe está ainda em Mato Grosso e pode demorar. Isso vai trazer um atraso da maior gravidade. Julgam os senhores que o coronel pode tomar o Rio sem as ordens do general?

Houve uma surpresa. Robério Spin ia falar mas a cabeça emburrada de Albornós ocupou o primeiro plano:

— Nós nos batemos pela ordem e pela lei!

— Logo — concluiu São Cristóvão —, as ordens devem ser emanadas da autoridade suprema...

— Somente dela...

— Do general.

— Onde já se viu um coronel passar por cima de um general?

Pádua Lopes acendera um cigarro.

Robério encerrou com um *speech* a reunião dos conspiradores. O moço desleixado estava de novo ao telefone pedindo beijos. O velho gordo levantara-se e ria-se.

— O Dante é insuperável, meu amigo!

Pádua Lopes disse ao homem de sobretudo:

— Perdemos a guerra.

Havia ainda pontas de luz na parda noite clareada. Os operários saíam das casas tiritantes, alcançavam-se nas esquinas de lama. O fogo fagulhava no fogão aceso dos Frelin.

D. Idalina enrolada num xale tinha preparado o almoço que Irmo levaria para a fábrica dentro de um pão.

O velho Jácopo entrou tresnoitado.

— Teve notícias?

— Leonardo foi preso... com a camarada Parede.

— Vamos sair daqui. A reação está agindo.

O operário Plaumburn e Pacova desviaram-se da multidão que se aglomerava entre lampiões quebrados, para assistir à ocupação militar dos trens.

A noite caíra cheia de estridores e de gritos.

— A cavalaria vai tomar conta da Praça... Fecharam as portei...ras...

Deram a volta, seguiram ao longo de uma fábrica. A uma esquina, um carro apagado os esperava com gente dentro.

Evitando o trajeto normal, os militantes comunistas seguiram na direção da Penha.

— Vocês não se conhecem? O Tenente Odilon da Força...

- Uma figura ossuda de mulato vestia um capote militar.
- O companheiro Ortiz do Antimil...
  - Onde vamos?
  - Para o Pleno que o Partido convocou.

O esqueletinho parecia esvaír-se nos braços de Carmela Venâncio.

- Filho! Filho meu!
- Entrega ele na mão de Deus!
- Leva ao Seu Vicente. O curandeiro faz milagre!

O quarto atulhava-se de gente.

Crianças vieram avisar que a rua estava cheia de soldados.

Um tenente magro, de cáqui, apareceu à porta. Dois civis armados o seguiam.

- Onde está o homem do Boxe?
- Foi na farmácia. O menino está morrendo...

A mão pesada da força caíra sobre Zíco Venâncio. Via-se de repente segregado de tudo, sem sequer ter podido beijar a criança, comprar o caixão.

No automóvel guiado por Mário Ferguson, o comunista foi dizendo para os seus detentores:

— Os senhores são da alta sociedade... Deviam compreender...

## V

### Os Latifundiários em Armas

— Ficou com São Paulo!

A notícia corria, agitava a capital, o Estado, o Brasil. O Governador Pedro de Toledo encabeçava a revolução.

Na cozinha ladrilhada, Afonsina, enorme, as pernas abertas, teve um riso da boca de dentes separados, sob as fitas amarelas dos cabelos. Entrara da rua, de chapéu.

— A cidade tá ansim de gente! Música tocando. O generá a cavalol! O governadô inté aderiu. Ota véio bãol Vamo nos Campos Elísio dá um quebra-costela nele!

O médico grisalho, de óculos, não lhe quis dar mais nenhuma explicação.

— Se o senhor não mander fazer as análises que eu pedir não adianta vir cá.

Idílio Moscovão, gordo, inerte, o chapéu na mão grossa, permanecia de pé no consultório.

— É romatismo que eu peguei na lavage do café...

— Já lhe disse que não é nada disso.

— No inverno brabo da Formosa, a coloniada não queria entrá no lavadô. Eu ficava azedo: “Isso é frio? Súcia de vagabundo! Qué vê como eu entro?” Arregaçava as carça...

O médico teve um gesto amigo.

— Vá fazer as análises que eu mandei. Depois volte. Quem sabe se não é nada?

Começara de há muito, o esconde-esconde em torno do doente. Anastácia queria certificar-se, aterrada. Quando ele se anunciava prometendo renovar a incestuosa amizade, ela escrevia carta expressa: — “Não venha porque será inútil. Estarei incomodada no dia da tua chegada. O Jaú está chegando”. O Jaú era o avião paulista que fizera a travessia do Atlântico, que prometia chegar, não chegava e vinha de repente. — Quantos Jaú ocê tem por mês? — perguntava o xerife. E ela apelava depois para a moral. Voltara à religião. Não havia coisa mais linda na vida. E o filho grande, que estava no colégio? O Babá!

Idílio passou a ser vigiado como um criminoso.

Quantas vezes ela sustava a respiração atrás de uma porta de quarto, o nariz em bico, ouvindo as suas passadas que a procuravam pela casa. Ele impacientava-se, chamava inutilmente, urrava à-toa no porão, onde a briga com Lucinda estourava. Esta é que fazia os curativos penosos e aturava o monstro inchado.

Viajou mais uma vez. Nessa noite Anastácia desceu ao porão e disse que andava desconfiada da doença de Idílio. Ante a palavra terrível, Lucinda soltou gritos.

— É preciso separar tudo, senão pega.

— Vamos mandar internar este diabo!

— Ele cura — disse Anastácia —, mas é preciso internar logo.

- E quem é que paga?
- O governo, ora essa!

A classe estava de pé. A professora friorenta, no capote cinza de botões metálicos, falou:

— O nosso Estado é que sustenta o Brasil. O formidável Estado de São Paulo tem sido maltratado e desprezado pelo resto dos brasileiros que precisam dele para o Brasil. Vocês acham justo? Pois agora São Paulo reagiu. Fez uma revolução, exigindo que o ponham no lugar que ele merece e que ele conquistou, no lugar que é dele. Quer ser o primeiro e será! Para isso os nossos soldados vão lutar. Partem certos da vitória. Encorajados por uma causa justa e por um ideal grandioso. Nós, que não podemos lutar ao lado deles nas trincheiras, vamos levar aos que partem as nossas flores e as nossas palmas. Vamos dizer-lhes que aqui ficamos lutando na retaguarda, trabalhando por eles, para o engrandecimento do nosso Estado, pela glória de São Paulo. Viva São Paulo!

Um grito estrugiu como para saudar um gol conquistado nas grandes partidas entre Bartira e Jurema. A criançada juntava-se deixando aos brados as carteiras.

— Hoje não tem aula. É guerra! É guerra!

Jesué dos Santos agarrou um japonêsinho pelas calças e, fazendo a mão de revólver, berrou:

— Pum! Pum! Pum!

A diretora D. Anastácia Pupper entrou de *pince-nez*, apertada num vestido amarelo de lã, dizendo que os soldados precisavam de agasalho.

Um grito organizou-se de repente.

— Para a estação! Todos na estação!

Eufrásia Beato exclamou juntando as crianças:

— Vamos levar lanche, santinho, flor, pros soldados!

O Grupo Escolar esvaziou-se. Fora, o Professor Barnabé procurava inutilmente formar uma fila de meninos.

No rádio da venda fronteira, estourou um discurso. Depois os tambores e os clarins da marcha Paris-Belfort cresceram no ambiente guerreiro. D. Anastácia deu um viva fino a São Paulo.

— Todo mundo está com lágrimas nos olhos!

A estação coloria-se de bandeiras paulistas. O patamar estreito sob o telheiro de zinco, aberto para uma clareira de sol, mal continha a população agitada pela guerra. Ante o trem fumegante, repleto de soldados e civis, as crianças procuravam manter filas festivas. Um negro pôs para fora da janela um sorriso desmesurado.

— Agora é hora, cabocrada! Quero vê quem agüenta!

Vivas a São Paulo estrugiam nos vagões tumultuosos. Insultos ao Ditador, ameaças e dichotes, eram repetidos do tênder ao último carro. Um apito longo cortou a manhã sertaneja. Mulheres choravam dizendo adeus aos revolucionários. Bandeirinhas em preto, branco e vermelho agitaram-se e, num instante de alvoroço, a pequena locomotiva de cabeça de balão deixou vagarosamente a plataforma levando o comboio militar.

Um velho de olhos vidrados, com as perneiras trocadas, descobriu o índio Cristo num fundo de banco do trem que corria.

— Senhores militares! Este sujeito profanou a lei alcoólica. Tá vestido de jurado, no meio dos veterano do alambique. Fica condenado a bebê água minerál!

O carreiro da Formosa estava metido num colarinho duro, de gravata nova, a fatiota preta dos domingos. Um negro, mostrando os dentes de teclado, interveio.

— Pra sê bisorvido precisa pagá dois litro de pingal!

Houve uma festa em redor.

— Pa-a-a-agal!

O velho exalava um bafo tenaz de cachaça. Agarrou o Cristo pelos ombros.

— Ocê veste farda?

— Me dá que eu visto!

— O tenente te dá quando chegá em Santos.

Vozes gritavam:

— Tá bisorvido! Vivoô! Paga a pinga!

Passavam de mão em mão garrafas cheias. De repente formou-se uma briga. O facies movediço do preto, que fanfaronara na janela, fixava outro que fechava a carranca.

— Ocê arrespeita o Chibal Só sanfonêro!

Um sargento gordo exclamou:

— Não quero bagunça aqui! Nós vamos para a guerra de São Paulo!

— Adonde é a Casa do Sordado? Eu me alistei por causo da bóia.

O índio Cristo, que tinha a cara de quati numa roupa folgada de voluntário, respondeu:

— Lá tem tudo de graça! Hô! Hô!

— Ocê sabe que eu sou tenente? Tenente Chibal! Num tô brincano. Ocê já sabe quantos eu comi no facão? Na guerra, quem come mais no facão é que é tenente, capitão, inté generál

Passavam diante de uma lojinha de turco.

O caboclo entrou e pediu um alfinete de fralda. O negociante quis cobrar um tostão.

— Tá lôco! Nós temo em revolução. Sordado não paga.

O preto avançou para o homem.

— Eu requisito inté tua muié!

Seguiram às risadas. O Cristo tirou do bolso uma medalhinha de santo.

— É do Bão Jesus de Jurema. Eu vou te condecorá, Chiba.

— Tenente Chibal! Finca aqui na peitaria. É a primeira medáia que eu ganhou nessa guerra!

Na residência familiar ocupada pela mobilização, Xavier procurou pelas salas concorridas até encontrar duas senhoras conversando num sofá. A mulata moça estava num *tailleur* azul-escuro. A outra magra tinha um resto de beleza no rosto abatido. Puxara os cabelos para cima e movia grandes olhos inquietos. O homem moroso abaixou-se para elas, fitou-as como para se lembrar e falou o recado. A mulata espantada fê-lo confirmar.

— Mas escute Seu Xavier, como é que isso pode ser? É um absurdo!

Ele permanecia curvado, uma mão no encosto do sofá, olhando longe. De repente, disse:

— Vou servir chopos aos soldados.

Os voluntários formavam grupos. Vestidos de cáqui e de verde, com perneiras largas, botinas apertadas, cinturões caídos. Senhoras vistosas e moças ágeis serviam e falavam incansavelmente.

— Bolinhos de bacalhaul! Tire mais uma sanduíche! Olhe, naquela bandeja são balas de coco!

Xavier fazia passar animadamente, através das madrinhas de batalhão, os copos de cerveja cheios, brilhantes de espuma. Os soldados reclamavam. — Tem muito colarinho. Não sou coronel!

De repente, uma moça rosada do frio gritou:

— Abaixo os sem-vergonha!

Um grito estrugiu, unificou a Casa do Soldado.

— Viva São Paulo!

Uma senhora baixinha tinha os cabelos despenteados ao lado do marido alto, seco, o *pince-nez* montado num grande nariz. Mostrando uma mulher gorda à mulata que procurava se aproximar de Xavier, um soldado velhusco informou:

— Aquela tem três filhos no fronte, Dona Rosalina.

— Eu tenho o meu marido, o Capitão Jango, da Força. E Dona Sinhá tem o filho único!

A senhora magra sentiu os olhos enevoados de água. Rosalina explicou, de lado:

— Olhe que desaforo! O senhor acredita? Sabe o que fizeram pra Dona Sinhá? Coitadal! Pois o filhinho dela fugiu de casa. Com dezesseis anos. Quis por força tomá parte na revolução. Ela dizia: “Meu filhinho, eu beijo a terra pra você não i... você é uma criança ainda!” Foi pra rua pra ver se cercava ele no batalhão. Ele escapou, pegou o trem andando. Ela então, coitada, entregou a Deus, se conformou. E depois veio aqui oferecê serviço pra Dona Guiomar Junquilha. Sempre uma costurinha, um doce... ajuda. Pois o senhor sabe o que essa malvada mandou dizê? Que ela não podia ter filho na revolução porque não era casada. Pros diabol! É assim que se trata uma mãe?

Ante o nome poderoso da Junquilha, o militar velho permaneceu mudo. Xavier lentamente distribuía chopes. Vendo a mulata gesticular disse:

— Não adianta estrilar, meu comandante falou, tem de obedecer.

— Quem é seu comandante?

— É Dona Guiomar.

Um grupo alvoroçado de senhoras penetrou na sala com pacotes e caixas de cigarros à procura dos afilhados de guerra.

Umbelina Formoso, trêmula, num vestido claro, discutia com outra, baixa, borrada de pintura:

— O capitão é meu!

O recrutamento intensificara-se.

Eram onze horas da noite. O Tenente Lírio de Piratininga deixou o *bureau* militar. A sentinela perfilou-se. Estava nas proximidades da Avenida Paulista. Foi andando a pé. Atravessou o Largo do Paraíso. O asfalto deserto parecia maior entre

as residências senhoriais. Sob a iluminação farta não se via um transeunte. De repente, uma gritaria se elevou, cresceu. Um caminhão vinha em disparada. Passou atroando. Levava homens armados e bandeiras. Um outro apontou atrás, depois outro. Eras voluntários que atravessavam a capital para se juntar às linhas de frente. No dia seguinte seria a sua vez.

— Napoleão começou tenente!

Quindim convidara para o almoço dois companheiros de armas. Cláudio Manoel recusava-se a partir. Era em princípio contra a guerra. Umbelina fora escolhida para madrinha de soldados entre dezessete e vinte anos. Na parada militar que ia ser a batalha santa do café, a fazendeira tirava as cores mais vivas do seu velho guarda-roupa, enfaixava as gorduras, calçava os sapatos Luís XV, punha um chapéu de flores e aba larga e aparecia na Casa do Soldado, num besunto de *rouge* e de batom. Uma sombrinha alta, fragrante de perfume, parecia Flórida Tosca na ópera de Puccini.

Afonsina comentava: — Isso é cara que se apresente na rua? Ispanta inté os corvol Vó jogá na centena da vacal

Ficava resmungando na cozinha. A velha gastara quarenta mil-réis num cachecol. O soldado risonho, que subira com ela as escadas para ver a vista do terraço, trazia-o ao pescoço.

A criança, ao primeiro sol da cozinha látea, hibernal, ficava sentada num banco de palha riscando e soprando atenciosamente palitos usados de fósforo. Na parede, a ceia de Cristo balançava ao furacão de Afonsina passando como um elefante solto.

— A guerra vem aqui e mata nós tudo, não é nêga?

Belica respondia, acenando a cabecinha loira com um riso da garganta que parecia sarcástico.

O telefone ressoava. Era Umbelina, desde cedo na Casa do Soldado.

— Disse que é pra tirá, na conta da venda, duas lata de biscoito, dos mais fino. Agaranto que é pra oferecê pros afiadol A conta tá por aquil...

Os olhos arregalavam-se sob a cabeleira rala, amarela e dispersa.

— Nessa casa ninguém perde tempo! Se eu pudesse, também pegava meia dúzia desses frango pra ensiná.

Na cozinha solar ficava o riso da criança.

A guerra podia levar-lhe até um braço. Mas aquele macarrão ficava. Lírio tocou instintivamente no bolso da calça, o pacote trocado de notas que havia recebido para os serviços de organização e a primeira despesa de sua gente. Três contos de réis. Até o braço esquerdo ele consentiria em perder por São Paulo. Agora não tinha nenhuma vontade de ver as velhas. Nem aquela mulata literária, cretina, que lhe escrevera. Quando voltassem, sim! A manga sem braço balançando à frente de seus homens heróicos, num cavalo branco, entre palmas e flores, pelo Triângulo central de São Paulo... Diriam:

— É o Napoleão negro!

Um pingo de molho de tomate tinha lhe borrado o peito da túnica verde-claro, justamente no lugar em que esperava colocar a medalha da vitória. Mau agouro! Levantou-se, molhou o guardanapo na água do copo e foi para diante de um pequeno espelho que pendia da parede do reservado.

Era sempre assim quando o triunfo se anunciava. Pensou nos Abramonte. Nesse momento entrou, afobado nos óculos pretos, o Sargento Epaminondas.

— Pronto, Seu Tenente Piratininga!

— E o Olavo Bilac?

— Que Olavo? Não tem nenhum Olavo.

— O batalhão.

— Aha! Os home? tá tudo aí.

— Onde acampou?

— Junto do barranco, aí na frente.

— Já tem fardamento?

— Não sinhô. Vai arrecebê no Largo de São Francisco.

— Veja lá se eles fogem!

— Não tem perigo. O senhor não pagô nada...

Lírio de Piratininga fez o outro ir esperá-lo fora e ficou limpando a mancha da túnica. O esforço em ser alguém... Aqueles inúteis e vazios anos de Juremal Agora sim... Jurema tinha os olhos nele. Era um lutador vitorioso. Era alguém! Deu uma olhada fina nas botas lustrosas que calçava. O espelho reproduzia por partes sua alta estatura fardada. Estava no fundo, inquieto. Devia ter bebido outra coisa. Na guerra é pinga que se bebe. Não sabia atirar, nem entendia nada de guerra. Mas comandante não atira. Onde já se viu? Lera um livro... Os generais morrem na cama...

Era o momento da apresentação à sua tropa. Havia alguns brancos recrutados no batalhão organizado de improviso. Como o receberiam? Ele era um Rebouças! Mais de uma vez, sua gente se fizera respeitar pelos próprios reis e imperadores. Exagerando o peito, sumindo o ventre, teso quanto podia, seus passos ressoavam pelas longas veredas do sítio aprazível e silencioso. O Epaminondas sumira novamente. — Vira-lata!

No bar, à saída, havia gente conversando mas ninguém viu o seu porte marcial. Faltava-lhe um chicote. Quis voltar. Ver a impressão que causava. Com um chicote faria farol. Não lhe tinham dado espada. A rua poeirenta ia estragar tudo. Inutilmente procurou Epaminondas e seus homens. Sentia-se humilhado. Teria que andar naquela poeira. Esperava que, ao seu aparecimento no portão do Parque, os homens perfilados e entusiásticos, que com ele iam morrer por São Paulo, fizessem continência, apresentassem armas. Um automóvel capenga vinha vindo. Fê-lo parar.

— O senhor não viu os meus soldados?

— Lá atrás do bambu tem uma porção de gente.

Irritado, foi procurando caminho pela beirada das cercas. Um ruído de vozes chegou-lhe.

— Cabo Epaminondas!

Os óculos pretos surgiram de trás do bambu.

— Onde estão os voluntários paulistas?

Epaminondas apontou com um gesto. Ele aproximou-se e deu de cara com duas dúzias de homens murchos e amua-

dos que se vestiam com os mais desconexos resíduos da indumentária paisana. Desmoralizava-os uma atitude de displicência, cinismo e miséria. Estavam jogados na barranqueira. Uns de bruços no chão de capim, outros deitados de cara para o céu, outros, os mais numerosos, sentados, o queixo nas mãos, as pernas dobradas. Ninguém se mexeu.

Ele então deu três passos e berrou:

— Viva São Paulo!

O grito ecoou sem resposta. O comandante fitou o cabo. Epaminondas gritou:

— Vival

Do grupo dois ou três repetiram frouxamente a aclamação. O Tenente Piratininga perfilado avançou no seu alto porte.

— Soldados! Vós sabeis por que o batalhão se chama Olavo Bilac? Porque Olavo Bilac era um grego!

Ou pelo fato de entenderem negro ou porque gostassem da palavra, uma leve aragem animou os homens híbridos.

— Viva Olavo Bilac!

Um grito unido ressoou. Alguns recrutas puseram-se de pé.

— Vós ides ser contemplados com meio soldo de campanha. Cabo!

Aclamações estrondaram. Uma mulher, que ia ao longe, apressou os passos aconchegando uma criança nas saias.

— É a guerra! minha filha.

As janelas fremiam de bandeiras. As paredes de cartazes. O centro juntava gente curiosa e surpresa.

Na cidade mobilizada, um grilo fazia funcionar o sinal vermelho do seu semáforo urbano, dirigindo os veículos amontoados, desengarrando os movimentos do trânsito. A campanha ressoava fazendo estacar e seguir automóveis, caminhões, carroças e bondes.

De uma barata azul, que fora obstada em sua corrida pelo sinal fechado, saltou um moço oficial numa farda brilhante. Outros espriavam de dentro do carro.

— Seu cachorro! por quê que você tem de dar sinal para parar a minha barata?

O grilo num gesto mostrou caminhões e carroças que seguiam atrás de um bonde preso ao fio elétrico.

— Fique sabendo que eu te prendo! Você sabe com quem está falando?

Dentro do carro os outros riam debochadamente.

Voltou ante a satisfação dada pelo guarda que fez estacar a linha de veículos para deixar passar a barata. Subiu, partiu rápido na direção do Largo de São Francisco.

— O tenente disse que, quando ouvir tocar o Hino Nacional nem que seja numa vitrola rachada, pára a guerra e bate continência!

O troço bisonho de recrutas, marchou, na poeira das ruas de Santo Amaro. Entre mulatos empalamados, velhos imprestáveis, moços do campo que se moviam duros e imprecisos com um cobertor enrolado a tiracolo, Lírio era um padrão da América fina. Estava na porta do Bar, cercado de curiosos.

Gente desocupada, grupos de moços, famílias, espiavam das janelas e das portas o espetáculo. Os homens haviam estacado em linha. Epaminondas gritou:

— Agora os senhores têm mais meia hora de descanso. Nessa meia hora podem comerem, podem beberem e podem passearem!

Daquele edifício haviam saído os homens mais eminentes do Brasil. Os estadistas do Império, os fundadores da República. Três nomes de poetas refulgiam na velha fachada colonial. Era a Faculdade de Direito de São Paulo. Dali explodira o movimento na hora zero de 9 de julho. Convergiam para seus pátios civis fardados, grupos saíam com diretivas e ordens.

— Você sabe por que nós estamos brigando? Porque o Getúlio não passou por esta casa...

— Vamos fazer ele assistir umas aulas do Pajé antes de ser fuzilado.

Por corredores e salas de aula, um redemoinho de estudantes militarizados, de profissionais do Forum, de velhos bacharéis aglomerava-se, discutia. Um homem moreno e grisalho estava parado junto às arcadas conventuais e conversava com o condutor da barata.

— Vai tudo bem. Desta vez liquidaremos os inimigos do Direito Romano.

— Onde estamos concentrados?

— Quitaúna.

— Escute, Alcides. Vá a Higienópolis. É preciso requisitar o colégio das freiras. Diga à Madre Superiora que o nosso batalhão não é de cafajestes. Não tem trabalhadores.

— Requisito já!

O moço enérgico e baixinho tinha um rosto bonito de adolescente. Passou por sobre um monte de mochilas e armas e chamou dois outros.

— Temos que ir ao MMDC. São as quatro iniciais dos primeiros mortos que a Ditadura fez aqui, em 23 de maio. Vamos conquistar as freiras primeiro!

Deixando os torvelinhos do centro, a barata azul, guiada pelo Tenente Magnólia, galgou a direção silenciosa do bairro aristocrático.

Um caminhão que a precedia parou bruscamente.

— Estúpidos!

No meio da rua um velho num sobretudo, tendo numa braceira as cores paulistas, erguera uma bengala. A barata avançou, ia atropelar o importuno que fazia estacar o trânsito da guerra. Mas o rapaz breiou.

A barata ladeava o caminhão. Passou pelo setuagenário mobilizado.

— Viva São Paulo!

Os degraus do sobrado estalaram. João Lucas descia da mansarda. Atravessou as salas fechadas. Seu porte avultava

numa túnica de oficial, o rosto debonário. Iluminou a copa, foi tirar queijo da geladeira para fazer um sanduíche. Afonsina, que entrara do quintal, perguntou ao moço se queria que fizesse uma omelete. Ele recusou automaticamente.

A velha fazendeira descera também de seu quarto para ver quem era.

— Você não partiu ainda Jango? Bentinho apareceu gelado. Não podia mais de canseira. Quais são as notícias?

— Temos que nos bater sozinhos.

— Virgem Maria! As coisas pra acontecer não custam!

— São Paulo foi traído.

— Que aflição!

— Minas e Rio Grande nos abandonam...

Afonsina, enorme, de branco, estourou em lágrimas, levando à boca e aos olhos molhados um prato de ovos que trazia na mão. Deixou a copa onde o silêncio voltava.

— Seu avô, nessa idade, fazendo de lanterninha numa esquina, com frio. Enganaram que vinham render. Teve que comer lingüiça numa venda.

A Junquilha estacou no corredor da casa rica. Ubaldo enlaçou-a. Ela ficou pequenina nos braços gigantesco do filho. Não dizia nada.

— Mamãe! Eu não quero deixar você...

— Meu filho! Homem não é para ficar em casa...

Um ruído de corneta rachada acordou o bairro residencial. Um menino trazia ao ombro um pau de vassoura. Outros seguiam-no, batendo numa lata velha. Populares estacavam.

— Você está lindo fardado!

— Vou te dar um cachimbo.

- Não. Prefiro um lenço de Paris.
- Os presentes choeram. Os cuidados também.
- Não vá se resfriar, Quindim!
- Leve um tubo de aspirina!

Na grama de Quitaúna, bandos de namorados, *tête-a-tête* de noivos, juntavam-se trocando carinhos e cigarros. Quindim rosado na sua farda limpa estava numa roda de vestidos claros sob capotes e cabeças descuidosas. Ao lado um par discutia:

- Na volta...
- E se eu não voltar?

Ele olhou-os num sorriso silencioso. Piscou para as garotas chiques. Depois teve uma pena enorme de si mesmo

- *Krieg ist Krieg!* Pulga é pulgal
- Ponha naftalina dentro das meias!

O Tenente Piratininga surpreendeu-se no meio da gente desconhecida que com ele penetrara aos trancos no penúltimo caminhão. Estava ao seu lado, sentado num caixote, um homem quieto. Sob o largo chapéu *cowboy*, ele distinguia, na lua fria de julho, uma barba começada no soldado corpulento. Vinha dele um cheiro estranho. Já o vira não se lembrava onde. Mas tinha certeza de que não viera no comboio militar saído aquela manhã da gare sertaneja de Bartira. Os seus soldados, que haviam acantonado numa pensão do Bom Retiro, tinham vindo com ele num trem de gaiolas, depois se dispersado pelas dependências de uma fazenda. No tropel do acordar no meio da noite, com a ordem imediata de partida para a frente de com-

bate, desfizera-se o bando de pobres-diabos que ele juntara fornecendo bóia, cigarros e dinheiro para combater a Ditadura.

A longa fila de caminhões marchava devagar e sem luz. Lírio sentiu-se de súbito possuído de um vago receio. Não fossem cair de repente numa cilada das tropas do Getúlio Vargas! Eram terríveis cangaceiros, gente dos sertões de Minas e da Bahia. Os caminhões enfileiravam-se em quarta velocidade roncando. O farmacêutico prestou atenção e ouviu o oficial, que ia na boléia, conversar com o chofer.

— Tenho medo que essas matas estejam cobertas de inimigos...

— Magine se dé um tiro aqui!

Pensou em travar conversa com o barbaço do caixote, mas, ao sacolejar do caminhão numa curva, a sua voz não chegou a se precisar. Pigarreou com energia e conseguiu dizer ao companheiro de armas:

— Está começando a guerra!

Uma voz arenosa saiu de dentro do ponche e do chapéu.

— Eu que vi os começo. Óta mão certera. Foi um tiro só, aqui na garganta. O besta pois a cabeça pra fora. Inté parou a guerra. A paulistada saíro todos correndo da trincheira pra acudi o morto e os carioca do outro lado garraro espiá. Esquecero de dá otro tiro. Ninguém tava costumado!

Aquela voz e aquele linguajar não lhe eram estranhos. Mas distraiu-se pensando que nas guerras antigamente a contenda acabava com o primeiro morto. O diabo é que desta vez, se fosse assim, quem ganhava era o Getúlio.

— Nós percisa tirá esses fia-da-puta do governo! Então é coisa que se faça chegá o ponto dos paulista tê que queimá os cafezá carregado, isso nem é jeito de vida...

Lírio perguntou quem tinha sido a primeira vítima da revolução.

— Foi um professor meio troxa lá pras banda da Jurema. O Barnabé!

— O senhor é de lá?

— Não sou.

O tenente procurou em vão identificar o barbado que agora pusera de pé o fuzil.

Parecia que qualquer coisa de anormal se passava na estrada. Os caminhões haviam estacado de repente. Gente descia.

Entre os voluntários que recebiam o pagamento da primeira bóia junto a um estábulo, o organizador do batalhão Olavo Bilac não encontrou nenhum dos seus comandados. O baino que contratara com ele a arregimentação sumira também.

Quando recebia o café morno e açúcarado numa caneca de lata, aproximara-se dele o índio Cristo da Formosa com o preto hercúleo do trem.

— Vocês são gente da Jurema?

— Semo sim.

— Vocês viram meu batalhão? Dispersou tudo com a pressa...

Nesse momento atravessava o campo o barbado de chapéu.

— Vocês conhecem aquele sujeito ali?

— Não, fez o Chiba.

— Uail Tá-me parecendo que eu conheço... Hol Tá barbado que nem um Jerusalém! É Nhô Idílio que foi feitô da Formosa. Quaji não conhecia.

Tinham sido conduzidos à noite para as linhas de combate e ouviram os primeiros tiros longínquos de um canhão ditatorial. Lírio confessava a si mesmo que era uma besta. Devia

ter procurado outro lugar, onde houvesse menos barulho e onde pudesse evitar um encontro talvez fatal com o capanga dos Formoso. Ou se engajado como farmacêutico na Cruz Vermelha. Em vez de ter formado aquele batalhão fantasma.

Divididos em pelotões, os homens foram conduzidos, na neblina do dia que começava, para trincheiras improvisadas ao longo de um riacho. Fechavam o setor defesas naturais, barrocas, aguadas e copoeirões.

Olhou para todos os lados e não viu sombra de inimigo. Na distância, *lobrizou o perfil chapelado de Idílio Moscovão.*

Havia um canhão rolante. Dava um tiro frouxo aqui, indo dar outro lá longe. Pareceria ao inimigo que os paulistas tinham baterias.

Os soldados descansavam nas trincheiras, preparando matracas para fingir de metralhadora.

O que tinha um bigode ralo, sob um capacete novo de aço, falou:

— Eu estava de sentinela na esquina com um fuzil sem cartucho, quando passou a mulata. Eu bati atrás. Quando eu voltei, o capitão avançou para mim. Eu queria explicar, mas ele berrou: “O senhor vai fazer uma faxina! Vai lavar o pátio!” Eu respondi: “Lavar o chão? Está louco. Lá em casa eu pago uma criada para fazer esse serviço”. Ele quis me prender, eu já estava com raiva e gritei: “Tira esses galões e vem cá pra ver como eu te racho a cara! Eu não me alistei nesta merda pra ser preso!”

No escritório da Administradora Junquillo, Xavier, sentado, olhava o correr dos dias vadios que a revolução trouxera. Ninguém fazia negócios, eram poucos os que pagavam, nin-

guém recebia. Só se transacionava em bônus. O moço de bigode ouvira o rádio. Os paulistas avançavam:

— Mais um dial No Rio!

Ele permanecia quieto fitando a janela.

— Houve uma revolta no Rio Grande...

Nas manhãs, a correspondência volumosa de outrora era feita de prospectos e cartas-circulares. Com um maço de jornais e os envelopes entreabertos ele passava a divisão de madeira. D. Paula levantava os olhos claros das contas, examinava e atirava fora.

— Só vem anúncio! Hoje veio para o senhor!

Xavier ficou com a carta, zanzando depois de ter lido o endereço simples: Sr. Xavier... A secretária baixou a cabeça, continuou a examinar o arquivo. Ele dirigiu-se à toailete para abrir sozinho o envelope. Primeiro uma página dobrada e dentro um recorte em papel crepom azul. Na folha branca havia uma frase escrita. Leu. Releu.

— Ninguém não veste saia. Paulista não veste saia. Paulista não tem medo de careta!

Voltou com aquilo no bolso. Seus olhos miúdos afastaram-se sem compreender. Ficou com o facies avelhantado de repente. Fitava a janela. Dentro do bolso guardava uma sainha de papel.

A vida militar aproximava da natureza aqueles homens saídos de escritórios e oficinas. Houve uma reação de animalidade jovial nas leis de urgência a que obrigava a trincheira. Mas, ao cair das primeiras noites escuras e geladas, uma noção de responsabilidade pessoal estimulou o grupo perdido, que os tiros de inquietação acordavam.

Um soldado perguntou a outro:

— Aquela moça que estava na estação era sua irmã?

— Minha noiva.

Outro contou:

— Aquela velha que ficou chorando era minha mãe.

O silêncio cresceu até que um soluço de homem se desfogou no fundo do abrigo.

Batia a uma porta, tó-tó-tó, tenaz e rápida, a mão da metralhadora. A vida inconsciente enlaçava-se à guerra, voltava no meio sono do soldadinho deitado sobre o capote. Duas estrelas verticais subiam no céu frio sobre a trincheira. Deus empinava um papagaio de luz.

— O Cruzeiro do Sull

Quindim sentia longe os cuidados que carregava nas costas... a sua casa... Como uma lesma carrega um caramujo.  
— Sua avó tá chamando. Tó-tó-tó...

Criança conservara os cabelos em cachos. Tinha querido ser pianista. A mãe fechara os olhos verdes, fora de roxo no caixão. O Major, que era Major como ele era Quindim desde o nascimento, vendera o piano para pagar uma dívida. Quermesse para a igreja, festas, tranças. A Fichorra brigava, beijava. O primeiro namoro fracassado. A Afonsina dava-lhe doces. — Não quero que ninguém negue nada pro Quindim! Ele não tem mãe. — Tó-tó-tó. Afonsina masturbava-o para fazê-lo dormir...

Os dois universitários afastaram-se para a frente com o oficial que comandava o pelotão de reconhecimento. Longe dos barulhos da campanha, sentavam-se agora debaixo de um jequitibá isolado numa clareira.

— Você se chama Jaert, mas não é estrangeiro.

— Chamo-me Carlos de Jaert, mas podia assinar Silva ou Carvalho.

O interpelante era um grandão de óculos por onde uma miopia exagerada procurava devassar os arredores. Tinha cabelos ralos e compridos que jogava para trás.

— Estou aqui de raiva. Arranjei um lugar num caminhão e vim para a frente sem dar satisfação a ninguém. Sou engenheiro mas é preciso pistolão para ser técnico nesta guerra.

Arrancou uma moita de capim. Carlos de Jaert estava deitado de comprido, o rosto ao sol.

— Estamos aqui fora do tempo, fora da história.

— O diabo é que a História do Brasil de repente desmista como um despertador quando aparecem esses aeroplanos que a Ditadura arranjou. E a gente, que podia estar debaixo desta árvore tanto no século XVIII como na era das Descobertas, verifica que existe de fato o cidadão Getúlio Vargas.

Deitaram-se, um ao lado do outro.

— Você tem razão. Se não fosse essa companhia, essa péssima companhia de soldados, nós poderíamos estar aqui em qualquer século. Mas a história do mundo anda dentro de nós e com ela o nosso tempo. Vivemos fechados nela como o feto no claustro materno, vivemos dentro da consciência atual e dela não se sai senão para a loucura.

— Como é o seu nome inteiro?

— Jack de São Cristóvão. Sou sobrinho do banqueiro. Meu pai, que já morreu, tinha admiração por uma peça que o ator Dias Braga levava por aí no começo deste século *Jack, o estripador*. Sempre a memória intervindo. Agora sou um número. Até que fique sendo, o que é provável nesta guerra bandida, *Jack, o estripado*. Eu tinha esquecido que era o soldado 644 do 2.º Regimento do Batalhão Tibiriçá. Veja como o tempo realmente não interessa, o que interessa é a consciência dele. Já leu um romance alemão, *A monhanha mágica*? Aí tem um estudo...

— Você está fora da matemática clássica... comigo!

— O tempo só existe quando qualquer acontecimento o torna presente e atual. Que importa uma imagem fotográfica projetada sem luz? Ninguém a vê. O tempo é assim, precisa ser iluminado. Então num minuto a gente vive o conteúdo de séculos. Ai de nós se não houvesse essas compensações!

— Para muitos o tempo ainda é a luz iluminadora. A existência do tempo físico estaria fora da história do homem, seria anterior a ele, como Deus. A própria luz...

— Eu sei que depois de Einstein, o tempo é uma dimensão. Um contínuo quadridimensional de espaço — tempo, a vida!... Mais nada! Eu tenho uma teoria nova. Todas as hipóteses são válidas hoje no campo da física... O tempo é o desgaste. Olhe, eu tenho a convicção de que isto é uma teoria minha, mas aqui no Brasil não se toma nada a sério, quanto mais uma controvérsia desta natureza! Eu digo que o tempo é o contrário do espaço. É a dimensão negativa. É tudo que nos nega e destrói, desde o pêndulo até a namorada e o credor...

Carlos de Jaert riu.

— Você para ser importante devia ter nascido antes de Einstein, de Bergson e do romancista do tempo — Proust. Aliás, eu tenho também uma descoberta. O nosso Machado de Assis já falava na duração particular das felicidades e dos suplícios, falava do “tempo não marcado”, dos “relógios do céu”, e afirmava que a “eternidade tem seus pêndulos”. Que grande mulato!

— Na equação de Einstein, veja, o tempo aparece com o sinal negativo. Estamos aqui parados, perdemos a noção espacial e por isso ganhamos tempo.

Carlos de Jaert sentara-se no capim.

— Com essas sutilezas todas eu fiquei com fome.

Tinha uma máscara mediterrânea e sorria com dentes fortes. Berrou no silêncio do campo:

— A bóia! Quem paga a bóia?

Das árvores vizinhas, um grito avolumou-se:

— A bóia! Quem paga a bóia?

Os soldados levantaram-se aos grupos. Os dois rapazes aproximaram-se.

Reclamavam a presença de Idílio Moscovão.

— Ficou... O barbado ficou!

— Ele é que sabe fazer feijão gostoso.

Um oficial informou que havia cozinheiro na tropa mas que não tinha nada para cozinhar.

- Vamos comer o cozinheiro!
- Vamos por um carioca na panela!

O bando de paulistas fora-se afastando pelo caminho do mato, para terminar o reconhecimento e afinal perdera todo contato com a guerra. Estavam sem nenhuma provisão. Dentre a bicha de homens cansados que os uniformes igualavam, uma voz falou alto:

— De repente os cariocas vêm aí! Eles são mais de mil, nós somos quarenta.

Continuavam a marcha expectantes no mistério do campo que os capoeirões cobriam.

— São ordens.

— Mas até quando vamos andar?

— Olha aí uma ponte!

Um ribeirão quase seco espraiava-se entre pedregulhos brancos. Árvores dobravam-se sobre ele. Os soldados desceram, de roldão, até as margens líquidas, beberam a água gelada na concha das mãos. Um tirou a roupa, penetrou gritando na minúscula correnteza... Outros seguiram-no. Estavam agora deitados na ribanceira. Um soldado magro disse para o outro:

— Estou louco para sair dessa joça. Mas ainda não encontrei condução.

Outro contou:

— Vi um tenente morto a facadas. Que impressão horrível!

— Domingo tivemos onze baixas, fora os feridos e os desaparecidos. Imagine dia de semana!

— Você conhece aquela anedota do português que estava passeando em Niterói?

— Onde? — perguntou o rapazinho.

Quindim que estava ao lado explicou:

— É a cidade em frente ao Rio. A gente atravessa de barca para ir lá.

— Eu não conheço o Rio.

— Nem vai conhecer...

— Um português estava passando o domingo em Niterói, quando um sujeito nervoso o abordou e disse: “Olhe Seu Manuel, eu estou chegando do Rio, sua casa na Rua da Assembléia está pegando fogo e sua mulher morreu.” O português foi correndo para a estação marítima, saltou na primeira barca que ia saindo. Quando ia em meio da baía, deu uma risada... “Ora, iessa é boal! Pois eu não me chamo Manuel, não sou casado e nem tenho casa.” Nós aqui somos que nem esse português.

— É verdade... Agora estou vendo que não me chamo Manuel...

— Corneta, tambor, rádio, discurso, madrinha, depois tiro, carrapato, fome... É essa a passeata ao Rio de Janeiro...

Alteara-se o sol, prolongando a manhã de neblina que orvalhava o silêncio grave do campo.

Um repouso inédito depois do tumulto da guerra tomara conta daquele pequeno bando de homens armados. A guerra os havia esquecido e eles haviam esquecido a guerra. Um simples atalho os tinha conduzido à paz de uma partida de campo. Deslocados do espaço das operações militares, eles se viam subitamente deslocados no tempo.

Um ronco longínquo fez levantar a primeira cabeça descuidada.

— Um avião!

— Tá louco!

Motores trabalhavam o céu distante desigualmente. Os soldados silenciosos atiraram-se aos barrancos sob as árvores procurando buracos e saliências na terra. Um ronco maior precisou-se, passou perto. Sereno, alto, um avião vermelho dirigia-se para o sul. Outro seguia-o de longe. Os homens permaneciam ali, deitados no campo sujo. A manhã firmava-se anunciando o sol do meio-dia.

Chuparam limões amarelos e azedos.

— Veja como o homem está inteiramente no coletivo...  
— disse Jack de São Cristóvão. — Nenhum de nós teria pro-

curado se arranjar com os recursos da selva americana. Precisamos de um tenente senão morremos de fome e sede.

A bicha de soldados, tendo à frente o oficial-comandante, encaminhava-se por uma vereda procurando voltar e atingir a base. Tendo tropeçado num cômodo que se desfez sob a sua larga botina ferrada, o engenheiro, endireitando o fuzil a tiracolo, falou:

— Nós estamos fora do nosso caminho. Esse cafezal não estava na rota.

Alguém disse:

— A estrada não é essa. Desnorteemo...

Os atacantes desembocaram repentinamente por entre os arbustos. Era um roldão de homens hercúleos e maltrapilhos. Estavam descalços e bem armados. Pareciam cangaceiros. Atrás vinham outros gritando.

— Vamo bebê a sangue deles!

— Polista fia da puta!

Ante o inesperado do assalto, o tenente que comandava a pequena tropa parada ergueu os braços, entregou-se. Carlos de Jaert no capote cinza tinha os olhos rasos de água. Atrás deles, Mateus Beato soltou um grito assustado e inútil. Um tiro ecoou. Um inimigo gigantesco derrubou Quindim, que deu de novo ao gatilho do revólver.

Na sala da fazenda iluminada por um lampião, dezessete homens de São Paulo foram desnudados um a um. O grupo de sentinelas nordestinas conversava.

— O castigo pra esses puto é enrabá!

Um oficial entrou, pequenino, de óculos. Dirigiu-se aos prisioneiros.

— Meus compatriotas polistas! Nós estamos popando vocês porque somos da mesma nacionalidade. Admiramos o heroísmo dos polistas. Mas nosso dever será cumprido. Como cristão e brasileiro eu reprovo a guerra. Mas vocês são muito mitido a sebo e precisa apanhá!

Um rapaz de bigodes ralos, com um capacete de aço, gritou:

— Senhor capitão, eu sou um estudante da Faculdade de Direito. Nós tomamos armas por São Paulo e preferimos a morte à derrota. Queremos ser fuzilados!

— Seu moço se acarme... entre na fila!

— Viva São Paulo! — gritou o rapaz fitando os companheiros.

Os homens vestiam as calças esfarrapadas e sujas dos nordestinos. O oficial da Ditadura concordou despedindo-se, batendo nas costas de um.

— Todos têm família e vieram enganados. É isso mesmo.

— Vocês aqui têm passarinho diferente. Lá no Nordeste é só xexéu...

— É o rouxinol ou a cotovia...

— Eu sinto farta do xexéu...

Sobre os dois homens sentados, a lua era uma fantasmagoria. Da camisa de meia bem cavada, vinha um cheiro de trabalho do campo.

— Reduzino...

Os olhos vivos no rosto brônzeo e glabro de adolescente fitavam Quindim. Uma cicatriz levantava ligeiramente o lábio grosso.

— Você é um rapaizinho desabusado!

— Que foi isso?

— Caí do cavalo xucro na cerca de arame. Pegá potro...  
A perna também... Aqui em cima...

— Como é lá na sua terra?

— Dinheiro nenhum, mas fartura demais.

— E aqui na campanha?

— Tem dia sem bóia nem café.

Na neblina azulada da noite ficou para trás a corcunda do monte redondo. Três árvores ramalhavam na barranqueira sobre o riacho. Depois flócos encarvoados barrando a lua. A uma abertura, a extensão silenciosa da guerra.

A madrugada pincelava de vermelho os píncaros gelados. A madrugada vermelha recortava os píncaros frios.

— Fica aqui! Não, eu não quero! Eles me fuzilam... se descobrem... que você me soltou!

— Um companheiro conseguiu fugir...

Os soldados rodearam o rapaz que chegava desarmado na trincheira paulista.

— Quindim!

— Pensamos que você tinha morrido.

— Você fugiu?

— Caímos prisioneiros.

— Como é aquilo lá?

— Não sei nada. Não deu para ver... Fomos andando para fazer o reconhecimento, paramos e caímos numa cilada. Cada cangaceiro enorme! É um batalhão comandado por uma santa do Nordeste. A primeira coisa que fizeram foi tirar a nossa roupa. Eu não conseguia dormir. Ontem à noite afastei-me do acampamento. Vim vindo e caí aqui.

O rapaz brônzeo estirou-se como um animal. A noite cheirava a capim molhado.

Tinham-se encontrado entre as trincheiras, no recanto combinado que o mato escondia.

Quindim examinou ao luar do capoeirão o escapulário torcido e sujo, no pescoço do nordestino.

— É do Sinhô do Bonfim...

Mostrou a outro uma medalhinha de Nossa Senhora Aparecida presa a um fio de platina.

— É a alma de João Pessoa que conduz a nossa gente. Por isso é que ganha.

— Eu já contei a você que a Ditadura não presta.

Nesse instante uma metralhadora pipocou na distância. A lua sumira. As metralhadoras cantavam agora em pleno rendimento.

— Eu acho que é a banda de música da Santa que está brigando...

Iam separar-se nas vizinhanças das trincheiras de novo sossegadas.

— Uma coisa eu queria li pidi. Gravá com tinta um coração pegando fogo... do lado de seu peito...

Quindim passou a sentinela adormecida. Procurou o lugar convencionado. Contava os passos. Parava.

— Reduzino!

— O homem estava deitado esperando-o. Ele notou a palidez, a sujeira do sangue coalhado na cabeça imóvel. Tocou as pernas duras. Viu o orifício da bala na testa do amigo.

Uma cortina esfarrapada de nuvens encarvoava a lua nítida sobre os matos. Os soldados paulistas levantaram-se escutando.

— É cachorro louco?

— Não. É gentel

— Que será?

— É Beethoven.

O ganido cobria a extensão, subia, ganhava a lua espetacular em eclipse. Dois homens pularam da trincheira, foram buscar o vulto perdido que se aproximava.

— É paulista? Pede a senha

— É você, Quindim!

— Que foi? Você está ferido?

Aquela parada interminável do trem fúnebre, sobre os trilhos molhados e luzidios, não tinha mais fim. Seriam duas horas da tarde. O Tenente Piratininga ia por a cabeça para fora e xingar a mãe do maquinista. Um balanço imprevisto o fez bater o queixo na vidraça fechada do comboio.

— Eu acabo morrendo também! Dois dias sem almoço!

Os carros recuaram. Pararam de novo num desvio e de novo ficaram.

Lírio suspirou violentamente e atirou-se à poltrona cômoda, donde via o féretro do sanfoneiro Chiba colocado ao centro do vagão.

A família hesitou em atravessar a rua. Um automóvel buzina. Tinham chegado em frente à Estação do Norte.

O largo atropelado sempre de veículos, com a continuação da guerra, perdera o seu trânsito ofegante. Nas portas, soldados e curiosos estacionavam. Jeremias Moncorvino tomou o braço de Eufrásia, esguia nos sapatos altos, no casaco claro, passou para a frente segurando na mão de Genuca que se agarrava à Geralda. A gare tinha os pátios vazios. Um guarda de boné passava.

— Pode nos informar a que horas chega o trem da frente?

— É naquela plataforma, podem entrar...

Jeremias muita vez a quisera esganar por causa de um batom. Agora dava-lhe o braço. Rosalina tinha partido de táxi para o Quartel-General a fim de obter a confirmação da desgraça. Tinham vindo esperar o corpo do Capitão Jango da Força, caído na frente Norte.

O Major Dinamérico Klag berrou com Afonsina que chorava no avental e foi para o quarto passar uma escova nos bigodes. De longe vinham os lamentos da cozinha. Ele pôs-se a assobiar a marcha fúnebre de Chopin. Parou contristado.

— Vai sê um tormento nesta casa! Que injusticial Viu? Aquelas cavargadura de cariocal Coitado de Seu Jangol Não tem pé-me-dói que me segure. Eu vou vê ele, na estação.

— Vaca braval

Todo o dia o rádio anunciara: caiu heroicamente na frente de combate... Os velhos estavam na fazenda com a Pichorra, D. Vitória e a Belica. Inútil trazer o cadáver para casa... para ouvir os escândalos primitivos da Afonsina e excitar a curiosidade dos vizinhos! O corpo de Jango iria diretamente para o necrotério. Um dos filhos fora embora por causa do avô. Ele nunca consentiria... Era contra a guerra. Foi buscar o chapéu e a capa no hall.

Ao penetrar na plataforma, viu aquela moça bonita ao lado de Jeremias Moncorvino. O rosto moreno de Eufrásia

emergia choroso do seu corpo adivinhado num vestido de listras sob o capote cinza. Que estaria fazendo ali aquele palhaço velho ao lado de uma garota daquelas? Reconheceu a outra que tinha aparecido dias atrás na casa dos Formoso. Era a Noralda. Crescera intempestivamente procurando esconder os seios nascentes numa postura forçada de corcunda. Devia ser Eufrásia que muitas vezes ele pusera no colo, em criança, nos tempos da Veva. Dirigiu-se até o fundo da estação, voltou. Haviam-no visto. Os olhos de Eufrásia brilhavam. Jeremias riu, sem chapéu, nos dentes sujos.

— Vocês vieram receber o corpo de Jango? muito obrigado.

D. Anastácia Pupper surgiu de *pince-nez* por detrás do grupo. Trazia uma porção de papéis na mão enluvada.

— Coitada de Dona Umbelina! E o coronel!

— Estão na Formosa.

— Malditos! Logo o Jango. Tão forte, tão bonito, tão distinto, tão cavalheiro...

Eufrásia teve vontade de soltar um grito.

— Eu rabisquei umas linhas apressadas...

Era evidente que aquelas pessoas não tinham vindo ali para receber o humilde capitão da Força Pública ligado aos Moncorvino. Eufrásia tinha se agarrado à irmã. Jango não lhe mandara uma carta. Não tinha notícia nenhuma.

A gare começou a ter a afluência das horas de chegada de comboio da frente de combate. Gente bem trajada apareceu, as senhoras em preto, de véu.

Duas lágrimas desceram, pararam no *rouge* das faces de Eufrásia. A cabeleira negra, dividida por uma risca de lado, caía em cachos. Os lábios sob o batom pareciam exagerar-se. Disse de repente:

— Eu acho que há um engano. Quem morreu foi o Capitão Jango, marido da Rosalina... Ela foi ao Quartel-General.

— Como? — indagou o Major.

D. Anastácia adiantou-se:

— Não, Dona Eufrásia, foi o filho do Major.

Dinamérico Klag sentiu que o queriam espoliar do herói da guerra paulista. D. Anastácia prosseguiu:

— O rádio falou bem claro: o Capitão Jango da Formosa...

— Não! — exclamou Jeremias. — Da Formosa não disse. Eu ouvi. A gente passa o dia inteiro ouvindo as notícia da vitória no rádio da venda...

Eufrásia fitava os trilhos que se perdiam ao longe, entre fumarentas composições de comboios. A Afonsina apareceu num vestido azul, de chapéu. Dir-se-ia uma senhora da sociedade. Ao seu lado, chorando num lenço, chegava a Rosalina num *tailleur* muito justo.

— Vamo vê quem é dos dois Jango...

Gente abeirava-se. Muito lento o trem apontou. A locomotiva cobria-se duma bandeira paulista.

O cabo, gordo e enérgico, não deixou que se abrissem os féretros desembarcados.

— Não precisa mexê. Caixão abre no necrotério.

— Mas a família quer ver! — disse D. Anastácia.

— São ordens. Vamos!

O major interpusera-se.

— Perdão, é preciso abrir. Quero ver meu filho.

Gente juntava-se. Um oficial aproximou-se.

— É preciso abrir o féretro. O cabo está procedendo incorretamente...

— Como incorretamente? Tenho ordem de evitar esses freges de choradeira aqui. Abala o moral cívico. No cemitério que é lugar de chorá!

O oficial atencioso ouvia a explicação exaltada de D. Anastácia, quando se fez um claro. Seguido pela família de luto,

distinta e silenciosa, outro esquite aproximava-se. Soldados prestaram continência.

Estava aberto o caixão.

A diretora avassalante ergueu-se recompondo o *pince-nez* sobre o nariz em bico. O Major afastou-se:

— Não é o meu defunto!

Deram lugar aos Moncorvino.

Assim não chegaria nunca a ser deputada! Quando ia orar ante o sacrifício de um paulista de estirpe, acontecia aquele engano!

O caixão de zinco permanecia aberto, num cheiro de formol. As botas sujas de barro, a farda em sangue, a cabeça destampada pela metralha, um soldado da guerra paulista. Tinha nos braços cruzados as insígnias de capitão da Força Pública.

— Porcaria de revolução!

— Fique quieta Rosalina!

Contiveram a mulher desfigurada, amarrotada de repente.

— Respeite a bandeira paulista!

— Eu rasgo tudo! Dou bananal!

O Genuca abriu num choro convulso. Seguraram a mulher.

— Ai que horror! Dizem que Deus existe! Que desilusão! Como eu fico agora, gente! Meu filho está sem pai!

Seis homens haviam levantado o ataúde. Sobre ele descansava a bandeira de listras pretas e brancas.

— Tenha coragem! Foi por São Paulo!

— Por quê que mataram meu marido? Que horror! Nunca mais hei de me consolar! Pra quê que fizeram isso! Ele era tão bom para minha família!

Os gritos da mulher subiram na tarde. O coche funerário partia, levando atrás os Moncorvino.

D. Anastácia Pupper permanecia na plataforma.

— Será que o negro vai ficar sem sepultura? — gritava o Tenente Piratininga, moreno e alto na farda. Homens acorreram para o último carro.

Quando o caixão de Chiba apareceu carregado dificilmente, a Diretora do Grupo de Bartira fez estacar o cortejo.

— Meus senhores! Sinto-me arrepiada! Sou entusiasmo da cabeça aos pés! Quisera ser homem para lutar por São Paulo. Penso que seria capaz de ir à frente do batalhão, com todo o garbo, dando tiros. Trocaria de todo coração as minhas saias pela farda rutilante! Oh! como não hei de sentir dentro do peito o coração pulsar emocionado diante de um bravo? Sinto uma pontinha de vontade de vingança rugir dentro de mim! Haveremos de vencer na certa o Caim! Viva São Paulo!

— Morre?

— Não sei. Veio em estado de coma.

— Quem é?

— O Tenente Jango da Formosa.

No guante da organização paulista, o colégio das Irmãs, desertado à pressa pela aproximação da guerra, transformara-se num hospital de sangue, ordenado e limpo. Luzes discretas, corredores encerados, campainhas surdas e o passo cauteloso dos voluntários da enfermagem.

— Chegaram dois soldados atingidos por estilhaços de granada. Morreram durante a noite. Um oficial veio de maca

num cambão. Estava estraçalhado. Durou ainda duas horas. Não pudemos despi-lo.

A noite progredia nos gemidos dos quartos, no sussurro das enfermarias. A indústria paulista tinha um setor prestimoso na indústria hospitalar de guerra. Na pequena sala que fora a Diretoria, D. Guiomar Junquillo dava ordens, recebia notícias, distribuía serviços. Contratara Alexandrina por 70\$000. Era a copeira da noite para o prédio inteiro. O ajudante Argelin tinha que dar conta de quarenta feridos e três aleijados recentes. As enfermeiras deviam ter cada uma o seu material, seringa, termômetro, para não haver confusão.

— Melhorou o João Lucas?

— Melhorou.

— Então não se avisa a família?

— É melhor que ela venha na convalescença.

A diretora anotou num caderno. O médico saiu.

Argelin comentava no corredor com a copeira.

— As boas vem pros ferido. Pra nós da enfermagem é só estrepe que aparece. Ih! veio uma onte! Noiva de um tenente! Mas o troxa foi morrê. Ela não podia levá boa impressão da guerra. Fiquei azedo.

Alexandrina lamentava-se:

— Amanhã é domingo e eu tenho que ficá o dia todo nesse inferno. Assim eu dô o fora.

Era sardenta, solar, ocultando em preto os grandes seios. Tinha o luto recente da mãe que um bonde pegara em São Paulo.

— Dia de saída das enfermeira é farra na certa. Voltam todas amassada, com o peito caído, com a bunda de lado. Você vai vê!

Dois convalescentes brigavam por causa da única *chaise-longue* que havia no hospital. Assediado de gorjetas, Argelin prometia a ambos arranjá-la.

— Está no quarto do capitão do MMDC. Dixa ele distraí que eu trago. Digo pra bigodera que o doente não precisa mais. A bigodeira era a Junquilha.

O soldado expirara na amputação da perna. O Argelin saiu da sala de operações. Irmãs entraram.

A enfermeira-chefe observou para o médico moço:

— Todos falam que querem morrer, mas quando chega a hora ninguém quer. A morte deve ser uma coisa pau...

Argelin entrou na copa.

— Diacho, senti um calafrio quando peguei no peso da perna... isso não se faiz. Prefiro o circo.

Sentou-se a um canto, no avental sujo. Foi ler *A princesa seduzida* que Alexandrina lhe emprestara.

A figura óssea e recurva de Cláudio Manoel procurou desembaraçar-se dum grupo histórico que o cercava em pleno Triângulo central de São Paulo.

— Vista saia...

— Com muito prazer...

Eufrásia Beato penetrou no edifício cinzento do Automóvel Clube. Esperou numa ante-sala deserta onde havia pintu-

ras enormes na parede. Um garçom atencioso dissera-lhe que o Capitão Rego Diniz viria atendê-la. Estava no barbeiro. Duas moças elegantes com um bibi de guerra passaram rindo, olharam-na e saíram. Ela esperou. Homens vinham conversando. O mais moço, numa farda rútila de oficial, adiantou-se perfilado. Trazia o ar das altas atmosferas, distinto e polido.

— Minha senhora...

— Precisava ter notícias do Tenente João Lucas Formoso... Ele está na frente Norte. Não chegam cartas...

— A senhora é parente dele?

— Não senhor...

O rapaz sorriu compreensivo.

— Me dê o seu nome e endereço.

— Pra quê?

— Preciso saber.

A professora no capote claro deu as costas, chamou o elevador.

O oficial exclamou para as duas garotas que voltavam.

— Mulher de soldado!

Eufrásia ia pelas ruas anormais onde grupos comentavam as notícias da guerra e moças gritavam: — Vista saia! — Levava o olhar de desprezo das garotas ricas de bibi, do Automóvel Clube. Ela nunca pudera ter uma pele quente, um chapéu direito, uma meia fina. Se bem que a Minervina a aconselhasse sempre a se vestir com luxo e usar perfume estrangeiro. Sua elegância era feita de trapos. Só tinha aquele amor. A uma vitrina, viu um vestido branco. Pensou no seu vestido de noiva, que não tivera... Toda moça sonha com um vestido branco para casar.

Os olhos persuasivos voltaram-se para o Major.

— A casa de Tia Licórnea parece uma loja de vidrilhos.

Está vazia. Só tem uma negrinha tomando conta. Com a revolução ela foi para o sítio e me pediu para dar uma olhada de vez em quando.

O táxi parou em frente a um sobrado. O Major seguiu Eufrásia por uma escada escura que conduzia ao primeiro andar. Ao fundo, um rádio anunciava um sabonete. O homem sentou-se na sala sobre um tamborete estofado e esperou que a moça voltasse.

Natural que ele se perdesse no alcoolismo e freqüentasse o mundo sem limites da Teosofia!

A criadinha abriu a porta trazendo numa bandeja rendada o café. Os olhos apelativos vinham atrás. Eufrásia despira o capote cinza. O Major sentiu que da blusa de organdi brotava a valsa de Brahms que o rádio tocava na sala de jantar.

Um gemido ritmava longamente a noite hospitalar. Das enfermarias, onde homens diziam palavrões, subia um chulé de febre. A lâmpada do corredor velava dia e noite. O éter dos remédios inundava os corredores, escapava das enfermarias e dos quartos, enroscava-se nos telefones.

A porta que tinha o número 15 moveu-se. O farmacêutico Piratininga, no avental de linho, levantara-se na sombra. A Irmã da noite veio desejar que Deus fizesse breves os padecimentos do Tenente João Lucas Formoso.

A bala amassara o capacete e raspava os ossos da cabeça. Depois da operação o ferimento fora considerado em evolução favorável. Jango não podia andar, nem sequer se mover nos travesseiros encastelados por detrás de seus ombros. Uma dor de cabeça tenaz lembrava-lhe a trincheira. Um dos enfermeiros que o tratava era o português do litoral sul. Aparecera depois o mulato Piratininga e todo um mundo identificado da

capital passava naquele caleidoscópio da retaguarda. Médicos, feridos, chegados da luta, senhoras da Cruz Vermelha.

A Junquillo viera duas vezes visitá-lo.

— Não mandei avisar sua gente por não saber se você suportaria o ferimento.

— Não mande dizer a ninguém... — exclamou dificul-tosamente.

No segundo encontro que o Major teve com a moça, no sobrado vazio de Licórnea, foi recebido na escada.

— Trouxe a você a resposta. Falei com um amigo importante do MMDC e ele acha que se pode dar uma colocação imediata ao seu pai, como justa recompensa pelo desastre sofrido. Ele foi cabo eleitoral do PRP.

Ela o conduziu para a sala e, pouco a pouco, nos seus silêncios espaçados, na sua abstração da conversa, o visitante percebeu que a moça tinha os olhos magoados e a voz chorosa.

— Você ainda está triste por causa da sua irmã?

Eufrásia não conteve as lágrimas. Ele aproximou-se carinhoso, sentou-se ao seu lado no sofá, tocou-lhe a cintura perfeita, as ancas firmes, o busto frágil.

— Você é infeliz?

As lágrimas caíam, paravam no *rouge* das faces afogueadas.

— Essa boca de espuma do mar é feita para o riso...

A Beato estava muda, longe do madrigal. O seu desejo era saber de Jango. Não tinha nem um retrato dele, nem uma carta até agora... Seu estado de saúde definira-se tragicamente. Tinha vontade de fugir de casa, não voltar mais. A morte do cunhado despejara os Moncorvino dos seus últimos grãos de feijão. Mateus Beato fora feito prisioneiro. Com certeza estava no Rio. Jeremias tomava bebedeiras espetaculares. Que-ria dar de cacete na cabeça da Lindáurea porque ela gritava.

Eufrásia exigia inutilmente que todos se contivessem diante da irmã doente: — Mato logo duma vez! — gritava o velho. As crianças urravam apavoradas. No fim do dia estavam todos machucados ou loucos.

— Eu queria sair daqui, ir para uma fazenda me tratar. Estou muito fraca.

Bateram ligeiramente à porta. Era a negrinha do café. O barulho do rádio entrou com ela, invadiu tudo de sonoridades e de trompas.

O Major propôs de repente:

— Você quer, eu posso levar você para a minha fazenda...

— Eu sou um Rebouças! Na dural!

— Não me faça rir, Lírio. Eu não devo...

— É sério. Sua família sabe... As três meninas que me criaram é que me falaram quando entrei no Liceu.

— Aquelas velhas de cem anos só sabem da virgindade delas!

— Elas afirmam que eu sou bisneto-torto do velho Rebouças.

— Não há negro sabido que não seja um Rebouças — prosseguiu Jango pausadamente. — O fato é que fomos traídos, traídos até por você.

Lírio sentara-se a um canto sobre a cadeira de rodas.

— Você é monarquista, saudosista, amigo pessoal de... Pedro II e da família imperial. Por que se meteu na revolução de São Paulo?

— Não tenho culpa de meu batalhão pirar. Não foi o único. Depois eu fui até citado na ordem do dia. Tomei uma trincheira. É verdade que eu estava com medo daquela facinora que vocês criaram lá na Formosa me pregar um tiro nas costas. Minha guerra foi mais com ele do que com os cariocas.

— Quem?

— O Moscovão. Além de tudo está doente. Aquilo é lepra. Vê lá se eu ia dormir na trincheira com um morfético.

— Quem te disse isso, Lírio?

— Eu sou farmacêutico. Conheço essa doença.

— Ora, você quer se justificar...

— Justificar! O negro está sendo vendido nesta guerra! Protestei energicamente. Enquanto nós dávamos duro nas trincheiras, as mães negras estavam sendo despejadas dos cortiços do Piques e da Bela Vista. Me contaram que elas apareciam com os filhinhos esfomeados, de trouxa e cacareco, na delegacia. E ninguém tomava providência. O negro se batendo, morrendo... É a família...

Jango riu.

— Quando é que negro foi família?

— Por isso que eu não voltei pr'essa merdal! Fui buscar meu sobretudo no Palácio da Justiça. Tinham roubado. Estrilei. Fui preso. Como sou farmacêutico, me deixaram vir pra Cruz Vermelha. Inda tentei formar um batalhão. O *Martins Fontes*. Cheguei a ir ao Palácio. Imagine quem estava rodeando o governador! Só almofadinha fardado! Desses que não querem ver a guerra nem de longe. O velho estava dormindo na cadeira, sonhando com a ilha de Santa Helena... Perguntava: "Vocês têm algum boato bom?"

— Você brigou com o Idílio em vez de brigar com o Getúlio?

— E briguei com os pretos também. Veja se eu não tinha razão. Na sociedade dos negros reclamaram o dinheiro que o Capitão Lupércio tinha me dado. Pois eu paguei o soldo adiantado pra aqueles sem-vergonha que fugiram. Nem o Cabo Epaminondas eu achei mais!

O ferido ajeitou-se nos travesseiros. O mulato ria.

— Como foi. Eles te passaram o couro?

— Eu dei o estrilo com o Juventino. Ele me chamou de covarde. Eu disse que ele havia vendido a negrada que estava morrendo na frente pros fazendeiros. Berravam. "E o dinheiro? O dinheiro?", eu gritei... Mas me tapearam! Um bando exaltado me fechou num quarto e ameaçou de tirar a minha vida. Virou tudo tempo de escravo. Parecia a senzala. "Bota a faca na barriga do nêgo!" Foi preciso eu falar bonito. "Companheiros! Vocês estão alcoolizados!" Comecei a fazer verso...

Os pretos ficaram hesitantes. “Vocês são o esquife da nossa raça!” Aí abriram a porta. Mas lá fora encontrei um safado que se pôs a me invectivar: “Você é o produto do concubinato da senzala com a Casa Grande!” Ficou taco a taco. Soltei um decassílabo, depois um alexandrino, levei muito tapa e pontapé e fui saindo. A humanidade é assim. Crucifica sempre os Cristos...

— Você é Cristo fula. Mulato claro. Quê que você tem que se meter com os negros?

Lírio levantara-se no avental.

— Ainda hei de ser líder de minha raça...

— E Jurema?

— Rifei aquela terra desgraçada!

Houve visitas espantadas pelos corredores e um atabalhoamento cauteloso de quarto que se desocupa. O cadáver do rapaz saiu de maca. Uma moça de preto ficou zanzando, reunindo objetos. O necrotério da garagem abriu-se, encheu-se de gente curiosa.

Sussurravam-se diálogos infundáveis na penumbra das enfermarias, junto às camas alvas e silentes. Um fraturado chorava alto.

Uma freira entrou correndo na copa. Ensopou algodão em álcool, levou correndo para uma moça que tivera uma vertigem.

O grupo juntara-se no corredor olhando.

— Tinha dezenove anos. Portou-se como um herói!

- Que pena!
- E a mãe?
- Vai ali, é aquela baixinha...
- Coitada!

A enfermeira, enfeitada como uma boneca, fazia as sobranças ante o espelho de um quarto vazio, almofadava os cabelos. Era a sua saída de folga. Barreava de batom a boca casta. Desceu rapidamente para o quintal arborizado. Um médico barbado esperava-a.

Surgira uma turma de estudantes de medicina para reforçar o quadro cirúrgico. Para fazer a mão nos feridos. Argelin passou correndo como um palhaço.

- Fiz um curativo formidável. Pus um esparadrapo daquil

- Os paulistas continuam avançando. Sossegue!

Jango estava cansado de escutar. Tinha notícias exatas por Lírio de Piratininga que estivera com soldados recém-chegados da frente.

- Estão avançando na direção do Martinelli...

Já podia dar passos pelo quarto. Mas ficava horas sentado, ouvindo a pulsação do próprio corpo e a cabeça que doía.

Argelin berrava possesso.

Saindo da sala de operações, Anjo Leite entrara na copa atrás dele e cautelosamente colocara-lhe no bolso do avental

um pedaço de rim de operado. Depois, fazendo-se distraído, lhe pedira um cigarro.

— Brincadeira de português!

Jango arranhava levemente a cabeça enfaixada, dolorida.

— Coça? Tá sarando! Ah! uma cocera a gente se arregala todo. Quano chegô a cocera eu dô arta. Vá gozá em casa!

O farmacêutico entrou no seu grande avental.

— Argelin, o médico interno está te chamando.

— O que esse bandido qué?

— Acho que quer o teu sangue.

— C'ê besta!

— Por São Paulo, meu bem!

— Meu sangue tá podre.

Os enterros lá embaixo se juntavam, saíam às vezes sem ninguém, outras com flores e acompanhamento, rumo à estação. Convalescentes e visitantes espiavam das vidraças. E militares faziam continência.

Mas os saimentos, como a chegada de novos feridos das trincheiras, não paralisavam a vida do Moloch hospitalar. As tontinhas contratadas, onde se encontrassem, na copa, no escritório, nos corredores, davam-se tapas entre risos. O médico barbado continuava espiando as saídas da enfermeira que chamavam “a bela da copa”. E freiras recalçadas e mudas paravam olhando os convalescentes peludos, vindos da batalha. Sacudiam as cabeças expressivas.

— Conforme o peso de outro eu desmaio — foi dizendo Argelin pelos corredores. — Tive que tirá o capitão do quarto.

Ficou mais pesado depois de morto. Era um balaio, rapazi! Cento e cinquenta quilos. Andei escorregando no encerado com o bicho. Fiz uma força! Agora tenho que descansá dois dia. Passeá nas água luminosa.

Encontrou Anjo Leite que se encaminhava para a cozinha.

— Você acredita em Deus?

— Pois eu sou Anjo, cumé que não hei de acreditar?

O português piava para a copeira que servia o lanche.

— Olhe, as suas calças estão caindo.

Argelin gritou:

— Um cabelo no café.

— É do saco.

— Do saco de quem?

A copeira espirrou barulhentemente o líquido que engolia.

— Do saco do açúcar.

— Está faltando remédio.

— Merdal — exclamou a Junquilha.

A enfermeira estupefata esperava. A bigodeira soltou de novo o palavrão.

— Ouvia bem?

O Forde conduzindo o Major e Eufrásia passou no escuro enlameado do caminho.

O ocaso perlustrou de árvores de esmeralda o fim do dia turvo. E de repente abriu-se para os milhões de estrelas brasileiras o azul noturno. Havia umidade no ar límpido e sereno. Começaram trovões inesperados ao longe. E grilos cantavam nos cantos. E sapos e bichos nos campos.

A umidade adensou-se em nuvens que borravam de água e carvão as estrelas quietas. Uma lua fantasmal rebentou sobre

as árvores estáticas. O céu palpitava de mundos sobre a serra silvestre, inconquistada.

— Cada ser, cada entidade aqui como num mundo em criação é o que é. Aqui o princípio de identidade se desenvolve até o fimto. Nas cidades, isso só acontece no fundo das penitenciárias onde um ladrão é mais que um ladrão, pois é um ladrão punido! Um assassino já deu tudo o que tinha a dar, até a própria arma... Aqui existem a violência e a afirmação. Da mata nasceu a catedral. Aqui, no amor só existe o amor. Você veja como na cidade se degrada o amor. Por que unir dinheiro e amor? A cidade é o dinheiro, a floresta é o amor. O amor de Deus sobre todas as coisas!

Eufrásia coçava-se levemente.

— Aqui tem carrapato?

No silêncio um grilo de contoneira tomou conta do mundo.

— Tem. Carrapato, jacaré, cobra, febres e a gata do mato. Estamos no Brasil. E no meio disto tudo, o português. O português que ficou outra coisa. Que ficou essa coisa — nós dois!

O Major levantara-se. Saiu para o terreiro, na noite azulada onde as estrelas olhavam. As árvores próximas pareciam negras e recortadas. Das barrocas e dos açudes subia um grito do mato, feito do coaxar mais variado dos sapos, do trilar dos insetos. De tudo vinha um anseio enorme. E as serranias fechavam-se, pareciam encostar-se para dormir.

As tardes entristavam em cinza, sem notícias da cidade, sem notícias de Eufrásia. Os rádios esgoelavam vitórias e retiradas. Uma deflexão passava naquela retaguarda sensível. Apitos de trens apressados acordavam a noite de horas sinistras. Caminhões e ambulâncias evacuavam feridos das linhas quebradas da frente. E às sete horas o hospital acendia as suas luzes baças de ante-sala da morte.

Jango chegou dificultosamente até à porta. Havia uma correria. Era preciso entrar no quarto do morto, que fora fechado para a desinfecção. As enfermeiras fugiam, mas as freiras zan-

gavam, ordenando. Era preciso retirar o formol e abrir as janelas. Tinha chegado uma batelada de feridos que não deviam esperar. Duas, três decidiram-se de cambalhada com Argelin. Foi então um tumulto de sufocações exageradas, olhos ardidos, excessos de tosse.

O Major sorveu o martelo de pinga.

— A vida, essa estúpida necessidade! Aqui ao menos não encontro a opinião que contrarie a minha. O silêncio concorda sempre... como um morto.

— Não tem medo da mata?

— O que me preocupa não é a mata, é a minha tribo urbana. Sempre detestei a casa, os deveres, o beijo nas crianças, o dinheiro das despesas. Sempre quis viver nu, debaixo de uma figueira. Você não?

Eufrásia murmurou:

— Eu tenho medo de ficar aqui!

— Por quê? Por causa da verdade com que as coisas aqui se apresentam?

Um lampião fraco iluminava o rancho do Major, punha sombras no seu rosto, próximo dos cabelos soltos de Eufrásia. Ele se dobrou mais num ar de convicção veemente. A moça, sentada a um banquinho, ia notando os dentes enegrecidos e cariados, donde brotavam apóstrofes, num cheiro de pinga.

Um escândalo estourou entre duas enfermeiras enciumadas.

— Esse anel não é de prata nada.

— É sim, foi o doutor que me deu.

— É çumbo.

— Çumbo o que, sua polaca!

— Polaca é...

Pronunciou uma imundice.

— Que é isso? — interveio a Irmã.

— Comigo é assim! O doutor deu essa porcaria pra ela e pra mim cinquentão.

Argelin aproximou-se.

— Ota sorlíte! Achei uma nota em cima do armário...

— Onde?

— No quarto do morto. Ota dez mirréis bonito. Primeira herança que eu ganhei!

João Lucas Formoso empurrava as noites. As piores horas eram as da madrugada, quando a escuridão de fora persistia e ele sentia partida a última prestação do sono agitado. Eufrásia talvez estivesse grávida. E ele, ferido, sem poder fazer nada. Nem mesmo podendo lhe mandar um pouco de dinheiro.

— Só católico de religião esprita. Já fui muitas vez no "Centro".

A Miguelona ergueu os óculos de ouro.

— Mas ocê é índio de verdade? Quando ti piguei drento do guarda-roupa, pinsava que ia saí um índio nu co as pena na cabeça, que nem na ópera da Aída. Ocê farló pra mi qui era índio. Ia te pregando um tirro! Donde já se viu escondé ansim dos otros? Se não fosse a Lamparina lati eu ia drumi co ocê sim sabé...

Antônio Cristo ergueu a boca desdentada e o nariz de animal sob a fogueira dos cabelos.

— Eu tava quereno disapertá da guerra.

— Como é lá na tríbula?

— Deisque o padre me laçou eu num vortei mais lá. Lá só tem sor e lua.

— Num tem instrumento de trabaio? O governo pra gente num dá. Dá pros índio. Vê robá um dia! Ocês brasilerada num sabe o valô que tem a terra!

O casebre estava a cem metros do rio. A velha pôs-se a mexer o fogo. De costas parecia um monge num capote marrom passado sobre a camisola de riscado que arrastava na lama fresca. Pisava os grandes pés ósseos sobre chinelos de borracha, verdes e estragados. Tinha uma calote de pano esbranquiçado no cocuruto.

— Eu tô aprendeno quanto que o mundo é grandel

— É mais inorme da terral

— A essa hora, o Tenente Chiba já virô sorvete de café, no cemitério.

— Cumé qui foi?

— O nêgo comeu aço às treis da madrugada. A prosa dele era só brigá, matá, passá na faca. Na cintura dele tinha um baita garruchão. Eu faço, eu aconteço. Tava cum raiva proque não tinha sanfona pra tocá.

— Arranjá boa faca, i preste mundo comprano briga, as muierada gostal Ehl Inda mais surdado! Surdado é trem ruim! Diz que bate co pé no morto!

— Hô! Hô. Morto é qui nem porco, galinha.

A Miguelona exclamou:

— Difunto é sempre difunto!

Um fluido vindo da água desmanchava a mata. Havia vôos pesados de aves, assovios próximos, como avisos.

— O pai dele já era criminoso. Matô um de cada nação: um intaliano, um japoneis, um ostríaco... Quano chegô no portugueis, a polícia segurô, deu 30 ano. Ele nasceu arçassino. Entrô na guerra prunque era fanático a matá. Se viesse sombração, matava também. Queria forgå. A força já tava fugino. Nós cheguemo no bairro à meia-noite. Nós tinha corrido trinta quilômetro. Ele disse que ia dá um chero na Tervina. Ela tava fazeno café, o marido tava fora. Ele começô contá que uma veiz uma moça peituda não quis dá confiança; pra dexá ela defeituosa, tirou pra fora o peito e passô o facão. Tomô 4 ano de cadeia, mas a moça ficô andando de banda.

— O marido pigô ele co'a Tervina?

— Num vi. Só o vi o cabocro gritá: “Cambada de molecada, minha muié coano um cafezinho e chega aí esse cachor-

ro passa o braço. Pensa que cabocra é puta deles!" O negro estava lá estirado no rancho.

— Vamo tarrafeá? A rede deve tá bulino de pexel

— Mermo sem peixe aqui tá bão.

A saparia agora disparava num coro que cobria a terra. Uma estrela faiscou no fundo da caudal. A voz da Miguelona cresceu sobre a canoa.

— Os polista perdeu a catinga nessa guerra!

A lâmpada de azeite no quarto. A mulher deitou-se.

— Océ nunca comeu véia?...

Silêncio do homem.

— Véia bem feia que nem eu?

Desde a primeira hora crescera no índio um ódio contra aquele concorrente gordo, preto e de pelo liso que se rojava na cama alta da Miguelona. A cadela sacudia inutilmente um toco de rabo amável, cada vez que o via, olhando-o doce como se entendesse vencer-lhe a aversão. Inútil. Aquela mancha negra sobre a colcha de rendas grossas, eletrizava-o. Ele não gostava do preto, cor de assombro e dos mistérios do mato. Estava com a vassoura na mão. Toda a sua figura pequena, irônica e ameaçadora se eriçava.

— O pasto aqui é bão, hein?

Coloria-se vagamente de um vermelho de urucu, a pastinha mal repartida e ferosa, os dentes falhos na frente, as pernas cambadas e magras terminando nos grossos sapatos que a velha lhe dera para o trabalho.

A Miguelona rodava pelo terreiro.

— Enquanto non cabá a riviluço non chamo niguê pra trabaiá aqui. Se era no rancho de cima, tinha dose. Aqui non

quero praque eles cai no divertimento do rio. Tá loco! A minha custa ninguê pega pexe!

Apesar do nome com que fora batizado, e mesmo sabendo melhor o português que o guarani, o índio Cristo permanecia o selvagem anterior à domesticação. Enfezava com a Lamparina.

— Te rebento. Safa da camal

Era alegria para ele matar, fosse gente ou bicho. Um dia... até a velha ial! No mato era assim...

— Safa diachol

A mestiçagem o descera de qualquer tribo brasileira de Mato Grosso, onde os salesianos iam buscar crianças para a catequese. Costumava referir que ele mesmo fora trazido por um padre do acampamento. Mas isso provavelmente fazia parte do seu estado teatral, equívoco e fantasista. Até ele, para efeitos de esmola e vadiagem, havia chegado à glória indianista de José de Alencar. — Eu sô guarani! — A Miguelona emendava: — É Peri qui chamal

Na Formosa, para onde a Ciana o trouxera garoto de criação, diziam que era filho de índia com preto. E contavam que sua tribo mansa desprezara os instrumentos de trabalho enviados pelo governo e abandonara as terras que lhe haviam sido dadas por lei para não pagar impostos. De posse de perneiras e chapelões, haviam se dispersado levando para as cidades e fazendas os nomadismos ancestrais.

Na cadela, o índio Cristo sentia o inimigo ideológico. Era a fauna reduzida e fiel. A traição biológica e a degradação de toda noção de liberdade.

Ameaçava de morte aquele animal tornado gente, gramatizado, aquela inversão amável da zoologia e da floresta.

— Um dia te dô um azeite, Lamparina, qui intê ocê apagal

A Miguelona, ao voltar do rio, encontrou uma tarde a cachorra ensangüentada, ganindo num canto.

— O que qui ocê fiz?

— Este diacho num presta. Num dá siná de gente. Ela estragô tudo meu cantero!

- Dexa ela, cuitada.
- Tá gorda. Num sabe nem lati.

A Miguelona por debaixo das saias era uma menina.

- Vamo se acasá no padre?
- Te dô pancada, véia foguetera!
- Ocê travaia e eu vô passeá.

Enternecia-se.

- Diga, ocê acasa?
- Só se ocê mandá imbora a Lamparina.
- Té dô uma mordida!

O índio pensou primeiro em jogar a cachorra no rio. Mas sabia que ela se salvaria nadando. Não queria perder o saco. Preferiu abandoná-la numa rua de vilarejo. Atirou-a violentamente para fora, num chute.

- Vai carpi café, desgraçada!

Alta noite acordaram Jango para colocar na outra cama do quarto um aviador que destroncara o pé numa aterrissagem forçada.

- Não sabia que você era capitão, Kana!
- Japonesa precisa tudo, non?

Haviam atingido uma forçada intimidade. Um médico viera relatar os serviços do aviador. Chegara a sobrevoar o Rio de Janeiro num pequeno aparelho de treinamento dizendo sempre que aquilo era inútil.

- Por que inútil?
- Desde começo, São Paulo já perdeu.

- Por quê?
- Non firme munto. Non dexa jogá bomba.
- Você queria bombardear o Rio?
- Garantido... Japanese joga bomba... Non aqueredita nada.
- Mas vocês acreditam até em fantasma!
- Munto non presta país sem fantasma!

Jango pensava na mística com que os amarelos recobriam o seu feudalismo econômico,

- O colono que vocês mandam para cá é um escravo.
- Japão grande cooperativa, dono imperador.

Kana permanecia quieto, o pé enfaixado enorme sobre o leito de ferro. Seu rosto enigmático pareceu de repente querer exprimir milhões de coisas. Mas calou-se pondo um palito na boca, o pijama entreaberto.

Ficava risonho de repente como um capitão vitorioso.

- Você está à disposição não de São Paulo, mas de Yamato Damashi, isto é, do Grande Japão. Você não passa de um capitão de luxo da espionagem amarela. Há outros na guerra paulista. Outro dia explodiu o laboratório químico onde se trabalhava com fulminato de mercúrio...

- Munto pra canhão... non?

- Veja como você sabe! Pois bem, morreu o químico e ofereceram-se doze japoneses que estão fabricando o explosivo com a mais moderna das técnicas, chuveiro, cabinas isoladas, capas de borracha... São técnicos de guerra do Estado-Maior Japonês...

- Quem foi que disse? quem foi que disse? Doze... munto mentira, munto mentira... Tudo são parantadores de bata-tinha, non? Noroeste, pescadores litoral... non? Japão tudo já xabe gueral

No silêncio hospitalar, o japonês olhava o ar fino através de uma janela aberta. Todo o seu ser tendia à integração no sentido da pátria. Na liberdade azul daquele mesmo ar, ele saberia servir o Grande Japão. Havia de sentir um dia na guerra

pulsar com o motor do aparelho o seu coração reto e mecânico como se os mesmos cilindros perfeitos pertencessem ao aviador e ao avião. Jango exclamava:

- Vocês precisam é levar uma surra!
- Japão garantido ganha Guerra Mundial.
- Vocês têm que bater a China, a Rússia, os Estados Unidos...
- Vence os três!
- E toma conta da terra!
- Non, garantido non. Japão non quer tera. Só ordem... non?
- A ordem amarela... Pouco antes da Revolução eu vi no cinema um recorde... A armada americana atravessou o canal do Panamá em 48 horas.
- Nós toma aquilo em 24...

Um ruído de carrinho. Reconduziam pelos corredores um homem barbado e hirto. Saía do açougue ofuscante da sala de operações. Em torno dele, aquela gente de branco, enfermeiras e Irmãs o envolviam como um algodão em marcha cautelosa. Jango voltou para junto do japonês.

— Vocês querem reproduzir a Idade Média... A Idade Média deu a catedral de Chartres.

— Chartres non adianta sem pára-queda munto. Japão-Chartres com avião bomba, subimarino munto...

— Essa concepção da vida é boa, sobretudo nas selvas do Pará, em Mato Grosso e no litoral paulista... Eu prefiro a colonização individual através da bala e da blenorragia.

Uma boca enorme e ardente envolvia a sua. Eufrásia navegava desconchavada pelo êxtase. Estava de pé.

O Major conseguira retirar um bico de seio rosado do corpinho. Ela urrou, encostada à parede do rancho. Sentia-se de novo esmagada pela boca imensa. As coxas afrouxaram sob a

pressão do joelho. Um calor de mucosas subia. Ele tinha uma cara de assassino.

— Venha para a cama!

Mas ela desvencilhou-se e pôs-se a chorar.

— Não! Não me faça odiá-lo e me odiar! Não! Não.

As vezes uma dor lancinante agarrava o ferido, acuava-o a um canto da cama. Não tivera nenhuma notícia de Eufrásia. Sua avó, se soubesse, estaria ali. Sua irmã, sua tia... Mas era ela que ele queria rever. Que estaria pensando dele?

Achava que a dor era da ferida enxuta. Não. Não era. Era de dentro. Saía deixando o aviador sentado. Quem tratava Kana era Anjo Leite. Lírio quisera fazer-lhe o primeiro penso mas o japonês recusara.

Jango procurava misturar-se aos serviços do hospital. Voltava golpeado, exausto. Trazia nos ouvidos o gemido das enfermarias. Pensava na morte. Por que não ficara no campo de batalha? Era o inevitável fim humano. Isso tornava-se uma idéia segura, inflexível-que ele prolongava olhando as luzes da vigília...

A manhã diluía em tecnicolor ao sol espetacular que nascia sobre as retidões da mata. Um ronco cantou, encheu serra e vale, como um grito esfomeado de onça.

— É a gata!

Jango queria se evadir daquele cenário de agonia, onde gemidos, torturas e brados cortavam a noite pálida.

Voltava lentamente às formas comuns da vida. E um súbito medo em tornar ao seu mundo anterior o oprimia. Os primeiros passos no quarto, depois lá fora no jardim ou pelos corredores do hospital, tudo tomava um aspecto angustioso para o corpo amolecido pela febre e pelo repouso longo. O primeiro sapato calçado, a primeira gravata posta, os primeiros contatos com a gente tinham sido como iniciações dolorosas. Deitou-se aconchegando o cobertor sobre os lençóis e uma opressão imensa o atacou na insônia. Eufrásia...

— É a gata. Eu mato ela e você...

Dois olhos de brasa avançavam lá fora na escuridão sem limites. Um horror aconchegou-a ao corpo do homem sentado na cama estreita do rancho.

— Eu fui até à terra do Majó — contou o índio.

— Ele tava lá?

— Tava cuma moça bunita no rancho. Eu vi.

— Fia da puta. O que ocê farlô? Num disse qui tava aqui comigo?

— Tá lóco. Ele mi isfolava... Eu falei que vinha arretirando co'as forças do Tenente Jango da Formosa praque a guerra tava acabano. Ele num si dá cô fio dele. São uma famia brigado. Vô contá pra Ciana!

— O Majó aquerditô?

Passaram do serviço do terreiro aos serviços calmos do rio. A noite caía. O céu de novo palpitou sobre a terra silvestre.

— Eu fico co ocê véia, praque eu gosto deste mato. Inté parece o mato grande.

— Divertimento aqui é pigá carrapato. Em roda do tinterro fica os macho. Qué entrá?

As estrelas pingavam sobre as árvores espaçadas em torno do rancho. A Miguelona sentenciou:

— Cagá no mato, bebê água no ribero, metê na berada do caminho. Num tem vida melhor do mundo!

Eufrásia e o Major haviam, à noite, atingido Bartira, de regresso da serra.

Muraoka arranjara para ela um quarto único.

No escuro leito da pensão japonesa, a voz de Jeremias chegava-lhe. — Sua broaca! Por que ocê não vai embora? Fica aí vendendo carne-verde. Meu genro foi-se embora, ocê fica? Pega um turco rico, logol — O Major tinha o mesmo hálito do pai. No rancho da serra quando lhe dissera que era rico, a resposta tinha sido pronta: — Diga aonde está o dinheiro que eu vou já buscar! — Ela não viera ali por dinheiro. Talvez tivesse vindo por Jango. Fazia sempre o contrário do que pensava.

O Major dormia num salão com outros viajantes acosados pelo fim da guerra. Sobre uma mesa haviam ficado duas máquinas de escrever e uma de calcular, faturas, papéis e arquivos. Aquilo parecia um quartel da ocupação japonesa. Na noite cheia de claridade, a hospedaria de romance tinha conversas e pequenos barulhos. A lembrança dela visitava-o. Ouvia-lhe a voz: — Você disse que eu ia te amar e você não! — Você disse que eu sabia o que me esperava aqui na serral

Ele não a deixava desde a madrugada.

Um sapato ficara revirado sobre o leito.

— Estou grávida de Jango!

O olhar do Major caminhou, fixou-se nela. Estava a cavalo sobre uma cadeira de palha. Um gosto de morte veio-lhe à garganta. Teria que usar de sua arma. Usaria... A carga de soluções cessara. Mas a soma de irremediável estava ali, entre ambos, ele e o filho.

Eufrásia disse através do lenço rendado.

— Eu quero me matar... Mas antes desejo contar tudo como foi a Jango...

São Paulo tinha sido vencido. Ele não! O Tenente João Lucas Klag Formoso tivera alta. Tinha na lembrança o corpo de Eufrásia. Aqueles dias perdidos, face a face com a morte, haviam revigorado seus direitos primordiais. Que importava... Dera a São Paulo a contribuição de seu integramento anônimo na batalha, desde a primeira hora. Em Bianor, Queluz, Vila Queimada. A recordação precisava-se no grito raivoso do oficial: — Atirar a 1 500 metros! A 800 metros! — Não vira mais nada. Haviam-no trazido de maca para um automóvel.

Não sabia dos últimos defensores da posição. Tinha resuscitado. Entre médicos e freiras desconhecidas, para viver. Como uma planta. Acendeu a lâmpada velada. Estava só. Kana regressara a São Paulo.

Que horas seriam? Tocou o botão da campainha. Anjo Leite custou a aparecer num avental comprido.

— Você tem notícias do litoral?

— A Ciana não voltou mais lá...

## VI

### A Vitória do Vilão

— Eu não posso montá a cavalo...

— Por quê?

— Tô tudo encaroçado na perna.

— Dexa vê.

Idílio Moscovão arregaçou a farda para o preto Lazo, na manhã que começava sobre o acampamento.

— Isso é lepra rapaiz... Eu tenho uma prima. Ficô ansim... Tá no Santo Ângelo...

Os soldados sentavam debaixo da figueira ramalhante.

— Onde é qui já se viu? Cai bala, corre! Cai bala, corre!  
É só pirá.

— No começo me deu uma tremedera. Mas agora costu-me e não quero otra vida.

— Oi — disse Moscovão —, se polista corrê otra vez, nós atira neles.

— Atiral

— Eu, se pudé, chumbo aquele tenente mulato, é um porcaria. Oi, vamo fazê arvo nele?

— Vamo... é só encontrá...

— Brucutul

A peça da fuzarca deu um estouro chocho na direção dos ditatoriais. A guarnição que Idílio comandava tinha dezenove homens e as últimas granadas.

— Brucutul

Do grupo de soldados amontoados na crista do monte, partiu uma risada coletiva. Moscovão tossiu grosso de lado.

— Eu acho que desta vez, o tiro pegô na boca do canhão deles.

Com aquele constipado que não passava mais, sua voz tornara-se cavernosa. Havia uma semana, ele comandava a bateria paulista, isolada pela guerra. Distribuira homens de cem em cem metros e conseguira levar a peça da fuzarca até o coração do inimigo.

— Brucutul

Sentado a um cômodo, Moscovão coçava o nariz.

— Antes eu tivesse ficado junto lá co'a peça da fuzarca na mão desses marvado. A gente adquire amô na bicha que nem fosse gente.

Inutilmente tinha pedido reforço para salvar o canhão.

Granadas assobiavam. Um homem caiu dando gritos... Lá longe, nas cidades e nas gares festivas do embarque, as mocinhas falavam nas glórias da guerra.

O cafezal fora incendiado durante a noite. Ele e o preto Lazo partiram a descoberto, arrastando-se na terra encarvoada. Balas os acompanhavam na encosta.

— É mió arretirá! Ninguém não agüenta.

Tinham atingido a trincheira. Não havia comida. Abandonaram a posição na noite avançada.

A fazendinha estava tão bem arrumada que parecia sair do verniz de uma caixa de brinquedos. Os dezenove soldados pararam sujos, extasiados. Um estábulo vazio brilhava no teto claro, no chão de cimento, nas repartições pintadas.

— É mió sê vaca aqui que gente nôtra parte! Tem luz elétrica, tem tudo aqui! — exclamou Lazo com as sentinelas separadas dos dentes.

— Quanta fruta perdida! — disse um soldado.

— Vamo avançá?

Idílio olhava a depredação desvairada e estúpida dos bananais ajardinados.

Uma mulher de chapéu de palha apareceu no fundo de uma vereda. Vendo os soldados, fugiu.

— Aquela ali é cabaço. Aqui tudo é cabaço! Vai dá trabaio...

Assustados pela presença do grupo humano, bandos invisíveis de periquitos gritavam nos lençóis da névoa. Tudo parava abandonado num arranjo de bom gosto que contrastava com a guerra.

— Vale a pena sê vaca aqui. Tem casa!

A manhã firmara-se. As construções da granja, recentemente carpintada, luziam no meio verde-negro das plantações. Até as folhas dos arbustos pareciam envernizadas de fresco.

— Tá travancado de pimentão e bage! Vai vê que isso aí é do japoneis.

— Romba a portal!

O soldado robusto preparou a peitada e as tábuas frágeis da casa campestre voaram para dentro, fazendo recuar trancas e malas.

— Vamo fazê fogo, gente!

Moscovão mandara buscar um menino sujo e grande para perguntar quem tinha cortado os trilhos da estrada de ferro nas vizinhanças.

— Foi a força que veio aqui...

— Que força o quê! Foram ocois, seus cabocro de merdal!

Um homem de meia-idade, moreno e ossudo, aproximou-se entre dois soldados.

— Ocê tem sítio? — interrogou Idílio.

— Tenho mas num presta.

— Longe daqui?

— Quatro quilômetro a pé.

— É bão por lá?

— É bãozinho inté...

— Onde é que tem venda aqui?

— No raiá.

— É bão?

— De vivência é bão.

— De quem é essas terra?

— Do coroné.

— E pra lá?

— Também é do coroné.

— Puxa.

— Tem muito chão

- Quem?
- O coroné.

Os soldados haviam abandonado a granja modelar e procuravam a serra. Acamparam numa plantação de algodão e amora. Atingiram logo um renque de casebres de sapé. Era o arraial. Apareceram timidamente homens brônzeos e enormes. Tinham o pé descalço, espalmado e duro. Estavam todos de chapéu de palha e calça riscada. Moscovão berrou para eles:

— Não quero bagunça aqui!

Caipirinhas poteladas esquivavam-se na frente dos casebres. O preto reclamava:

— Aqui não tem hoter! A mió coisa que tem na guerra é hoter. A gente chega, garção vem si rindo, tudo de branco, perguntá o que é que qué.

— Avança, pega, cerca, negrada!

— É urr carioca!

O porquinho revirou no tiro de fuzil, ganindo como gente ferida. O preto Lazo acabou o bicho a coronhadas.

— Mais um inimigo pra panela. Cadê o facão? Traiz o facão!

Jogou ali mesmo as miudezas abertas do animal ainda quente. Lavou-o no riacho. Depois veio fazer um fogueirão pres-timoso.

Os retirantes descansavam na manhã da mata.

— Farta sar.

— Sar faiz mar.

Apenas tostado o animal foi feito em pedaços e devorado pela tropa.

Lazo estava tomando a fresca num capinzal, à beira da estrada. Dois caipiras vinham vindo. Um deles era abobalhado

e grande. Chamavam-no Furmino. Acerçou-se do soldado falando esganadamente:

— A porquinha fugiu.

— Deve estar no mato.

— Pois num tá. Deís esta minhã que as minha ermandade tá fazendo precaução da porquinha. Mecês escuite as nossas arregramação.

O soldado largou um estrondo e pôs-se a urinar. Depois ficou tudo quieto. O sol era uma bola vermelha.

De repente, do lado da estrada, metralhadoras abriram um barulho cerrado. Ordens de comando juntaram os soldados. Estavam envolvidos numa ferradura de fogo.

Moscovão gritou para Lazo:

— Vamos arresisti?

— Não adianta valentia, nós não temo arma.

— Sarve quem pudél

— Que barulheira é essa?

— Acho que não é inimigo...

— Avança a senha!

Destroços de um batalhão paulista vinham retirando. Estavam acoçados pelos soldados da Ditadura. Houve uma confraternização rápida e no cair da noite a força unida sumiu na direção sul.

— Depois de 300 tiros o meu fuzil entortô.

— É bom pra pegá veado na curva...

— O negócio não tá sopa não! Quarqué dia viro desertô...

Um voluntário cuja barba tinha um chumaço branco exclamou:

— Eu atiro, atiro, e não acerto nunca.

— Você atira a esmo!

Sentado entre mochilas e fuzis um homem contou:

— O comandante fugiu. Era um coronel de óculos. Nós íamos com tropas de reforço mas encontramos a estrada entupida com cinco caminhões revirados e capotados no chão, fumegando. Ele não esperou nada, pegou dois cavalos e pirou. Se não fosse esse tenente da Força nós não estávamos aqui.

Outro soldado explicava:

— Nós ocupamos uma fazendola e requisitamos mantimentos. A vila tinha sido arrasada pela artilharia....

Distribuíram-se sentinelas desde as primeiras horas, pois sabia-se que os ditatoriais estavam próximos. O dia se processou sem alarme, mas à noite tiros de inquietação, vindos de todos os lados, restabeleceram a presença do inimigo. Tinham-se aberto trincheiras até uma lagoa que constituía a defesa do acampamento.

Na noite acordada, os homens falavam baixo.

— Nós chegemo de noite no quarté, eles fecharo o caminhão no pátio da garage e não quisero deixá pirá. O tenente berrô: “Se quisé vortá, vorta a pé! O caminhão fica”. “Nóis temo pronto!” “Vocês vão pra frente, de lá voceis vorta.” O chofer era o Tico e tava com sono. Levaram os mortos pro cemitério e enchero o caminhão de sordado com fuzir e metralhadora e dero orde prele tocá. Eu ia na boléia com o Tico. Ele quaji joga nós tudo da serra abaixo.

O Tico riu com a boca enorme.

— Eu tava com sono! Não tinha dormido duas noite. Apertava os óio, machuva pra vê se passava. Quar o quél Ronquei no volante. Ôta sono gostoso! O caminhão ia em quarta, estava cheio assim. De repente eu só ouvi: “Páral Páral” Senti o revorve do tenente encostado no meu peito. “Te mato ocê traidor!”

O negro retomou a odisséia.

— Depois nós chegemo numa vila. Arrequisitemo tudo as coisa de um turco. Tinha tudo na venda. Parecia que ninhu-  
ma força tinha passado por lál Até um enxová de casamento.  
Coitado do home! Esvaziemo a caixa. Eu trouxe um terno. Foi  
o que me sarvô. Vendi por vinte mirréis. E pra rematá pusemo  
fogo na casa.

— Para qué? — perguntou um voluntário.

O preto olhava. O seu rosto abriu-se em dentes fortes:

— Brincadera de sordado.

Das 15 às 18 horas, o combate fuzilou. O conjunto da  
tropa afrouxou a resistêcia e, pouco a pouco, deixando entre  
gritos homens varados e homens caídos, deslizou dificultosa-  
mente ao logo da via férrea. Na estação um barulho contínuo  
espedaçava as vidraças. Designaram-se vinte homens para pro-  
teger a retirada noturna. Os arroubos do canhão ouviam-se no  
meio do tá-tá-tá das metralhadoras pesadas. Balas assoviavam.  
Granadas e estilhaços de *shrapnel* atingiram as paredes esbu-  
racadas.

A tropa internara-se na charneca. Estava sem comando e  
sem comunicação. O tenente, que ameaçara de meter bala na  
cabeça de quem olhasse para trás, tinha desaparecido. Os  
tiros cessaram completamente. Uma légua em torno, só havia  
lama para deitar. Moscovão estendeu a manta e fez travesseiro  
das botas imundas.

— Não arretiro mais. Não quero arretirá. Fico dando tiro  
sozinho.

— Precisa de um químico aqui.

— Pra qué?

— Pra transformá palha em bife...

Na manhã começada, a tropa reconstituiu-se. Pagaram a bóia. Era uma concha de feijão e outra de farinha.

Chuvas caíam do céu pardo. Matas despenteadas ensombravam o charco dos caminhos. E o inimigo reapareceu numa perseguição calculada e contínua.

Era difícil opor qualquer resistência. Depois de uma escaramuça que durou até o meio-dia, as munições tinham sido abandonadas. Os soldados sem comer saíram curvados sob o fuzil, tiritantes no aguaceiro. Tomaram por uma estrada limosa e estreita. Um ferido e um doente eram conduzidos em padiolas improvisadas. Pouco a pouco amorteceu e perdeu-se longe o estrépito das metralhadoras. Mas ouvia-se ainda o canhão.

Moscovão tomou o braço do preto Lazo que dormia a seu lado.

— Ocê não viu uma cara?

A noite caíra sobre a marcha. Correu que estavam perto de uma fazenda. Imundos, esfaimados, os homens sentiram uma esperança. O inimigo sumira. Foi dada ordem de parada junto a uma porteira. Na noite chuvosa, evacuaram-se os inutilizados e distribuíram-se sentinelas. Um grupo aglomerava-se junto aos morões quebrados.

— Não arretiro. Eu quero ficá aqui!

Idílio estava sentado na terra, cercado dos companheiros da peça da fuzarca.

— Tô cuma gorfada de gelo nas costas!

Moscovão não podia com o próprio corpo. Sob o barulho de lata da mochila, esperava, ainda, que o acabassem com um tiro bem dado.

— Sob o morro, desce morro, sobe morro... A cara não me deixa...

Levava uma granada na mão.

Amanheceu chovendo de novo. Pagaram uma caneca de café e quatro bolachas. Mas ao anoitecer foi dada a ordem de cessar o descanso e a marcha recomeçou. Um caboclo aparecera trazendo a notícia do inimigo. Enterrados até o joelho, um depois do outro, os soldados atravessaram um sumidouro glacial. Ouviu-se de repente um ronco de avião. Tinham atingido um campo raso. Havia uma capoeira próxima. Correram para lá, e ficaram até noite velha esperando.

— Por perdê o caminho já passemos duas vezes com água prus peito!

Ninguém mais pagava a bóia. A tropa desmunicionada reduzira-se a cem homens realizando uma tragédia andarilha. Nunca mais queriam parar. Depois de um sono inquieto fincavam os músculos estragados no lodaçal e no frio da retirada.

— Esse barro!

Uma voz no meio da noite cavernosa bradava:

— Cuidado negrada. Inimigo na retaguarda. Avança pra frente!

Era o morfético que comandava.

— Esse barro não acaba mais!

Os homens pararam. Aquelas luzes na noite indicavam para os soldados um fim de caminhada. Era uma pausa afinal.

Uma cidade inesperadamente anunciada no horizonte do mato bravo.

Embrutecidos nas perneiras eternas, sem meias, os pés sangrando nos sapatos rasgados, a camisa cáqui tornada preta, barbados, com os cabelos descendo pelo pescoço, os homens penetraram pela manhã na vila mal acordada. Moscovão era o último. Mancava fechando a retaguarda.

No largo central onde árvores ramalhavam, em frente à igreja, juntava-se gente. Os sinos tocavam. As botas faziam um ritmo surdo no chão. Eles passaram saídos de um poço de lama.

No edifício vazio do Grupo Escolar só restava um troféu — a bandeira paulista. Os homens despídos lavavam inutilmente as camisas encardidas. Enxugavam-se nus ao sol, estendiam as fardas rotas. Restos de outros batalhões acampavam também.

- O barbado está preso...
- Por quê?
- Prenderam ele no cabelereiro. Era leproso. Foi fazê a barba. Um capitão que sabia segurô o bicho.
- O moço voluntário teve um vômito seco.
- Que foi?
- Nossa Senhora! Quanto feijão eu não comi cozinhado por ele!
- Você bebeu cachaça no mesmo cantil! Era um pneumático de automóvel que ele carregava cheio de pingal

Anastácia Pupper entregara-se inerte às ânsias do antigo feitor da Formosa, na própria cama da irmã, fazia mais de um lustro, quando ainda era mocetona. O cunhado jurara ma-

tá-la e enchia-a de presentes e dinheiro. Comprara então para ela uma casa a prestação. O filho crescera no colégio.

— O Babá vem aí nas férias!

— Quê que tem? Fica tudo em família. Minha muié não presta.

Tímida, morena, esguedelhada e magra, só ela, Lucinda, não sabia. As duas filhas do casal, Linda e Sarita, haviam percebido sempre. Quem se oporia à vontade cangaceira de Idílio Moscovão? Uma noite em que seus passos bêbados procuravam a amante pelo sobrado, ela lhe gritara com a voz de castanholá, estridente, erguendo os braços: — Cachorro, ordinário, eu te dou uma bofetada! — Dominara-o daí por diante.

Sarita quando soube que o pai estava leproso desabou no soalho como uma boneca. Foi um corre-corre. Voltou lentamente, muito pálida, os grandes cabelos loiros em flocos.

— É preciso avisar à Higiene...

Anastácia inesperadamente grudara-se a Lucinda soluçando. Tirara o *pince-nez* molhado do nariz em bico. Sarita prosseguiu com a voz débil:

— Tem que ser transportado para o Santo Ângelo.

— Coitado!

— Coitada de você mamãe!

Ele permanecia no porão em frente à mulher que chorava baixo no avental. O seu amor por Anastácia crescia espantosamente.

— Como é que você foi panhá isso?

— Estô num estado miseraver. Eu queria ficá na guerra. Faiz muito tempo que eu desconfiava.

Depois de um silêncio exclamou:

— Deus não quis! Foi aquele negro fio da puta da Farmácia de Jurema que me denunciô!

Tinha a voz desconhecida e grossa como avariada, o rosto inflamado nas falhas da barba. Ergueu a calça da farda suja

que ainda trazia. Mostrou o furúnculo duro que não se resolvia ao longo das pernas.

— Ocê qué vê aqui?

Abriu a camisa. Uma sarna grossa roía o tronco musculoso.

— Ocê vai me visitá no asilo? Se ocê não fô ninguém vai...

A Anastácia não vai. . .

O fogo crepitava no fogão negro da cozinha. Lucinda escaudou uma xícara e tirou um café requentado do fundo de um bule verde. Idílio tomou sem sentir o gole quente, numa caneca de alumínio velha.

— Se pudesse, eu ia pidi esmola presse mundo!

Na Rua Direita, um moço elegante dizia para um grupo:

— Eu pirei e fiz muito bem. Fui só para gozar uma trincheira. Queria ver o que era a guerra. Mas achei muito pau dormir ao relento, comer fora de horas. Depois ninguém me mostrava o inimigo. Vim na boléia de um caminhão. Tomei o trem. Vejam que faro eu tive!

O bar do Automóvel Clube parecia um velório. A madeira negra das mesas redondas e do balcão enorme acentuava-se naquela luz mortuária que descia das lâmpadas elétricas para bater no zinco lívido e nos cristais. Ao canto, o Tenente Magnólia, que descrevera durante semanas a avançada dos paulistas em Bianor, a resistência em Queimada, a vitória em Buri, a luta em Amparo e por fim as ferozes estripulias do trem blindado, estava murcho, os braços cruzados sobre a farda elegante. Rodeavam-no caras tristes, caras indiferentes, caras sombrias.

— Foi uma pena terem nos retirado daquele setor paradisíaco, onde a guerra não havia chegado. Lá é que se via o espírito cívico!

À outra mesa, um homem quarentão cismava diante de um uísque. Duas rugas coroavam o olhar negro e insolente. Um oficial vistoso penetrara no bar. Achevou-se:

- Estamos perdidos, Fontes.
- Você teve confirmação?
- É o fim. Entraram por Campinas.

O Capitão Rego Diniz afastou-se. Foi ter à mesa de Magnólia.

Num instante desenrolou-se na cabeça do engenheiro Máximo Fontes, que comandara os transportes de guerra, o panorama inteiro da campanha paulista. A derrota fora obra dos chefes militares e dos chefes políticos. Ficava daquela experiência a certeza da eleição da gente do planalto. Os paulistas tinham sido os mesmos de quatrocentos anos atrás. Os seus gestos desabridos eram impolutos e iguais. Que importava a derrota, se São Paulo continuava seguindo a indicação da sua geografia, setecentos metros acima do Brasil? O oficial voltou-se. Perguntou ao homem cismarento:

- Se você tiver que depor, que é que vai dizer?
- Farei tudo para ser fuzilado.
- Eu também! Garçon, uísque!

- O Joanito foi comigo. Partiu alegre, tão forte. Ficou lá em pedaços. Morreu a facão.

- Onde está meu filho?

- Você viu o Chico Oliveira? Ficou no chão com o globo ocular virado para fora.

- E o Bernardino? Chegou de maca!

As gares enchiam-se desde cedo, de mães ansiosas, de pais aflitos, de noivas e irmãs. Os trens chegavam irregulares, abarrotados. Uma gente humilhada e ríspida desembarcava.

- Não tínhamos munição.

- Não tínhamos armas...

E a justificativa escoava por toda a parte: - São Paulo foi traído! - De casa em casa, de rua em rua, os mesmos diálo-

gos sucediam-se: — Imagine! Você não ouviu? E os jornais? Era tudo mentira! São Paulo não podia ter perdido! — Como? Mas essa gente tem ou não tem responsabilidade? Mentir assim!

Com a roupa rasgada, costuras abertas, a barba crescida, soldados enegrecidos de sujeira, descalços, saíam das refregas. Vinham exaustos, aéreos, sem perceber a extensão do desastre.

— O Luiz? Foi uma granada. Espatifou a mão.

Um abalo sacudia a coletividade paulista que até a véspera fora mantida na tensão da vitória. Um mundo de gente nervosa, assustada, correndo de casa em casa. Às vezes um batalhão completo desembarcava com comando e com ordem. Os soldados do interior perdiam-se pelas ruas desconhecidas da capital, procurando abrigo, comida e banho. Os primeiros oficiais da Ditadura atingiam a cidadela vencida, altivos e distantes. E a soldadesca inimiga ocupou com armas e cavalos os quartéis vazios. Promoviam-se desordens nas ruas cheias. Nas salas de comando e de governo ditavam-se officios e preparava-se o exílio dos responsáveis pelo movimento. Presos abarrotavam os presídios e as delegacias transformadas. Mas às vezes a uma esquina agitada de rua a mulher paulista juntava-se hiante e resoluta.

— Viva São Paulo!

Os soldados deixavam o pátio agitado da estação do Norte.

— Eu acho impossível. São Paulo tinha tudo: força, dinheiro e razão!

— Qual o que, rapaz! Gaúcho é forte, come carne! — exclamou o mulato Piratininga.

— A Força é que traiu! — disse um terceiro.

— Não diga besteira. Eu é que sei o caso direito — fez Lúrio. — Como é que ela podia agüentar sozinha? Injustiça! Os políticos iam buscar os filhos nas trincheiras. Estavam todos com sinusite, precisavam operar! Não houve é comando! Nem armas! Enquanto ficaram discutindo aqui, o João Alberto ocupou a serral

O farmacêutico despira o avental de enfermeiro e tomara de novo a farda que lhe restava da revolução. Despediu-se. Estava barbeado e limpo. Mas era apenas um soldado, um soldado negro de uma causa perdida. Antigamente, na terra brasileira, em tempo de calamidade, o negro se impunha, fundava uma autoridade mágica. Só lhe restava agora a origem feudal, a origem bastarda. Fora sempre um moleque de criação dos brancos. Um tumulto o envolveu na escada. Empurravam um velho que protestava com a boca desdentada. Um soldado gritou:

- Não desacata não!
- Eh! Eh! Estou vendo. Não posso ver?
- Seu animal. É para o seu bem!
- Só soldado pode ficar aqui.

Um grupo de grilos possantes mantinha a ordem, evacuando gente das plataformas.

- Com licença... Arredal!

O velho Jácopo Frelin foi levado à força para o Largo. Lírio que se encontrava perto dele indagou se tinha se machucado.

- Não. Tomei um cafezinho, um mata-bicho e estava vendo... Natural... Todo mundo quer ver o fim. Esses vagabundo de grilo veste uma farda e pensa qui é gente! Eu sou um popular curioso. Além disso eu sou sobrinho de um general, general médico!

Ante o menor incidente doméstico, a campainha do jardim, uma barata na noite quente ou um prato que se espatifasse no ladrilho da cozinha, as "três meninas" se juntavam, se agarravam nervosas e inquietas, como se as ameaçasse uma catástrofe vinda daquele poderoso e desconhecido mundo exterior, onde havia mulher à-toa e táxi de praça. Na casa antiga da Rua Vitória, entre baixelas, os móveis escuros e as janelas fechadas, só se ouviam de quando em quando sobre os tapetes os passos sutis e perfumados de um sacerdote. Dois medos as preocupavam: cogumelo na comida e gatuno debaixo da cama.

Incêndio também. A Belinha, que era a do meio, passava a noite escutando.

— Não pude dormir. Imagine se pega fogo na casa!

A mais velha era para a menor uma menina de dez anos tomando conta de uma de dois.

— Você já bebeu o seu leitinho, Maroca? Vamos deitar! Você se constipal

O maior desaforo que conheciam, a expressão máxima da contrariedade disseram juntas quando a cozinheira veio contar que São Paulo tinha perdido a guerra.

— Que maçada!

A menor, que sofria da barriga, exclamou:

— Eu vou ao banheiro.

— Coitado do generall Acho que ele morre de desgosto! — comentou a mais velha.

De repente, ouviram um barulho. Parecia ser no jardim. Foram espiar juntas pela persiana.

— É gente!

— Eu acho que é gatuno!

— Estou ouvindo a respiração.

O mulato fardado, que não encontrava a campainha, bateu grossas palmas.

Estavam vivas porque eram tementes a Deus e precavidas. Com 79 e 73 anos as duas primeiras. A última completara 68 janeiros. Eram solteiras e virgens. — Graças a N. S. da Aparecida! — Recomendavam à criada: — Por causa dos microbios, você lava a louça duas vezes, uma na água quente! — A mais velha sofria de varizes. A segunda tinha reumatismo. As criadas não paravam na casa com o asseio exagerado. A negra da cozinha contava que as três punham joelheira para rezar em frente do oratório: — Só farta esporal! — Levavam das 6 às 9 se vestindo para sair. Punham cinta de borracha de todo lado, menos a Belinha que era uma tábua. Contavam o grande acontecimento de sua vida:

— Nós fomos outro dia ao teatro.

— Um benefício.

— A favor da Santa Casa.

— A peça estava muito bem representada!

— Felizmente de noite não tem cachorro louco na rua...

De repente, a Tudinha virou-se para Lírio que comia baba-de-moça.

— Adulador! Você não veio aqui quando foi para a guerra.

— Quebrou o carro onde eu estava. Tive que embarcar o batalhão às pressas.

Procurou o guardanapo, limpou os beiços largos. Fez grandes abanos para falar dos tempos bicudos, da guerra vencida, da situação penosa de Jurema. Aceitou mais baba-de-moça.

— Sou rico de honestidade.

— Nós já criamos você. Deus nos deu essa sina e esse encargo. Cumprimos nossa missão na terra.

De repente as três perguntaram juntas:

— Você se casou no religioso?

— Casei.

A mais velha afirmou:

— O casamento civil é uma mancebia.

Lírio não pôde esconder o embaraço quando lhe falaram da esposa. Acabou contando que o sogro brigara com ele.

— Por causa da Farmácia.

— E ela?

— Ficou do lado do pai.

As três exclamaram:

— Não há nada mais bonito que a harmonia de um lar!

A mais velha contou:

— A lavadeira também brigou com o marido. Mas ela é pior que ele.

Belinha perguntou a Lírio:

— Você conhece o marido dela?

Tudinha interrompeu dizendo:

— Foi aqui em frente à nossa porta.

Depois contaram que as apólices não valiam mais nada e foram para o quarto. De lá Lírio ouvia:

— Ti, ti ti, ti, ... — Seria possível que nem uma nota de vinte oferecessem a um soldado de São Paulo sem vitória, sem saída e sem futuro? Nas apólices nem pensava mais. Iam deixar tudo para a Santa Casa. Só gostavam de aleijadol

— Deus lhe dê boa sorte!

— Abra uma farmácia aqui!

— Você tem a saúde que é a melhor fortuna, Lírio!

A noite agitava-se na ocupação militar. Toda sua infância estapeada de órfão do Coração de Jesus surgiu no presente. Um bando de chacais o devorava. O soluço grosso tomou conta do peito do negro. Um homem que passava parou olhando.

A casa suntuosa do Jardim América enlutou como se tivesse morrido gente. Ante uma imagem, Maria da Graça de joelhos, os cabelos loiros sobre as espáduas, orava fervorosamente. Abriam a porta. Era Ubaldo.

Estava num traje de esporte.

— Uma miala deprêssa! Que dê mamãe?

— Saiu, foi à casa de Tio Totó. Você não sofreu nada?

— Corre, me dá uma mala, estão pegando paulista!

A criadagem atarantou-se. Trouxeram tudo.

— Até logo, dá um beijo em mamãe. Vou para a fazenda. De lá escrevo.

O chofer fez a curva da aléia ajardinada.

Robério Spin não acendera a luz do pequeno quarto que dava para a estrada de rodagem. Sentado no enxergão miserável, os grandes óculos animando a altura esquelética, em

pijama, esperava que o viessem prender. Realizara enfim alguma coisa de inesperado e sensacional em sua vida. Era um rebelde que fugia. Transformara-se num personagem de filme. Jim Bulldog. Um herói que talvez ficasse mais na imaginação histórica do futuro do que o seco rábula do planalto. Aquela corrida ilegal do defensor do Direito, do elaborador de leis, trazia-lhe uma inédita sensação. Era um gesto catártico em que todas as suas energias encolhidas haviam despertado de um grande sono. Que importava ser colhido nas malhas da Ditadura? Ser preso! Teve um movimento enérgico dos ombros magros. Fumava um cigarro sobre outro. Não eram os havanos dos palácios e das Secretarias de Estado, Nem mesmo os cigarros distintos que mandava preparar. Era um maço que lhe oferecera o chofer. O seu sistema nervoso comprometera-se. Era um velho que já não dominava os próprios movimentos trêmulos.

Um ruído de automóvel na estrada o perturbou. Atirou-se na direção da janela apagada. Ficou olhando estático e gelado as luzes que subiam na direção da chácara. Viriam fuzilá-lo. O auto mudou a marcha para a segunda, passou rente da cerca, perdeu-se para além do portão. Mas parou. Voltava procurando. Um homem desceu, bateu palmas. Ele estava preso. Ia se entregar à Ditadura. Perguntou quem era. O japonês Kana parava no portão. Trazia-lhe um recado avisando-o de que o avô estava à morte.

A chácara amanhecia no azul.

Esperavam o carro anunciado a cada barulho de motor. Um moço ergueu molemente os braços no pequeno jardim que circundava a casa. Era Carlúcio Spin, irmão de Roberio, segregado por ele junto ao velho como enfermeiro. Conseguira na véspera comunicar-se com o japonês. Penetrou pelas salas desertas com grandes oleografias de santos enquadradas nas paredes e foi encontrar na antiga cadeira de vime a figura balofa do velho colono da Formosa. Estava inchado, enorme na barba branca, irregular e malfeita. Parecia um balão deformado. A sua cegueira procurava através dos óculos inúteis. Deu a mão

trêmula ao neto sem saber a quem dava. Dizia entrecortadamente:

- O Berito!... Quando vai chegar o Berito?
- Vem já, babo...

Aonde o levaria o chofer de confiança de Alberto de Melo que pusera à sua disposição a Packard? Confiava em Kana. Fora seu empregado antes de servir o conde.

Era noite ainda. Do céu quente descia uma luz de estrelas malsãs. Apenas numa ponte um soldado de fuzil tinha detido o carro. Rápida verificação no interior. Nem cigarros ele tinha mais... Apenas o revólver esguio fazia um bolo desacostumado no bolso traseiro da calça. O soldado deixara passar o veículo fino. Ele largara ao arbítrio do japonês a direção da fuga. O ciclo vitorioso de sua vida encerrara-se. Agora o martirólogo político completar-lhe-ia a figura. Teve outra vez um movimento nervoso de ombros. O carro deslizava num começo de estrada asfaltada. Não teria sido o seu fim muito mais inglório, se o seu avô tivesse permanecido na Formosa? Passaram um vilarejo que acordava na madrugada. Aquele caminho parecia lembrar-lhe qualquer coisa. Os faróis do automóvel empalideciam na manhã começada. O chofer apagou-os. E o carro foi entrando por um desvio selvagem na direção de uma chácara que se estendia entre culturas numa baixada. O foragido fez estacar.

- Você está louco? Você está me levando para a casa de meu avô?

A guarda tinha sido reforçada no Pátio do Colégio, onde metralhadoras descansavam.

A Secretaria da Justiça estava movimentada de oficiais e soldados. A um canto um grupo de senhoras de pé em silêncio. Às vezes enxugavam os olhos.

Os exilados políticos iam partir para o desterro desconhecido.

— Viva São Paulo!

O grito levantou-se, ecoou.

Eles desciam as escadas, quietos e dignos.

Um tenente da Ditadura avançou de pistola em punho para as paulistas.

— Não quero galinhagem aqui!

O silêncio se impôs.

— A ver! A ver!

Uma francesa pequena e perfumosa, com um ar de cozinheira em domingo, pôs para cima o nariz arrebitado. Felicidade Branca reconheceu a rival. O Conde Alberto de Melo passava na sua pequena estatura. Passava Robério Spin. Passava Ciro de São Cristóvão com a cabeça alva, Pádua Lopes, Marialva Guimarães e Máximo Fontes. Os automóveis, os faróis apagados, esperavam com guardas e secretas nos fundos do edifício.

Leonardo Mesa e Pancrácio Fortes haviam saído juntos do Gabinete de Investigações.

— Que panorama!

— Eu já comi cadeia no Paraná. É pior!

Nos primeiros contatos com os subterrâneos das prisões paulistas, o militante sentira um destino. Tinham-no jogado com dez homens num porão escuro, donde destilavam fezes pelo teto. A privada entupida e aberta. Um caldo ralo de feijão para comer. Soldados sádicos derrubavam com socos os presos inermes nos pátios. E ante aquele bando desconexo, alguns comunistas, vários partidários da Ditadura, outros vagabundos, ou inocentes da cidade, a sua ligação se estabelecera profunda com a causa por que estava ali. As suas convicções enraizaram-se. Era preciso modificar o mundo... Em passos assustados, os dois homens dobraram uma travessa da Rua Santa Ifigênia.

— Por que nos soltaram?

— Sei lá!... Dizem que foi um oficial do exército. A revolução acabou. São Paulo perdeu.

— Tudo isso já se passou na Rússia dos czares, na Alemanha do Hohenzollern — disse Pancrácio.

Seus passos apressavam-se. Um receio vago os tomava de que viessem atrás, para de novo jogá-los num fundo de cadeia.

Leonardo deixou o outro num bonde do Jabaquara. Tomou a direção do Brás, atingiu cautelosamente um endereço conhecido.

Para evitar suspeitas, a casa estava inteiramente aberta. Na primeira sala cozinham. Era um casal de judeus. Lá dentro, no quarto dos fundos, dois companheiros discutiam sentados a uma cama de ferro. Em frente a ele estava num capote um oficial da Força Pública. O camarada Rioja relatou o seu mês de prisão que sofrera. Fora detido na Penha, quando preparava, com uma companheira, manifestos destinados às trincheiras paulistas.

— Soltaram a gente por pura demagogia!

Ele estava ansioso mas não dizia nada. Não sabia o que se passara com Maria Parede. Perguntou por ela.

— Foi presa quando colocava uma bandeira vermelha nos fios da Light.

O militar falou com a voz pausada. Era o Tenente Odilon, do Antimil.

— Esse canalhinha com uns outro grão-finos, uns porquera que nunca tomaram parte em combate, todos lustrosos nas bota, de capote novo, queriam que nós da Força continuasse a sofrer. Queria retirá para São Paulo e continuá a guerra no Estado que nem a Coluna...

— Que nem a Coluna Prestes? — berrou um magro ave-lhantado. — Eles não sabem o que foi a Coluna e o martírio da Coluna.

— Escorei os tar. Ouvi calado. Mas recusei. Meus home não ia sê mais troxa dos fazendero paulista. Basta os que morrerol! Ele quis estrilá mas viu o chumaço que a pistola fazia na minha cintura. Ordenei que meus home passasse primeiro e desarmeí o batalhão.

— Quem foi que ajudou o Getúlio?

— A América. É o comércio tomador de café de Nova Iorque.

— Somos escravos.

— Mas uma coisa marca esta fase, o Partido Comunista trabalha pela liberdade.

O velhote exclamou:

— Eles não sabem o que foi a Coluna! Pegar uma estação de chuva em Mato Grosso! Carrapato, berne e cangical! Combater com rifle de matar anta! Sem comida, sem dia seguinte, sem nada! Eu fiquei cego!

Os galos pareciam cantar debaixo da terra. O velho pôs-se a escutar imóvel no leito largo do casal. Entre os silêncios da noite, ouviu um apito obscuro de trem em manobra, um bonde que recolhia. Depois, pôde apreender batidas apagadas num relógio de igreja. Três horas. Ele mesmo impunha-se àquela flagelação de ficar sem movimentos horas a fio, como se a morte já tivesse tomado conta de suas carnes geladas. Antigamente era o alvoroço da partida para a caçada nas madrugadas das fazendas. Veadeiros, trompas e homens a cavalo. Um pernillongo cantou. Sabia que não dormiria os seus sonos reparadores de outros tempos. Era um velho. São Paulo tinha sido esmagado pela Ditadura. Que seria dele? Que seria da velha que arfava fracamente nos lençóis a seu lado? Acabariam pedindo esmola pelas ruas. Tinha se completado a ruína do cafeísta. Completava-se a obra dos usurários que o haviam vencido. Envenenado de saudades, no estridor das buzinas, passariam aturdidos nas ruas os seus 70 anos de cultivador da terra do planalto. O café era ele. Um produto do latifúndio, uma cultura de largas terras. O café tinha que ser arrancado do solo como ele. Exigia como ele os grandes terreiros, o benefício e a independência. O mundo enlouquecido dilapidara-o de tudo. Restava-lhe aquele caco de companheira. No fundo de sua lembrança, uma concertina tocou. Era a sanfona do italiano que ele assassinara na mata. A gaita do moço troleiro voltou na

noite evocativa. Aqueles rodeios, aqueles floreados. Bento Formoso virou-se para não ver a mulher.

Na madrugada indecisa, um homem atravessou cautelosamente a cozinha da casa, passou os corredores, parou escutando diante da escada que ligava o *hall térreo* à sala de costura do andar superior. Chegara ao quarto que dava sobre um lado do jardim. Bateu pancadas leves. A casa continuava silente e adormecida. Bateu mais forte. Houve um arrastar de chinelos e a luz suave coloriu um roupão rosa. Com os seios saltando da combinação justa, a moça pôs os dentes alvos e os olhos verdes para fora.

Falavam baixo.

— Pichorrinha...

— Imagine se sua mulher descobrel! Meu pai te assassinal

Mesmo vestido, o corpo dele sentia totalmente o corpo da moça enlaçada. De repente, Pichorra desprendeuse, sibilou como uma cobra:

— Pancrário! Não! Você foi contra São Paulo! Saia daqui! Saia! Eu gritol

O silêncio voltou à casa apagada.

— Não quero mais tatu de feijão, quero vitória-régia!

Estavam ambos no quarto de dormir dos velhos, no sobrado dos Formoso. O oratório espiava na sombra. O Major tinha os olhos vermelhos.

— Mas meu filho. Você disse outro dia que essa moça era uma prostituta. Como é que agora você quer se casar com ela?

— Você prefere que Jango se case, minha mãe?

Os olhos cansados do homem grisalho tomaram-se de vida.

— Jango é moço. Tem toda a existência diante dele... Eu... Se ela for uma prostituta, eu salvo Jango. E a salvo... Faço dela uma senhora!

— Meu filho, não! Você já foi tão desgraçado no primeiro casamento! Não tem pena de seu filhinho louco?

— Mãe. É um problema essencial para a minha vida. Um problema que você não entende... Toda a minha reeducação para a vida depende de Eufrásia.

Umbelina teve um assomo de energia.

— Você viveu sempre na lei dos sem lei... Essa moça não pode entrar na nossa família...

O Major sentara-se a um banquinho cor-de-rosa estofado.

— Nossa família... Os médicos sabem que nós somos os Atreides de Jurema...

As vozes chegavam soturnamente de cima. Jango em civil esperava no salão sem saber quem conversava com a avó no quarto. Estranhava aquele sussurro contínuo. Talvez tratassem do transporte de Quindim para o Sanatório Pinel. Olhou-se no espelho do porta-chapéus. O cabelo, cortado rente, deixava ver a cicatriz da bala. Sentia-se sem vontade de subir.

As vozes haviam cessado. Felicidade Branca ficaria com Umbelina. Eram já oito e meia da manhã. Ela prometera vir cedo. Do quarto do fundo, onde o doente permanecia velado pela Afonsina, um grito invadiu o sobrado silencioso. O rapaz achou-se no corredor. Chamavam-no.

— Jango!

Ele voltou-se. Não havia percebido o pai na sala de jantar. Com um gesto de compunção para o quarto de Quindim, o Major fê-lo sentar-se no sofá colonial.

— Jango. Eu quero explicar a você... Vou ser franco... Eu vivia no limiar do instinto... Hoje minha vida depende de uma mulher... Eu vou me casar com ela. Ela consentiu. No dia seguinte, talvez seja o retraimento, o ciúme... a corneação... ela não tem raízes mas eu a aceito... Você vai deixá-la!

O bafo de pinga precisou-se. Cresceu na voz que parecia sair da infância. — Perfil-se menino! — Uma revolta inteiriçou-se nos pulsos, na cabeça do moço. Os dedos enclavinhados na camisa do Major não podiam mais se abrir.

— Me atire com o mosquetão. Eu te abençôo. Mas eu amo Eufrásia...

Um choro descera pela escada. — Afonsinal Acuda! Eles estão se matando! — A fazendeira entrou lívida, machucada de lágrimas, no penhoar desalinhado sobre a camisola de dormir. Afonsina atrás correu gorda, com um lenço amarrado no pescoço:

— Que é isso? Carma! Não vê que o coroné já tá que nem pau de galinhero?

O rapaz fitava o Major que se levantara frouxo nas pernas. Umbelina colocou-se entre os dois:

— Jango! Ele é seu pai. Pelo amor de Deus!

— Eu não sei nada. Não vi... — chorava Afonsina na cozinha.

— Eu te passo fogo se você não me disser a verdade.

— Ouvi falá... negócio da professora...

— Ela esteve na serra?

— Assim me disseram...

Jango voltou para a sala de jantar. Estava sentado em frente a Felicidade Branca que chegara. A um canto, numa cadeira, a figura recurva e calada de Cláudio Manoel.

— O médico já veio?...

— Está no quarto.

Lá em cima, as vozes continuavam discutindo. O rapaz fez um cigarro de palha, acendeu. Uma serenidade divina encerrava a fase trágica do seu amor. Eufrásia morrera. Não importava continuar a existir, andando, falando. Mas as reações, rápidas e certas que seu sentimento provocara nela, tinham-se extinguido. Animara-a um instante nos seus braços fortes. Dera-lhe vida. Agora não vivia mais. Estava tudo encerrado, ela, o apartamento, as tardes, o futuro.

Dê dentro, veio um chamado aflito de Afonsina. Jango levantou-se. Penetraram no quarto. O médico, baixo e gordo,



— Cadê o cabeça-chata? Tá contente de São Paulo perdê a guerra?

— Ele que paga o aluguer. Pelo menos trabaia, não é como ocê...

— Se ocê me chamá de parasito eu vô no delegado e digo que ocê é cafetina...

Um canto elevou-se da cozinha.

— Quem-foi-que-inventou-o-Brasil?

Era a Lindáurea que costurava.

— As criança não pode ficá morando co'essas cadelal

Riu exagerado pelos dentes sujos.

— Esses fio nem meu são!

A Zefa fixou-o indignada, os olhos escancarados, redondos.

— Então ocê é cornol! Enfia a viola no saco seu à-toa, bota o chapéu na cabeça e vá pro oio da rua! Dexa vim o padre que eu te mostrol A Eufrásia tá doentel

O velho olhou irônico.

— Ela agora é grão-fina, não trabaia mais. Ê da suciadadel

Vinha um batido de roupa do tanque do quintal.

Quindim dera entrada no sanatório. Felicidade Branca fora com ele. Não avisara o Coronel Bento Formoso. Ao menos ele não deixaria a paz da fazenda, para ser golpeado daquele jeito.

No seu quarto quase sem móveis Umbelina rezava ante o oratório familiar. O céu cristão do Brasil abria-se em cetim azul. Ao fundo, sobre um pequeno pedestal de madeira, havia uma Custódia de prata antiga. Era o sinal do mistério, o ponto de partida para o infinito que refulgia na sombra. Dele emanava a certeza de que aquele anedotário de imagens miríficas, de todos os aspectos e de todos os tamanhos, participava de um mundo sobrenatural e recôndito. Essas mesmas imagens — um Cristo cacheado, os olhos em sangue da flagelação, prontinho para a cruz, um São José descomunal com um lírio ao ombro como se partisse para uma batalha de flores, a Nossa

Senhora acrobática na sua vitória sobre o mundo enlaçado de demônios — elas não teriam ação se não fosse a presença vivificadora da Custódia e o seu comando místico. Todas as impurezas desmaiavam perante aquele símbolo material do incognoscível. Ante ela, Umbelina conversava com Deus como Moisés no Sinai e desgastava as suas aflições diárias. Pedir graças e convencer o outro lado da terra de que o Coronel Bento Formoso precisava de reforma para as suas letras, sem o que as fazendas seriam executadas com a derrota de São Paulo. Para o sacro objeto, seus murmúrios brotavam como rosas de desespero.

— Salvai Jango e o meu filho que vai cair no abismo. Fazei com que eles abandonem aquela furruscanal!

Diante da resumida capela, que os resplendores das imagens inflamavam e a chama da lamparina de azeite engrandecia na noite do quarto grande e silencioso, a velha desenvolvia a trama das súplicas. As vezes de pé, os braços entreabertos como ante um assalto de *gangsters*, o seu corpo agigantado pendia implorando a intervenção de Nossa Senhora, ao fundo, à direita. A luz do morrão deixava na penumbra seu rosto agoniado onde fulgiam os olhos da mocidade longínqua. Que Deus unisse a família desgraçada que tinha agora um menino louco, enlouquecido na trincheira paulista.

Um vômito histérico inundado de bilis ensopou o travesseiro e o lenço de seda rendado que Umbelina tinha nas mãos.

— O Bentinho tem que entregar esta casa para os credores. Ele sempre foi um moleirão. Somos obrigados todos a voltar para Formosa. Eles se atiram!... A culpa é do Bentinho. Se ao menos tivéssemos tomado o partido do Getúlio! Esse velho é um criminoso... Vida filha da puta!

— Credo em cruz! Num diga isso sinhá — fez a Duviges que entrara trazendo um copo de água de melissa. — Mecê num sabe que Deus castiga?

A latifundiária caiu em soluços como uma coisa sobre a cama larga donde rosários negros pendiam. Cristo flagelado sob a coroa, no alto da coluna de gesso, conservava uma pa-

ciência de santo que não compreende. Umbelina fixou os olhos inundados na Custódia de prata antiga que cintilava. A luz da lamparina de azeite extinguiu-se na noite do quarto. A criada saiu.

Todo mundo já batia palmas antes de começar.

Não havendo lugar na platéia do cinema Pedro II, Xavier procurou uma frisa. Sentou-se ao lado de gente desconhecida. Era um casal. O marido pusera-se a rir do filme heróico. Depois enervara-se. Insultou a fita, e o cinema modesto. Falara baixo mas como se fosse para ele ouvir: — Que bobagem! Vamos embora!

Aquele brutamente não sentia o benefício emocional dos Oestes. No cinema o público anônimo ia desafogar o que longamente sofria lá fora.

O teatro popular e urbano tinha, para a coletividade expectante, um sentido catártico. A vida podia ser injusta em casa, mutiladora e presa nos cenários do trabalho, mas no Pedro II a fita saía dos limites da visão para resolver as mais ocultas reivindicações do indivíduo. Toda aquela gente, adultos e crianças, sentava-se conduzida pelos programas sensacionais, onde mocinho e vilão se defrontavam como na vida. E o vilão caía sempre vencido. No espírito dos fracassados restava a esperança de que o mundo se transformasse daquele jeito. A tela processava o castigo final dos brutos, dos tiranos e dos bandidos. O *cowboy* era uma transfiguração do Anjo esmagando Satã.

Bobagem! São Paulo perdera a guerra. Bobagem pensar que o mocinho venceria sempre... Naquela tarde da frisa vacilara pela primeira vez no mundo a imagem invulnerável do mocinho. No cérebro de Xavier queimara-se de repente o celulóide encantado de Tom-Mix. O vaqueiro heróico que vingava os sofrendores não mais substituiria nos refolhos do coração os símbolos primitivos e vingadores das religiões e das morais. Do alto do seu cavalo o mocinho não mais criaria os horizon-

tes necessários à certeza de que o mundo era perfeito e a justiça intangível.

— Seu Xavier conte aquela fital

— Pensavam que era um navegante, mas era um pirata! Imagine o que aconteceu pra noiva do capitão. Veja se ele tinha razão!

Todo o mundo ria e aprovava. Ele não mais contaria as fitas nos aniversários grã-finos dos Junquillo onde era admitido na intimidade das flores, dos vinhos e dos cristais. Agora uma interrogação o afligia ao penetrar no escuro da sala repleta onde aprendera a beber o quotidiano justicador e bravo. Estava envenenado o seu lenitivo. A brecha alargava-se

— Bobagem...

Xavier entrou. Estava escuro. Naquele público de meios homens, de novo um desejo latente de justiça social se precisava. Uma população de malogrados, de adultos físicos paralisados em infância psíquica, realizava-se através do filme, nas façanhas incríveis, nos salvamentos miraculosos da heroína. Os tímidos, os oprimidos, os sem coragem de ação, desembocavam de novo ali seus desejos de vinditas. Mulheres saídas do cold-creme e da pintura de Max Factor, vestidas e calçadas pelos subfigurinos de Patou e Lanvin. Homens encanecidos na praça, rapazes do comércio, casais com filhos, toda aquela gente disparatada unificava-se na ânsia, na torcida e nas lágrimas do Oeste. Tom-Mix salvava ainda para eles o sentido degradado da vida.

Um riso líquido, nervoso, sacudia a platéia. A torcida crescia, serenava, crescia outra vez. Ao seu lado, uma menina agitada deixou ver para fora da saia rodada um coxão de moça.

— O leão! Agora é o leão!

Entre duas garotas um velho sorria sem dentes.

— A moça morreu! Coitada!

— Vai continuar...

Xavier saiu. Pela primeira vez não foi diretamente para casa. Atravessou o Anhangabaú deserto e luminoso. Sentou-se a um banco frio.

São Paulo tinha morrido e não ia continuar... São Paulo perdera. Do alto do seu cavalo, o plantador não mais criaria os horizontes dos cafezais, necessários à certeza de que o mundo era perfeito e o Brasil intangível.

## VII

### Pro Brasilia Fiant Eximia

**A** PAISAGEM fluvial de matos baixos anunciou o arraial. Chegaram até à canoa sons de sinos rachados e, a uma curva maior do rio, apareceram lanchas oblongas de grandes rodas e chaminés. Havia motores no estuário e da costa vinha o barulho rouco e igual do oceano largo.

No caminhão noturno os romeiros se apinharam.

— O caixote não güenta, Belarmino!

— Tem gente demais.

— Ninguém num há de i a pé!

Risadas estouravam.

— Ocê devia ficá co's véio!

— Véio é ocê.

— Devia i só os moço.

- Mecê que tá véio. Ninhuma moça num óia mais mecê.
- Piscano, óia sim!

O riso acabou num barulho do motor posto em movimento. O chofer passou o carro para a segunda velocidade.

Na estrada boa apressou-se o balanço daquela gente apinhada. Iam todos cai não cai.

Mendigos e romeiros misturavam-se no mesmo aspecto doente. Revezavam-se nas escadas da igreja hospicial. Pediam esmolas ou beijavam o santo na mesma confusão de resignada miséria. Um homem claro, de óculos, parou diante do grupo que vestia garrulamente. Perguntou quantos eram.

— Sêmo seis ermandade. Co's morto, dezoito; foro pro céu. Tudo maridade.

A cabocla que falava acrescentou:

— É sina.

Os outros confirmavam:

— É sina.

— Só si fô sina...

— Vocês foram ao terço?

— Nóis não veio pra assisti terço. Terço tem lá.

— Vocês sambam?

— Nóis não semo sambero.

— Deus o livre.

— Credol! Cruz credol!

— Nóis num é dessa.

— O que é que vocês vieram fazer?

— Visitá o São Bão Jesus, e festá.

Um caboclo acrescentou:

— Oiá e passeá na rua.

O homem claro prosseguiu:

— Gostam de festa?

A cabocla, que chamava Tude, disse:

— Inté num tá peor!!

Informaram:

— Ela casô co primo. Teve dois fio ceguinho.

Concluíram:

— É sina.

— Só si fô sina.

A praça seca e terrosa estendia-se cercada de barraquinhas onde a gente se apinhava. Na multidão um homem atarracado ergueu a voz, berrou numa língua espanholada e forte:

— Olha o jogo caipira...

— Quem mais bota, mais tira!

Falava imperativo para o ajuntamento que se formara ante a mesa dividida em quadradinhos numerados onde uma roleta mecânica esperava. Fê-la rodar.

— Aqui todos ganha! Marque o jogo!

Um serraçumano afirmou boquiaberto:

— Agora eu pego o jaburu.

O estropiado queria ver. Torceu o corpo penosamente até se levantar na perna destroçada.

Bestavam, no chão poeirento, serraçumanos, beira-corgos e caipiras entre fotógrafos ambulantes, camelôs e ciganos.

Um sujeito comentou:

— O bispo é pió que japoneis. Vende santo, troca óleo e ganha inté no vidro vazio.

Em torno de um homem que expunha em leque os dentes estragados, a multidão fechava um círculo ansioso.

— Meus senhores, se um dos senhores acorda altas horas da noite com uma formidável dor de dentes e põe no rosto uma nota de conto de réis, nada adianta. Mas se tiver na gaveta do criado-mudo o Bálsamo Africano, em dois, três minutos fica

curado e dorme outra vez. Vamos fazer uma experiência, meus senhores? Não haverá entre o respeitável público quem esteja com uma formidável dor de dentes? Que se apresente!

Da turba apinhada, um mulato gordo se destacou. Tinha um ar de saúde, mas franzia a cara.

— Estou com uma dor de dentes danada!

— Pois esfregue isso que cura.

O camelô passou-lhe um tubo cor-de-rosa.

Comentavam em redor:

— É maromba dele!

— Gente. Será?

— Fica congelado o dente.

Enquanto esperavam o efeito do remédio, o homem do unguento gritou para o céu:

— Zepelim! Zepelim!

Todos levantaram a cabeça e nada viram senão o azul faiscante. Mas o camelô aproximara-se da caixa, onde uma cobra preta e amarela parecia dormir e anunciou:

— Dona Filomena vai dançar um tango argentino.

A cobra mexeu na caixa. Um mudo que olhava fez grandes sinais para explicar que a cobra não mordía. O mulato aproximou-se.

— Passou a dor?

— Passou.

O pau-d'água foi encontrar o cego que ia na direção da Matriz pela mão de um menino. Insistia em querer ouvir uma toada. O outro negou-se. Não sabia nenhuma.

— Deixa de fazê de besta, cego. Cantal

A voz do outro mundo falou pelos olhos baços:

— Por que o sinhô me amola? Eu não tô fazendo nada pro sinhô.

O bêbado sentenciou:

— Cada esmolero deve tê uma cantiga. Já disse...

Na Buick vermelha, que um chofer corado conduzia substituindo Ubaldo no volante, mãe e filha recostavam-se no banco de trás.

— Você já passou o Kana quantas vezes? — indagou Maria da Graça.

Ubaldo ao lado do condutor deu um muxoxo.

— O Kana é um bom chofer lá no Japão. Aqui leva poeira.

— Olhe, eles vêm aí!

— Toca, Minho.

A Buick acelerou a marcha na estrada amarela entre matas. O chofer japonês do Conde Alberto de Melo diminuiu a velocidade da Packard brilhante que conduzia.

Entre Felicidade Branca e D. Candinha Agripa, ligeiramente escaveirada num vestido preto, sob um chapéu de *girl*, ia um senhor moreno e gordo, pondo para cima um focinho bestial sob os óculos de vidro sem aro. Ao lado de Kana, o conde tinha um ar esportivo de excursão. Parecia menor no paletó cintado.

— Este Ubaldo faz questão de transformar numa corrida de automóveis uma romaria piedosa.

Kana sorria.

— Será que Seu Ferrol já terá chegado com a promessa? — indagou Felicidade Branca.

— Ah! já! Ele veio de naviozinho. Vocês vão ver a promessa de cera que eu mandei fazer em Roma, uma maravilha!

— É uma perfeição mesmo.

— Representa São Paulo? — indagou, no meio das senhoras, Totó Agripa que tinha a voz doce e clara.

— Representa São Paulo com a cabeça decepada. É um símbolo. Há de ficar na sala de milagres do Bom Jesus de Jurema, para lembrar às gerações vindouras que São Paulo foi

decapitado... — Suspirou significativamente. — Mas ressuscitará!...

— Você devia também pagar a promessa — disse com voz sumida D. Candinha ao marido.

— Promessa de quê?

— De minha cura.

— Oral! Você nunca se curará. Não se trata. Tiróide, nefrite, radiculite, piorréia...

Esperou uma aprovação admirativa. Apenas Felicidade Branca o olhava atenciosa e educada. D. Candinha sumiu no peito do vestido.

— Colite, reumatismo articular...

Nesse momento o conde ergueu-se no banco da frente.

— Uma sucuril

Kana acelerou a marcha na direção da cobra imensa e verde que se esticava na estrada, ao sol. Totó também procurou levantar-se penosamente. As rodas passaram sobre o animal, belo como se tivesse saído de uma vitrine de museu. Kana estacou, fez marcha-ré. Então, do fundo da miséria física de D. Candinha, partiu um grito horrorizado.

— Que é isso?

O chofer conseguira atingir de novo a serpente parada, mas, ante o tumulto dos viajantes, estacou o carro. A cobra moveu-se e desapareceu num abismo vegetal da estrada.

— Milagre!

No automóvel de aluguel que haviam contratado em São Paulo, Umbelina Formoso e o coronel tinham os joelhos desaparecidos num velho *plaid* escocês. Em sua frente duas risadas álcres enchiam os banquinhos movediços. Aos ouvidos da prima, Pichorra falou pausadamente.

— O marido da gente... depois que casa quer ver tudo, tudo!

Antes que Umbelina dissesse qualquer coisa berrou:

— Tudo, vovó!

A fazendeira estava num vestido domingueiro, os sapatos de verniz.

— É pecado não ter modos. É venial mas é! Vocês estão pecando. Precisam se confessar!

As risadas continuaram no carro que seguia cauteloso e barulhento a Packard do conde. A avó amuou-se.

— Não sei quais são as intenções dessas meninas na festa. As minhas são servir a Deus! Confessar e comungar.

Foi um corre-corre. Haviam chamado Padre Aguinaldo, com urgência, de Santos, e Monsenhor Palude, que estava de férias em suas terras, foi também convocado.

O vigário de Jurema recusava-se a officiar a festa. Tinha que tomar parte no coro, reger a música e o canto. Na vasta sacristia ecoaram as palavras de Dom Luna entre rendas:

— O Beato anda mesmo avariado...

Até o sermão ele se recusava a fazer. Encarregaram o sacerdote italiano. Monsenhor Palude hesitava em falar. Depois, a sua especialidade era o sermão de encontro na Semana Santa. Tinha um clichê patético. Todo o mundo abria a boca e chorava ante os dois andores nas noites lunares. Isso não cabia na festa de Jurema...

— Não sou orador... Só se falo sobre Freud...

— Está louco homem? Não chega o Beato?

— E... ando lendo...

Sacudiu a cabeça alva onde o nariz enorme sorria.

— Leitura de velho!

A porta de um hotel, um sujeito alto e encaroçado de variola contava a um grupo:

— A família desesperada, que tinha a menina perdida de maleita, juntou os vizinhos e andaram carregando a doente sete léguas no pé véio. Chegou aí ontem às 11 horas do dia

sem comer nem parar. Fizeram uma padiola e atravessaram o rio e não quiseram pagá o barqueiro porque o dinheiro que traziam era da promessa...

Um velhote falou para outro:

- É promessa de gente de cima da serra...
- É sim, são serraçumanos...
- A doente morreu.

O cego que estava pedindo água numa porta juntou-se a outro magricela de cachecol maravilha. Tinham se aproximado da matriz. O menino-guia afastou-se. Foi dar um chute na bola de meia.

— Onde foi que mecê ficou cego?

— Já era ruim da vista. Na Guerra de 24, uma granada explodiu. E você?

— O doutor disse que foi sífilis hereditária. Uma arage ajudou...

— Bom Jesus de Jurema há de curá!

Juntavam-se a um bolo de pobres sentados à porta da igreja nos degraus da velha escadaria.

— O padre, que devia ajudá a gente, trapaía tudo.

— Tudo tá ruim. De primeiro, alejado e cego viajava de graça, agora paga.

Um moço que tinha o pé enorme enfaixado aproximou-se cuidadosamente.

— O que você tem? — perguntaram.

— Um gorpe de ar que deu. Estuporô o pé.

— Por que você não trabalha?

— Sofro do coração. Depois. . .

Esquivava-se.

— Sofro do estamo...

— Talvez mecê possa ao meno fazê argum servicinho leve.

Ocê num tá tão mar...

— Quar o quê! Num posso jantá nem armoçá nas hora certa com os otro. É do estamo.

Falavam da religião. Seu Albano explicava que tinha entrado na “Língua de Fogo”.

— É o pai tencostol

— Pertencoste que chama.

— É falá no Espírito Santo, dá uma tremedera em tuda gente, ataque nas crianças, choro...

— Deus te livre...

— É bão.

Na sala encerada do hotel, dois moços de medalhinha na lapela penetraram depressa. Um homem magro de olhinhos espantados, nas chinelas barulhentas, veio-lhes ao encontro.

— Seu Totó está ainda no quarto lendo jornal.

Sentaram-se na sala vazia, aberta para o azul por grandes janelas. Num canto de mobília colonial, um pianista discutia com uma moça de vermelho.

— Eu só toco quando insistem! Não sou arroz-doce de festa!

— Sabe — disse um dos recém-chegados de aspecto deliquiescente no tom loiro do rosto —, estivemos com o Bispo. O negócio encrencou mesmo. Ele berrou que o romeiro que viesse com bonecos de cera havia de levar o dele. E sabe ainda o que ele disse? O Ubaldo ouviu: “Cristo não vai nessa ondal Ceral!”

Ubaldo Junquillo abria os olhos claros, grandes.

— Falou que era preciso confessar e comungar! Todos! Os de fora também, nós, ou então não aparecêssemos na igreja. Nem pintados de ouro.

— Você também, Seu Ferroll!

— Ignorante! — fez o que estava de chinelas. — Imagine, o conde trouxe aquela obra-prima da Europa. Para isso valeu o exílio.

— Você já viu?

— Foi eu que retirei da Alfândega de Santos. É um busto inteiro de São Paulo, com a cabeça cortada... na mão. É de cera finíssima. Vocês vão ver como ele há de entregar o voto pessoalmente a Dom Luna. O conde tem mania de lidar com gente malcriada!

Seu Ferrol fazia uma cara de fuinha e expunha em tom expressivo como nas grandes ocasiões:

— Depois, além de tudo, trata-se de uma transação pessoal com o Bom Jesus de Jurema. Não tem nada de padre no meio. O conde é capaz até de dar uma entrevista aos jornais.

Esperavam que Antônio Agripa descesse para comunicar-lhes a repulsa do bispo aos votos de cera trazidos pelos fiéis na tradição da romaria. O conde ia se levantar tarde.

— A religião — sentenciou ainda Seu Ferrol — é uma comodidade para os ricos, um consolo para os pobres e uma fonte de renda para os padres. Que mais eles querem? Ninguém deve sair do seu setor. Esse é o meu modo de pensar.

O povo atravessava o Largo, afluía para a igreja de Jurema. Famílias davam esmola, entravam persignando-se. Surgiu à porta da igreja uma discussão. Tratava-se de saber, entre os mendigos, qual era melhor — a amizade ou o dinheiro.

Seu Albano recitou cantando:

*Dinheiro e amizade  
Pesando numa balancia  
O dinheiro nunca chega  
Onde amizade alcança!*

*Inda hai gente que diga  
Que amizade vale mais  
Porque não considera  
O bem que o dinheiro faiz.*

O aleijado Zeca concordou:

— Pode até não gostá da gente. Mas vendo dinheiro na mão, dá comida, posada, tudo!

Então o cego magricela de cachecol maravilha, e que tinha uma voz maviosa, disse:

— Em primeiro lugar está a educação moral. Minha mãe sempre dizia: “Chega-te à boa árvore, boa sombra te cobrirá.”

Seu Albano produziu um muxoxo de desprezo cético.

— Meu pai era o contrário. Me dizia: “Quandoocê vê gente chorando perto dum difunto, jude a chorá!”

O mavioso, que escutava na sombra dos olhos abertos, detalhou o que era a educação moral.

— Precisa num sê lingudo. Todos trata bem. Dá comida, esmola...

Nessa deixa, precedida pelas tranças loiras de Maria da Graça e pelo atletismo completo de Ubaldo, a viúva Junquilha passou de preto, numa pele rica. Enjoada, deixou cair um resto de bolo de carne esfarinhado que trouxera envolto em papel, nas mãos côncavas e pedintes de Seu Albano. Os cegos perceberam. Cheiravam a comida. O que tinha recebido viu-se acochado por um pernetá. Mordeu a iguaria que o outro tomou depressa e pôs na boca. Agora o aleijado ria desdentado, a cara cheia de farinha. O magricela protestou:

— Essa senhora devia ter distribuído igualmente. Lambuzado de sua boca não quero. Sou cego mas sou limpo.

Um anão gordinho, de olhos saltados, espiava a guloseima.

Seu Albano ofereceu:

— Tome tudo!

Houve um jogo de generosidade.

— Eu não sou pobre soberbo. Mas não me dê tudo, não.

O cego de voz maviosa comentou:

— Esse aleijado é águia!

Nesse momento surgiu à porta da igreja a figura grandalhona e velha de Dom Luna, a boca de bagre esgoelante de impropérios. Coroinhas seguiam-no. Numa gesticulação de açoite, expulsou os mendigos que descansavam na escadaria da matriz.

O cego mirradinho, que nunca tinha visto a “caridade do dia”, estava na soleira, perto dele. Em vez de sair, penetrou atropelado na igreja e bateu de cara na porta enorme de vidro, enquanto seu guia procurava fugir. O estropiado levantou-se e correu para o largo, num ritmo duro da perna, exclamando:

— Essa é a primeira missa que esse diabo reza aqui!

— Não admito que vocês fiquem aqui de cadeira! Malandros! Vagabundos! Vendilhões do Templo!

— A cadeira dos pobres é a soleira da matriz! — comentou o homem bexigoso, de palheta, que parara.

Uma velhinha treme-treme chegou por último ao ajuntamento onde o estropiado esperava ao lado dos cegos. Disse pausadamente:

— Dexe estar. Deus enxerga. Esse bispo há de sai por riba da igrejal

— Faça que pagal — murmurou o aleijado que trazia pela mão o anão grotesco. — Deus nunca faiô. Ele tá oiando!

Gente afluía. Pobres e ricos. A missa começara.

Houve um silêncio repentino. Monsenhor Palude surgiu no púlpito, entre rendas. Persignara-se. Sua forte voz ecoou pela igreja:

— Ó qui doloroso encontro! Jesu fitava a máe dele! E Maria fitava Jesu. Tudo por causa dos pecadore. Jesu não pode gostare dos fié qui vão jogá e se esbriagá nas venda e discuida dos deveres sagrado, para com Deus... Iguar a mulhere de Cananéia qui só cuidava do corpo, meus irmó, não lembrava da arma, o único tesóro que vale perante Jesu!

Tratava-se da mulher de Caná, da Bíblia, mas a geografia religiosa ilustrava-se de mais um milagre. Ninguém conhecia Caná, na Palestina, mas os fiéis conheciam Cananéia no litoral-sul de São Paulo. Monsenhor Palude gesticulava, batia os punhos.

— Ó qui doloroso encontro!

Até os cegos choravam. Os beira-corgos estremeciam nos pés-rapados das estradas. Cristo descera do altar para o invisível encontro que precedia o Calvário nas noites de lua.

— Veja o sangue que escorre nos braços da vérgene-máel  
E ninguê qué dá esmola pra ele qui sarva as nossa armal  
E por qué? Porque a arma vile dos home se afastó de Jesu qui  
né a mulhere de Cananéial

Aquela gente primária, homens faquirizados pela pinga, à beira dos córregos pestilentos, serraçumanos ativos, comadres de chitão, sírios nômadés e italianos velhos, via crescer o sentimento de culpa da humanidade inteira até as abóbadas extravasantes da nave.

— Vija ista dor! É voceis qui faiz!

A caboclada chorava, Monsenhor também. Perorou patético.

— Pra Jesus precisa de tê un'entusiasmo qui emporga, un'emporgamento qui seduze, una seduço qui inflama!

Era tanto trocadilho emendado que os cegos da porta pensaram que ele recitava um soneto.

— Un'inflamaço qui dá dinheiro! Dinhero! Dinhero! Dinhero pra Jesu Cristol!...

— Mas isso é coisa que se faça, Seu Anjo Leite? Me boliná dentro da igreja durante o sermão de Monsenhor! — Riu, tossindo no lenço azul.

— Que é que tem? Ora iessa... passare a mão perto da Iáfrica... Lá onde o diabo deu aquela machadada...

Andavam juntos pelo largo.

— O qué que ocê qué de mim...

— Molhare o bica na gordura...

— Já tô enjoada dessas molhadela...

O português, baixo e troncudo, tinha os bigodes grisalhos sob o chapéu desabado. A mulata Rosalina riu com todo o corpo, num casaco chumbo de largos botões sobre o vestido claro e as sandálias altas.

— Bota a gente logo numa cama...

— Pois então, bamos! Quero ver o teu botão, morena.

Tinham chegado ao espaço entre duas barraquinhas de feira, na praça. Ante a excitação do homem, a mulata respondeu terna.

— Dou, dou tudo, tá dado...

— Mas adonde?

Salim Abara, bexigoso, apareceu à porta do seu empório improvisado. Vendo o casal gritou:

— Compra mantô. Dá presente bra ela. Custa cento cinquenta. Mandô fazê comenda. Dixa satental Gravata milacinho. Terninho bra menino dez miréis!

O português desviou a mulata pelo braço. O negociante exclamou:

— Sem bargunha. Num ruspeta festa Nosso Sanhuri

— Turco de merda! Você não concorda?

Atravessaram as ruas aglomeradas de peregrinos, dirigiram-se para os fins da cidade.

— Lá perto do rio. Há de se dar um jeito...

Por toda a parte encontravam gente no dia azul. Tinham atingido as margens do Jurema. Afastaram-se do porto fluvial onde uma balsa recebia um caminhão. Mas os abarracamentos prosseguiam. Ciganos de roupas coloridas em maravilha, azul, preto, verde, cor de tijolo.

Sob um telheiro esquartejavam um boi.

Subiram por detrás das casas da cidade. Embaixo, nos socavões, o Jurema de água escura procurava velhas rotas na direção das montanhas roxas que longe o sol acendia. Tomaram atalhos silvestres. Iam desembocar na praia das pedras, mas dois soldados vinham subindo pelo trilho.

— Se regalemo de vê bunda de preta!

Rosalina parou.

— Eu não vou lá.

— Por quê?

— Tá cheio de gente se lavando... Eu não sou preta...

O português não acedeu.

— Mas aonde? Quem paga quer ser servido.

— Só pode sê depois...

Tinham voltado pelas ruas até o Largo numa frouxidão indecisa. A mulata hesitava em conduzir o homem ao seu quarto.

— Onde você está hospedada? Eu vou lá.

— Então esperal! Espera aí neste lampião que eu vorto neste dez minuto. Eu arranjo.

Rosalina ainda olhou para trás, a fim de verificar se o português a seguia e apressou os passos na direção da casa que alugara com a Miguelona, à saída da cidade.

Sabia das brigas dos dois. Mas isso se passara havia mais de ano. Exporia o caso. Quem sabe? Encontrou a italiana, magra nos óculos, fringindo pastéis, sobre um fogareiro de carvão na porta.

— Ehl — gritou a velha. — Minha filha, não fazemo nada nesta festa? Você arranja um coroné, sinó percisamo vortá de carro de preso.

— Encontrei um português, mas não trusse ele porque você encrenca. Convidei ele pra tomá um chá conosco, mas depois pensei...

— Por que eu vou encrencá?... Se ele pagal... pois tamo aqui pra quê? Pra vendê tudo. Você já sabe. Quem não tem dinheiro, morre que nem cobra na estrada...

— É Seu Anjo Leite...

A velha voltou os óculos para a mulata, parou de mexer a gordura quente.

— Prefiro que você durma co defunto!

— Defunto não tem futuro...

— Si ele vem aqui dô um tiro nele...

— Océ qué que eu perca a freguesia?

— Ponho vidro moído no pasté e dô prele. Portuguese é resistente. Ingole o vidro. Um veneno precisa!

— Depois que meu marido morreu na guerra, eu fiquei do mundo acabado.

A mulata vinha dengando ao lado de Anjo Leite que desabara mais o chapéu. Haviam convencionado que a italiana não aparecesse.

— O governo não te pagou a indenização?

— Pagou nada. Eu é que preciso pagá as conta... Não é que nem ocê que achou véia rica pra casa...

Batinas e guarda-chuva pretejaram ao sol da rua, endurecida de lama. Vinha na frente a alta estatura de Dom Luna, a cruz de ouro balançando no peito largo sobre a faixa roxa.

— Aqui, só falta água, luz e esgoto. O resto tem!

Riram amavelmente os sacerdotes. Gente gulosa se agrupava para beijar o anelão do prelado.

— O vigário onde está?

— Ensaando de novo no coro. Insiste em fazer a manca cantar...

— É avaria grossa.

Monsenhor Palude disse, achegado ao bispo.

— Encrencou comigo onte de noite. Falou que a Igreja está errada. Precisa de festa, cantoria, barraca pra chamar os fiéis. Stá certo. Mas não pra levare o dinheiro de Jesu Cristo. Pra trazere, sil

— Ele anda com umas teorias, fala em tom de seleta! “Este panorama é o Brasil. A legalidade da miscingenação... A igreja foi sábia quando protegeu com sua indulgência o índio...”

— Falou que o maior escândalo do século foi que a Igreja perdeu o operário... Stá certo. Mas em contrário ganhou o capitalista... Fez um bom negócio.

Dom Luna acariciava as garotas de cabelos soltos que lhe vinham beijar a ametista.

— Teze anos! Já comungou?

Na terra das ruas, iam japoneses e sírios, negros e maxilares largos de índios. Um cego na calçada exclamou:

— Oh! corações generosos que passais!

Dom Luna penetrou com seu bando negro no hotel. A sala de visitas estava vazia. Um empregado correu atarantado, avisando. O bispo vinha visitar os romeiros ilustres.

— Você não fala nada, pelo amor de Deus. Você é muito exaltado!

O conde passou a escova no cabelo gomoso, ante o guarda-roupa de espelho.

— Ah! falo. Ele há de ouvir. Falo! Há de ouvir. Falo tudol Parece um boiadeiro! Onde já se viu? Eu fui vítima de um milagre... de um autêntico milagre.

Umbelina, seguida do marido, ajoelhou para beijar o anel episcopal.

— Pobre do Senhor Bispo! Tanto incômodo! Que honral

O prelado dizia ao dono do hotel de pé, atencioso, num chinelo rasgado.

— Quem não segue a religião dos seus antepassados, então não tem caráter, nem palavra, nem ideall

— Nem nada — concluiu Monsenhor Palude.

O bispo acrescentou dirigindo-se especialmente aos velhos.

— É o que o católico sabe fazer. Falar mal de seus ministros. Esse pecado é o maior de todos. Vai ver se o protestante fala.

— Não fala — disse Umbelina. — Fala só da imagem.

D. Guimarães Junquilha entrara pomposa como um préstito. Encarou o prelado num olhar que faria encostarem-se nas paredes empregados e fâmulos. Mas Dom Luna enfrentou-a. Parecia que uma chispa faria explodir o duelo. Ubaldo estava ao lado da mãe, atlético mas simplório, a cara sem drama. A se-

nhora aproximou-se, beijou o anel. Num casaco esportivo e cintado, todo reverências e sorrisos, surgiu na sala o Conde Alberto de Melo. Atrás, numa postura reservada, quase solene, a esposa mais alta que ele.

— Sim senhor. Grande prócer! — sorriu o bispo.

— Vim cumprir os meus deveres para com o Bom Jesus.

Sentaram-se todos em roda do prelado que tomou a cadeira de balanço puxada pelo conde.

— Estamos satisfeitos com a festa, estas romarias são confortadoras não há dúvida. Mas é preciso que não sejam o que têm sido, uma festividade pagã. Cheia de bugigangas, onde o povo gasta as suas economias. Todo o donativo desviado da Cúria não constitui obra de fé. Só a Deus deve ser encaminhada a espórtula piedosa.

Monsenhor Palude interveio:

— Temos que mandar dinheiro pro Bom Jesus lá de Roma. Lá também tem.

— Para os pobres, há as caixinhas. O pobre de porta de igreja é geralmente um perverso — afirmou o bispo.

O conde apoiou.

— Trata-se realmente de um abuso. Pois há tanto asilo...

O bispo levantou-se, possante.

— Resolvemos acabar com as imundícies do barracão. E mesmo as promessas... Essas pinturas de hospício das salas de milagre. Esses braços de cera...

Deu o anel a beijar primeiro à Junquilha, depois à Felicidade Branca, ao conde, aos velhos reverentes. A saída esbarrou no casal Agripa que chegava afobado. Trocou breves e dignas gentilezas. Pela rua terrosa, o bando negro partiu.

O conde disse:

— Que amabilidade! É de fato um grande prelado. Um diplomata. Acaba cardeal!

Padre Aguinaldo ia de casa em casa.

— Esse frango serve!

— Pobre de minha galinha. Lá vai no leilão.

E na noite começada da barraca de prendas, um homem, de lenço xadrez no pescoço, gesticulava bandejas, leitões, bolos de senhoras, rutilantes de papel de seda.

— Quanto me dão por esta prenda? Quem quer? Um bolo de nozes preparado por Dona Josefina Abramonte... A Senhora Prefeita! Dez mirréis? Deez mirréis?

Batia o martelo.

— Tenho aqui uma chupeta!...

Grandes risadas no meio do povo.

— Uma belíssima chupeta oferecida por Dona Conceição.

Um grupo festeiro conversou baixo, interveio. O leiloeiro perguntava:

— Como? Para o... Sim senhor... Para o Coronel Mareião mamar... Dez mil-réis?

O latifundário alvo berrou:

— Vinte pro Venâncio!

— Vinte mil-réis pra Seu Venâncio mamar... na chupeta de Dona Conceição! Vinte mil-réis!

— Trinta pro coronel!

— Cinquental!

A competição extremava-se. O coronel lançou duzentos mil-réis. O concorrente desaparecera do grupo, enquanto o leiloeiro batia a martelo, entre gargalhadas agressivas.

A voz nítida continuou:

— Agora, meus senhores. Tenho uma mandioca... oferecida pelo Prefeito Abramonte... Quanto me dão pela mandioca de Seu Nicolau?

— Cinco mil-réis!

No deserto terroso de um canto, um bombo chamou roucamente, uma cuíca respondeu. Um caracaxá pôs na noite do barracão um som chorado de lata e grãos de milho. Então dos aglomerados do escuro uma extravagante seleção se juntou.

Mulheres moças e velhas, restos de farda, trapos limpos e lenços imundos, recomeçaram o vaivém como na vida. Dois negros místicos, um de barba, outro jovem, salmodiaram:

— Dexa o samba serenál

Corpos rolavam de pé no tapete construído da dança. Mulatas copulavam de pé na masturbação coletiva da dança. Uma máscara repuxada em gáforinhas hirsutas entreabriu os olhos cerrados onde alumiaava uma luz baça de gozo.

— Dexa o samba serenál

— Com a morte do Capitão Jango, eu fiquei boba. Os médicos não davam conta de meus nervoso. Não podia ouvir barulho. Pensava que era os tiros que deram nele. Até hoje não me conformo. Sou uma descrentel

A italiana exclamou:

— Mas o governo devia de pagá o montepio, sordado é sordadol

— São Paulo perdeu... e tudo encrencou. Até agora eu não cõeguei nada. Ninguém quis me ajudá, porque diz que na Estação eu queria rasgá a bandeira. Puderá! Aquela dor de vê ele no caixão, c'os botão da farda arrancado, os tampo pra fora da cabeçal

— E o Miranda?

— Prometeu mundo. Queria era eu. Minha família ficou na miséria. A Eufrásia adoeceu, teve de ir para Campos numa chácara. A tia Licórnea arranhou um pouco de dinheiro por mês e ainda ajuda na comida do John Gilbert. Tivemos que mudá pra quella lama do Canindé. As crianças não têm roupa, ficam roxas.

— O padre não dá nada?

— Não tem pra ele! Andou pulando no cafezal com bala de gaúcho em cima. Se ele soubé que eu estou aqui assim, me excomunga.

— Puta duma guerra! Felizmente já passou um ano. E o português? Vê se ele ajuda a gente na posse da terra do Pedrão

que o Majó propôs de dividi. Não fui o xirife Idílio que matou o Pedrão. Ele tava em São Paulo naquele dia.

A Miguelona varrera a casa pobre, aberta para o quintal de terra. Deu uma vassourada num gato.

— Sua família parece porta de tinturaria! Você é mulata, e Eufrásia é branca, inté índio tem! Índio non presta par nada! É só fama!

— Foi por causa de um samba que me perdi. O Miranda não queria que eu fosse na festa do Carandiru. Eu fugi. Quando cheguei tinha perdido a voz de tanto sambá. Desgraça dá nisso. Tava cochilhandó à-toa. Ele perguntou: “Onde é que você esteve?” “Nos quinto do inferno. Vortei. Tô aqui.” “Meteu muito?” “Muito.” “Não quero mais nada de você, negrinha fedida!”

Rosalina tirou o casaco azul de quatro botões. Os frutos da terra balançavam no corpinho transparente. Foi até à janela entreaberta, cantarolou:

*Depois que perdeu o Miranda,  
Oi a Lina como anda!*

— Você devia i do divogado.

— Não adianta. Um dia eu fiz um escândalo. O que adiantou? Meu pai me disse. “Vai vendê bilhete de loteria na rua!” Eu fui vestida de viúva. Cheguei na Rua 15 e sentei chorando na sarjeta. Gritava “Oi o pocol 70 é o porcol!” Uma gentarada me rodeou. Eu tirei o jornal que falava da morte do Capitão Jango. “Eu não preciso tá mentindo, meu marido morreu na Guerra de São Paulo e eu fiquei sem recurso com um filhinho!” Me levaram pra polícia central e depois prometeram que o governo ia dar ajuda. Foi lá que eu conheci o Miranda.

— Por que você disobedeceu ele?

A voz de Rosalina elevou-se na manhã cheia de sol.

*Não bebo pinga  
Não bebo nada  
Bebo sereno da noite  
Orvaio da madrugada!*

A mãe habitava no fundo do cortiço. Ela não tinha trocado aquela afeição por nenhuma outra. Não trocaria por ouro algum da terra. Nem pelos diamantes das coroas reais! A mãe que do começo não dormia até ela chegar e que depois de viúva, quando a vida a levava para longe, passava noites brancas, sem pregar os olhos, cuidando na criança que o vento da desgraça fazia rodopiar. A mãe que nunca lhe faltara com um pedaço de pão na miséria, nem um chá, nem um consolo na doença! Que amor no mundo podia se comparar àquela ternura ligada que prendia os dois seres desgarrados pela fortuna? Quem substituiria o carinho dos olhos sujos da velha Zefa quando ela chegava amarfanhada pelos dias de derrota. Tossiu longamente.

Duas em duas horas, a mulata trazia um macho. Reclamou uma bacia. A Miguelona negou. Fosse se lavar no rio.

— Eu não posso mais de sujera...

— Güenta minha filha. Pra botá fijô na panela, precisa levá de tudo tamanho!

Apareceu um fascista gordo na porta, vendendo guarda-chuva. Declarou que Mussolini era o maior homem do mundo. Que tinha salvo a Europa. A Miguelona protestou, disse que o Duce tinha sido anarquista e depois traído a pátria. O fascista estava rubro de cólera.

— Porco diol! Ele tirra dinheiro dos capitalista pra judá os operário.

— Tirra pra ele! — gritou a Miguelona que se pôs de novo a frigr pastéis.

Rosalina, que escutava na cama com Anjo Leite, levantou-se, investiu para o guarda-chuveiro. Travou-se uma discussão. O português berrou da porta:

— Manda o Mussolini me coçare os culhóis!

O fascista quis brigar, mas Rosalina voltara ao quarto. E a Miguelona ameaçou-o de jogar gordura quente. O homem berrou andando:

— Portuguese de merda!

Dois jogadores de roleta vieram pedir um colchão.

— Custa dez mirréis e inda com títica de galinha — disse a velha.

Uma procissão de caipiras, tabaréus, roceiros e devotos invadiu a casa para pedir água.

— Não vô largá o serviço pra servi voceis.

Rosalina reclamou:

— Água não se nega.

Até podia ver no meio daquela multidão Jesus Cristo. A Miguelona era uma animala que não acreditava em nada.

— Como não acredito! Acredito na comida qui dá sustância.

Continuava doirando os pastéis na frigideira, sobre o fogareiro de carvão. Alguns romeiros aproximaram-se.

— É pasté premiado. Tem cheque dentro.

— Quem sabe sínóis tira o prêmio?

— Sai agorral Vai vê.

Já tinham comido dez. Hesitaram. Chegou um terceiro.

— Sou eu que tiro.

— Vai vê, sai no último.

Tinham se acabado os pastéis. A Miguelona decidiu:

— Argum de vocês enguliu o prêmio.

Ao centro do largo, na poeira, um grupo vistoso de negros representava no meio do povo. Era a Congada.

— Está faltando o Carlos Magno!

Homens de ponche de pé, cá e lá, representavam o poder — a distribuição de bênçãos e assombros. Carlos Magno demorava-se na estação. Veio chegando. Era um velho mulato magro, pé pra dentro, capenga da Guerra do Paraguai, trazia uma espada na mão. Colocaram uma cadeira no centro ante a massa expectante, descalça e calçada, num silêncio entusiástico. A fieira de negros uniformizados fechava alas em torno do palco de chão, onde outra cadeira abandonada significava o cavalo de Ferrabrás. Perto, o pai-de-santo gordo e um mulato violeiro, desempenado e moço que era Roldão. O zabumba começou.

No batuque, destacava-se indo vindo um dançarino de braços hirtos, ao longo do corpo flexível, mas tendo longe hierático o tambor que estrondava nos paus. Sob o busto inteiriço, o rosto espasmado e quieto na mortalha de palha do chapéu, as pernas dançavam, volteavam, conduziam, viravam a estátua hirta e tocante. Outros seguiam-no atrás, em volteios, em meneios, com sons de corda e de tambor. O preto macumba, gordo como um sacerdote, chapéu preto, capote preto, cachinê, a cara para o alto num êxtase de bochechas largas e dentes alvos entreabertos, maestrou, ritmou, balançou como uma batuta humana. Súbito apitou. A caveira de Carlos Magno iniciara as falas, perguntando ao marinheiro negro, em frente, se via alguma coisa.

— Não vejo não, nem terras de Espanha, nem areias de Portugal

Olhava os quatro cantos do mundo num canudo girante. Depois, como o outro insistisse, viu “três donzelas debaixo de um parrerá”.

— Nunseicomo, Ferrabrás, rei de Alexandrina, apareceu oferecendo ao espadaúdo Imperador, mal-em-pé, coisas de péssima intenção para obter Catarineta, filha dele.

— Não quero, turco infiel

— Te darei tanto ouro que ninguém pode contá. Te darei castelos e terra!

O outro refugava. Ele então ofereceu uma coisa visível e atual.

— Um chalé!

— Não quero, turco atrevido. Num quero chalé. Turco de prestação.

Mas a Idade Média africana súbito restabeleceu-se na deformação e no canto.

— Eu sou Berrabrás! Rei de Alexandrina!

Começou a dizer desaforo sentado a cavalo na cadeira.

— Esse Carlos Magno, home covarde e sem fé. Cadê ele?

Carlos Magno chamou o violeiro Roldão e mandou dar um pega no tal.

— Chame os moço! Tem o Seu Oliveira, o João da Canoa.

Os doze pares vindos dos úteros da França africana mexeram-se de estímulo. Houve uma justa inicial, enquanto Berrabrás esbravejava. Seu Oliveira, que era inexperiente mas afoito, preparava-se para a liça. Um músico avisou o rei de Alexandrina.

Berrabrás e Seu Oliveira achegaram-se face a face, espada a espada, em maravilhas de antigo entrevero. Pernas abertas, nas calças brancas, os dois negros hercúleos trotavam na terra. A música tinia, batucava; todos se moveram em derredor. O negro sacerdotal estático maestrava o corpo imenso da dança. Gritavam.

— Garra. Garra elel

Quando o insolentíssimo Berrabrás, tombado em sangue, caiu aos pés de Carlos Magno do Paraguai, este saiu da modorra e gritou:

— Joelha, nêgo fia da puta!

O Embaixador de França apareceu do outro lado, de bonzinho municipal e cachecol sugerindo um tratado de Versalhes. Cantaram.

*Eu tinha confiança  
No reis de França*

Os homens de ponche, que distribuíam assassinatos e dinheiro, recebiam a própria consagração nos cigarros grossos de papel.

Dom Luna, na casa episcopal, ia começar o jantar planturoso com Monsenhor Palude. O vigário tardava.

— Acho que é sífilide herdada que deu nele...

— Talvez uma paixão. Essa tal soprano! As necessidades dessa puta da matéria!

— É. A filha do prefeito. É divorciada.

— Viu como ele define a vitória da Ditadura? Diz que é a volta do Jesuíta das missões do Sul para abater o Bandeirante.

— É boal É!

Padre Beato entrou nervoso, desculpando-se. Oraram em silêncio. Sentaram-se à mesa posta. Uma mulata dengosa serviu um dourado faiscante. O vigário foi o último a comer.

Enquanto mastigava, seus pensamentos estendiam-se ao panorama histórico do Brasil. Aquele bispo facundo, que estava ali a sua frente, era bem o símbolo do Papado. Ele ao contrário era o jesuíta. Não tinham consentido que ele se alistasse nessa cavalaria magra do Senhor que soubera deixar para trás o passado e largara nas mãos de outras ordens o próprio túmulo do Cristo, a fim de, militarmente organizada, lançar-se à conquista do futuro. Na Ásia os jesuítas tinham lutado, não pela Palestina mas pelo Oriente longínquo. Tinham vindo ao Brasil. Fundado o Império de Deus sobre as almas esquivas do gentio. Mas o Papado muita vez hesitara. Costumavam os paulistas enfeitar de cores heróicas o bandeirismo que não passara no começo duma caçada econômica à mão-de-obra reduzida pela mística jesuíta. Podiam falar mal quanto quisessem do índio. O seu aniquilamento no serviço da Pátria. Com Solano Lopes o pequenino Paraguai mostrara bem ao mundo o que valia a disciplina emanada do braço jesuíta. Durante cinco anos resistira às maiores potências da América Latina.

— No que está pensando, Padre Beato?

— No bandeirante.

— Que idéial — fez Monsenhor Palude.

— Uma idéia vinda com a derrota dos paulistas nessa revolução. O bandeirante teve o seu canto de cisne. O jesuíta voltou dos seus pagos do Sul e tomará conta do Brasil.

O bispo serviu-se de leitoá. Num cerimonial espremeu limão, exigiu pimenta, torresmo e farinha.

— Comida de preto. Muito boal

A cabeça de Padre Beato subiu um velho rancor. O preto. Fora ele que constituíra a solução da luta colonial atrás da mão-de-obra. Mas enquanto o índio permanecera o grande aniquilado que o misticismo de Loiola exigia, o preto fora o produto da colonização individualista e corrupta do colono. A diferença histórica era fundamental. O negro esfacelava-se na mis-

cigenação. O índio permanecia. O índio era ele, servo de Jesus Cristo. O negro dera Lírio de Piratiningal

O conde acendeu um charuto maior que ele. E vagava pelo hotel, esquecido no tabagismo. As senhoras saíram para a igreja deixando as meninas que se recusavam acompanhá-las. Maria da Graça fora impedida de ver as primas. A mãe dissera-lhe: — Não e não!

Pichorra talvez não andasse sozinha pela Jurema popular, e festiva. Induzia a outra. Xodó num impulso tomou-lhe o braço. Partiram pelas ruas animadas.

— Vamos ver o cinema. É aqui.

Na luz mal apagada da tela o galã subia, descia ao sabor da focalização irregular. No rascar da máquina insegura, o vilão cambalhotava. Parara o espetáculo para brochar de água o pano branco. Quando a fita recomeçou no escuro, a miocinha ficou andando sem cabeça. No queima-quebra-estrala, enquanto Pichorra sufocava o riso, Xodó dava gargalhadas grossas.

— Vai haver um bailão! Nós precisamos ir de qualquer jeito.

Tinham chegado ao Clube. Sem dar confiança ficaram espiando pela porta. A assistência nos bancos de pau era um círculo mudo e assombrado. Meninões adormeciam nos colos barrigudos, sobre antebraços musculosos feitos no trabalho do campo.

O médico sanitário ia dançar um tango com a senhora do juiz. Um japonês afirmou que aquela dança era costume lá do Japão. Um quadro de impaludados espiava pela janela acesa. Soaram os primeiros trancos da *Cumparsita*. A dama esquelética torceu-se num desenho animado que a estatura do moço fixava no meio da sala como um diâmetro. De repente o cavalheiro arrumou uma patada forte no soalho e ela parou de espernear. A orquestra estacava, ia voluteando, terna e cínica. Deu um arranco. Ele então atirou-se das alturas, ficou um ângulo reto. Apanhou longé a perna, arrastou-a para o corpo acompanhando a lentidão das cordas. Depois de um elétrico

troca-troca de túbias, ela ergueu a perninha, como um cachorro no poste, e juntos subiram do solo numa expressiva pausa. Re-partiram angulosos, espaçados nas notas. Xodó deu um grito e saiu correndo com a Pichorra atrás. Gente olhava assustada.

— Não posso! Não posso com esse negócio de não sair, de ter que dar contas. A *fraulein* é uma cachorra! Eu então não sei o que faço? Quero chave da portal No dia de meus anos em maio, exijo dessa avarenta.

— Não fale de sua mãe! — exclamou a Pichorra.

Penetraram no hotel.

Começavam os fogos. Saíram num fracasso de estrondo, irregulares, arrastando-se num chiar morto que irritava.

— Ó, que lindo!

Pichorra e Xodó abraçavam-se ao lado do conde e dos outros hóspedes distintos, sentados em cadeiras de palha.

Serpentinas de luz descoloriam falhando, recomeçando penosamente. E ficava um barulho de frigideiras acesas. Viravam em sentido contrário rodinhas eternas até largar o último ras-tilho iluminado. Rodavam então no escuro, perante a multi-dão alucinada.

— Tem mais! Agora é o Bom Jesus!

Um painel estourou. Era uma capela. Primeiro as luzes brancas subiram, desenharam o frontispício e a cruz. Depois, dentro, uma figura amarrada coloriu-se, tentou representar o padroeiro de Jurema. Mas ficou fumaçando, incompleta. Apenas no alto, a coroa de espinhos se aclarou. No grupo deromeiros elegantes, em frente ao hotel, Pichorra e Xodó tiveram risadas inconvenientes. Umbelina pusera-se de pé para pedir uma graça. Estava indignada com o fracasso da apoteose mística.

— Desaforo do fogueteiro!

Os padres seguiam o bispo paramentado na missa acesa e cantada.

A antifona ergueu-se nas cordas dos violinos. Pela porta da igreja entrava o sopro do mar. O grito das crianças replicava na nave. Houve um estouro de foguete lá fora. Entre os apertões dos fiéis, Tida Deadermino era um pote de pinga sobre os pés nus, enlameados dos caminhos. Olhava baço o povo que locupletava infinito o templo. Viu num milhão de velas o Bom Jesus flagelado e chorou de mansinho.

O Conde Alberto de Melo, naquele amor de fraque trazido do exílio em Paris, teve vontade de cometer um crime. Se visse o sacristão reclamava. Estava indignado com aquele sujeito careca que em sua frente se abanava assim em plena igreja. Tinha distraidamente fixado os olhos na condessa que rezava. Na volta da Europa encontrara-a com os cabelos oxigenados e as sobranceiras de Marlene Dietrich. No vestido elegante ela parecia um chucrute loira. Os cânticos dos padres sucediam-se aos cânticos do coro. Eram para ele uma mensagem do Todo-Poderoso, uma mensagem de Deus. Aquilo nutria-o. Só a civilização cristã poderia produzir tantos afagos. Deus permitira aquele milagre. Um ano atrás, a derrota, a prisão e o exílio, hoje, sob as bênção de Deus, o fraque e as eleições... Aquele povo, que estava ali bestificado pela religião e sujo pela miséria, seria o pedestal de sua completa vitória. Darwin tinha razão. Quem vencía era o mais forte. Percebeu um pouco atrás o chofer japonês. Kana parecia um Buda. E os olhos do conde se fixaram de novo em Felicidade Branca. Bonito casal. A condessa lavada de perfume e ajoelhada no vestido cor de vinho parecia um quadro. — Coroa de espinho pra avó. A campanha tocou e ele baixou a cabeça.

Dom Luna levantara-se do sólio onde estava sob o dossel episcopal. Umbelina cerrou mais os lábios na sua oração predileta:

— “Cruz de Jesus Cristo me proteja contra os perigos!  
Que ela faça eu poder contra quem me assalta; cruz de Jesus

Cristo me livrai da tentação; afastai de mim os maus pensamentos; que quando o demônio meu antigo inimigo a veja em mim se afaste e fuja de mim!"... — Havia esquecido o resto da prece. Então com a voz baixa de chorar exclamou para o Bom Jesus: — Tende piedade de meu filho. Ele vive na serra bebendo pinga. Quando falta pinga tira urina numa caneca e bebe. Outro dia estive em São Paulo. Queria dinheiro e eu não tinha. Eu precisava passar a noite toda acordada, conversando com ele. Queria matar minha neta... ela pula a janela de noite... — Continuou trêmula. — Cruz de Jesus Cristo estende o teu poderoso manto sobre os negócios do Bentinho... A hipoteca da Formosa... o café... Meu neto Jango virou comunista, Quindim tentou suicidar-se... Eu fiquei sofrendo do coração...

Procurava inutilmente com os olhos o marido. O coronel acoitara-se impassível, no meio do povo.

No coro a orquestra de cordas estrugiu. Houve uma sensação. D. Ludovica ia cantar. Os primeiros acordes da Ave-Maria cresceram no órgão. A alma da manca saiu pela garganta, pelos dentes, tomou conta da igreja. O porte de Lírio de Piratininga acenava com o sobretudo claro no fundo dos incensos... Tivera uma confiança integral nele! Foi um susto. A orquestra abafou depressa o ganido falso conduzida pela batuta irretorquível do vigário maestro. Dom Luna olhou para o coro e murmurou: — Ainda mando enforcar essa gata esprimidal — Ludovica chorava.

D. Filomena Abramonte persignou-se na tribuna de honra. O prefeito, ao seu lado, sumira.

Haviam colocado um alto-falante na torre para a entrada da procissão, o encerramento e a bênção. Sob a batuta invisível de Padre José Beato, vozes femininas, vozes grossas, vozes infantis entoaram o canto.

— Ben...di...tol...

Um guincho de soprano alteou-se na noite.

— Louvado seja... O Santíssimo Sacramento!

A Custódia gigantesca nas mãos do bispo virava resplandecente sobre o povo. As campainhas ressoaram. A banda metalizou os primeiros orgulhos do Hino Nacional. As estrelas pareciam descidas do céu para faiscar nas insígnias das baracas. Ante os andores eretos, os estandartes baixaram. Um soldado bateu uma continência instintiva. E a lua surgiu.

Naquele bar de encruzilhada, um moço de capa, que des-cera, esperou sentado a uma mesa de madeira. Vieram trazer-lhe um café ralo e açucarado. Em outra mesa dois homens do campo, provavelmente passageiros da jardineira que ia passar, conversavam.

— Eu não arquedito em nada.

— Não tem nada, é só bestera.

— Só arquedito numa coisa que eu vi. Eu ia uma noite de lua pra estrada e a toucerinha de cana começou a dança na minha frente. Era o tar saci.

— Que nada! inlusão de mecê.

— Não, o saci exeste.

Leonardo Mesa pensava que a festa de Jurema atrapalhara todos os seus planos de propaganda. Pagou o café, rasgou em pedacinhos a carta que trazia do líder Piratininga, para em nome do Rebouças Clube abordar o médico instalado em Bartira que era negro também. Iria à Formosa ver Jango.

Que significava a religião? Homens descidos de toda a parte, vindos de longe, para buscar alívio e estímulo numa igreja. O sentido social de todas as religiões vinha naquela constatação de que a vida se paralisara por vinte léguas em redor de Jurema, porque pobres e ricos, aventureiros e deserdados, partiam na direção de um espetáculo onde o incognoscível tomava feições terrenas. O incognoscível era Deus e Deus era a sociedade posta em mito. Naquele retardo bucólico do Brasil, a religião do Cristo ainda parecia um benefício

presente. A luz persistente de uma estrela já morta, de um foco extinto. A igreja do Cristo, que presidira à formação das sociedades do Ocidente e formara as coletividades medievais, havia se apartado da luta como um negociante que realiza seus lucros e se retira à vida privada. A igreja beneficiada pela burguesia, subornada por ela, abster-se de comparecer ao tremendo debate do mundo contemporâneo.

*Ignora el gemido de la parturienta*  
*Ignora el misterio de la espiga*  
*El hombre vestido de blanco*

Hoje, mitos novos e vitoriosos fluíam da vida política. O irracional desembocado sem peias das malhas individualistas do capitalismo. O fascismo! O troglodita debatendo-se num último alento às portas da socialização. O ressentimento que a igreja causara afastando-se do mundo vivo não havia chegado ao Brasil. Era ainda o Cristo pobre e milagreiro da Galiléia para quem afluíam os caminhões dos romeiros, desconsolados pela vida árdua. Como negar sentido a essas concentrações onde homens e mulheres iam buscar o apoio que lhes não dava a existência cotidiana? Religar, unir. Reunir. Uma nova religião abria-se para o mundo, saía das catacumbas para o tumulto da Ágora e com certeza para os morticínios de amanhã.

Os caipiras haviam se levantado.

— O saci não existe.

— Esse eu vi.

A jardineira parou. Leonardo tomou o último lugar.

O marxista imaginava as transformações que o Brasil ia sofrer com a queda do latifúndio e o esfacelamento da monocultura. A mística daquela massa compacta, que assistia anualmente à festa do Bom Jesus de Jurema, sofreria com a derrocada.

Já com a revolução do ano anterior, 32, anêmico revide do fazendeiro instalado secularmente no planalto — o paulista mudara. Tinha saído de casa. O caminho era o entrosamento anunciado no ritmo que a história humana impunha. O Bra-

sil... As proximidades econômicas do latifúndio, as proximidades étnicas do negro, do índio e do europeu medieval, tudo isso iria no roldão de um dia novo. De um dia industrial.

A jardineira batia a estrada larga, subindo, descendo, por entre sementeiras e paisagens. Os versos de Lorca continuaram a lhe vir à boca:

*Que se cumpla la voluntad de la tierra  
Que da sus frutos para todos.*

O ROMANCE PARTICIPA DA PINTURA, DO CINEMA E DO DEBATE PÚBLICO. MAIS QUE DA MÚSICA QUE É SILÊNCIO, É RECOLHIMENTO.

“MARCO ZERO” TENDE AO AFRESCO SOCIAL. É UMA TENTATIVA DE ROMANCE MURAL.

*Marco Zero foi iniciado em 1933. Os seus primeiros cadernos trazem essa data. O presente volume foi realizado em 1942.*

## Obras Completas de Oswald de Andrade

1. OS CONDENADOS (*Alma/ A Estrela de Absinto/ A Escada*) — Romances.
2. MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR / SERAFIM PONTE GRANDE — Romances.
3. MARCO ZERO: I — *A Revolução Melancólica* — Romance.
4. MARCO ZERO: II — *Chão* — Romance.
5. PONTA DE LANÇA — Polêmica.
6. DO PAU-BRASIL À ANTROPOFAGIA E ÀS UTOPIAS (*Manifesto da Poesia Pau-Brasil/ Manifesto Antropófago/ Meu Testamento/ A Arcádia e a Inconfidência/ A Crise da Filosofia Messiânica/ Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: O Homem Cordial/ A Marcha das Utopias*) Manifestos, teses de concursos e ensaios.
7. POESIAS REUNIDAS O. ANDRADE (*Pau-Brasil/ Caderno do Aluno de Poesia/ e outras*) — Poesias.
8. TEATRO (*A Morta/ O Rei da Vela/ O Homem e o Cavalo*) — Teatro.
9. UM HOMEM SEM PROFISSÃO: *Sob as Ordens de Mãe* — Memórias e Confissões.
10. TELEFONEMAS — Crônicas e polêmica
11. ESPARSOS.

Este livro foi impresso  
em Off-Set nas oficinas  
da Cia. Editora Fon-Fon  
e Seleta, sita à rua Pe-  
dro Alves, 60 — Centro  
— Rio de Janeiro —

às vésperas do segundo conflito armado mundial. Por essa obra passam, — lembra o próprio autor, — “levadas às suas últimas conseqüências, problemas, sugestões, e idéias que surgiram no caos subseqüente à crise do café de 29 e às revoluções armadas”, dentre estas a de 1932, tema de *A Revolução Melancólica*. Oswald faz da coletividade o seu grande personagem e diante dela o indivíduo se anula.

Não será ousadia afirmar-se que *Marco Zero* é o único romance paulista que se arisca a abranger toda a realidade bandeirante representada por toda a sua gente, por todas as suas castas e camadas. A um tempo urbano e rural, tanto *A Revolução Melancólica* quanto *Chão* fixam todo um complexo agrupamento social emaranhado em complexos problemas que se desenvolvam em inúmeros cenários. Complexo mundo que Oswald apreende em linguagem trabalhada, em *flashes* ofuscantes, em frases iluminadoras ou em frases que transcrevem a fala dos seus múltiplos personagens — a oralidade de japoneses, italianos, germânicos, negros, caipiras e mulatos pernósticos.

Todo esse levantamento sócio-econômico, político e cultural quer retratar, como repara Sérgio Milliet, “a transformação de uma sociedade latifundiária semifeudal em uma sociedade pré-industrial, graças não só à imigração intensa e à subdivisão da propriedade, mas, ainda, às crises do capitalismo mundial e aos efeitos das guerras internacionais”.

*Marco Zero* é um verdadeiro comício de idéias. Participa, como queria Oswald, do debate público. Permanece atual. Parece mesmo um caderno de apontamentos, um rascunho dos impasses que ainda não vencemos. Com o correr dos anos, tornou-se um romance histórico, no melhor sentido da palavra.

Mário da Silva Brito

Integrado pelos volumes

## A Revolução Melancólica e Chão,

o romance cíclico

### MARCO ZERO

fixa, no dizer de Sérgio Milliet, «a transformação de uma sociedade latifundiária semifeudal em uma sociedade pré-industrial, graças não só à imigração intensa e à subdivisão da propriedade, mas, ainda, às crises do capitalismo mundial e aos efeitos das guerras internacionais».

Com essa obra,

## OSWALD DE ANDRADE

tentou realizar o romance mural, em que a coletividade é o grande personagem. Nela põe em debate os grandes temas do nosso tempo e do nosso País, pintando também um vasto painel das inquietações do homem e da sociedade brasileiros.

---

Mais um lançamento de categoria da

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

0000170909



9 780000 170903